

Sumário

I - Vigário Geral: A Favela

II - Vigário Geral: O Bairro

III - A Chacina

# VIGÁRIO GERAL:

De palco da chacina

A cenário de esperança

Por: **Antonio Carlos (Caio) Ferraz**  
SOCIÓLOGO, COORDENADOR DO MOVIMENTO  
COMUNITÁRIO DE VIGÁRIO GERAL E DA CASA DA PAZ

# Sumário

I - Vigário Geral: A Favela

II - Vigário Geral: O Bairro

III - A Chacina

IV - As Vítimas

V - A repercussão nacional e internacional

VI - Movimento Comunitário de Vigário Geral

VI - Casa da Paz

A Prof. ELIZABETH LEEDS,  
Espero que esta contribuição sirva  
para que a antropologia possa refletir  
o momento atual que se mostra difícil  
de se administrar. É que a maioria  
pensa acrescentar para os que vivem  
excluídos do mercado capital e cultural  
uma nova visão mais humana e incluyente.

Se admitido,  
Caio Jucy

Sec. Executivo da CASA DA PAZ

Rio, BRASIL, 23/07/94.



# I - VIGÁRIO GERAL: A FAVELA

O parque proletário de Vigário Geral (Favela de Vigário Geral) fica situado no limite dos Municípios do Rio de Janeiro e Duque de Caxias e dista de aproximadamente 30 Km do centro daquele. A população desta favela gira em torno de 30 mil habitantes e possui hoje uma faixa de 4 mil moradias, entre casas de alvenaria e barracos. Esta favela é singular no cenário geográfico do Rio de Janeiro por estar cercada pela favela de Parada de Lucas, de um lado, e em seu lado oposto há um rio (Rio Meriti); do outro lado do rio, existe um Centro de Reparos do Corpo de Fuzileiros Navais; a parte da frente da favela é, em toda sua extensão, cortada por um ramal de trem. O acesso a esta favela só é possível de duas maneiras. A primeira via de acesso é por Parada de Lucas — que até então era descartada pela maioria dos moradores de Vigário Geral, por ser uma comunidade "inimiga", pois pertence a outra facção do "crime organizado" e que estava constantemente em guerra com a favela de Vigário Geral<sup>1</sup>. Para se entrar de automóvel na favela de Vigário Geral, deve-se, obrigatoriamente, passar pela favela de Parada de Lucas, a qual margeia a Avenida Brasil. A segunda via de acesso à favela é através de duas passarelas. A principal, faz ligação entre a Rua Bulhões Marcial e a Rua Antônio Mendes — rua central da favela; a mesma rua onde foram chacinados oito evangélicos de uma mesma família, e num bar em frente foram chacinados sete trabalhadores. Logo na descida desta passarela, há um amplo espaço, mais conhecido como "Larguinho"; uma quadra polivalente de esportes; a sede da Associação de Moradores e a creche que está desativada desde 1990. A segunda passarela é a que dá acesso a estação ferroviária de Vigário Geral.

Enfim, podemos afirmar que quanto ao acesso à favela de Vigário Geral, a mesma encontra-se sitiada e está esquecida pelos projetos urbanísticos dessa cidade. Mesmo estando localizada a cerca de 2 Km da Av. Brasil, a 5 Km da Av. Presidente

---

<sup>1</sup> É importante salientar que até a data da "Chacina de Vigário Geral", os moradores de ambas as favelas não circulavam de uma para outra, por um período de sete anos — desde agosto de 1986 — por temerem represálias das facções do crime organizado, que viviam em constante guerra, porém, logo após a chacina, a Associação de Moradores do Parque Proletário de Vigário Geral tomou a iniciativa de procurar a Associação de Moradores de Parada de Lucas, para selar a paz, e com este gesto, unir esforços para reivindicar garantia de segurança para ambas as comunidades. Neste novo cenário geopolítico, o Movimento Comunitário de Vigário Geral (coordenado pelo ex-morador da favela e sociólogo Caio Ferraz), interviu com propostas concretas para consolidar este momento importante para as duas comunidades. Com música, arte, dança, rap, teatro, afro-reggae, pinturas em muros, debates políticos, etc. Este "pacto de paz" foi possível e, pelo que avaliamos, deverá permanecer.

Dutra (Rio-São Paulo) e a 3 Km da Av. Washington Luís (Rod. Rio-Petrópolis) — e que em breve será cortada pela Linha Vermelha (trecho Aeroporto Internacional-Baixada Fluminense) — a favela só conseguiu progredir graças aos esforços dos que aqui estabeleceram moradia. Como se não bastasse esta dificuldade de acesso, ou até mesmo por consequência disso, todos os demais serviços públicos quase inexistem nesta localidade: não há como conseguir socorro imediato de ambulâncias e do Corpo de Bombeiros; a COMLURB não coleta o lixo regularmente; só existem dois telefones públicos para toda a comunidade, linha particular não existe; a infraestrutura das moradias não conta com saneamento básico efetivo — ainda que 85% das moradias possuam água encanada, a falta d'água é constante e a rede de esgoto sanitário é bastante precária.

Se a constituição física da comunidade encontra-se dessa maneira, o mesmo ocorre com sua sexagenária história. Aliás, sua história insere-se num virtual e completo desconhecimento, a começar pela inexistência ou omissão de dados efetivos que possam mapear o número exato de moradores, de residências ou de casas comerciais. Todos os dados que se têm da comunidade são estimativas. Não só a favela situa-se nesse triste quadro, mas o bairro como um todo; "Vigário Geral é a soma de modelos de crescimento urbano no Rio de Janeiro, criados ao deus-dará e dividido pelo leito da velha estrada de ferro Leopoldina Railway, matriz de alguns subúrbios mais remotos da cidade. De um lado da linha, Vigário Geral é um bairro pobre, em processo de deterioração. Do outro, é uma favela que nasceu ruim e está ficando *inabitável*." (Cf. *Revista Veja*, 08/09/93. pág. 27).

A situação de abandono em que se encontra a favela vai do lixo à falta de manutenção da única escola pública existente (CIEP Mestre Cartola, que atende a cerca de 500 alunos, em dois turnos). Sua estrutura é subaproveitada, pois à noite não funciona e, nos fins de semana e feriados, a única atividade desenvolvida é o futebol de salão.





## Braço armado do 'CV'

■ Local é marcado por seqüestros, pobreza e violência

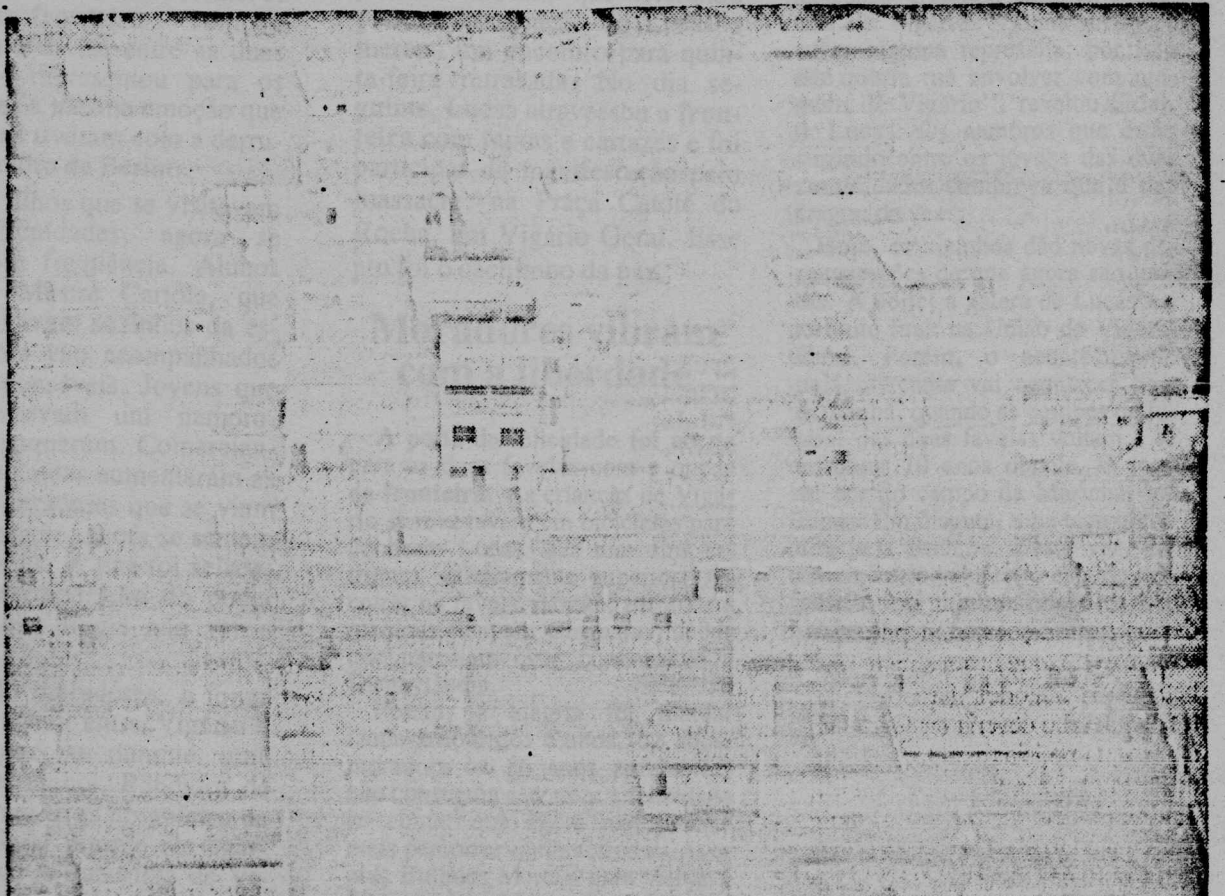
Policiais civis afirmam que o pior da criminalidade na Favela de Vigário Geral não está no tráfico de entorpecentes, mas na participação em seqüestros. Considerada um braço armado do *Comando Vermelho*, a favela funciona também como um *celeiro de soldados* para o narcotráfico, por estar numa área muito pobre.

Além de fornecer mão-de-obra barata para quadrilhas de outros morros, os traficantes de Vigário Geral controlam boa parte do tráfico da Baixada Fluminense. Mas o movimento do local fica abaixo do movimento de Parada de Lucas. "Eles se acham o braço armado do CV. Para eles não há limites, porque estão bem armados. Além de fuzis AR-15, têm metralhadoras M-16, de fabricação americana, e metralhadoras Ponto 30", diz um policial.

Observadores da guerra do tráfico contam que *Robertinho de Lucas*, chefe de Parada de Lucas e inimigo de seus vizinhos de Vigá-

rio Geral, é que teria iniciado a guerra com os PMs. Há oito meses, a quadrilha de Vigário Geral tomou o Sumaré, após uma guerra que eliminou duas dezenas de inimigos.

O Parque Proletário de Vigário Geral, que surgiu em 1961 como uma favela de palafitas, é formado por 40 ruas, três praças e 30 mil moradores. O bairro de Vigário Geral, porém, fundado há 87 anos, é marcado pela violência. No dia 28 de fevereiro de 93, domingo de Carnaval, 50 homens com coletes da Polícia Civil invadiram a favela e mataram 11 pessoas. Eles foram comandados pelo chefe do tráfico local, Adão Ferreira, o *Adão*. A mesma quadrilha foi responsável pelo fuzilamento de quatro policiais civis da 39ª DP (Pavuna), em 27 de abril, que tentavam reprimir um *pega* no Jardim América, quando foram dominados por seis homens em um Santana roubado. Os quatro foram fuzilados com mais de 40 tiros. Entre os criminosos, foi identificado Flávio Pires da Silva, o *Flávio Negão*, que substituiu *Adão* no comando do tráfico.





# Lucas e Vigário Geral chegam à paz

**Durante dez anos os moradores das duas favelas não podiam se visitar por causa da guerra entre os traficantes**

▼ WILSON AQUINO

A fronteira que durante dez anos representou o limite do absurdo caiu. Desde a sexta-feira da semana retrasada, os 30 mil moradores da favela de Vigário Geral e os 80 mil de Parada de Lucas podem se visitar, sem receio de serem atingidos por uma bala perdida da guerra entre traficantes rivais. A queda da fronteira - como é chamada a divisa entre as duas favelas - representou para os moradores a mesma emoção que os alemães tiveram com a derrubada do muro de Berlim.

Pais e filhos que se visitavam com dificuldades, agora se vêem com frequência. Alunos do Ciep Mestre Cartola, que iam e voltavam sozinhos da escola, agora vão acompanhados pelos responsáveis. Jovens que não arriscavam um namoro, agora se paqueram. Comerciantes e ambulantes aumentaram as vendas. Moradores que se viam como inimigos, agora se sentem como irmãos. A paz foi selada, sem a intermediação do poder público, que fingia não ver a guerra.

Segundo moradores, a longa batalha travada entre Vigário e Lucas começou durante uma partida de futebol. Bandidos de Lucas deram tiros no goleiro de Vigário Geral porque ele agarraava muito. A quadrilha de Vigário revidou, atirando nos atletas adversários. E o tiroteio durou 10 anos. Foi preciso acontecer uma tragédia da dimensão do massacre de Vigário Geral, com 21 inocentes executados,

para que o apito final acontecesse. Segundo o presidente da Escola de Samba Balanço de Lucas, Ari da Ilha, há dois anos o samba tenta unir as comunidades. "Eu e o Davi Furtado (presidente da Acadêmicos de Vigário Geral) estávamos tentando a paz, mas não tivemos sucesso", contou Ari. Segundo ele, quando começaram a dizer que o pessoal de Lucas era culpado pela chacina, a comunidade, chocada com o crime, resolveu se solidarizar com os vizinhos.

A iniciativa da paz foi do presidente da Associação de Moradores de Vigário, Nahildo Ferreira de Souza, que telefonou para a Associação de Lucas e marcou um encontro para quinta-feira retrasada. No dia seguinte, Lucas atravessou a fronteira com faixas e cartazes e foi participar da manifestação pelo massacre, na Praça Catolé do Rocha, em Vigário Geral. Esse ato foi o cachimbo da paz.

## Moradores vibram com a liberdade

A porta da felicidade foi aberta para as duas favelas com a queda da fronteira. As crianças de Vigário se revezavam em bicicletas para conhecer Lucas, que tem uma estrutura infinitamente superior. Ao entrar na favela vizinha, meninos e meninas ficavam tão maravilhados que pareciam estar conhecendo a Disneylândia.

Porém, a alegria foi mútua. Dona Arlete dos Santos, 62 anos, moradora há 36 anos em Lucas, não conseguia esconder a felicidade ao contar que agora não precisa mais percorrer quilômetros da Avenida Bulhões Marcial para visitar a filha Valdeir, 35, e o casal de netos


quemoram em Vigário. "Aqui por dentro da favela, ando só 10 minutos", vibrava.

Ovendedor de raspadinha, um refresco, Antonio Alves, 49, que vive há 16 anos em Vigário, disse que chegou a chorar de alegria. Ele antes limitava suas vendas em Vigário Geral, ganhando cerca de CR\$ 1 mil por dia. Agora que pode atravessar para Lucas, fatura, só na favela vizinha, mais de CR\$ 2 mil.

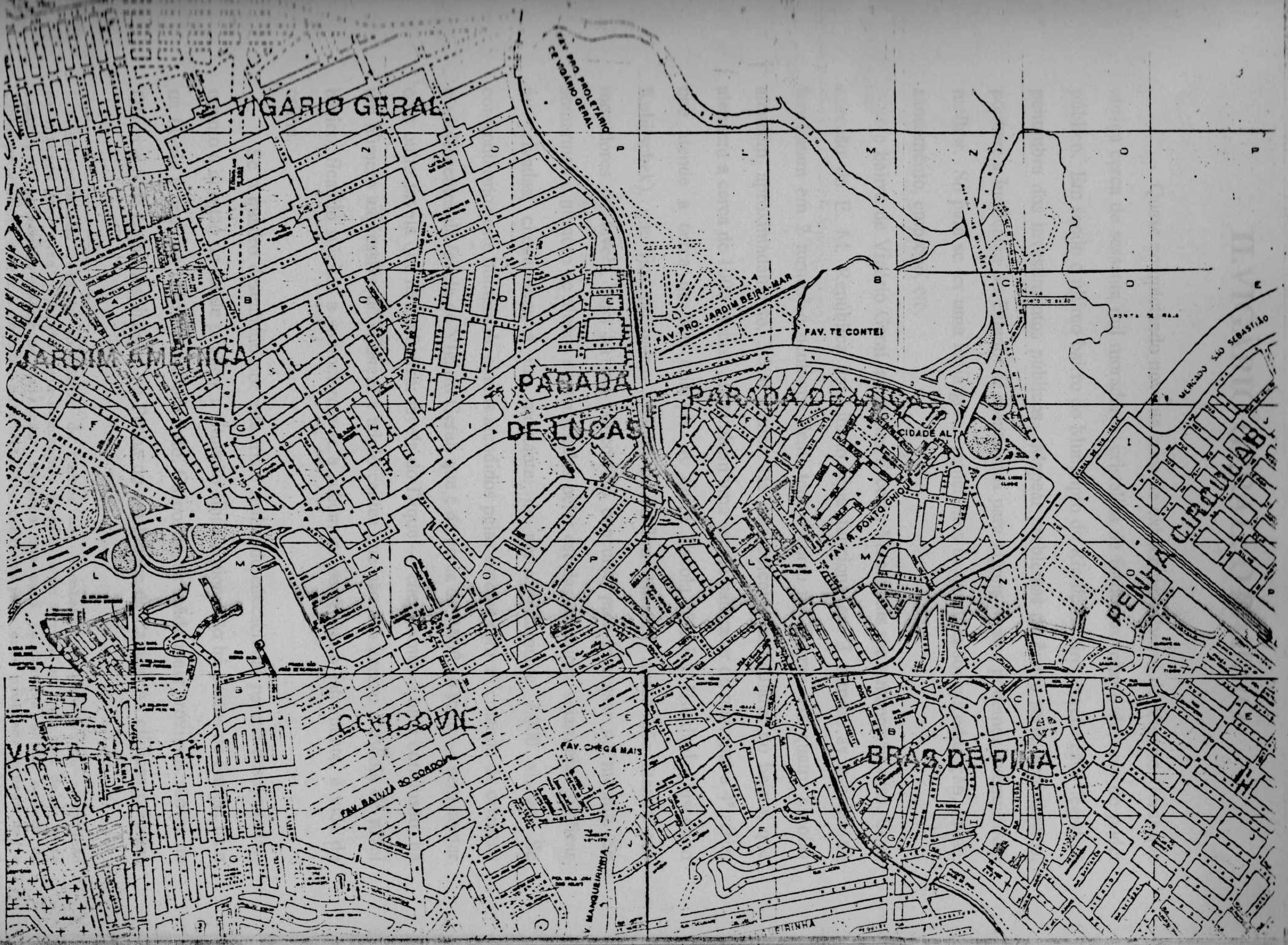
Se a fronteira dificultava o comércio, era um verdadeiro entrave ao amor. Na sexta-feira retrasada, Rosana Dias, 15, conheceu Sílei Fernandes, 17. Na sexta passada, antes do baile funk em Lucas, os dois já trocavam carinhos. "Eu vinha aqui visitar os parentes, nunca pensei em namorar ninguém de Lucas", contou Rosana, moradora de Vigário. "Tinha medo de sofrer alguma represália, por isso não queria me envolver com ninguém de Vigário", revelou Sílei de Lucas. Os namoros que estão surgindo entre os jovens das duas comunidades comprova que a paz chegou de vez.

Hoje, os vizinhos dão novas demonstrações de que agora são unidos. À noite, a galera de Lucas vai ao baile funk na União de Vigário Geral. Porém, o acontecimento mais marcante vai acontecer hoje à noite, quando as equipes de futebol das duas favelas voltam a se enfrentar 10 anos depois. O jogo vai ser no campo da Marinha, em Lucas. Em disputa, uma taça oferecida pela Brahma. Desta vez, garantem os jogadores, o esporte disputado será mesmo futebol, e não tiro ao alvo.



 CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO PÚBLICA  
MESTRE CARTOLA (ANGENOR DE OLIVEIRA)





VIGARIO GERAL

FAV. PRO. PROLETARIO  
DE VIGARIO GERAL

FAV. PRO. JARDIM BEIRA-MAR

FAV. TE CONTEI

PARADA  
DE LUCAS

PARADA DE...

CIDADE ALTA

FAV. R. PONTO CHOURO

PONTA DE SAO  
MUNICIPAL SAO SEBASTIAO

PENHA

CONDOMINIO...

FAV. CHEGA MAIS

FAV. BARRA DO COORDA

BRAS DE PINTA

V. MANQUERINHA

BRINHA

## II. VIGÁRIO GERAL: O BAIRRO

Quase completando noventa anos de existência, o bairro de Vigário Geral que abriga cerca de sessenta mil moradores, cristaliza de forma perversa o descaso do poder público. Em sendo o último bairro do Município do Rio de Janeiro, parece estar legado à penumbra dos investimentos públicos. Mapear problemas do bairro seria, sem dúvida, pontuar a ineficácia do Estado: se atentarmos para alguns pontos podemos exemplificar melhor. Só para se ter uma idéia geral, remetemos às questões sociais: educação, saúde, saneamento, emprego, etc.

No bairro de Vigário Geral, as quatro Escolas Municipais são subaproveitadas. Com exceção da E. M. República do Líbano, que funciona em 3 turnos, as escolas só funcionam em 2 turnos<sup>2</sup> e nenhuma delas tem o curso de 2º grau. As quatro escolas atendem, aproximadamente, 3.500 alunos. Há dois colégios particulares no bairro, que atendem a cerca de 1000 alunos. Há também uma escola particular do maternal a 4ª série, que atende a cerca de 300 crianças. A única Escola Técnica Estadual (Juscelino Kubitschek), que fica no bairro vizinho de Jardim América, quase não atende aos moradores da favela, pois há um concorrido concurso para ingressar na mesma. Se somarmos o número de alunos contemplados pelas escolas do bairro, sejam elas públicas ou privadas, chegaremos a um montante, de aproximadamente 7.000 alunos. Se confrontarmos este número de alunos atendidos pelas escolas com a demanda de crianças e adolescentes da favela de Vigário Geral, que é de cerca de 9.000 ao todo — sem contar com outra favela que há no bairro: favela do Dique — chegaremos a uma conclusão: há um número expressivo de crianças e adolescentes que não têm acesso à escola de nível básico, ficando sujeitas a submeterem-se a subempregos e, quase fatalmente, à vida do crime.

Se o quadro desenhado por esta triste realidade educacional parece desalentador, quanto à questão da saúde pública, a situação ainda é pior. Não há postos de Saúde, nem na favela e nem no bairro como um todo. Os postos de saúde mais próximos são os de Olaria e o de Irajá; hospitais só na Penha ou em Duque de Caxias. As clínicas médicas

---

<sup>2</sup> A ressalva com relação ao número de turnos nas escolas, não propõe que a solução definitiva para este problema seja o aumento do número de turnos em cada uma delas para atender a um número maior de crianças. Sabemos que esta iniciativa seria apenas de cunho provisório e que a solução mais viável e coerente para este problema deverá ser a construção de escolas de horário integral, para oferecer um ensino mais qualitativo e onde os alunos possam freqüentar as séries correspondentes às suas faixas etárias.



existentes no bairro — que são umas duas ou três — ou são particulares ou pertencem a algum vereador que dá assistência a um grupo reduzido de pacientes. Só há duas clínicas particulares de serviço odontológico.

Quanto a questão de emprego, mesmo havendo 224 imóveis não residenciais — isto inclui a fábrica de Langerie Du Loren, a firma de Silk Screen M. W. Barroso, a Metalúrgica Moldenox, fora dezenas de transportadoras — e o bairro sendo classificado como zona de uso predominantemente industrial, segundo o Plano Diretor Decenal da Cidade (Cf. *Revista Veja*, *idem*, pág. 28), pode-se constatar que há centenas de jovens e adultos desempregados, e o que é pior, sem nenhuma perspectiva quanto a conseguir emprego a curto ou médio prazo. Agravando este quadro, tem-se o fato de que não há nenhum Centro de Formação Profissional nas proximidades do bairro. Os mais próximos são o SENAI de Triagem ou o de Duque de Caxias, ou o SENAC em Bonsucesso e outro em Duque de Caxias.

O bairro de Vigário Geral está imerso em problemas. Os dois supermercados que existiam fecharam há mais de três anos. Só há atualmente algumas mercearias. Há mais de vinte anos existiu uma agência bancária e há cinco meses uma pequena agência de correio foi aberta. Há dois clubes: o Clube União Cívica e Progresso de Vigário Geral que tem suas atividades limitadas, dado que em seu espaço interior conta com apenas uma quadra de esportes polivalente. As atividades do clube nos finais de semana restringem-se a bailes Funks e pagodes. O outro clube é o Vila Nova Esporte Clube, situado na Praça Elba e que está praticamente desativado. Há, também, o G.R.E.S. Acadêmicos de Vigário Geral, criada há cerca de quatro anos.

Enfim, Vigário Geral é dubiamente: descaso/desprezo e tirania/terror. Descaso/desprezo do poder público e das empresas que aqui existem, por não investirem na melhoria das condições de vida dos moradores e tirania/terror principalmente por parte do poder público, que atua de forma violenta na comunidade, seja quando a ignora ou quando usa de violência física.

### III - A CHACINA

A noite de terror do dia 28, início da madrugada do dia 29 de agosto de 1993, foi o mais duro golpe sofrido pela comunidade de Vigário Geral. Contudo, antes dessa noite, Vigário Geral convivia com os intermináveis desrespeitos do poder público, diga-se da polícia, que invadia residências, destratava e humilhava moradores e friamente matava "supostos bandidos".

Na noite da mais cruel chacina que o Brasil conheceu, morreram 21 trabalhadores. Alguns *traiillers* foram destruídos nas praças do bairro. Tudo arquitetado fria e calculadamente. Neste ato insano e covarde, perdemos entes queridos, amigos e companheiros do dia a dia. Uma família inteira de 8 evangélicos foi dizimada impiedosamente, enquanto dormia em sua casa. Em algumas esquinas da favela havia um ou outro caído com dezenas de tiros. Dois sobreviveram. Em suma, a maior chacina da história da Cidade Maravilhosa.

Aquele acontecimento tornou-se um fato indescritível, chocante até mesmo para quem cotidianamente está "acostumado" com estas cenas, como diziam à época dezenas de fotógrafos e jornalistas que aqui estiveram. Para os moradores parecia o fim do mundo. Começava ali mais um capítulo na vida dessas pessoas, que se já viviam amendrontadas e acuadas, passaram a viver apavoradas, desiludidas, sem rumo.

Na época, atestamos que o Parque Proletário de Vigário Geral sinistramente passou a fazer parte dos mapas do Rio de Janeiro, do Brasil, do mundo.





Os corpos foram retirados do Gol do 9º BPM e cobertos com plásticos pelos colegas revoltados

## Platéia assistiu calada ao massacre

Na hora da chacina havia grande movimento na Praça Catolé do Rocha. Casais namoravam no banco, os bares e os trailers estavam abertos com pessoas bebendo e conversando e acontecia um baile com Rômulo Reis e a banda Desejo na quadra da escola de samba Acadêmicos de Vigário Geral, no outro lado da Rua Alvarenga Peixoto. Antes mesmo da chegada do aparato policial no lado oposto da Rua Alvarenga Peixoto, toda a área virou um deserto. Bares e trailers fecharam. O baile foi suspenso. Todo mundo desapareceu.

J., vigia de uma gráfica instalada na praça, disse que os tiros duraram de cinco a dez minutos e que a princípio pensou tratar-se de fogos de artifícios. Ele contou que chegou a ver a patrulha contornar a praça momentos antes de ser abandonada com os PMs mortos na Rua Alvarenga Peixoto.

O Opala do funcionário da Caixa Econômica Federal foi encontrado com perfurações abandonado junto ao meio-fio em frente à casa 7 da Praça Catolé da Rocha. Na calçada havia uma imensa poça de sangue com a massa encefálica do soldado Santana junto a várias cápsulas deflagradas de fuzil AR-15 e de pistolas calibres 9mm e 45. Em frente ao nº 13 da praça estava estacionado o Volks de um morador, com perfurações de bala. Também havia perfurações na porta do estabelecimento comercial de número 9. Os PMs expulsaram aos gritos os curiosos no local em que a patrulha foi desovada com os cadáveres.

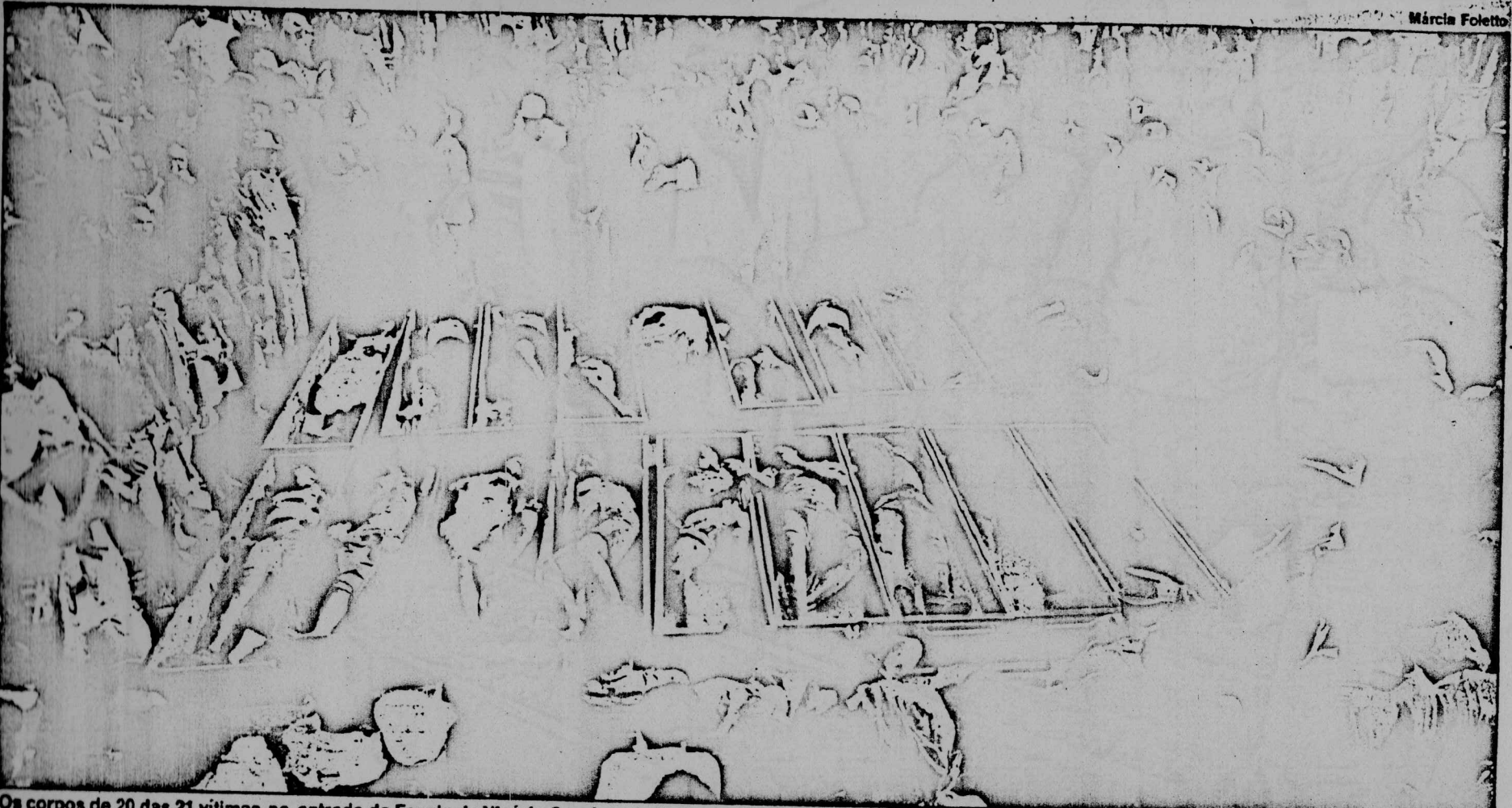
A chacina foi comunicada aos PMs do 15º Batalhão (Duque de Caxias) que faziam uma blitz na Rua Bulhões de Maciel, em Caxias, por um sargento que passou de automóvel pela Rua Alvarenga Peixoto, em Vigário Geral, e en-

controu o Gol do 9º Batalhão (Rocha Miranda) perfurado de balas com os corpos dos quatro policiais militares. Mais de 30 viaturas dos dois batalhões estiveram no local com PMs chorando e protestando contra o extermínio dos colegas.

“O comando só quer ferrar os PMs”, desabafou aos gritos e aos prantos um policial militar à paisana, a poucos metros do comandante do 9º BPM, coronel Cesar Pinto, que chegou ao local e também chorou a morte de seus quatro subordinados. Muitos PMs protestaram e responsabilizaram a política de direitos humanos do governador Leonel Brizola pela chacina.

“Os jornais só sabem mostrar a chacina de crianças culpando os PMs, quero ver agora se o assassinato dos PMs vai ter o mesmo destaque na imprensa”, desabafou outro soldado.

Márcia Foletto



Os corpos de 20 das 21 vítimas na entrada da Favela de Vigário Geral: trabalhadores e mulheres executados de madrugada, 24 horas após traficantes matarem quatro PMs

06L0B0 - 31/08/93

BR. K250C FL. 09.07.11







# Policiais matam 21 por vingança no Rio

PMs encapuzados invadem favela de Vigário Geral e chacinam homens e mulheres em represália à morte de 4 colegas

Da Sucursal do Rio

Depois de quase duas horas de terror, 21 moradores da favela Parque Proletário de Vigário Geral, a 25 km do centro do Rio, foram chacinados na madrugada de ontem. Duas pessoas ficaram feridas. O vice-governador Nilo Batista disse estar convicto de que PMs foram responsáveis pelo crime.

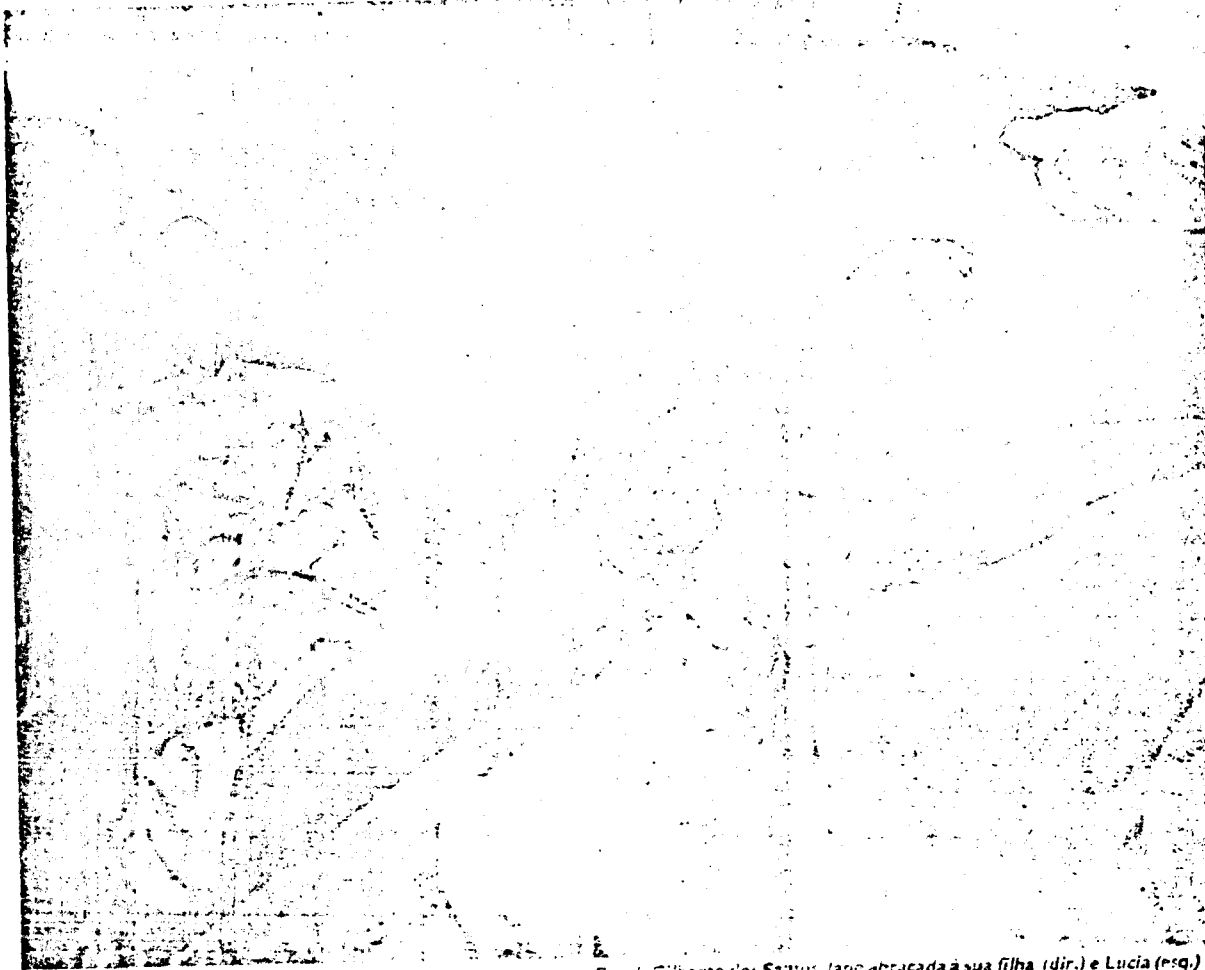
Entre 23h de domingo e 1h30 de ontem, um grupo de cerca de 30 homens — a maioria com capuz e à paisana — fuzilou homens e mulheres, inclusive dois adolescentes. A maioria era composta de trabalhadores com carteira assinada. Oito eram evangélicos de uma mesma família.

Na manhã de ontem, o cenário era de tragédia, com corpos ensanguentados espalhados pelas ruas. Os moradores da região em protesto interditaram o principal acesso à favela e uma estação ferroviária.

Moradores e parlamentares que foram ao local acusam PMs pelo crime. O governo do Estado admite esta possibilidade como certa. Seria uma vingança pelo assassinato de quatro policiais do 9º BPM, no domingo, na praça Catolé do Rocha, a um quarteirão da favela. Colegas dos policiais acusaram traficantes da favela pelo crime.

A chacina, segundo moradores que não quiseram se identificar, começou quando um grupo armado foi até a praça Catolé do Rocha e incendiou cinco unidades. Seguiu para a praça Dois, matando um jovem. O grupo invadiu várias ruas da favela e algumas casas. Segundo Paulo Meireles, que ouviu a história de um sobrevivente, homens encapuzados entraram em um bar e perguntaram se todos tinham trabalho. Diante da resposta afirmativa, jogaram uma bomba de gás e começaram o fuzilamento.

Participaram da cobertura: PONI LUIZ, SÉRGIO TORRES, FERNANDO MOLICA, ELAÍO FILHO, FUCHELLI, MARCELO MIGLIACCIO, EDNA DANTAS, CARLA ZACCONE

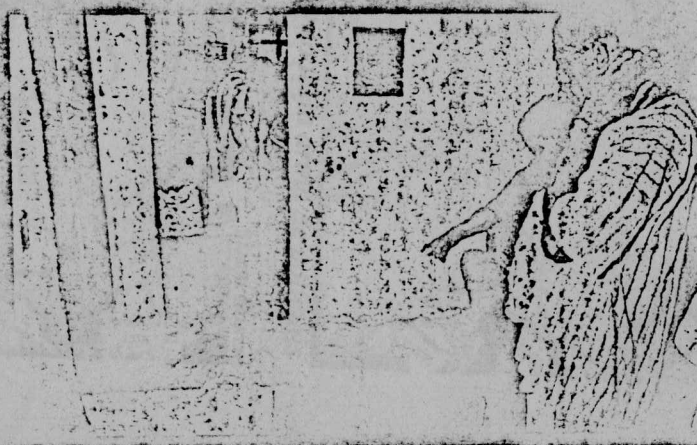
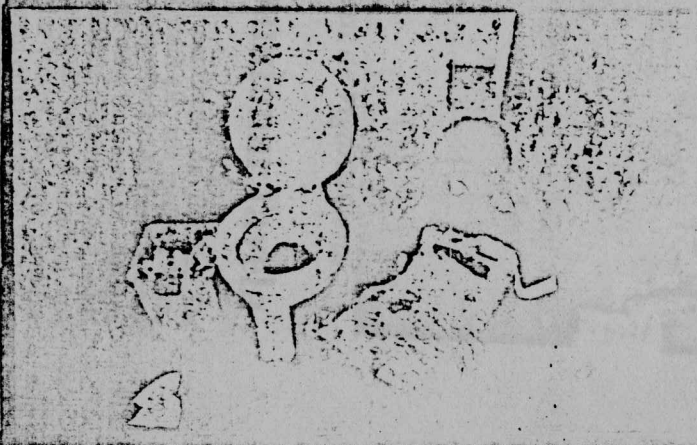


Quatro membros da família de evangélicos mortos em Vigário Geral: Gilberto dos Santos, Jane abraçada à sua filha, (dir.) e Lucia (esq.)

# GUERRA NO RIO: 21 MORTOS



30 homens com armamento pesado invadiram a fazenda de Vigário Geral no interior da madrugada e mataram um montão de gente inclusive seis pessoas de uma família de evangélicos. Exterminadores são implacáveis. Paralisa a Bósnia. Páginas 4 e 5





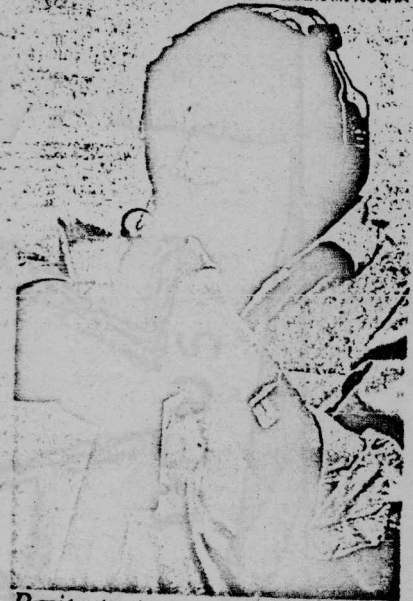
# Laudos das armas de PMs sai amanhã

Até amanhã, a polícia poderá ter prova técnica que comprove a participação dos cinco policiais militares suspeitos da chacina de Vigário Geral, presos no Batalhão de Choque. Imediatamente após a apreensão de armas nas casas dos suspeitos, anteontem à tarde, o Instituto de Criminalística Carlos Eboli (ICE) iniciou a comparação de projetis; armas e cartuchos apreendidos com os encontrados nos corpos das vítimas. "Vamos fazer mais de mil confrontos balísticos e, se algum der resultado positivo, a chacina estará esclarecida", disse o diretor Mauro Ricart.

Ontem de manhã, os técnicos do ICE dispararam tiros de prova com as armas dos cinco PMs, na sala de ballística do Instituto. O perito criminal Jerônimo Torres Alves explicou que o atrito das balas com o

cano de descarga de uma arma provoca ranhuras nos projetis, que nunca são idênticas às provocadas por outra arma. Confrontando-se as ranhuras das balas disparadas no teste com as dos projetis encontrados nos corpos, se poderá ter certeza se as armas dos PMs foram utilizadas na chacina. De acordo com Ricart, uma primeira coincidência já foi verificada: os calibres das armas apreendidas são iguais aos dos projetis recolhidos na favela. O trabalho está sendo realizado de forma ininterrupta, com revezamento de seis peritos em turnos.

Os cinco suspeitos são Paulo Roberto Borges da Silva, Jonas da Silva Santos e Hélio Vilário Guedes (12º BPM, em Niterói), José Fernandes Neto (14º, em Bangu) e Alexandre Farinha (9º, em Rocha Miranda).



Perito testa arma de policiais

## Acusado da chacina tem carros e moto

O policial militar Paulo Roberto Borges da Silva, um dos acusados da chacina de Vigário Geral que está preso, morava até cinco anos atrás no morro da Engenhoca, antes de se mudar para a atual casa de dois andares na Rua Professor João Brasil. Quem garante é a vizinha, Isaura Cândida Magalhães, que mora ao lado e disse não ter visto mais ninguém da família do PM desde a sua prisão na sexta-feira. Na casa de Paulo Roberto a polícia encontrou um fuzil AR18, muita munição e uma carteira de assessor do deputado Emir Larangeira. Ninguém da família quis falar sobre a prisão do policial. "Só sei que ele tem um saveiro paípa branco, um santana verde, um fusca também branco e uma moto vermelha", disse outro vizinho. Paulo Roberto mora com a mãe Rosalina e o irmão mais novo Sebastião.

No 12º BPM (Niterói), onde Borges é lotado, seu chefe, o primeiro tenente Paulo Henrique Azevedo Guimarães garantiu que na noite da chacina de Vigário Geral, Paulo Roberto estava de serviço. "Ele chegou para trabalhar às 8h de domingo e só saiu às 8h de segunda-feira. Ele trabalha como cabo de dia fazendo apenas servi-

disse o primeiro tenente.



A família de Edmilson preferiu se mudar de Vigário Geral

## Medo leva família a abandonar favela

A família do mecânico Edmilson José Prazeres da Costa, uma das vítimas da chacina de Vigário Geral, deixou a favela na manhã de ontem. Segundo uma cunhada que não quis se identificar, a mãe do rapaz, Aparecida Prazeres da Costa, passou mal e foi levada para um hospital. Ela não sabia informar para onde estavam sendo levados os móveis, retirados por amigos da família. A casa de três quartos é própria, fica na Rua da Prefeitura e, por enquanto, de acordo com vizinhos, ficará fechada. Os parentes da família preferiram não comentar sobre a mudança.

Paulo, genro do vigia Gilberto Cardoso dos Santos, chacina-se junto com a mulher, a nora e cinco filhos, esteve ontem na casa dos sogros para retirar o restante dos mó-

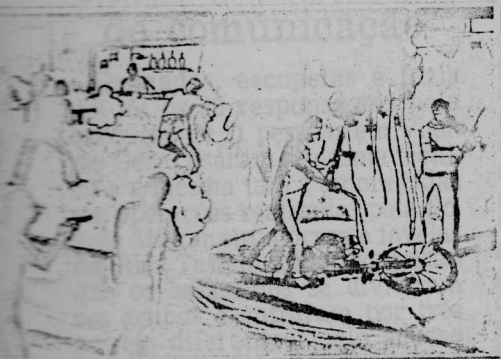
veis e pertences da família. De acordo com ele, sua mulher, Vera, única sobrevivente da família, continua na casa de parentes. Amigos da família de Gilberto, Rita Leocádia Santos, 29 anos, e Antônio Augusto das Neves, 38 anos, também resolveram deixar a favela de Vigário Geral. "Conhecia eles há muito tempo e estou muito assustada. Vamos para São João de Meriti onde o clima está melhor", explicou Rita.

Ontem, o clima era de tranquilidade na favela e dois times de Pamela de Lucas disputaram partidas de futebol de salão com os ex-rivais de Vigário. A missa de sétimo dia das vítimas será realizada hoje, às 10h, na Igreja de Nossa Senhora de Aparecida. As 10h, na quadra da Associação de Moradores será celebrado um culto ecumênico.

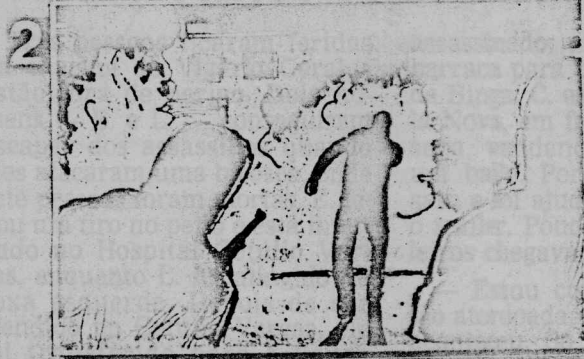




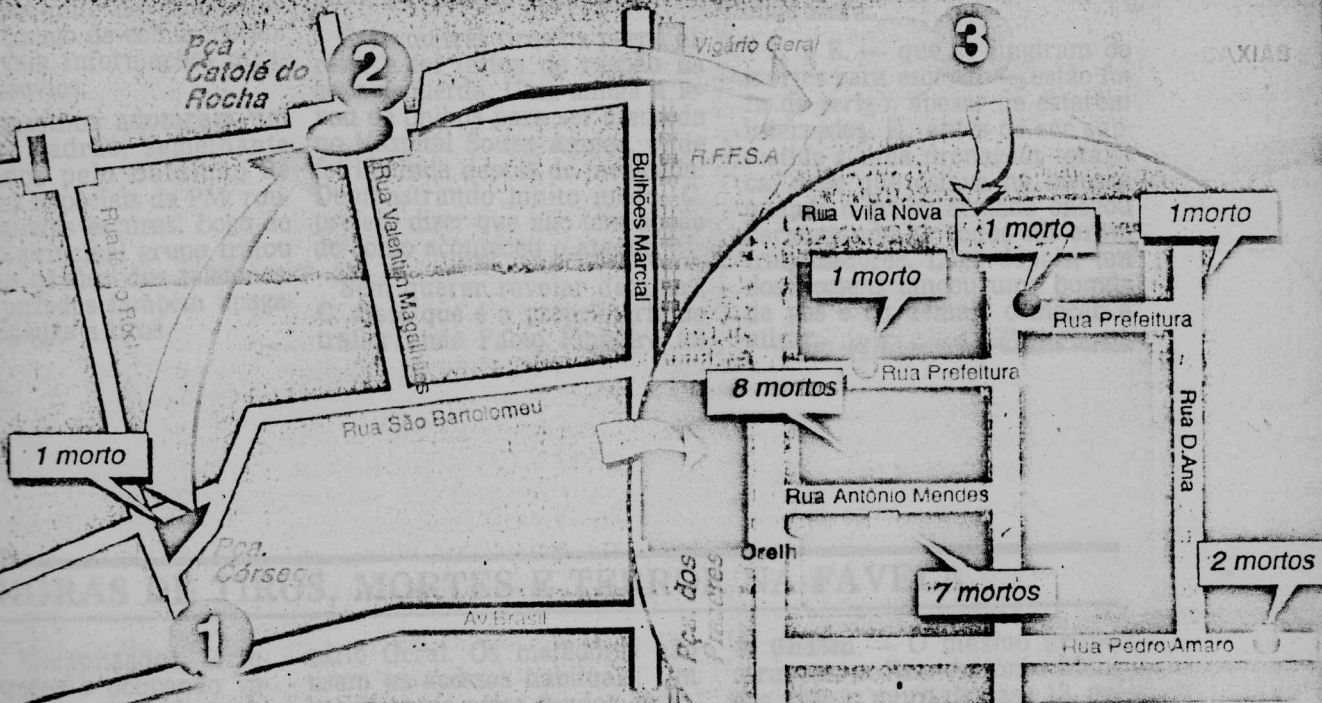
# Assassinos se dividiram em três grupos à procura das vítimas



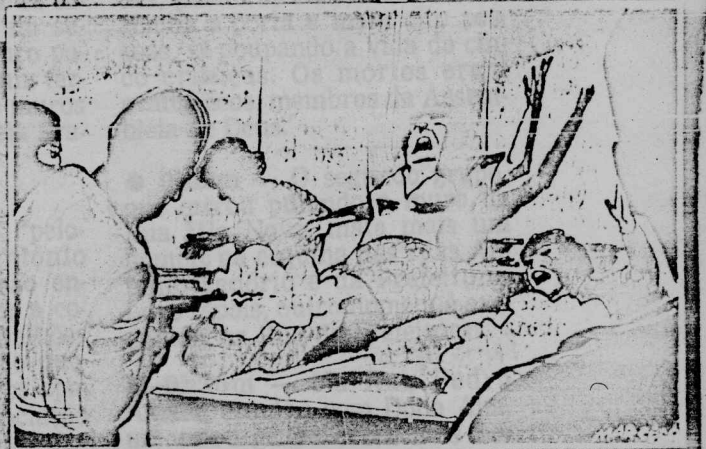
Cerca de 30 homens encapuzados e fortemente armados cercam a Praça Côrsega. Matam um rapaz, põem fogo numa moto e dão tiros a esmo



Os encapuzados seguem para a Praça Catolé do Rocha, onde foram mortos 4 PMs no sábado. Os homens incendiam os trailers do local



Os criminosos se espalham pela favela. Quebram os aparelhos e cortam os fios dos outros telefones. Um grupo entra numa birosca, joga uma bomba de efeito moral e assassina sete pessoas



O mesmo grupo invade a casa 13 da Rua Antônio Mendes e mata oito pessoas. Outros dois "pelotões" que percorriam a favela assassinam mais cinco homens - todos eles carregando documentos



## Assovios, a forma de comunicação

Granadas, escopetas e fuzis AR-15: os 30 responsáveis pela execução de 21 pessoas em Vigário Geral usaram a mesma técnica e a mesma tática empregadas em operações realizadas pela Polícia Militar em morros e favelas do Rio. Testemunhas contaram que os assassinos se dividiram em grupos e entraram por três pontos diferentes: pelo acesso dos fundos, onde fica um trecho em construção da Linha Vermelha; pela frente, saltando os muros da linha férrea; e pelo lado esquerdo, onde fica a Rua Vila Nova. Organizados, eles chegaram ao requinte de estabelecerem um código de comunicação: só trocavam informações através de assovios.

Os assassinos adotaram um uniforme padrão, semelhante aos usados pelo Batalhão de Operações Especiais da PM: roupas e jaquetas escuras. Logo ao entrar, o principal grupo tratou de cortar os fios dos telefones. Os encapuzados também apagaram lâmpadas a tiros.

## Sobreviventes estão fora de perigo

Três pessoas ficaram feridas na chacina de Vigário Geral e estão fora de perigo. Dois homens — E. e L. — conseguiram escapar dos assassinos quando eles atacaram uma birosca, onde sete pessoas foram mortas. E. levou um tiro no peito e está internado no Hospital Getúlio Vargas, enquanto L. foi atingido na coxa esquerda. Depois de ser atendido no Getúlio Vargas, ele foi transferido para o Souza Aguiar, onde deve ficar, pelo menos, por 15 dias. A terceira pessoa ferida é C., de 59 anos, dona de um trailer na Praça Córsega, onde foi morto Fábio Pinheiro Lau, de 17 anos.

C. levou três tiros na perna direita e foi ferida de raspão na coxa esquerda. Uma amiga a levou de ônibus para ser atendida no Hospital Souza Aguiar, onde foi liberada depois de medicada. Demonstrando muito medo, C. prefere dizer que não tem noção de como aconteceu o ataque.

Sem querer revelar detalhes, C. disse que é a proprietária do trailer onde Fábio Pinheiro foi

assassinado, mas que alugou a barraca para uma moça chamada Binga. C. estava no Clube Vila Nova, em frente à Praça Córsega, vendendo doces durante um baile. Por volta de 0h, ela saiu e foi ajudar Binga a fechar o trailer. Pouco depois, os pistoleiros chegavam.

— Estou com minha cabeça tão atordoada, que nem sei o que aconteceu. Só havia uma mesa com fregueses. Eu estava encostada no trailer, quando comecei a ouvir tiros. Eles chegaram de carro, mas não vi quantos eram, nem sei quem eram — disse C., na sala da pequena casa de vila onde mora.

L. e E. — que se fingiram de mortos para escapar — estão fora de perigo, apesar de estarem internados. E., antes de ser submetido a uma drenagem torácica, disse que estava na birosca quando o grupo armado chegou perguntando se todos ali eram trabalhadores. Logo depois, um dos homens lançou uma bomba de gás e os demais começaram a atirar.

## DUAS HORAS DE TIROS, MORTES E TERROR NA FAVELA

● 23h — Encapuzados, fortemente armados e ocupando vários carros, cerca de 30 homens cercam a Praça Córsega, em Vigário Geral, a cerca de três quilômetros da Praça Catolé do Rocha, onde os quatro PMs foram executados na noite de sábado. A primeira vítima do bando é executada a tiros enquanto bebia cerveja num trailer. A dona do trailer também é atingida com um tiro na perna. Usando gasolina, os encapuzados ateiaram fogo numa motocicleta e dispararam a esmo: as balas perfuram trailers e dois carros estacionados na praça. Um homem que consertava o pneu de seu carro assiste a tudo e consegue fugir.

● 23h30m — Os encapuzados seguem para a Praça Catolé do Rocha, onde ateiaram fogo, novamente usando gasolina, em cinco trailers do local.

● 0h — O grupo se divide em três e invade a Favela da Vi-

gário Geral. Os matadores não usam os acessos habituais. Um bando entra pelos fundos da favela (Linha Vermelha), um segundo prefere saltar o muro paralelo à Rua Vila Nova e um terceiro "pelotão" escala os muros da linha férrea e passa pela Praça dos Prazeres.

● 0h10m — O terceiro "pelotão" entra pela Rua Antônio Mendes. Cinco homens são encarregados de interromper a comunicação da favela: os orelhões da Praça dos Prazeres são quebrados e os fios dos outros aparelhos — um deles da associação de moradores — cortados. Armados com fuzis AR-15, escopetas e pistolas, alguns homens invadem o bar no número 12 e exigem documentos dos presentes. Mesmo depois de receberem os documentos e se certificarem que todos eram trabalhadores, atiram uma bomba de efeito moral e, em seguida, disparam contra as pessoas. Sete morrem.

● 0h15m — O mesmo grupo atravessa a Rua Antônio Mendes, pulo o muro da casa 13, arromba a porta e mata oito pessoas, só poupando a vida de cinco crianças. Os mortos eram evangélicos, membros da Assembleia de Deus.

● 0h20m — O segundo grupo, que entrou pulando o muro da Rua Vila Nova, mata mais um homem na esquina das ruas Antônio Tenório e da Prefeitura. Logo depois, outro homem é executado, na Rua da Prefeitura.

● 0h30m — Na Rua Pedro Amaro, esquina com Dona Ana, um outro grupo cerca dois homens, que também mostram os documentos, mas morrem com mais de dez tiros. Na esquina das ruas Dona Ana e Vila Nova, outro homem é cercado e executado com tiros na cabeça.

● 1h — Depois de percorrer outras ruas da favela, o grupo se dissolve e vai embora.

A sobrevivente que estava na praça da Prefeitura, o faxineiro Ubirajara dos Santos, 43 anos, morador, baleado na nádega esquerda, falando com dificuldade, revelou que a ação foi típica de policiais ligados a grupos de extermínio:

"Eles vieram em grupo em nossa direção. Pediram documentos, todos mostraram, jogaram no chão e começaram a atirar. Jogaram uma bomba dentro de uma birosca", contou Ubirajara, socorrido numa maca improvisada por moradores e levado para o Hospital Getúlio Vargas, na Penha. Ele evitou falar mais, enquanto aguardava o socorro que só chegou depois dos primeiros raios de sol.

A dois quilômetros da praça, foi achado o corpo de Fábio Pinheiro Lau, de 17 anos, que estava na Praça Córsega, em Vigário Geral, bairro onde mora. Foi o primeiro a ser assassinado, por volta das 23h30 de domingo, com vários tiros ao lado de moto, incendiada.

Por volta da meia-noite de domingo, os cerca de 50 homens — a maioria deles encapuzada — munidos de armas de grosso calibre, entraram sorrateiramente por uma via. Não houve sequer tempo para eventual reação dos traficantes que dominam o comércio de drogas na favela. Não se tem notícia de nenhum confronto entre os irvasores e qualquer morador. Em não mais de 30 minutos de ações simultâneas em cinco pontos da favela, os exterminadores fizeram seu serviço e deixaram o local a pé. Depois de incendiarem os trailers, os criminosos partiram em direção à favela, num terreno plano, mas de difícil acesso.

A maioria das pessoas dormia, véspera do primeiro dia útil da semana. A vitória do Brasil sobre a Bolívia, porém, motivou alguns moradores a aproveitarem a noite de domingo, bebendo cerveja e comentando os lances do jogo, em algumas biroskas. Quem estava na rua, na chegada dos exterminadores, dificilmente escapou.

Mas quem estava em casa também foi visitado pelos assassinos. Uma das ações mais violentas ocorreu na casa nº 13 da Rua Antônio Mendes, que teria pertencido a um ex-detento, segundo informações do serviço reservado

da PM. Oito pessoas da mesma família foram executadas com tiros à queima-roupa, sem a menor chance de defesa. Num dos quartos, o dono da casa, Gilberto Cardoso dos Santos, de 61 anos, estava de cama, se recuperando de uma cirurgia. No mesmo cômodo simples, a mulher dele, Jane da Silva Santos, de 56 anos, lia a Bíblia, mas não teve a misericórdia dos criminosos. Jane foi morta abraçada às Sagradas Escrituras. A família executada era formada por evangélicos da igreja Assembléia de Deus.

As primeiras pessoas foram executadas na Rua Antônio

Mendes, a principal da favela. Enquanto um grupo invadia a casa nº 13, outros assassinos chegavam ao bar em frente, no nº 12, onde foram mortos oito homens. Os assassinos chegaram perguntando se ali havia algum trabalhador. Mas não esperaram a resposta. Jogaram uma bomba de efeito moral que produziu uma cortina de fumaça. E acionaram os gatilhos.

## RASTROS DO ENVOLVIMENTO DE PMS

### Seqüência de mortes teve início sábado

O assassinato dos 21 moradores da favela de Vigário Geral ocorreu um dia depois da morte de quatro PMS, na Praça Catolé do Rocha, durante uma diligência que o comando do 9º Batalhão (Rocha Miranda) desconhecia. Os quatro ocupavam um mesmo carro de patrulha quando foram surpreendidos por 10 homens que controlavam uma boca-de-fumo na praça.

Depois de 15 minutos de tiroteio, um PM morreu dentro do carro e três foram retirados e mortos com tiros de metralhadoras: fuzis

norte-americanos AR-15, escopetas e pistolas automáticas. A estudante Maria Clara Manso da Silva, de 15 anos, que estava em um Opala, foi ferida com um tiro na perna.

Os bandidos abandonaram o Gol com os corpos do sargento Ailton Benedito Ferreira dos Santos, o cabo Irapuã Calixto Caetano e os soldados Luiz Mendonça Santos e José Carlos Santana a 500 metros do local. O principal suspeito do assassinato é Flávio Pires da Silva, o Flávio Negão, de 23 anos, chefe do tráfico em Vigário Geral.

Os policiais — que estavam armados com metralhadoras — cometeram falta disciplinar por não terem comunicado a saída ao plantão. Existe a suspeita de que eles tenham sido atraídos à praça através de uma denúncia falsa.

### 'Mineira' é mau hábito de policiais

Uma moradora que não se identificou contou que os policiais civis e militares costumam seqüestrar, espancar e até marcar dia para receber o resgate de criminosos. É a chamada mineira — a velha prática de extorsão policial que se sofisticou a ponto de hoje o dinheiro ser recolhido por policiais corruptos diretamente nas bocas de fumo, com os traficantes, o que é conhecido na gíria policial como arrego. Duas testemunhas da chacina reconheceram

favela de Vigário Geral, e vincula a matança à execução dos quatro PMS na noite de sábado.

Outra testemunha, uma jovem, disse que escapou dos matadores citando o nome de dois PMS do 9º Batalhão. Em abril, a quadrilha liderada pelo traficante e sequestrador Adias Ferreira, o Adão, assassinou brutalmente o detetive Ronaldo Pereira Sampaio, os carcereiros Sérgio Vasconcelos e Elias do Sputo Cabral e o motorista Clézio da Silva, no Jardim América. Os policiais teriam ido ao Jardim América para acabar com um pega e foram executados com tiros de metralhadoras e fuzis AR-15. Depois da prisão de Adias Ferreira, o Adão, o traficante Flávio Pires da Silva, o Flávio Negão, passou a



### A CHACINA DE HOJE

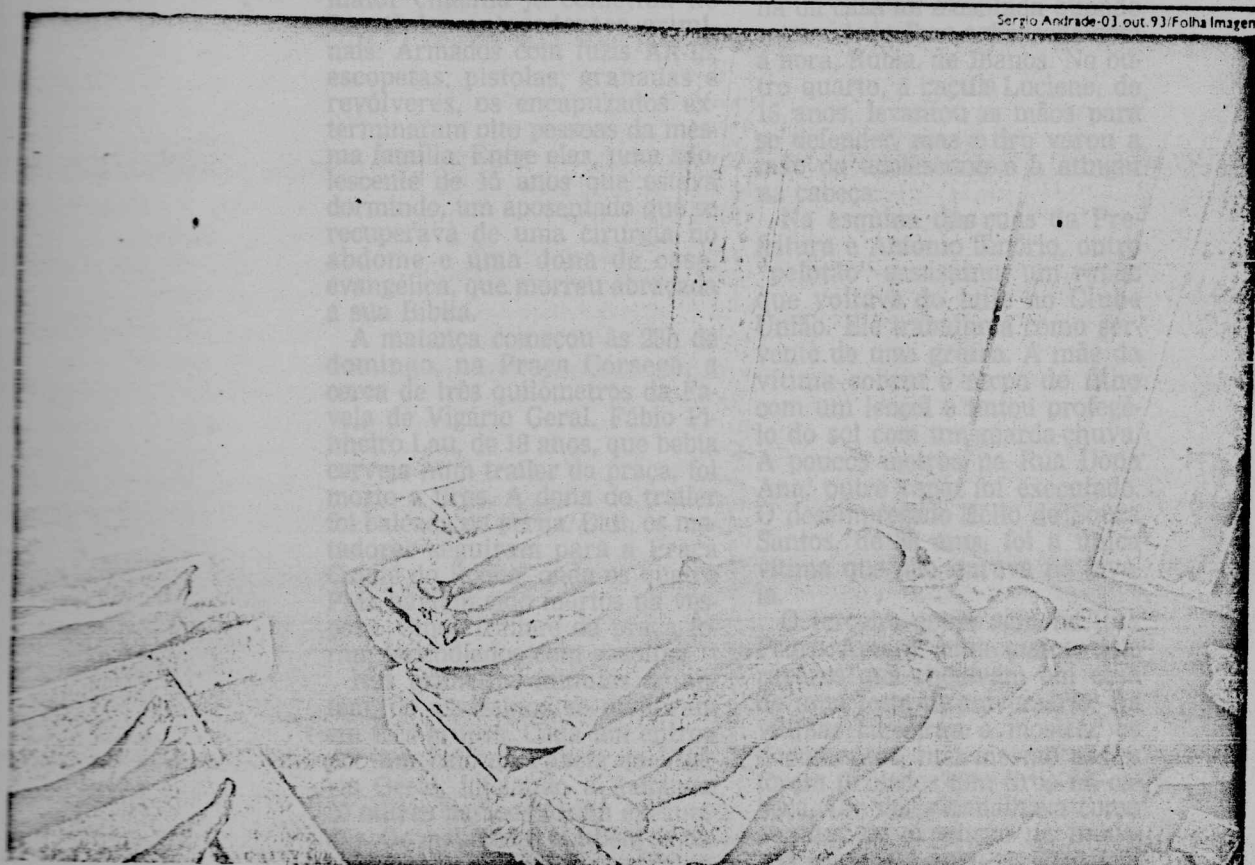
Zeca Guimarães/Folha Imagem



Moradores de Vigário Geral, ontem de manhã, observam os corpos das vítimas recolhidos em caixões de madeira, enfileirados em rua da favela, à espera da chegada dos bombeiros

### O MASSACRE DE ONTEM

Sergio Andrade-01 out. 93/Folha Imagem



O secretário de Polícia Civil, Nilo Batista, não tem dúvidas de que foi uma vingança praticada por PMs.

# Encapuzados matam 21 pessoas em Vigário Geral

Vingança. Um dia depois do assassinato de quatro PMs, numa emboscada realizada por traficantes da Favela de Vigário Geral, 21 pessoas foram mortas no início da madrugada de ontem por cerca de 30 homens encapuzados. O próprio secretário de Polícia Civil, Nilo Batista, afirmou que o crime foi cometido como desforra pelos assassinatos da véspera.

Nenhuma das 21 vítimas da maior chacina já cometida no Rio tinha antecedentes criminais. Armados com fuzis AR-15, escopetas, pistolas, granadas e revólveres, os encapuzados exterminaram oito pessoas da mesma família. Entre elas, uma adolescente de 15 anos que estava dormindo, um aposentado que se recuperava de uma cirurgia no abdome e uma dona de casa, evangélica, que morreu abraçada a sua Bíblia.

A matança começou às 23h de domingo, na Praça Córsega, a cerca de três quilômetros da Favela de Vigário Geral. Fábio Pinheiro Lau, de 18 anos, que bebia cerveja num trailer da praça, foi morto a tiros. A dona do trailer foi baleada na perna. Dali, os matadores seguiram para a Praça Catolé do Rocha, onde os quatro PMs haviam sido mortos na véspera. Cinco trailers da praça foram incendiados com gasolina.

Nos primeiros minutos de ontem, os assassinos se dividiram em três grupos. Cada um entrou por um lado da Favela de Vigário Geral, iniciando a matança: 20 outras pessoas foram executadas. Os matadores também se encarregaram de quebrar as lâmpadas e orelhões das ruas e cortar os fios dos poucos telefones particulares.

Numa birrosca da Rua Antônio Mendes 12, um dos "pelotões" rendeu várias pessoas que comemoravam a vitória da seleção brasileira, exigindo documentos.

Depois que todos comprovaram serem trabalhadores, um dos encapuzados jogou uma bomba de efeito moral na birrosca e o grupo abriu fogo. Sete pessoas morreram ali.

Nesta rua, em frente à birrosca, os bandidos pularam o muro e arrombaram a portada da casa número 13, onde 13 pessoas de uma família de evangélicos dormiam. Cinco crianças, a mais nova de um mês, foram poupadas. A dona da casa foi executada quando estava de joelhos e abraçada com a nora, Rúbia, de 18 anos. No outro quarto, a caçula Luciene, de 15 anos, levantou as mãos para se defender, mas o tiro varou a mão da adolescente e a atingiu na cabeça.

Na esquina das ruas da Prefeitura e Antônio Tenório, outro "pelotão" assassinou um rapaz que voltava do baile no Clube União. Ele trabalhava como servente de uma gráfica. A mãe da vítima cobriu o corpo do filho com um lençol e tentou protegê-lo do sol com um guarda-chuva. A poucos metros, na Rua Dona Ana, outro rapaz foi executado. O desempregado Hélio de Souza Santos, de 38 anos, foi a única vítima que não morava na favela.

O terceiro grupo agiu na Rua Pedro Amaro, onde matou dois rapazes que chegavam em casa de uma festa de aniversário. As vítimas chegaram a mostrar os documentos, mas mesmo assim foram fuzilados com tiros na cabeça. Um deles trabalhava como auxiliar de expedição na indústria Danone e outro era frentista desempregado. Na Rua da Prefeitura, dois encapuzados não atenderam aos apelos de um pai e de uma irmã e executaram um ajudante de mecânico. Por volta de 1h, todos os encapuzados se reuniram para ir embora, deixando para trás 21 cadáveres.



# Moradores acusam policiais pelo massacre

Aos gritos de "assassinos, assassinos", cerca de 300 homens, mulheres e crianças fecharam on-



tos os acessos à Favela Parque Proletário de Vigário Geral e com pedradas impediram a entrada dos policiais militares, acusando-os de serem os autores da chacina. Revoltados, os moradores exigiam a presença do vice-governador do Rio e secretário de Polícia Civil Nilo Batista. Um dos soldados que fazia a escolta do tenente-coronel Cesar Pinto, comandante do 9º BPM (Rocha Miranda), atirou contra a multidão e encostou o revólver na cabeça, do fotógrafo do JORNAL DO BRASIL, Luiz Mozer, que registrara o disparo.

As crianças levavam cartazes atacando a PM e os adultos, armados com pedras, também incendiavam pneus para fechar a Rua Bulhões Marcial, onde fica a passarela de acesso à favela, e suas transversais. Os moradores ocuparam a linha férrea e impediram a passagem de trens da Leopoldina pelo ramal de Gramacho, apesar da presença de dois carros da Polícia Ferroviária Federal com homens armados de rifles.

As ruas adjacentes à Favela de Vigário Geral também foram fechadas com pedras espalhadas pelo asfalto. Nem mesmo um ônibus escolar, que tentou furar o bloqueio, escapou das pedradas. Com medo de serem reconhecidos, os adolescentes que estavam no veículo esconderam os rostos.

## Um diálogo muito difícil

Os moradores só deixaram entrar ontem de manhã na Favela de Vigário Geral políticos e autoridades como o vice-governador Nilo Batista; seu assessor especial, Elson Campello; o secretário da Polícia Militar, coronel Carlos Magno Nazareth Cerqueira; e o diretor do Instituto Carlos Éboli (ICE), Mauro Ricart. Eles ouviram muitos desabafo e xingamentos.

Os peritos do ICE, que chegaram depois de Ricart, foram atingidos por pedras e os policiais civis revidaram com tiros de rifle.

A chacina ocorreu por volta da meia-noite, mas só às 10h o comandante Cesar Pinto, do 9º BPM (Rocha Miranda), chegou ao local, com um camburão e quatro viaturas. Assim que ele partiu, os limites do bairro foram cercados por aproximadamente 1.000 policiais do 9º BPM, 15º BPM (Duque de Caxias), Batalhão de Operações e Batalhão de Choque. Por volta do meio-dia, uma tropa de choque ameaçou entrar na Rua Bulhões Marcial, mas logo recuou. Dois blindados também foram apedrejados na Rua Alvarenga Peixoto. Os homens do carro-forte da empresa Brinks dispararam dois tiros: "Somos cidadãos trabalhadores. Polícia assassina!", responderam os moradores.

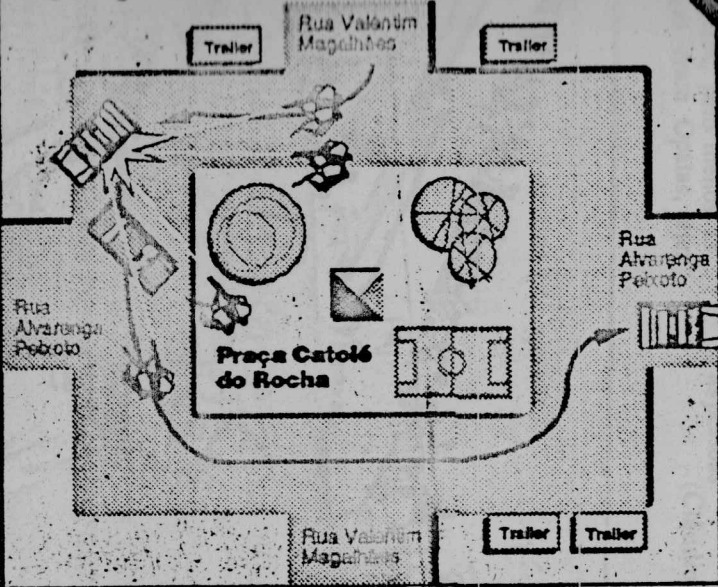
## Lojas e escola ficam fechadas

O massacre de 21 moradores parou ontem a Favela de Vigário Geral. A maioria das lojas e a Escola Municipal República do Líbano, onde estudam 1.600 crianças, funcionaram apenas pela manhã. As aulas foram suspensas após a confirmação da morte da estudante da 8ª série Lucilene Silva dos Santos, de 15 anos. Segundo comerciantes, os traficantes determinaram o fechamento das lojas.

Várias famílias começaram a deixar a favela, temendo o retorno dos assassinos. Circulava o boato de que os executores da chacina haviam prometido matar 20 moradores para cada um dos quatro PMs mortos no sábado passado. Assustada, Vanda Coelho da Silva, de 23 anos, decidiu mudar-se para a casa de parentes em Copacabana. "Tenho três filhos para criar e não vou morrer por causa dos outros", disse.

M., de 16 anos, enteado de Paulo César Gomes Soares, outra vítima do massacre, planejava ir para a casa de uma tia em Jacarepaguá. "Sempre houve muita violência aqui, mas nada parecido", contou Maria das Graças Ferraz, de 39 anos, criada em Vigário Geral e que se mudou para Piedade.

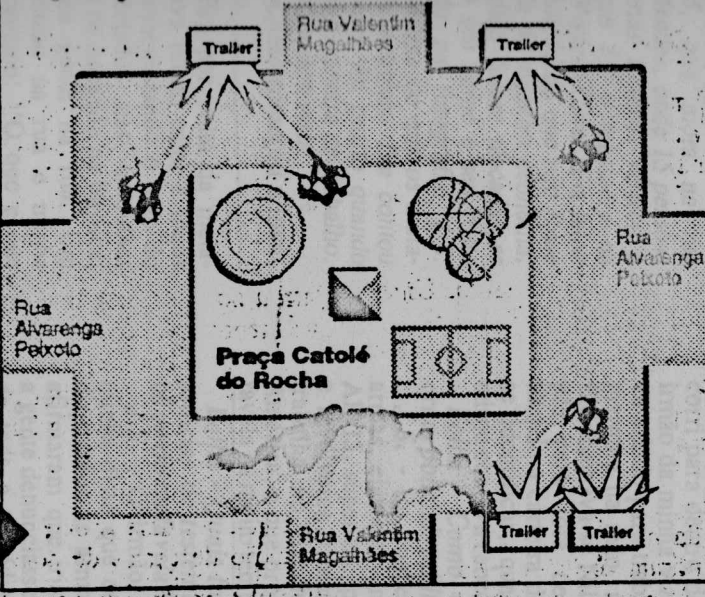
### A praça sábado à noite



**1-** O drama em Vigário Geral começou na noite de sábado, quando quatro PMs foram emboscados e mortos por traficantes na Praça Catolé do Rocha

**2-** Antes de invadir a favela, os assassinos metralharam um rapaz de 17 anos que estava numa rua próxima e incendiaram quatro trailers instalados na praça

### A praça ontem de madrugada



### A ação dos assassinos na favela

**1-** Antes de entrar na favela, os assassinos matam Fábio Pinheiro Lau.

**2-** Já na favela, o grupo invade o bar no número 12 da Rua Antônio Mendes.

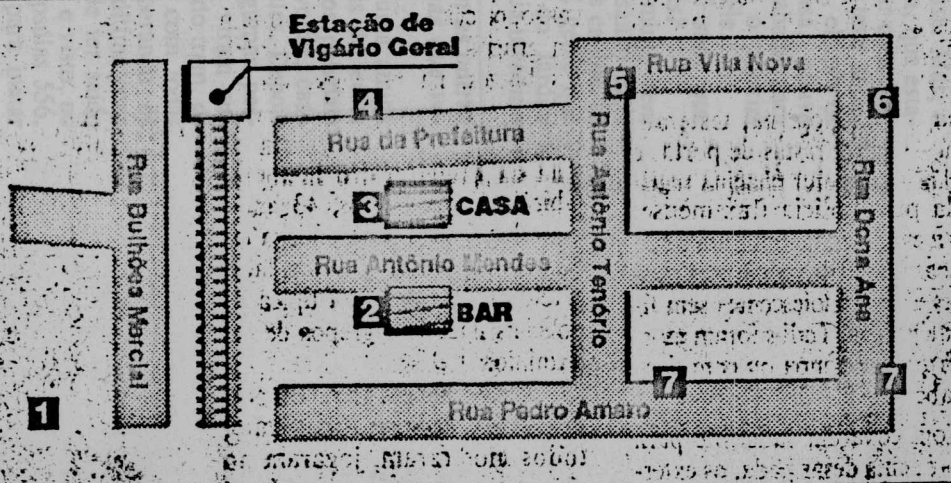
**3-** Na mesma rua, os assassinos entram na casa número 13, onde matam oito pessoas de uma mesma família.

**4-** Na Rua da Prefeitura, um homem é assassinado.

**5-** Um homem é executado na Rua Antônio Tenório.

**6-** Os assassinos matam um homem na Rua Dona Ana.

**7-** As duas últimas vítimas são executadas na Rua Pedro Amaro.



# Eles ameaçaram voltar? , diz testemunha

Enviado especial ao Rio

**J.S.**, 25, que mora na rua Antônio Mendes, onde 15 pessoas foram mortas a tiros, relatou à **Folha** como foi o massacre na favela do Vigário Geral. Ela falou com a condição de que não fosse identificada de maneira nenhuma. A seu pedido foram trocadas as iniciais do seu nome e seu rosto foi omitido na fotografia. **J.S.** disse ter certeza de que os matadores eram policiais. Ela contou que um rapaz foi morto quando apresentava a carteira de trabalho. **Leia a seguir a entrevista:**

**Folha** - Como começou a invasão?

**J.S.** - Era por volta da meia-noite, estava muito calor e todos estavam comemorando o jogo do Brasil, sentados nas tendinhas (barracos) ou bebendo na birosca, tinha muita gente na rua. Um homem entrou na rua e minha amiga perguntou: "O que é que foi?". Aí, ele falou pra minha amiga: "Olha mesmo pra mim por que o resto tá fora e na hora que esse jogo do bingo terminar vai todo mundo entrar nessa favela".

**Folha** - Como aconteceu a invasão?

**J.S.** - Havia muitos carros brilhantes e pretos, pelo menos 15, eu acho que eram Opalas, eles

começaram a entrar encapuzados atirando para todos os lados, eu corri para dentro de casa. Mas, o irmão da minha vizinha, que estava saindo para trabalhar com uma marmitta na mão, não teve sorte. Ele chamava-se Nilson, ele pôs os pés para fora de casa, estava tirando a carteira de trabalho para se identificar, quando o policial atirou contra a cabeça dele.

**Folha** - Como você sabe que eram policiais militares?

**J.S.** - Eu conheço muito bem armas, eles estavam usando fuzis AR 15, super-escopetas calibre 12 e revólveres 9 mm. E gente que trabalha no Batalhão do Jardim América, e que prometia invadir a favela há muito tempo.

**Folha** - Quais foram as outras histórias de testemunhas que você ouviu na favela?

**J.S.** - O irmão de uma amiga minha disse que depois de terem disparados as armas, os policiais afirmaram que iriam voltar, caso a gente denunciasses eles. Depois de toda a tragédia algumas pessoas saíram de casa e viram que do outro lado da linha do trem, os Opalas tinham ficado com todas as portas abertas esperando os policiais voltarem. A última coisa que eu lembro foi a de ter saído de frente a minha casa e visto, no chão, um monte de capsulas 556, usadas pelos policiais, para matar as pessoas.

(Cláudio Júlio Tognoli)



A adolescente **J.S.**, testemunha ocular da chacina na favela



# ARTICOLAZIONE DI COSE



# Enterro emociona até coveira

Um a um os corpos foram sepultados em meio a dor de parentes, num cenário dramático, marcado por muita revolta.

A revolta cedeu lugar à dor. Ainda em estado de choque com o massacre em Vigário Geral, parentes e amigos do auxiliar de expedição Clodoaldo Pereira da Silva, 22 anos, e do frentista Amarindo Bahiense, 31, que eram cunhados, mal tiveram tempo de velá-los no Cemitério de Irajá. Os corpos dos dois, os primeiros a chegar ontem ao cemitério, por volta do meio-dia, foram enterrados às 13h, na Quadra 45, sem a presença de qualquer autoridade do estado ou do município. A primeira vítima da chacina a ser enterrada, no entanto, foi Fábio Pinheiro Lau, às 16 horas de anteontem, no Cemitério de Irajá.

"O estado disse que ia pagar o enterro", contou o cunhado de Amarindo, Júlio César Moça, "mas nós contratamos a Funerária Mãe de Sá. Ela nos cobrou R\$ 19 mil por cada enterro". A mãe de Clodoaldo, Lurdes, 50 anos, repetia aos gritos que não queria mais viver. A mulher dele e irmã de Amarindo, Mariana, 16 anos, deixou o cemitério antes do sepultamento, carregada por amigos.

Em seguida, foi enterrado às 17h30 o scralheiro José dos Santos. Logo após, foi a vez de Paulo Roberto dos Santos Ferreira ser sepultado. Nos enterros, a dor e a tristeza se misturavam à revolta. A mãe de Paulo Roberto, Maria dos Santos, 63 anos, repetia que o que acontecia era uma crueldade sem li-

mitos. Os corpos seguiam em uma fila de procissão. Na mesma ordem em que o corpo do motorista Paulo Roberto dos Santos foi deixado na capela A, também saiu da capela B o corpo metalúrgico Hélio de Souza, 38 anos. Em todos os enterros, a tristeza era alternada por cenas dramáticas de pessoas passando mal. No cemitério, já sepultados ainda os oito parentes da família Santos, Similson dos Prazeres Costa, Roberto de Souza, Joacir Medeiros, Luís Claudio Feliciano, Zuzaci de Oliveira, Paulo César Jones Soares e Cleber Al-



Sobre o caixão fechado de Joacir Medeiros, as lágrimas dos parentes no cemitério de Irajá.



Luís Cláudio Feliciano, um dos parentes de Joacir Medeiros.



# Favela fica fora de morro

Da Sucursal do Rio

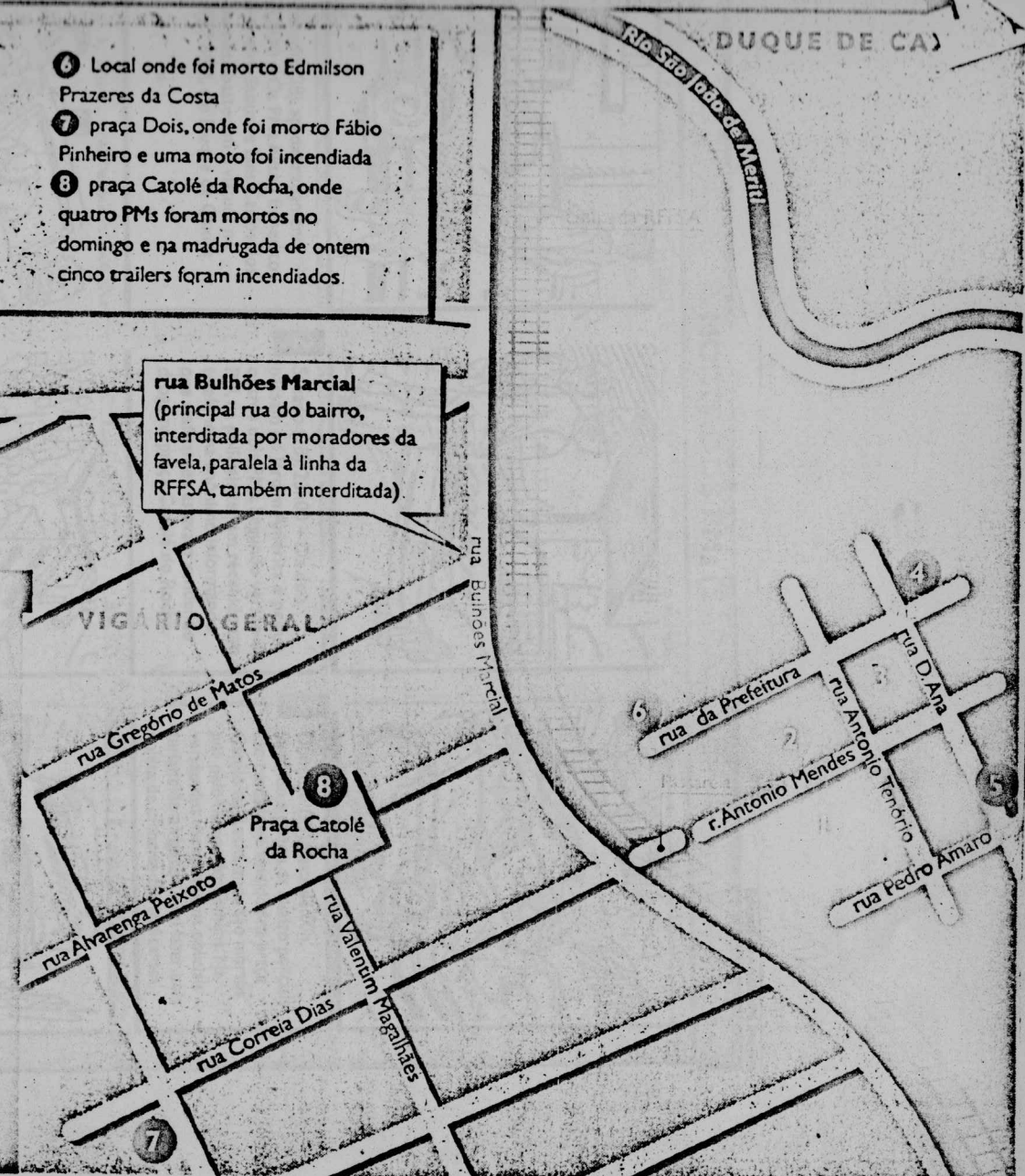
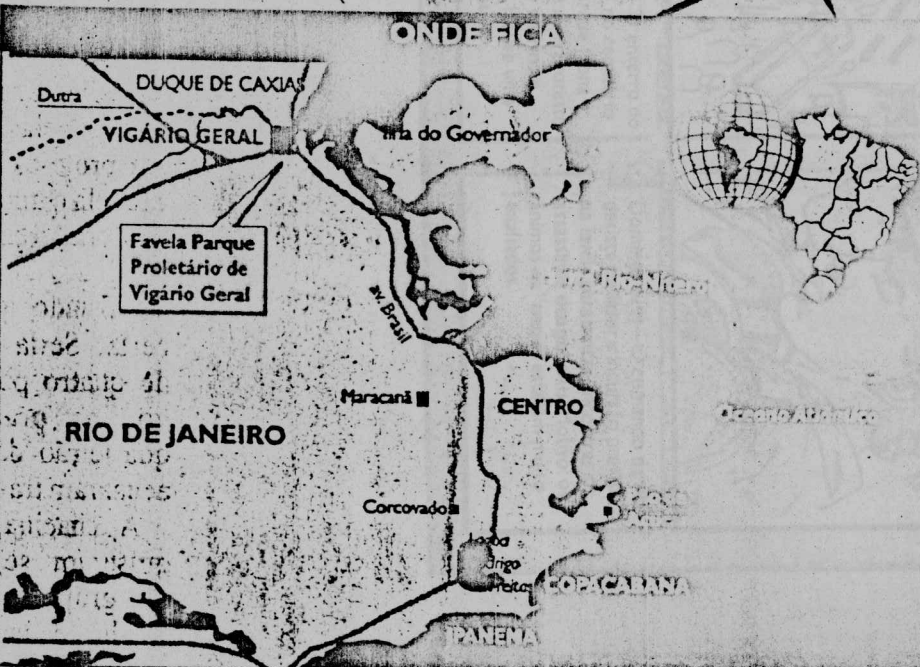
Situada a cerca de 20 quilômetros do centro do Rio, a favela de Vigário Geral não é localizada em morro, mas em uma área às margens da av. Brasil — principal via de ligação do centro com bairros das zonas oeste e norte. A maior parte das casas da favela é de alvenaria. O acesso é feito por duas passarelas sobre a linha férrea, normalmente controladas por "olheiros" dos traficantes de drogas.

## O CENÁRIO DA CHACINA

- 1 Bar onde morreram sete homens
- 2 Casa em frente ao bar. Oito pessoas de uma mesma família foram mortas
- 3 Local onde foi morto Cléber Marzo Alves
- 4 Local onde foi morto Hélio de Souza Santos
- 5 Local onde foram mortos Clodoaldo Pereira da Silva e Amarildo Bahiense
- 6 Local onde foi morto Edmilson Prazeres da Costa
- 7 praça Dois, onde foi morto Fábio Pinheiro e uma moto foi incendiada
- 8 praça Catolé da Rocha, onde quatro PMs foram mortos no domingo e na madrugada de ontem cinco trailers foram incendiados.

Favela Parque Furquim Mendes

rua Bulhões Marcial (principal rua do bairro, interdita por moradores da favela, paralela à linha da RFFSA, também interdita).





Editoria de Arte/Folha Imagem

A MORTE DOS PMs (CÁBARE)



1 Sábado (28), aproximadamente 22h30 - Os PMs Ailton Benedito Ferreira Santos e Luis Carlos dos Santos abastecem a viatura no 15.º BPM, em Duque de Caxias



2 Sábado (28), 23h00 - Os dois passam no Jardim América e pegam outros dois PMs. Segundo versão da PM, os policiais teriam recebido um telefonema anônimo informando que traficantes estavam vendendo droga na praça Catolé do Rocha.



3 Domingo (29), cerca de 00h. Segundo a polícia, os quatro policiais são cercados e mortos na praça Catolé da Rocha, onde são mortos por pelo menos dez homens. Na versão dos moradores, os policiais teriam ido a Vigário Geral fazer uma coleta de dinheiro dos traficantes.



4 Domingo (29), madrugada - Os corpos dos quatro PMs são colocados no Gol da polícia - dois no porta-malas e os outros dois no banco traseiro - e levados pelos assassinos para a rua Alvarenga Peixoto, a 300 metros da praça



5 Domingo (29), 16h30 - O enterro do sargento Ailton Santos, no cemitério de Ricardo de Albuquerque (zona norte), transformou-se num protesto dos PMs por melhores salários e condições de trabalho. Houve uma salva de 18 tiros de festim.



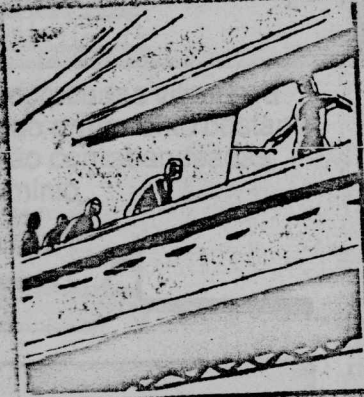
6 Domingo (29) - O comando da PM desiste de fazer a incursão prevista na favela para tentar encontrar os assassinos dos policiais. Motivo: os ânimos da "tropa" estavam muito exaltados.



1 Domingo (29), aproximadamente 23h - Um grupo de homens encapuzados chega na praça Catolé do Rocha, metralha e incendia cinco trailers de comida e bebidas



2 O grupo se dirige à praça Dois, onde mata Fábio Pinheiro e incendia uma motocicleta



3 23h55 - O grupo apaga as luzes da estação de trens, atravessa a passarela sobre a linha férrea e entra na favela



4 Os homens matam Edmilson Prazeres da Costa. Nove moradores da favela que bebiam num bar da rua Antonio Mendes são interpelados. Os moradores se identificam, mostrando documentos



5 Os invasores jogam uma bomba de gás lacrimogêneo no bar e atiram nos moradores. Sete morrem e dois são feridos. Em frente ao bar, moradores de uma casa assistem à matança. Os invasores entram na casa. Oito pessoas da família são mortas



6 Aproximadamente 1h30 - Os invasores se dividem pelas ruas da favela e continuam a matança. Os invasores se retiram da favela

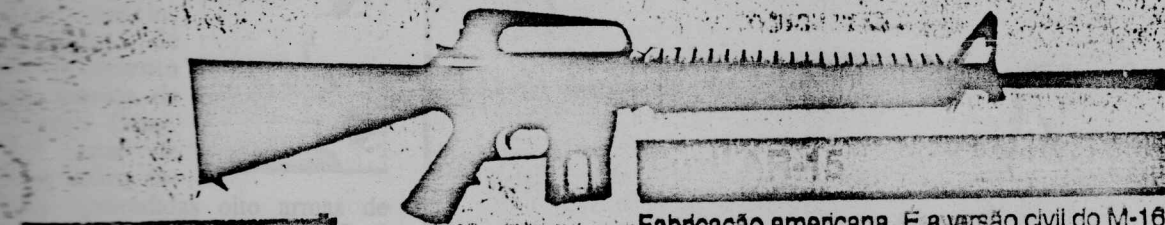


O GLOBO - 01/09/93

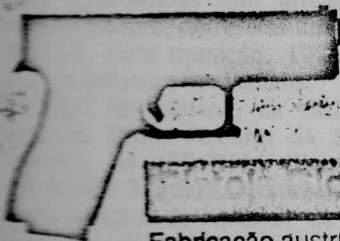
Octavio Aragão/Editoria de Arte

## Criminosos tinham poder de fogo de primeira

Com base nas cápsulas encontradas e nos projéteis retirados dos corpos das vítimas, a perícia pôde comprovar que, na chacina de Vigário Geral, foi utilizado armamento bastante sofisticado: pistolas 9mm, fuzis AR-15 e escopetas. Essas armas são contrabandeadas (via Miami ou Paraguai) e usadas por traficantes e grupos de extermínio

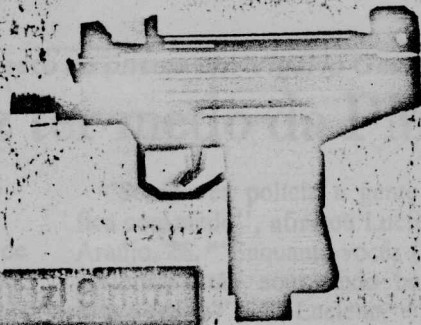


**Fuzil AR-15**  
Fabricação americana. É a versão civil do M-16, usado na Guerra do Golfo. De calibre 223 ou 553, não tem capacidade para rajadas, mas pode disparar até 100 tiros sem necessidade de recarga. O preço é de US\$ 660, mas entra no Brasil custando cerca de US\$ 4 mil



**Pistola Glock 9mm ou 45**

Fabricação austríaca. É considerada a arma mais sofisticada disponível no mercado. Por ser de fibra de carbono, é leve e não sofre nenhum tipo de corrosão. O preço normal vai de US\$ 500 a US\$ 700, mas chega ao Brasil - via contrabando - por US\$ 1.300



**Pistola Uzi 9mm**

Pistola Uzi 9mm: fabricação israelense. Um pouco inferior à Glock, mas tem capacidade para dar rajadas de até 40 tiros. Com isso, transforma-se numa pequena metralhadora. Custa US\$ 660, mas no mercado paralelo sai por US\$ 2.500

**Pistola Colt 9mm**

Fabricação americana. Tem a metade do poder de destruição de uma arma de 9mm. Há similar no mercado brasileiro, daí sua popularidade entre policiais. O custo não ultrapassa US\$ 400, mesmo no mercado paralelo



**Escopeta Mossberg calibre 12**

Também de fabricação americana. Não tem precisão, mas trata-se de uma arma de impacto e de alto poder de destruição, capaz de derrubar portas ou destruir um carro. O preço original é de US\$ 450, mas no contrabando vale US\$ 2 mil



# Presos 5 PMs acusados da chacina

Da Sucursal do Rio

Cinco soldados da PM (Polícia Militar) foram presos ontem, acusados de envolvimento na chacina de Vigário Geral. Na casa de dois deles, foram apreendidas oito armas de grosso calibre, entre elas um fuzil AR-18, farta munição, 19 capuzes, soqueiras e um Santana.

Além do Santana, na casa do soldado Paulo Roberto da Silva Borges, do 12º BPM (Batalhão de Polícia Militar) foi apreendida uma carteira de assessor de imprensa assinada pelo deputado estadual Emir Laranjeira (PSDB).

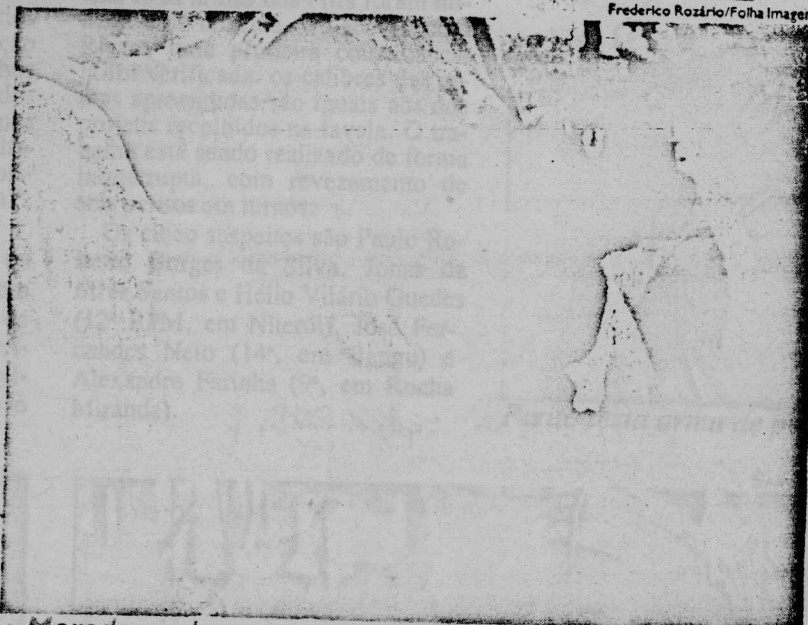
Segundo o coronel Valmir Brum, da CPM (Chefia de Polícia Militar), os PMs são os mesmos envolvidos na chacina de Acari, ocorrida em 90, quando morreram 11 pessoas. Deste grupo, participava, segundo Brum, o sargento Ailton Santos, um dos quatro PMs mortos na véspera da chacina.

A Folha apurou que o grupo era conhecido no passado como "Lamujins", em função de sua ligação com Laranjeira, PM da reserva que já foi comandante do 9º BPM. Moradores de Vigário Geral acusam PMs desse batalhão da autoria da chacina de segunda-feira, em que morreram 21 pessoas.

Dos PMs presos, os soldados Paulo Roberto Borges da Silva e Hélio Vilário Guedes são lotados no 12º BPM. Outros dois, que até as 19h a polícia ainda não havia revelado os nomes, ainda servem no 9º BPM. O quinto trabalha no 14º BPM.

A Justiça expediu outros três mandados de busca e apreensão, mas até o início da noite não havia sido divulgado o resultado das diligências. Emir Laranjeira disse que a carteira apreendida com o PM é um documento sem importância. Laranjeira afirmou que Borges trabalhou em sua equipe de segurança. O deputado disse que vai processar o Brum.

(Edna Dantas e Roni Lima)



Frederico Rozário/Folha Imagem

Moradores durante protesto de ontem em Vigário Geral

## Moradora diz ter medo da PM

Da Sucursal do Rio

O presidente da Associação de Moradores de Vigário Geral, Naildo Ferreira de Souza, 65, afirmou que a comunidade não aprova o plano da Polícia Militar para ocupar a favela. "Eles deveriam fazer isso nas fronteiras do país. É de lá que vêm os tóxicos", ironizou.

Souza afirmou que a experiência de manter na favela um posto policial, extinto há cerca de dez anos, não foi boa. "A polícia humilha todo mundo", afirmou. Segundo ele, os moradores aprovaram a presença da polícia em Vigário Geral durante a noite, operação iniciada há três dias.

"Só de ver polícia a gente já fica com medo", afirmou Luciene Araújo, 26. "Enquanto vocês (reporteres) estão aqui, tudo bem. Mas e depois?", diz Luciene.

Aldair Neves Pinto, 54, advogado da Associação de Moradores de Parati de Lucas, favela vizinha, disse que há quatro meses a comunidade pediu ao secretário de Polícia Civil, Nilo Batista, providências contra chacinas e roubos, que seriam cometidos por traficantes e policiais. O advogado disse que na época foram divulgados nomes de policiais envolvidos nos crimes, mas "não tomaram providência". (Bruno Casotti)

# Laudos das armas de PMs sai amanhã

Até amanhã, a polícia poderá ter prova técnica que comprove a participação dos cinco policiais militares suspeitos da chacina de Vigário Geral, presos no Batalhão de Choque. Imediatamente após a apreensão de armas nas casas dos suspeitos, anteontem à tarde, o Instituto de Criminalística Carlos Eboli (ICE) iniciou a comparação de projetis, armas e cartuchos apreendidos com os encontrados nos corpos das vítimas. "Vamos fazer mais de mil confrontos balísticos e, se algum der resultado positivo, a chacina estará esclarecida", disse o diretor Mauro Ricart.

Ontem de manhã, os técnicos do ICE dispararam tiros de prova com as armas dos cinco PMs, na sala de ballística do Instituto. O perito criminal Jerônimo Torres Alves explicou que o atrito das balas com o

cano de descarga de uma arma provoca ranhuras nos projetis, que nunca são idênticas às provocadas por outra arma. Confrontando-se as ranhuras das balas disparadas no teste com as dos projetis encontrados nos corpos, se poderá ter certeza se as armas dos PMs foram utilizadas na chacina. De acordo com Ricart, uma primeira coincidência já foi verificada: os calibres das armas apreendidas são iguais aos dos projetis recolhidos na favela. O trabalho está sendo realizado de forma ininterrupta, com revezamento de seis peritos em turnos.

Os cinco suspeitos são Paulo Roberto Borges da Silva, Jonas da Silva Santos e Hélio Vilário Guedes (12º BPM, em Niterói), José Fernandes Neto (14º, em Bangu) e Alexandre Farinha (9º, em Rocha Miranda).



Perito testa arma de policiais

## Acusado da chacina tem carros e moto

O policial militar Paulo Roberto Borges da Silva, um dos acusados da chacina de Vigário Geral que está preso, estava até cinco anos atrás no mouro da Engenhooca, antes de se mudar para a atual casa de dois andares na Rua Professor João Brasil. Quem garante é a vizinha Isaura Cláudia Magalhães, que mora ao lado e disse não ter visto mais ninguém da família do PM desde a sua prisão na sexta-feira. Na casa de Paulo Roberto a polícia encontrou um fuzil AR18, muita munição e uma carteira de assessor do deputado Emir Laranjeira. Ninguém da família quis falar sobre a prisão do policial. "Só sei que ele tem um saveiro pampa branco, um Santana verde, um fusca também branco e uma moto vermelha", disse outro vizinho. Paulo Roberto vive com a mãe Rosalina e o irmão mais novo Sebastião.

No 12º BPM (Niterói), onde Borges é lotado, seu chefe, o primeiro tenente Paulo Henrique Azevedo Guimarães garantiu que na noite da chacina de Vigário Geral, Paulo Roberto estava de serviço. "Ele chegou para trabalhar às 8h de domingo e só saiu às 8h de segunda-feira. Ele trabalha como cabo de dia fazendo apenas serviços de limpeza", disse o primeiro tenente.



A família de Edmilson preferiu se mudar de Vigário Geral

## Medo leva família a abandonar favela

A família do mecânico Edmilson José Prazeres da Costa, uma das vítimas da chacina de Vigário Geral, deixou a favela na manhã de ontem. Segundo uma cunhada que não quis se identificar, a mãe do rapaz, Aparecida Prazeres da Costa, passou mal e foi levada para um hospital. Ela não sabia informar para onde estavam sendo levados os móveis, retirados por amigos da família. A casa de três quartos é própria, fica na Rua da Prefeitura e, por enquanto, de acordo com vizinhos, ficará fechada. Os parentes da família preferiram não comentar sobre a mudança.

Paulo, genro do vigia Gilberto Cardoso dos Santos, chagindo junto com a mulher, a nora e cinco filhos, esteve ontem na casa dos sogros para retirar o restante dos mó-

veis e pertences da família. De acordo com ele, sua mulher, Vera, única sobrevivente da família, continua na casa de parentes. Amigos da família de Gilberto, Rita Leocádia Santos, 29 anos, e Antônio Augusto das Neves, 38 anos, também resolveram deixar a favela de Vigário Geral. "Conhecia eles há muito tempo e estou muito assustada. Vamos para São João de Meriti onde o clima está melhor", explicou Rita.

Ontem, o clima era de tranquilidade na favela e dois times de Pádua de Lucas disputaram partidas de futebol de salão com os ex-rivais de Vigário. A missa de sétimo dia das vítimas será realizada hoje, às 19h, na Paróquia de Nossa Senhora de Aparecida. Às 10h, na quadra da Associação de Moradores será celebrado um culto ecumênico.



# Ex-policia! militar é a testemunha que ajudou a desvendar chacina

Um ex-policia! militar — que teria presenciado a reunião dos chacinadores de Vigário Geral nas proximida-



des do 9º BPM (Rocha Miranda) e conhece bem a estrutura do grupo Cavalos Corredores — e um antigo morador da favela são as principais testemunhas de que dispõe a polícia para elucidar a chacina de 21 moradores ocorrida no dia 30. A partir dos depoimentos das testemunhas, a polícia praticamente conseguiu concluir as investigações, cujo resultado final poderá ser oficialmente divulgado ainda hoje em um relatório preparado pela Chefe de Polícia Militar e a Divisão de Defesa da Vida (DDV). Para colaborar com a polícia, o ex-PM exigiu que o Governo do estado garantisse a ele condições de deixar o Rio.

Vinte e dois mandados de busca e apreensão e outros sete mandados de prisão foram expedidos ontem pela Justiça contra suspeitos pela chacina. O grupo seria formado por cerca de 30 pessoas: 23 PMs e o restante, agentes e informantes da Polícia Civil. Foi graças ao depoimento das testemunhas — que viram os matadores sem capuzes — que a polícia conseguiu identificar todo o grupo, que seria chefiado pelo capitão Aguinaldo Pittrossol Ruas e pelo soldado Wilton Elias da Cunha.

Os depoimentos das testemunhas foram avaliados na segunda-feira pelo vice-governador Nilo Batista, pelo procurador-geral de Justiça, Antônio Carlos Biscaia, e pelo comandante da PM, coronel Carlos Magno Nazareth Cerqueira. Ainda por causa do

depoimento do ex-policia!, a polícia conseguiu apreender mais cerca de 20 armas pesadas no final de semana e prender um armeiro que seria ligado ao grupo. O secretário de Polícia Civil, Nilo Batista, determinou que o diretor do Instituto de Criminalística Carlos Eboli, Mauro Ricart Ramos, terminasse os exames de balística o mais rapidamente possível, porque há esperança que surjam dali as provas técnicas necessárias.

Durante as investigações, a polícia apurou detalhadamente as ligações do deputado Emir Lorangeiras com os integrantes do grupo. Todos os inquiridos em delegacias da capital, do interior e da Baixada foram examinados e até portes de armas, pedidos pelo deputado, foram avaliados. As investigações transcorreram em clima de apreensão e desconfiança, tanto que praticamente as únicas pessoas que sabiam de tudo, o que acontecia eram o governador Leonel Brizola e o secretário Nilo Batista. As diligências deveriam acabar ontem, mas houve, segundo fonte do Ministério Público, um atraso quando se descobriu o envolvimento de policiais civis e alcaçuetes na chacina.

A polícia não tem dúvida de que se trata do grupo de extermínio mais bem articulado do Rio, com ramificações em todo o estado. O morador da favela de Vigário Geral estaria na Praça 2, quando assistiu à arruaça do grupo. Levado por um amigo do secretário Nilo Batista para depor, ele disse que conhecia os policiais, já que vive na favela há muito tempo, mas só contaria o que sabia com a garantia do sigilo absoluto.

## PMs teriam sido mortos por PMs

Uma das surpresas que deverão constar do relatório final sobre as investigações da chacina de Vigário Geral é a revelação de que os policiais militares assassinados na véspera, na Praça Catolé do Rocha, foram mortos por outros policiais, que estavam dando proteção a um carregamento de drogas que chegava à favela. Os grupos de policiais haviam se desentendido e os chamados dublês (policiais que atuam também, a serviço do tráfico) assassinaram os PMs. Acredita-se que, para despistar, alguns dos dublês tenham participado da chacina, que seria uma vingança principalmente contra o assassinato do sargento Ailton Bepedito Ferreira, conhecido integrante dos Cavalos Corredores.

A descoberta de que havia traidores entre os Cavalos Corredores, segundo fontes da polícia, teria desencadeado um clima de vingança entre os próprios ex-aliados, que se sentiram traídos e que teriam jurado os traidores de morte. Foi talvez por se sentir ameaçada de morte, segundo as mesmas fontes, que uma das testemunhas teria decidido colaborar com a polícia.



J. BRASIL/RJ.

01 06 SET 1993

# Polícia sabe nome de matadores e o motivo da chacina

A Polícia já tem os nomes dos matadores e sabe o motivo da chacina de 21 pessoas na Favela de Vigário Geral, revelaram os promotores do Ministério Público, Vicente Arruda Filho e Mendelssohn Pereira. Até ontem, estavam em prisão administrativa 13 PMs, inclusive o capitão Aguinaldo Pirassol Ruas, e tinham sido expedidos 21 mandados de busca e apreensão. Os promotores anunciaram também a abertura de novo inquérito para apurar a atuação dos grupos de extermínio em casos não esclarecidos, como o seqüestro, em Magé, de 11 jovens que moravam em Acari e até hoje estão desaparecidos.

A principal testemunha da chacina, Jadir Inácio dos Santos, que esteve sob a guarda do capitão Pirassol, se encontra sob a proteção dos moradores de Vigário Geral, que hoje pedirão ajuda ao cardeal Eugênio Sales. Ontem, 200 pessoas participaram de ato ecumênico na favela pelas vítimas da matança. O deputado estadual Emir Larangeira, envolvido com os PMs presos, criticou o tenente-coronel Walmir Alves Brum, chefe de polícia da PM, acusando-o de ter prendido o capitão Pirassol numa retaliação pessoal a sua atuação na Assembléia. Brum respondeu que não tortura ninguém e não comanda grupos de extermínio. (Páginas 10 e 11).

FRANCO HENRIQUE  
Alameda da Infancia  
será em outubro

# WEISS

## A FORÇA DOS ASSASSINOS

NO fim da fronteira entre policiais e bandidos

9 770100 74004



# A cara do fim do mundo

*Atrás de um muro de 3 metros de altura sobrevivem os 30 000 moradores de Vigário Geral, um lugar aonde o poder público, quando entra, chega atirando*

MARCELO AULER E MARCOS SÁ CORRÊA

**N**o Parque Proletário de Vigário Geral, o poder público tem marcas de bala. As marcas são visíveis em escala monumental na fachada do Ciep Mestre Cartola, onde a arquitetura de Oscar Niemeyer foi tantas vezes picotada por tiros perdidos que não se retocam mais no reboco as cicatrizes do fogo cruzado. Estão inscritas nas baixas da semana em que saiu ferido o servente Ubirajara Santos e ficou viúva a mestandeira Maria de Lourdes dos Santos. E ficaram na memória do ex-prefeito Marcello Alencar, que no passado gravou ali dois vídeos de propaganda eleitoral, levando a escola para a campanha na TV como troféu administrativo. "A escola fica entre duas favelas dominadas por grupos rivais de traficantes, o de Vigário Geral e o de Parada de Lucas. Era tanto tiro que tive de mandar erguer um muro alto em volta do prédio, ou não haveria aula", recorda Marcello Alencar.

Recorda errado. "Cadê o muro?", perguntava na manhã de quinta-feira passada o diretor, Alberto Silva, ao reabrir o Ciep três dias depois da carnificina que botou Vigário Geral no mapa-múndi. "Estamos aqui há sete anos. Temos 59 funcionários e professores. Nunca um deles foi assaltado dentro da favela. Temos 500 alunos da 1ª à 4ª série. Jamais houve criança ferida. Temos televisão, videocassete, freezer e aparelho de som na escola. E não houve nenhum roubo de material até hoje", informa o diretor.

Engana-se o ex-prefeito. Exagera o diretor. Não existiu o tal muro, mas o transformador que dá luz ao Ciep está escondido

**A única travessa que dá acesso ao único serviço público**

num bunker. "Antes, o transformador ficava no alto do poste. Perdemos dois no banguê-banguê", diz a professora Ana Maria Bento Mota, a primeira diretora do Ciep Mestre Cartola. Ela tem tarimba. Passou 23 anos dirigindo escolas públicas

entre as favelas de Parada de Lucas e Vigário Geral. Hoje cuida de outro Ciep inóspito, o Brandão Monteiro, encravado entre nove favelas da Penha. A professora Ana Maria já viu tanto cano de revólver trabalhando no magistério que agora tem medo de ser assaltado e reagir com desdém.

"Bobertinho de Lucas", a atual celebridade do tráfico no local, foi outrora seu aluno José Roberto da Silveira Filho. "Para a coisa funcionar, tive de educar o que chamo de 'meninos'", diz Ana Maria. Filha de militar, a professora mora numa rua, no subúrbio de Bonsucesso, onde a segurança é garantida por uma banca de jogo do bicho. Há um ano e meio, deixou implantada, na forma de escola, a única repartição que atesta a existência do governo na favela de Vigário Geral — um lugar aonde o serviço público, quando entra, chega atirando.

Faz diferença uma escola municipal num lugar como Vigário Geral. Do lado de fora, há esgotos a céu aberto. Dentro, bebe-se água filtrada em copo limpo, fala-se em telefone sem ser orelhão e combatem-se os surtos de sarna que todo inverno infestam as crianças. As campanhas de vacinação acampam no Ciep. O portão por onde entram os 350 alunos de Parada de Lucas fica do lado oposto ao que é usado pelos que vêm de Vigário Geral. No pátio e nas salas de aula mistura-se e reconcilia-se a próxima geração das duas favelas desafetas.

Fora a escola, o outro sinal da existência de autoridades constituídas na vizinhança de Vigário Geral é a linha imaginária que passa atrás do Ciep, separando o labirinto de construções irregulares de um matagal baldio de contorno rigidamente geométrico. É o fundo de um terreno do Centro de Reparos do Corpo de Fuzileiros Navais. Lá não se põe um tijolo. Não há muro nem invasão. Essa demonstração abstrata de autoridade parece estar ali para lembrar que os militares têm um projeto para o Brasil.

O resto da paisagem de Vigário Geral é um cenário ocupado por símbolos das capitulações governamentais. Afundada num solo baixo, com todos os horizontes tapados por bibocas, a favela só avista do mundo exterior os jatos a caminho do aeroporto internacional da ilha do Galeão, que na aterrissagem voam tão baixo que se pode ler o logotipo na fuselagem. Vigário Geral fica a meia hora do Rio, quando o trânsito está limpo na Avenida Brasil, mas não há acesso direto da favela à porta de entrada da cidade. O segundo trecho da Linha Vermelha, que fará a ligação expressa da subida da serra com a Zona Sul, também está passando ao largo. Há quarenta anos, o Parque Proletário de Vigário Geral se esparrama atrás de um muro de 3 metros de altura, cercan-

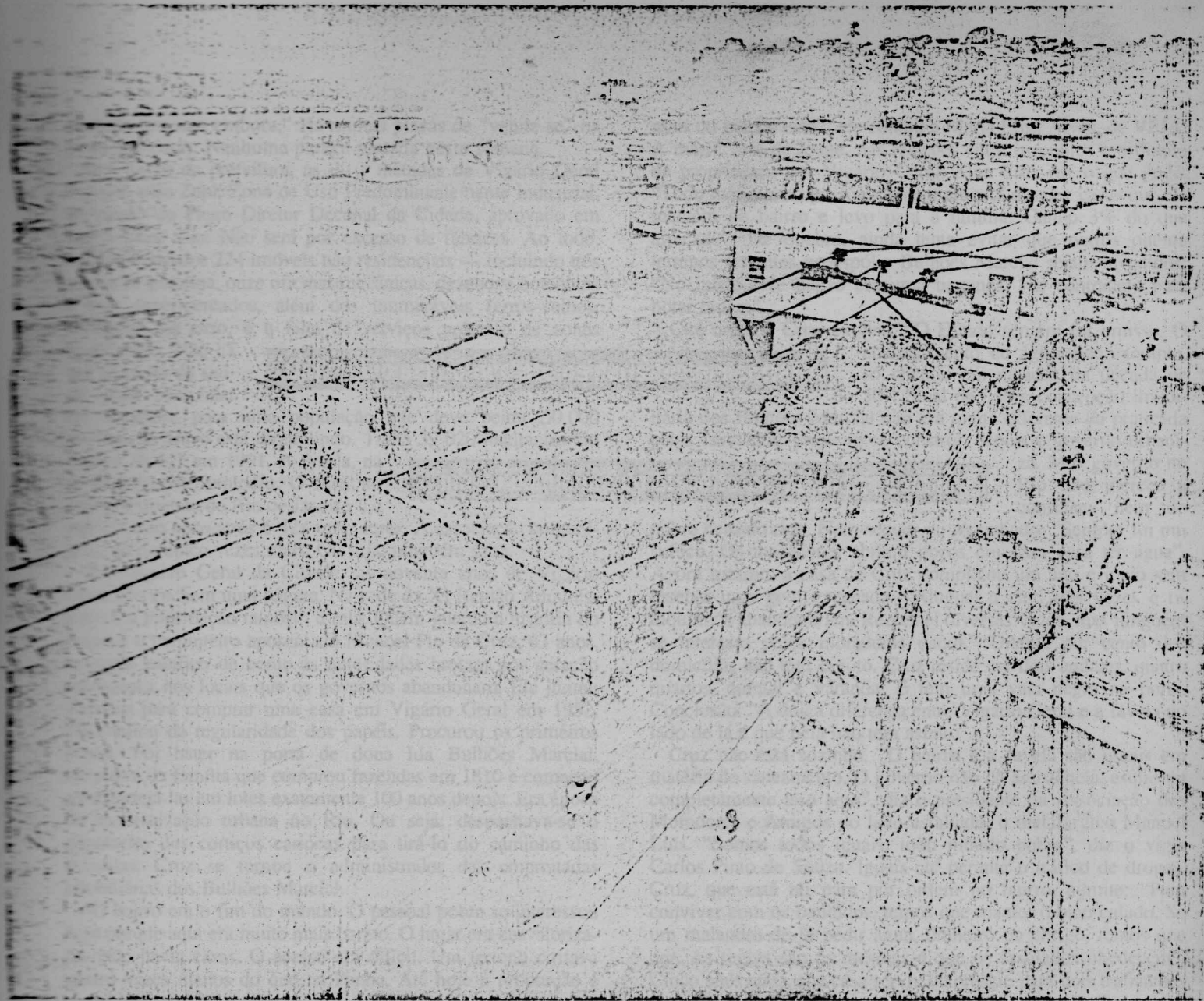
do um ramal secundário de trem suburbano.

Só existem duas entradas na favela, além de um buraco no muro do trem, que passava diretamente pelos trilhos e foi fechado. A primeira é uma rua que atravessa Parada de Lucas, meio asfaltada, meio de terra, e ainda por cima encrespada por um dique de quebra-molas. A outra é uma passarela para pedestres sobre a via férrea, que desemboca na rua onde na semana passada a blitz de extermínio atacou o bar e a família de crentes. Na favela intramuros, começa o outro mundo.

Há cinquenta anos, a favela começou a ficar as primeiras palafitas numa área alagada onde uma dinastia de proprietários de terras pensou em ganhar dinheiro no começo do século convertendo uma fazenda em loteamento para cariocas na pindaíba. Os invasores aterraram o mangue, trocaram os barracos de madeira por cubículos de alvenaria e canalizaram água para 95% dos 1 500 domicílios, onde atualmente se empilham 30 000 moradores, 2 300 famílias e 1 800 eleitores.

**na favela a única política rodou o creche de 100 crianças**





O Parque Proletário de Vigário Geral: debandada de moradores depois da matança

Em 1985, a prefeitura adaptou um pardieiro na boca da favela para abrigar a Creche Dona Neuza Brizola. Atendia a 100 crianças. Em 1990, a creche fechou para reformas. Nunca mais reabriu. Segundo uma lenda local, está pagando uma tração eleitoral da comunidade ao vereador pedetista Pedro Portino. A Light, como a creche, chegou em 1985, oficializando o fornecimento de luz, que, através de ligações informais, a precedeu por mais de duas décadas. Os moradores não se acostumaram a pagar regularmente as suas contas. A companhia tirou os relógios. Ficou a eletricidade.

"Fizemos tudo sozinhos", diz o presidente da associação de moradores, Nahildo Ferreira de Souza, ferroviário aposentado, ex-militante comunista, comerciante falido de tanto vender frado. Ele passou na favela 32 de seus 65 anos, perdeu um filho, Adalberto, na tragédia de domingo, sem poder sequer aproveitar-lhe os rins para transplante porque o cadáver ficou doze horas na rua. Nahildo é doente renal. Para viver, faz hemodíalise, um tratamento que o colapso da medicina pública no Rio de Janeiro está quase paralisando. Mas é imortal na favela. Tem seu nome, em letras garrafais, a quadra de esportes polivalente para vôlei, basquete e futebol inaugurada pela associação de moradores no dia 21 de agosto, uma semana antes da matança. A quadra, obra comunitária, está

limpa. Separado dela por um muro, o leito da ferrovia, que é público, virou depósito de lixo.

Quadra polivalente naquele lugar não é luxo. Os favelados de Vigário Geral não aderiram ao futebol soçate por beleza, mas por falta de espaço — o que talvez explique a seleção de Parreira. O decano da favela, o pintor de paredes Aprígio Pereira da Silva, que se instalou em Vigário Geral em 1954, é de um tempo em que se morava sobre palafitas, porém entre oito ou dez campos de futebol". Aprígio é testemunha de como Vigário Geral piorou. Pernambucano de Caruaru, fundador do XI Unidos, um time de pelada promovido a associação comunitária, ele criou ali nove filhos. Um deles morreu a tiros na porta de casa há três anos e meio. No domingo, mataram seu genro.

Vigário Geral é a soma de modelos paralelos de crescimento urbano do Rio de Janeiro, criados ao deus-dará e divididos pelo leito da velha estrada de ferro Leopoldina Railway matriz de alguns dos subúrbios mais remotos da cidade. De um lado da linha, Vigário Geral é um bairro pobre em processo de deterioração. Do outro, é uma favela que nasceu ruim e está ficando inabitável. "As pessoas só pensam em mudar dali", diz a professora Ana Maria. "Fui ao enterro dos 21 moradores na segunda-feira e encontrei vários alunos

dizendo que iam embora." Há muitas placas de "vende-se" na porta das casas. Nenhuma parece pintada nesta semana.

Nos livros da prefeitura, as duas metades de Vigário Geral formam uma Zupi, Zona de Uso Predominantemente Industrial, no jargão do Plano Diretor Decenal da Cidade, aprovado em março deste ano. Não será por excesso de fábricas. Ao todo, estão cadastrados 224 imóveis não residenciais — incluindo três postos de gasolina, onze oficinas mecânicas, dezenove botequins e oito supermercados, além dos inumeráveis ferros-velhos. Industrial, no caso, é a falta de serviços próprios de zonas residenciais. Não há um só posto de saúde, para não falar

em hospitais, para uma população que deve beirar 50 000 pessoas. O bairro está diminuindo. Tinha 39 020 habitantes em 1980 e 36 742 em 1991. A favela, na mesma década, explodiu. O Instituto de Planejamento do Rio de Janeiro lhe atribuiu dois anos atrás 6 428 moradores. A associação comunitária, quase cinco vezes mais. Ou seja: ninguém sabe.

No Arquivo Geral da Cidade, os noventa anos de Vigário Geral não enchem uma página. Na sede da XI Região Administrativa, a informação também é rara. Quem guarda a história do bairro é o carpinteiro aposentado Manoel Pio da Cruz, 63 anos, exemplo pacífico de como as autoridades brotam por geração espontânea nos locais que os governos abandonam. Ele juntou dinheiro para comprar uma casa em Vigário Geral em 1952. Desconfiou da regularidade dos papéis. Procurou os primeiros donos. Foi bater na porta de dona Ida Bulhões Marcial, matriarca da família que comprou fazendas em 1810 e começou a esquadrear-las em lotes exatamente 100 anos depois. Era época de modernização urbana no Rio. Ou seja: despachava-se o populacho dos cortiços cariocas para tirá-lo do caminho das avenidas. Cruz se tornou o administrador das empreitadas imobiliárias dos Bulhões Marcial.

"O bairro era o fim do mundo. O pessoal pobre se interessou logo porque aqui era muito mais barato. O lugar era desvalorizado. Não havia casas. O acesso era difícil. Um terreno custava quatro vezes menos do que na Penha. Até hoje a proporção é

mais ou menos essa", ele contou a Maria Elisa Alves, de VEJA. A má-fé vem de longe, nas relações entre os pobres e o direito de propriedade em Vigário Geral. Mas Cruz faz o que pode: "Todo mês recebo pessoalmente o aluguel das dez casas que ela mantém no bairro e levo para a família. Ganho 3% do que arrecado". De quebra, ainda tenta evitar que outros oitenta terrenos restantes no espólio Bulhões Marcial sejam invadidos: "No início esse bairro era uma bagunça. Fui contratado para botar ordem".

Que ordem? Cruz explica: "O Estado sempre foi omissivo. O abastecimento de água, por exemplo, só chegou em meados da década de 50". Sinal de que a concepção imobiliária dos Bulhões Marcial não era muito diferente da praticada pelos favelados: primeiro se constrói, depois o governo urbaniza. Mas governo no Rio não merece a confiança nem do

pobre nem do rico. Nem sequer do remediado: "Sempre foi um sufoco. Os moradores abriam poços em casa para ter água". Agora mesmo, a casa de Cruz completou um ano e meio sem receber uma gota encanada. "Aluguei a casa três vezes e os inquilinos abandonaram. Reclamei diversas vezes, mas ninguém se interessa pelos moradores daqui." Oitenta por cento dos domicílios não têm esgoto. Cruz reside em dois andares, quatro quartos, quintal e varanda. E tem uma vala negra na porta. Conclusão: "A única diferença entre Vigário Geral e a favela do lado de lá é que nela não tem asfalto".

Cruz não está sozinho. "O bairro e a favela são iguais em matéria de saneamento. O governo não dá assistência, esqueceu completamente isso aqui", diz o presidente da Associação dos Moradores e Amigos do lado asfaltado, o metalúrgico Manoel Luís. "Somos todos iguais, todo mundo pobre", diz o vigia Carlos Pinto de Souza. Iguais até perante o tráfico de drogas. Cruz, que está ali para pôr ordem no bairro, admite: "Para conviver com os bandidos, temos que manter o bico calado. Se um malandro de lá pedir água, dinheiro ou abrigo, temos que dar. As regras são as mesmas a que os favelados obedecem". Cinco anos atrás, sua casa serviu de refúgio para dois traficantes

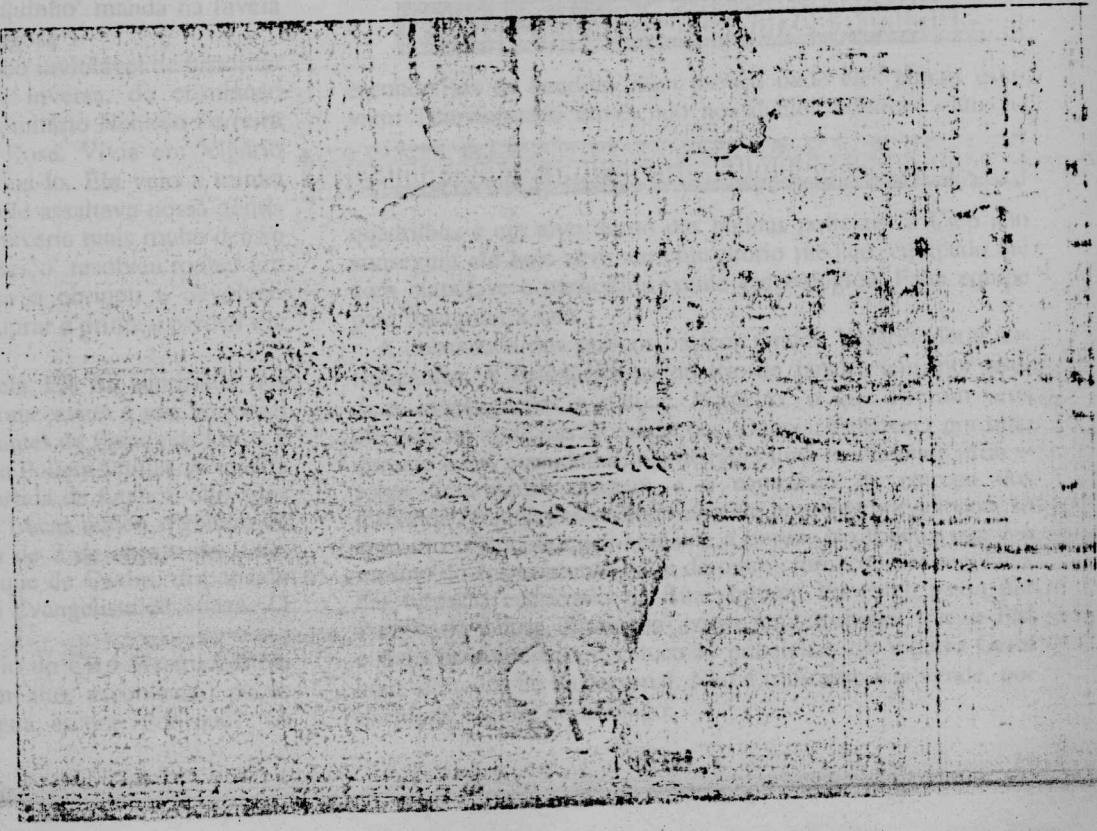
**O dinheiro sai porque até os gansos vemem entrar**

**mas a gulinhada do biscoito passa toda semana**

**Um homem que não se dá por vencido**

**Um homem que não se dá por vencido**

Da água encanada à quadra de esportes, o ex-comunista Nahildo de Souza tem 32 anos de militância comunitária em Vigário Geral. Ajudou os moradores a trazer luz elétrica, aterrar ruas abertas no lodo e trocar paredes de tábuas por tijolos nos casebres. Está acostumado a lidar com políticos e traficantes. Mas perdeu o hábito de conviver com policiais. "No passado eles até almoçavam na minha casa e levavam os moradores para buscar água." Nahildo e Josenilda perderam um filho na noite da matança.





escaparem de outros dois traficantes, com o rigor contábil de quem recolhe aluguel e a flexibilidade de quem mora em Vigário Geral: "Deixei eles entrarem e, quando a polícia invadiu a casa, já tinham sumido pelo jardim".

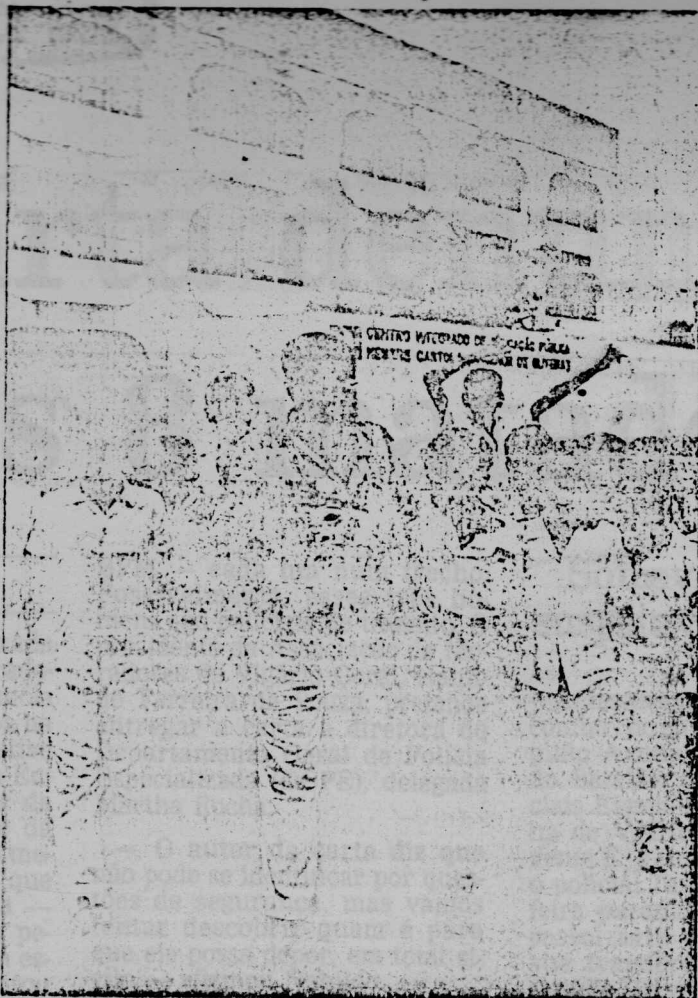
Favelado no Rio de Janeiro não é o morador de barraco. É qualquer deserdado dos serviços públicos. Embora, segundo os cálculos da prefeitura, a cidade esteja em plena febre imobiliária dos "assentamentos populares", neologismo cunhado para o conjunto de favelas e loteamentos piratas. Eles se expandem à velocidade de 80 milhões de tijolos, 20.000 domicílios e 300 hectares por ano. Têm total imunidade contra as posturas municipais, que mal enquadram 35% das edificações. Vistos do alto desses números, dão a impressão de dominar a cidade. De outro ângulo, desenharam a concentração de renda: metragem média de 30 metros quadrados, 50% de domicílios sem nenhum tipo de instalação sanitária, tudo empilhado em 10% dos terrenos edificados na cidade.

Em fevereiro de 1972, no jornal *O Globo*, o "bairro septentrional" arrolava as queixas da população. Eram banais lamurias suburbanas. "A mosquitada aqui é um inferno." "As três peças estão abandonadas." "Tem muito rato e barata." Na lista, quase desaparecia o aviso: "As duas favelas do bairro escondem dezenas de pontos-de-venda de entorpecentes, especialmente cocaína". Adiante: "'Marquinho' manda na favela de Vigário Geral, a maior e mais perigosa".

Escrevia na imprensa a lenda do foco inviolável de banditismo. Lá dentro, nascia a mitologia inversa, do criminoso tutelar. Dessa época, diz o líder comunitário Nabildo Ferreira de Souza: "Apareceu aqui Marcos Rosa. Viviu em Vigário Geral fazendo assaltos. Mandeí chamá-lo. Ele veio à minha casa cheio de armas. Reclamei que ele assaltava nossa gente. Ele me deu razão. Decidiu que não haveria mais roubo dentro da favela. Só que um tal de 'Zé do Beijo' resolveu roubar um aparelho de televisão. Marcos Rosa o obrigou a devolver. Depois teve um rapaz que tentou estuprar a prima e perdeu um pedaço do dedo".

Ainda havia posto policial na favela. Ele foi suprimido nos anos 80, ao mesmo tempo em que começavam a sair no jornal notícias sobre a guerra entre os traficantes de Parada de Lucas e Vigário Geral e as escaramuças com a Polícia Militar. A vindita entre as favelas é debitada a uma partida de futebol, oito anos atrás, quando a torcida de Parada de Lucas matou o goleiro de Vigário Geral. A ojeriza à PM data de 2 de agosto de 1988, quando soldados do batalhão de Duque de Caxias, disparando de cima da passarela, mataram João Evangelista de Souza, 25 anos, operário.

A ordem desertou a favela. O pátio do Ciep Mestre Cartola está atualmente tomado pelo capim alto, escondendo poços abertos de drenagem cheios de água escura. Por quê? "A



FOTOS PAULO JARES

**Os bandidos brigam entre si**

**mas respeitam a escola**

O Ciep que o professor Alberto Silva dirige tem cicatrizes de tiros na fachada, interior limpo e 83% de aprovações na 1ª série, índice superior à média de aproveitamento escolar na rede do município. O prédio nunca teve vigia e jamais foi roubado. Seus dois bebedouros elétricos e a enceradeira industrial vieram da renda de festas juninas entre as duas favelas que se dizem em guerra. As crianças de Vigário Geral entram por um lado. As de Parada de Lucas pelo outro. Passam o dia juntas. "Aqui faz muito tempo que os meninos pararam de brigar", ele diz.

Comlurb não aparece mais para capinar", alega o diretor, Alberto Silva. Sua antecessora, Ana Maria Bento Mota, diz que, antes de sumir, os garis começaram a aparecer como se fossem para um combate contra o capim da escola. "Vinham num caminhão cheio de homens. Era para fazer o serviço depressa e sair correndo." A precaução insuflava as desconfianças. A PM atiçava os ressentimentos. Passou a invadir ocasionalmente a escola, no meio das aulas, com alunos no prédio, para procurar

**No lugar onde eles se escondem**

esconderijos de bandidos num terraço onde eles jamais estavam. Transformado em escudo nos duelos noturnos entre as

**quadrilhas e em alvo fúrnio das batidas policiais, o Ciep não conseguiu até hoje abrir seu consultório médico, equipado até com autoclave e mesa para exame ginecológico. Falta equipe para inaugurar a sala.**

A debandada dos serviços básicos rendeu Vigário Geral aos traficantes. A Polícia Militar do Rio de Janeiro tem, por isso, duas investigações a afetuar. Primeiro, o que fizeram seus efetivos na noite das execuções. Depois, esclarecer por que, durante anos, considerou impenetrável uma favela onde professores desarmados ensinam e o caminhão de entrega dos biscoitos Piraquê passareligiosamente uma vez por semana, só com um motorista e um ajudante a bordo. No trajeto, que é o mesmo do entregador de gás e de outros fornecedores regulares das biroskas encravadas na Rua Antônio Pimentel, passa por Parada de Lucas. Franqueia assim uma fronteira que a PM considera interdita. É estoca as prateleiras de Vigário Geral com atestados de vida normal. Não é traficante que vende, por exemplo, iogurte demorando.



# Carta denuncia

## mais 8 matadores

LETÍCIA HELENA

Uma carta anônima, deixada ontem na Associação de Moradores de Vigário Geral, denuncia mais oito policiais envolvidos na chacina, entre eles um detetive da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE). O autor da carta contou que, na noite da chacina, estava a cerca de 30 metros do pracinha da favela, que fica na descida da passarela — um dos caminhos utilizados pelos matadores. Protegida pela escuridão, a testemunha escutou uma espécie de chamada feita pelos assassinos, mas gravou apenas oito nomes. Nenhum deles está preso ou teve seu nome apontado nas investigações da chacina.

Os policiais militares citados são dois do 16º BPM (Olaria); dois do 15º BPM (Duque de Caxias); e três identificados apenas como lotados na Estrada do Quitungo. A estrada, que liga Cordovil à Vila da Penha, está na jurisdição de dois batalhões: o 9º BPM (Rocha Miranda) e o 16º

### Traficantes voltam a vender drogas

Oito dias após a chacina, advogados e políticos deixaram a Favela de Vigário Geral e os traficantes recobram a liberdade para vender entorpecentes até à luz do dia. Durante toda a semana passada, o movimento foi fraco e os viciados tiveram que recorrer aos pontos de venda da Favela de Parada de Lucas. Ontem, enquanto os moradores se preparavam para aproveitar o dia de folga, aviões (vendedores ambulantes de cocaína e maco-nha) trabalhavam, armados com metralhadoras e fuzis.

O tráfico já havia ensaiado voltar ao normal anteontem, mas as duas missas de sétimo

BPM — cada um num trecho. Possivelmente, esses três homens são policiais de trânsito. O presidente da Associação de Moradores de Vigário Geral, Nahildo Ferreira de Souza, pretende entregar a carta à diretora do Departamento Geral de Polícia Especializada (DGPE), delegada Martha Rocha.

— O autor da carta diz que não pode se identificar por questões de segurança, mas vamos tentar descobrir quem é para que ele possa depor, em total sigilo — afirmou Nahildo.

A carta foi deixada sobre uma mesa na sede da Associação de Moradores, possivelmente no domingo, e estava endereçada a Nahildo. O autor lembra que não conseguiu entender o que os assassinos conversavam, porque todos falavam baixo. Porém, segundo a testemunha, eles gritaram os nomes na hora de indicar que caminho cada um deveria seguir. A testemunha também afirma ter visto pelo menos 30 homens encapuzados reunidos na pracinha da favela, pouco antes de a matança começar.

dia — uma celebrada pelo cardeal-arcebispo do Rio, dom Eugênio Sales, e outra realizada na quadra da escola de samba Balança de Lucas — impediram os traficantes de voltar à ativa. Ontem, porém, até a bandeira preta que cobria a inscrição CV (Comando Vermelho) na principal boca-de-fumo de Vigário Geral foi retirada.

Receptivos durante a semana passada, os traficantes ficaram arredios e passaram a exibir suas armas em sinal de advertência contra a presença de estranhos na favela. Todos usam metralhadoras e fuzis.

### Sobrevivente já suspeitava de capitão

Antes mesmo de a Polícia desconfiar do envolvimento do capitão Aginaldo Pirassol Ruas, do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope), na chacina de Vigário Geral, o sobrevivente E. já tinha suspeitas sobre o policial. Tanto que, na quinta-feira passada, ao saber que Pirassol seria o responsável por sua transferência do Hospital Getúlio Vargas para a casa de parentes, em Niterói, ele conseguiu avisar a família sobre sua desconfiança, mudando o roteiro previamente combinado para sua saída do hospital.

Inicialmente, após ter alta, E. daria uma entrevista coletiva, e, em seguida, seria levado para Niterói. Porém, quando soube que Pirassol faria a transferência, E. pediu para ir primeiro ao 16º BPM (Olaria). No hospital, ficou registrado que ele havia sido levado para o batalhão.

— Possivelmente, quando deu entrevistas dizendo que os traficantes eram responsáveis pela chacina, o E. já estava desconfiado. Talvez estivesse até sendo pressionado pelo policial — observou um amigo de E.

Apesar da mudança de planos, E. ficou sumido entre 13h30m — quando saiu do hospital — e 17h, quando dois defensores públicos, advogados e moradores de Vigário Geral o encontraram no 16º BPM. E. ainda não contou o que aconteceu nesse período, mas no batalhão foi determinado que outro policial, o tenente Monteiro, o levasse para o esconderijo. O presidente da Associação de Moradores de Vigário Geral, Nahildo Ferreira de Souza, lembra que nem a família sabia que E. iria ao 16º BPM:

— Ninguém sabe por que ele foi ao 16º BPM.

# Arma matou menores e favelados

CLÁUDIO RENATO

A polícia já dispõe de indícios de que pelo menos um revólver calibre 38 foi utilizado na chacina de 21 moradores da Favela de Vigário Geral e na matança dos oito menores na Candelária, ocorrida em 23 de julho, segundo fontes do Instituto de Criminalística Carlos Eboli (ICCE). O confronto balístico de um projétil encontrado na Candelária com outro recolhido em Vigário Geral, feito por técnicos do ICCE, levanta a suspeita de que os dois massacres podem ter tido um mesmo comando paramilitar. Preparado desde o começo da semana, o laudo provisório só não foi divulgado oficialmente porque o diretor do ICCE, Mauro Ricart Ramos, e a chefe do Setor de Balística, Maria da Graça Monteiro, ainda não avalizaram o documento com suas assinaturas.

O exame de confronto de balística — feito com a comparação

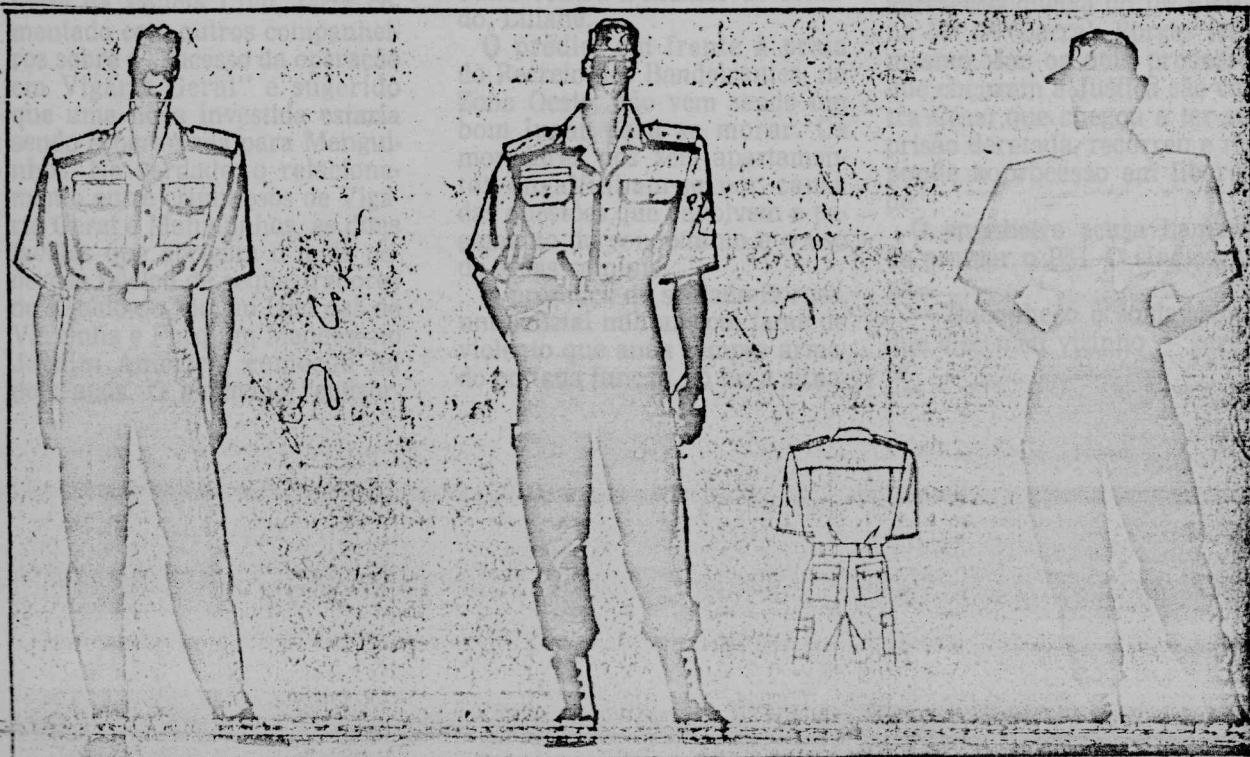
de ranhuras e estrias dos projéteis analisados — poderá corroborar uma tese do Governo do estado de que os dois crimes teriam sido planejados com fins políticos. A Polícia Técnica, porém, ainda não tem elementos para incriminar os PMs presos no Batalhão de Choque e suspeitos de terem participado da matança em Vigário Geral.

De acordo com o diretor do Departamento Geral de Polícia Técnica e Científica (DGPTC), Talvane de Moraes, das 26 armas apreendidas até ontem, 22 já haviam sido periciadas e submetidas a confronto de balística. Nenhum exame feito até agora apresentou resultado positivo, segundo Talvane. Até ontem, já haviam sido examinados nove revólveres calibre 38, um revólver 22, quatro pistolas 380, duas pistolas 7,65, uma pistola 9 milímetros, uma pistola 6,35, um fuzil semi-automático AR-180, uma espingarda calibre 12 (escopeta), uma garrucha 320 e uma garrucha 22.

## Bege deverá ser a cor das novas fardas

A Polícia Militar já definiu as duas opções de modelos dos uniformes da corporação. Entre oito sugestões apresentadas por uma fábrica paulista, o comando da PM escolheu os de tons mais claros. O novo uniforme deverá ser todo bege. Embora os estudos para a mudança dos uniformes tenham sido iniciados no início do ano, somente em maio os primeiros modelos foram apresentados ao governador Leonel Brizola.

Segundo o relações-públicas da Polícia Militar, coronel Abílio Faria, não há um prazo definido para a adoção do novo uniforme. Primeiramente, os modelos escolhidos serão reapresentados a Brizola, que vai determinar qual deles será usado pela corporação. Só então será feita uma licitação para a compra dos novos uniformes.

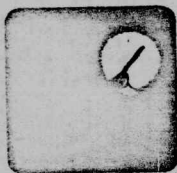




# Matadores de Vigário Geral planejam outra chacina

CLÁUDIO RENATO

Entusiasmados com a repercussão alcançada pela chacina e insatisfeitos por não terem matado o traficante Flávio Pires da Silva, o Flávio Negão, os matadores de Vigário Geral articularam, na semana seguinte ao massacre, uma outra operação clandestina nas favelas de Manguinhos e da Varginha, em Bonsucesso, onde os traficantes de Vigário também costumam se esconder. A operação só não aconteceu porque policiais da Chefia de Polícia da PM e da Divisão de Defesa da Vida (DDV) conseguiram dismantlar o grupo a tempo. A informação, não confirmada oficialmente, está sendo investigada pela polícia carioca e teria levado para a cadeia, na semana passada, um policial do 9º BPM (Rocha Miranda). Prender Flávio Negão, neste momento, é uma das prioridades da polícia para elucidar a chacina.



O policial preso, segundo uma fonte da Polícia Civil, teria comentado com outros companheiros sobre o "sucesso da operação em Vigário Geral" e sugerido que uma nova investida estaria sendo programada para Manguinhos. Na verdade, o relacionamento entre criminosos de Vigário Geral e Manguinhos, as duas favelas que abrigam o mais poderoso núcleo de seqüestradores do Estado do Rio, ao lado das de Varginha e Furquim Mendes, no Jardim América, começou há dois anos. O chamado "consór-

cio de seqüestradores" — pelo qual as duas favelas trocavam armamentos e informações sobre pessoas seqüestradas —, que vinha sendo investigado pela Divisão Anti-Seqüestro (DAS), foi confirmado em abril com a prisão de Adlas Ferreira, o Adão, em Santos. Adão, que controlava os seqüestros no Rio a partir da Favela de Vigário Geral, foi preso juntamente com Fábio Pinto dos Santos, o Fabinho, seqüestrador da Favela de Manguinhos.

Cinco policiais civis suspeitos de participação na chacina deverão ser submetidos a reconhecimento das duas testemunhas-chaves, provavelmente hoje, na Corregedoria de Polícia. São eles os detetives Marcos Vinicius, do Instituto Médico-Legal (IML), Jonas, do Departamento Geral de Administração, Luiz Frazão Júnior, Leandro Correia da Silva e William Miel, carcereiro da 39ª DP (Pavuna) e irmão do ex-PM Adriano Miel, o Xuca, também suspeito.

## Soldado está envolvido em briga de vizinhos

O soldado PM Sergio Cerqueira Borges, um dos suspeitos de participação na chacina de Vigário Geral e que se apresentou ao 18º BPM (Jacarepaguá) na madrugada de quarta-feira, está envolvido numa polêmica entre vizinhos. O engenheiro César Marques da Rocha Filho, que acusou Borges de tentar matá-lo, responde a dois processos por tentativa de homicídio: um contra o empresário Francisco Lamarca, também morador do prédio, e outro contra a mulher do soldado, Liliane.

O prédio, em frente à praia do Recreio dos Bandeirantes, na Zona Oeste, não vem sendo um bom lugar para se morar. Os moradores dos seis apartamentos engalfinham-se por causa das questões que envolvem o pagamento do condomínio e o uso de áreas comuns.

A presença do soldado Borges, um policial militar com fama de violento que anda sempre armado por sua função, só fez a situa-

ção piorar. O síndico Lamarca acusa o ex-síndico César de não pagar o condomínio e de ameaçar os outros moradores.

— Esse César está aproveitando a acusação contra o soldado para contar mentiras a respeito de todos os moradores. Ele anda armado e perigoso. Nós vamos expulsá-lo porque ele não paga o condomínio há quase dois anos — diz Lamarca.

O engenheiro, por sua vez, diz que o soldado tentou matá-lo e apresentou queixa no 18º BPM e na 16ª DP (Barra). Borges fez o mesmo. Mas os dois processos que chegam à Justiça são contra César que chegou a ter sua prisão decretada, recorreu e responde ao processo em liberdade.

O engenheiro acusa Lamarca de proteger o PM. O síndico nega.

— Eu conheço o soldado porque ele é meu vizinho — garante.





## IV - AS VÍTIMAS

A manchete do jornal Tribuna da Imprensa foi a que melhor descreveu o perfil das vítimas da chacina: "Só Mataram Trabalhadores" (30/08/93). Esta foi sem dúvida a mais cruel constatação para a fatídica ação dos policiais naquela incursão na comunidade. Nos perguntávamos como aquilo poderia ter acontecido. Parecia um sonho que havia se tornado um terrível pesadelo. A imprensa, na época, tentou veicular que a família de evangélicos tinha envolvimento com um ex-todo-poderoso da comunidade, que a comunidade vizinha de Parada de Lucas tinha sido a mentora de tal atentado. Em nossa concepção, estas foram artimanhas para tentar encobrir pessoas poderosas que realmente tinham dado o aval para aquela trama que acabou sendo o que foi. Em verdade, podemos afirmar hoje que as vítimas foram pessoas mais do que inocentes, insuspeitas.

Apesar de termos perdido vinte e um amigos/irmãos, podemos dizer que os que mais vêm sofrendo com o que ocorreu são as viúvas, que além de terem perdido seus maridos e companheiros estão tendo que arcar sozinhas com as despesas da casa e dos filhos, sem contudo, poder contar com o apoio de qualquer órgão seja governamental ou não-governamental. O fato em si, pela proporção que teve, criou uma descontinuidade na vida das famílias e dos sobreviventes que se torna praticamente impossível calcular os danos morais, físicos e psicossociais. Os moradores da favela até hoje sentem na própria pele a opressão de um sistema que os massacra e explora.

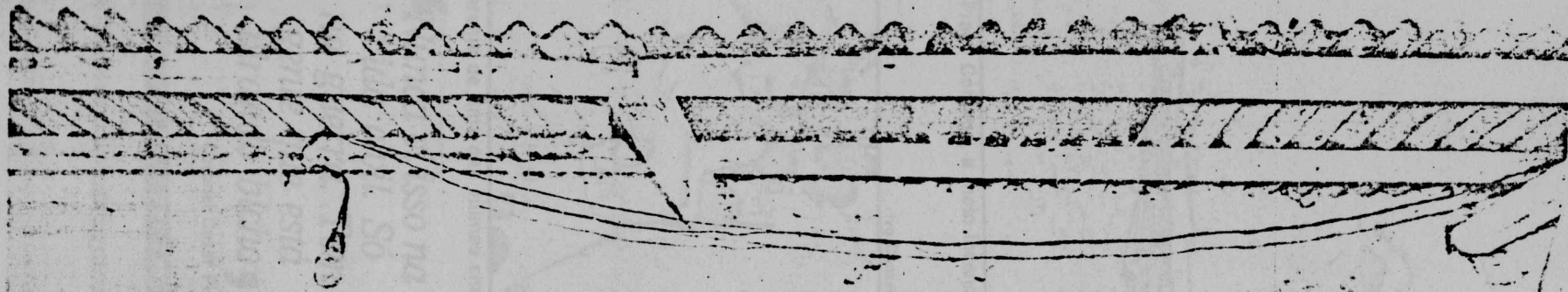
Grupo encapuzado chacina 21 moradores de Vigário Geral

# Só mataram trabalhadores



Os sobreviventes de Vigário Geral, entre atônitos e indignados, contemplavam os corpos mutilados de seus amigos e parentes chacinados madrugada de ontem por um grupo de homens que insinuam





28/08 BRH SIC 6x0  
NA BOLIVIA  
FAVELA PERDE 21 TRACAPALKA

61080-21/08/08

Carlos Ivan



Na Praça Córsega, a moto incendiada pelos matadores; ao fundo, o corpo de Fábio Pinheiro Lau, de 18 anos.

Ivo Gonzalez



Parente de uma das vítimas chora

*Nunca vi isso na vida civil. Só na guerra. Tem gente que está virando bicho*

Coronel César Pinto

Ivo Gonzalez



Dentro da Favela de Vigarão Geral, o corpo de uma das vítimas da chacina



## Mecânico caiu com marmitta do dia na mão

O mecânico Edmilson José Prazeres da Costa, 23, morador na Rua da Prefeitura, no meio da favela, tinha ido à casa da mãe buscar a marmitta de arroz, carne assada e quiabo que levaria ontem para a empresa Zundfolge, em Bonsucesso, onde trabalhava. O gás do butijão havia acabado e ele recorreu à casa da mãe, Aparecida Prazeres, distante 200 metros de sua residência. Na saída, ele se deparou com os matadores que inicialmente implicaram com sua mulher, Rose Maria dos Santos, 25 anos. Depois mandaram que ela seguisse, o levaram a força para uma viela e o assassinaram. Rose Maria ainda viu quando ele, ao ser baleado, segurou o capuz de um dos matadores e o arrancou: "Era um homem negro, lábios grossos, que gritou para que eu não falasse nada e fosse para casa", disse Rose Maria.

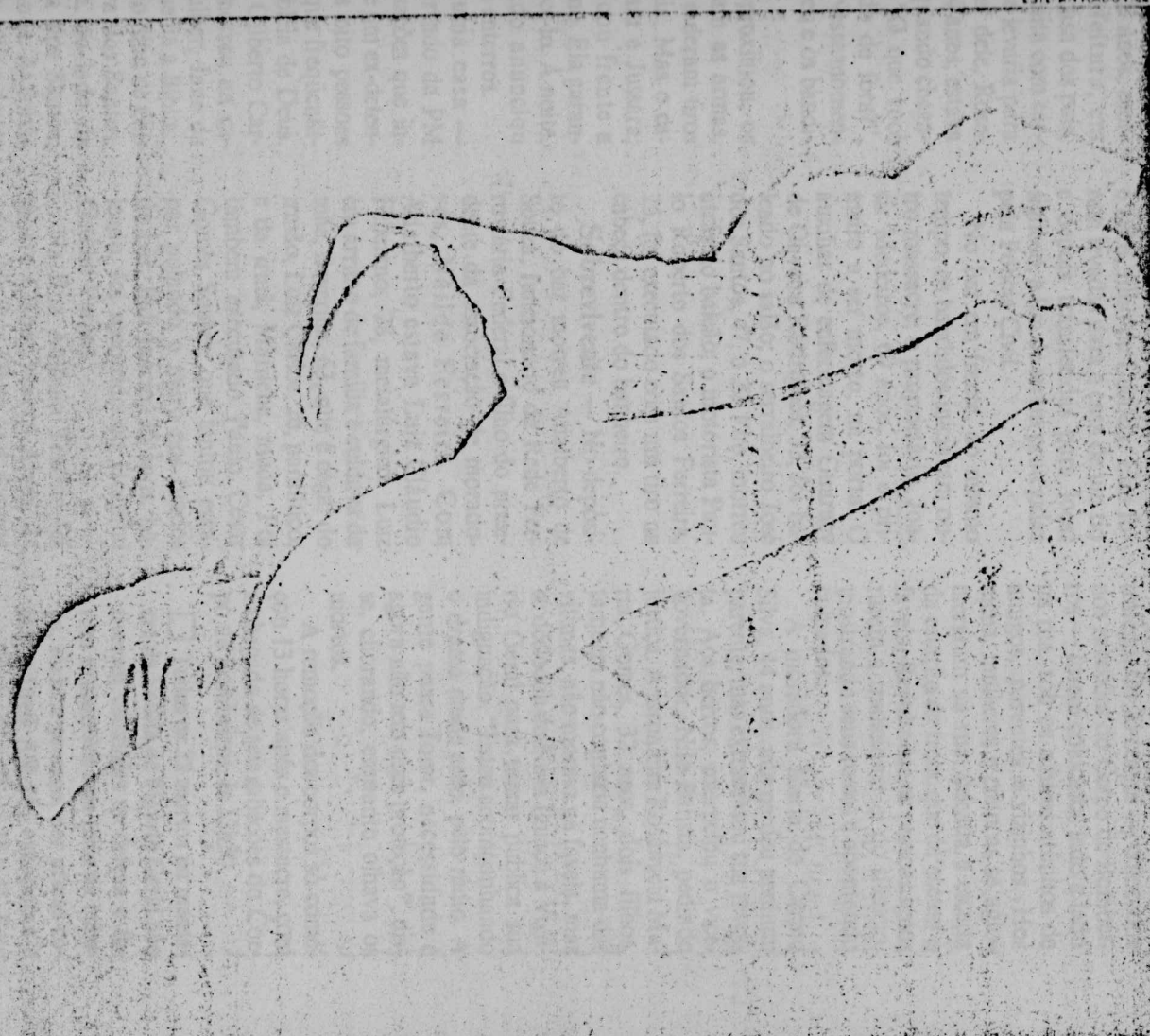
Pai de Juliete Amanda, de 3 anos, e Juliana, de 4, Edmilson trabalhava há mais de um ano na oficina onde lidava com retífica de motores. Casado há seis anos, ele mudou-se da casa da mãe e construiu um barraco no outro extremo da favela. Nascido em Vigário Geral, nunca temeu circular pela comunidade nas altas horas da noite e era conhecido por todos os moradores: "Nunca se meteu com criminosos e vivia para trabalhar", disse a irmã Jussara dos Prazeres.



Edmilson (no detalhe) ainda arrancou o capuz de seu algoz antes de tombar fuzilado numa viela da favela em que nasceu

SAMUEL MARTINS

ESTYAN RADOVICZ



*Imagem de Lucilene, envolta nos lençóis que lhe cobriam o corpo inerte, transmitia a paz que ela sempre buscou na vida*

OSVALDO PRADO



*Os irmãos Luciano e Lucineth foram velados no chão da sala*

## Da festa cristã ao inferno

A família do vigia Gilberto Cardoso dos Santos, 61 anos, e sua mulher Jane, 56, morava há mais de 20 anos na favela e só quebrava a rotina caseira para ir aos cultos evangélicos da Assembléia de Deus no bairro. Lá, no domingo, a caçula Lucilene - faria 16 anos hoje - foi homenageada por ser uma das mais ativas fiéis. Unida na festa cristã, a família encontrou a morte horas depois no inferno de Vigário Geral. Lucilene foi morta no sofá com a irmã Lucinete, 27.

"Esses monstros não atenderam aos apelos de dona Jane. Arrancaram a Bíblia das mãos dela e chacinaram a família", contou, em prantos, um vizinho, mostrando o livro sagrado no chão. Gilberto, dona Jane, a nora Rúbia, 18, e a filha mais velha, Lúcia Silva Santos, 34, a Sinhá, fo-

ram mortos no quarto. O gráfico Luciano Silva Santos, 24, o Niro, e sua irmã Lucinéia, 26, metalúrgica, filhos de Jane e Gilberto, morreram na copa.

Cinco crianças da família foram poupadas. J., de um mês, filha de Lucinete, foi levada pela prima N., 10, com D., 3; A., 4, e V., 5, para a casa de A., testemunha que está sob proteção policial. Segundo A., os criminosos chegaram a discutir sobre o destino das crianças. "Vamos matar também", gritou um, enquanto o outro dizia: "Deixa pelo menos elas". Ao lado da deputada Benedita da Silva (PT), amiga da família e também evangélica, as crianças passaram a noite depondo na Secretaria de Polícia Civil, para a elaboração de retratos falados dos criminosos.



# Assassinos matam jovens e trabalhadores

Assassinos mataram simultaneamente em cinco pontos da favela. Edmilson José



Prazeres da Costa, 23 anos, morreu na Rua da Prefeitura, em frente à varanda da casa dos pais, segurando uma marmita com carne, arroz e feijão que levaria para o trabalho. A mulher dele, Rosamaria dos Santos, 24 anos, estava na entrada da casa quando chegaram os assassinos. "O que você está fazendo do lado de fora?", perguntaram a ela. Nesse momento, Edmilson apareceu e os bandidos o chamaram.

Quando ele se aproximou, os criminosos mostraram as armas, mataram Edmilson e deram tiros na direção da família. Mas o capuz de um deles caiu e Jussara, irmã da vítima, ficou frente a frente com o assassino. Ela garante que pode reconhecê-lo. À noite, o governo do estado anunciou que pagará todos os enterros.

**Crentes** — Num casa — onde o serviço reservado da PM dispunha de informações que indicavam moradia de um ex-detento — foram mortas oito pessoas da mesma família, que frequentava cultos da Assembléia de Deus. O chefe da família, Gilberto Cardoso dos Santos, morreu na cama, ao lado da mulher, Jane da Silva dos Santos, que lia a Bíblia.

Na sala estavam o filho de Gilberto, Luciano Silva dos Santos, 24, o Nito, gráfico, ao lado da irmã, Luciléia Silva dos Santos, metalúrgica de 27 anos. As irmãs Lucilene, de 15 anos, estava deitada no sofá; e Lucinete, de 27, no chão. A mulher de Luciano, Rúbia Silva dos Santos, 18 anos, foi morta no quarto dos sogros. Lúcia Silva dos Santos, 34 anos, também estava no quarto.

**Crianças** — Vizinhos que testemunharam o final da chacina da família contaram que um dos bandidos mandou que as crianças

se cobrissem para serem executadas, mas um dos invasores impediu a execução. As crianças que escaparam são: Jaine, de 1 mês e 15 dias, e Vitor, 5 anos, filhos de Lucinete; Ana, 4 anos, e Núbia, 10 anos, filhas de Lúcia; e Dérico, 6 anos, filho de Luciléia. Elas foram levadas para a casa de um tio e depois transferidas para local sigiloso, a fim de serem protegidas pela Polícia Civil.

No bar em frente, ao mesmo tempo, os bandidos iniciavam outro massacre: o proprietário, Joacir Medeiros, 60 anos, foi o primeiro a ser morto, na porta. O auxiliar de enfermagem Guaracy de Oliveira Rodrigues, 33, foi baleado no salão; o serralheiro José dos Santos, 47, o Zé Vito, morreu atrás do balcão; o motorista Paulo Roberto dos Santos Ferreira, 25, foi executado com um tiro na cabeça dentro do banheiro.

**Sobrevivente** — No depósito do bar morreu Adalberto de Souza, funcionário da Rede Ferroviária Federal e filho do presidente da associação de moradores, Naildo Ferreira. Com Adalberto estava Luiz Cláudio Feliciano, 28, metalúrgico. Luiz era arrimo de família e cuidava da mãe, Severina, 63, que é cega; do irmão, Luiz Carlos, 26, paraplético; e da irmã, Marilene, muda. Foi também executado Paulo César Gomes Soares, que tentou escapar pulando o muro nos fundos do bar. Jádri Inácio, 35 anos, baleado, foi socorrido no Hospital Getúlio Vargas.

Na Rua Antônio Tenório foi morto Cléber Marzo Alves, 24 anos. Na Rua Dona Ana, esquina com a Rua Vila Nova, ficou o corpo de Hélio de Souza Santos, 38 anos. Na Rua Pedro Amaro foram mortos Amarindo Baense, 31 anos, e seu cunhado Clodoaldo Pereira, 23 anos. Eles chegaram a ouvir os primeiros tiros, pensaram numa operação policial e pagaram os documentos. De nada adiantou.

## Corpos velados no meio da rua

Centenas de moradores da Favela de Vigário Geral velaram seus mortos ontem no meio da Avenida Bulhões Marcial, interdita ao tráfego. Os 20 corpos — colocados nos rabeções do Corpo de Bombeiros — foram colocados lado a lado na rua, sob os olhares atônitos de amigos, parentes e vizinhos. Homens, mulheres e crianças se aglomeraram na rua, calçada e escada da estação de trem, que dá acesso à favela. Revoltadas, as pessoas ignoraram a tradicional lei do silêncio, mostrando seus rostos e apontando culpados.

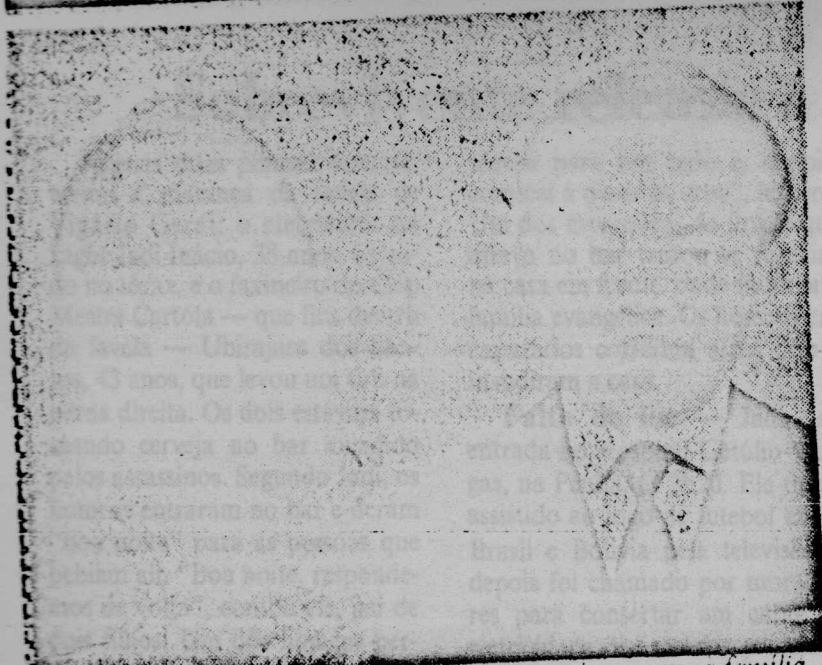
A moradora Maria do Carmo Silva, 44 anos, não perdeu nenhum parente, mas extravassou sua revolta. Aos berros, interpelou o vice-governador, Nilo Batista, pedindo justiça. A jornalista Rosângela Maria Gomes, 32 anos, dois filhos, também não conhecia nenhuma das vítimas, não morava na favela, mas se deslocou de Nova Iguaçu a Vigário Geral para tomar pública sua indignação. "Estou acompanhando o drama desde cedo, pelo rádio. A gente passa fome, necessidade é agora não tem mais proteção", disse, chorando, enquanto olhava os mortos.

A remoção dos corpos só começou 13 horas após o massacre, com a chegada de seis rabeções do Corpo de Bombeiros, às 13h30.

□ Todos os 21 mortos no massacre da Favela de Vigário Geral não tiveram condições de defesa e foram executados com tiros na cabeça, tórax e pescoço, por armas como o fuzil AR-15, escopetas e revólveres de calibres 38 e 45. Está fol a conclusão do laudo preliminar da perícia feita por uma equipe de três técnicos do Instituto Carlos Éboli. O chefe da equipe, Mário Bonfatti, admitiu nunca ter visto cenas tão chocantes, especialmente quando examinaram os oito corpos da família de evangélicos.

**MASSAGRE DE 21 INOCENTES**

Reprodução



Jane e Gilberto eram casados e toram mortos junto com a família

**Mortos eram pessoas com emprego fixo**

Fábio Pinheiro Lau, 17 anos, não morava na favela.

Joacir Medeiros, 60, aposentado pelo INSS, era dono do bar há dez anos. Segundo moradores, era um benemérito que ajudava os necessitados. Morava há 32 anos na favela com a mulher, Iracema, 53, e sete filhos.

Guaracy de Oliveira Rodrigues, 33, auxiliar de enfermagem.

José dos Santos, 47, o Zé Vito, serralheiro.

Adalberto de Souza, 40 anos presumíveis, funcionário da Rede

Ferrovária Federal, filho do presidente da Associação de Moradores.

Luis Cláudio Feliciano, 28, funcionário da Metalúrgica Modenox.

Paulo Roberto dos Santos Ferreira, 25, cobrador de ônibus.

Paulo César Gomes Soares, 35 anos presumíveis, impermeabilizador.

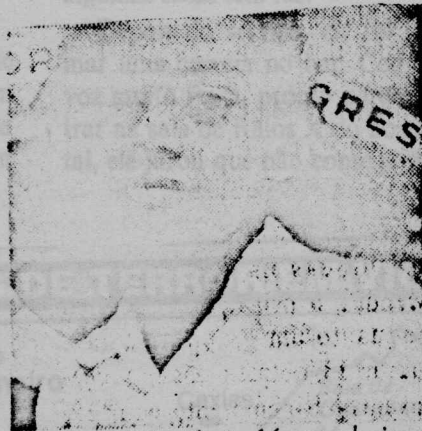
Gilberto Cardoso dos Santos, 61, vigia de um posto de gasolina.

Luciano Silva dos Santos, 24, o Nito, trabalhava na gráfica M.W. Barroso. Filho de Gilberto.

Luciléia Silva dos Santos, 27, metalúrgica. Filha de Gilberto.

Jane da Silva dos Santos, 34, dona de casa. Mulher de Gilberto.

Lúcia Silva dos Santos, a Cinha,



Lucilene Silva faria 16 anos hoje

Lucilene Silva dos Santos, 15, faria 16 hoje. Filha de Gilberto.

Lucinete Silva dos Santos, 27, filha de Gilberto.

Rúbia Silva dos Santos, 18, trabalhava na gráfica com o marido,

Luciano.

Cléber Marzo Alves, 24, servente na Gráfica Miara.

Hélio de Souza Santos, 38, metalúrgico da Modenox.

Amarindo Baense, 31, foi frentista até dois meses atrás no posto Cruzadas, na Avenida Brasil. Segundo a direção do posto, ele trabalhou lá quatro anos com comportamento exemplar.

Edmilson José Prazeres da Costa, 23, mecânico, da Zundfolge, em Bonsucesso.

Clodoaldo Pereira da Silva, 23, auxiliar de expedição da Danone e cunhado de Edmilson.

Feridos:

Ubirajara dos Santos, 43, faxineiro do Ciep Mestre Cartola. Irmão de Zé Vito.

Jadi Inácio, 38, eletricitista da Light.



## Sobrevivente relembra a matança

Apenas duas pessoas sobreviveram à matança da favela de Vigário Geral: o electricista da Light Jadi Inácio, 38 anos, baleado no tórax, e o faxineiro do Ciep Mestre Cartola — que fica dentro da favela — Ubirajara dos Santos, 43 anos, que levou um tiro na perna direita. Os dois estavam tomando cerveja no bar invadido pelos assassinos. Segundo Jadi, os homens entraram no bar e deram “boa noite” para as pessoas que bebiam ali. “Boa noite, respondemos de volta”, contou ele, pai de dois filhos. Um dos homens perguntou se todos que estavam no bar eram trabalhadores e foram informados que sim.

Eles deram as costas, como se fossem sair. “De repente, deram meia-volta e atiraram uma bomba de efeito moral na gente. Cada um

correu para um lado e, depois, comecei a ouvir os tiros”, lembra. Um dos moradores da favela que estava no bar tentou se refugiar na casa em frente, onde morava a família evangélica. Os homens encapuzados correram atrás dele e invadiram a casa.

**Falta de luz** — Jadi deu entrada no Hospital Getúlio Vargas, na Penha, às 3h20. Ele tinha assistido ao jogo de futebol entre Brasil e Bolívia pela televisão e depois foi chamado por moradores para consertar um cabo de electricidade de uma rua próxima, que tinha se rompido e deixado algumas casas sem luz.

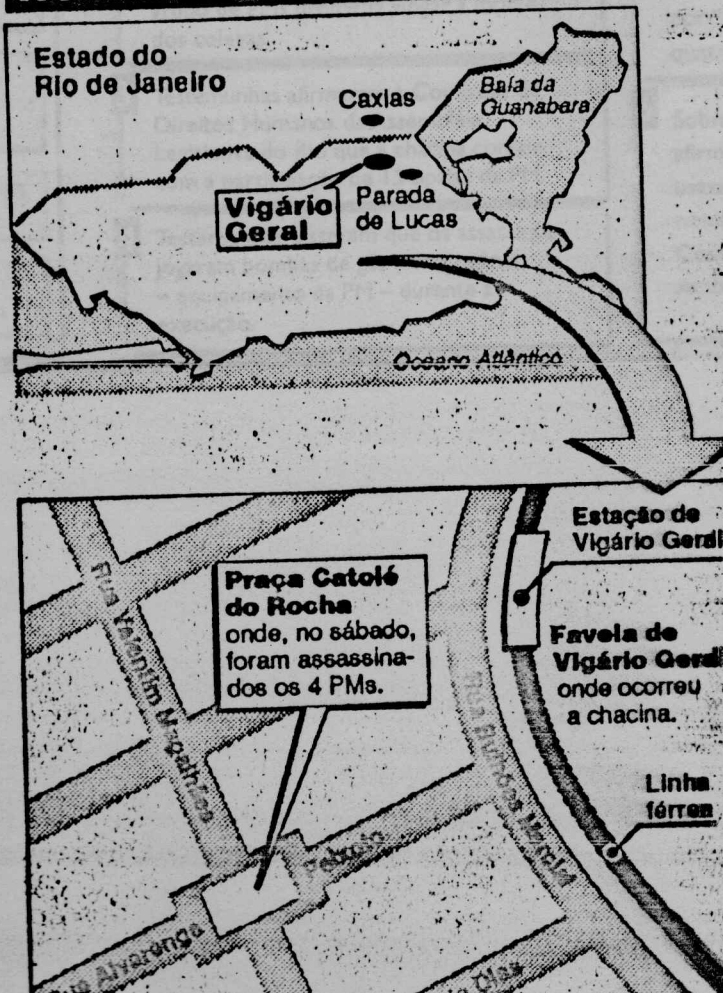
Depois do serviço, ele foi tomar uma cerveja no bar. Com a voz muito fraca, pronto para entrar na sala de Raios X do hospital, ele jurou que não conseguiria

reconhecer os assassinos, já que estavam todos encapuzados. Na tarde de ontem, ele foi operado.

Já Ubirajara dos Santos — conhecido como Bira — só foi socorrido de manhã, porque os moradores tinham medo de sair da favela. Ele estava no bar com o irmão mais velho, José dos Santos, um dos mortos.

Baleado na coxa esquerda, ele teve um feimento no fêmur e deu entrada no Hospital Souza Aguiar, no Centro, às 11h. Ubirajara, que tem quatro filhos, está fora de prisão. No mesmo hospital, às 2h40, foi medicada com três tiros na perna direita uma mulher chamada Salvadora dos Santos, 39 anos, moradora de Vigário Geral. Ela foi liberada pela manhã e a direção do hospital não sabe dizer se ela seria mais uma vítima da chacina.

### HORAS DE TERROR EM VIGÁRIO GERAL



## PERFIL DAS VITIMAS

## No bar:

- 1 Joacir Medeiros, 56, comerciante, dono do bar
- 2 Guaraci Rodrigues, 33, auxiliar de enfermagem
- 3 José dos Santos, 47, serralheiro
- 4 Paulo César Gomes, 35, pedreiro
- 5 Adalberto de Souza, 40, ferroviário
- 6 Luis Cláudio Feliciano, 28, auxiliar-administrativo
- 7 um homem identificado apenas por Paulo, motorista de ônibus

## Na casa em frente:

- 8 Gilberto dos Santos Cardoso, 61, vigia
- 9 Jane Silva dos Santos, 58, dona-de-casa, mulher de Gilberto
- 10 Lúcia Silva dos Santos, 33, costureira, filha do casal
- 11 Lucinéia Silva dos Santos, 27, metalúrgica, filha do casal
- 12 Lucinete Silva dos Santos, 23, funcionária de consultório dentário, filha do casal
- 13 Luciene Silva dos Santos, 16, estudante, filha do casal

14 Luciano Silva dos Santos, 22, gráfico, filho do casal

15 Rúbia dos Santos, 18, gráfica, mulher de Luciano

## Na rua:

- 16 Fábio Pinheiro Lau, 17, estudante
- 17 Cléber Marzo Alvez, 24, sergente
- 18 Hélio de Souza Santos, 38, metalúrgico
- 19 Amarildo Bahiense, 31, frentista
- 20 Clodoaldo Pereira da Silva, 22, industrial
- 21 Edmilson Prazeres da Costa, 23, mecânico

## OS PM ASSASSINADOS

Ailton Benedito Ferreira Santos, 41, sargento, 20 anos na PM. Tinha cinco menções honrosas na corporação.

Clapuan Calixto Caetano, 34, cabo, 11 anos de polícia.

José Carlos Santana, 38, soldado, 13 anos de PM.

Luis Carlos dos Santos, 31, soldado, desde 86 na PM.

## INDÍCIOS APRESENTADOS CONTRA OS PM

- 1 Na véspera da matança, quatro PMs foram assassinados em praça próxima à favela.
- 2 No enterro do sargento Ailton Santos, um grupo de PMs prometia vingar a morte dos colegas.
- 3 Testemunhas afirmaram à Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio que a chacina contou com a participação de 15 opalas da PM.
- 4 Testemunhas disseram que os assassinos jogaram bombas de gás lacrimogêneo - equipamento da PM - durante a execução.

5 O secretário de Polícia Civil, Nilo Batista, disse que está convicto de que a chacina foi feita por PMs. O governador Leonel Brizola afirma que o crime foi motivado por "vingança" por causa da morte dos quatro PMs na madrugada de domingo.

6 Sobreviventes e moradores da favela afirmam que alguns dos matadores usavam fardas da PM e citam nominalmente o soldado Cláudio e cabo César, do 9º BPM, como participantes. Ambos negam.



## Moradores paralisam trens por 5 horas

Os trens da Estrada de Ferro Leopoldina não circularam das 8h às 13h de ontem entre as estações de Caxias e Parada de Lucas. Revoltados com a chacina da madrugada, os moradores da Favela de Vigário Geral fizeram barricadas na Rua Bulhões Marcial, impedindo o trânsito de ônibus e carros de passeio, e paralisaram o tráfego ferroviário. Milhares de pessoas, procedentes da Baixada, tiveram que andar mais quatro quilômetros da estação de Vigário Geral até a Avenida Brasil, onde embarcaram em ônibus procedentes da Zona Oeste em direção ao Centro do Rio.

Os ônibus foram desviados para a Praça Catolé da Rocha depois que os moradores fizeram barricadas na Rua Bulhões Marcial, que é paralela à via férrea e liga Duque de Caxias à Avenida

Brasil. Também foram feitas barricadas nas ruas Alvarenga Peixoto e Correia Dias. O comércio e as escolas que ficam nas ruas próximas à favela fecharam as portas.

Por volta das 9h, o policial ferroviário Nilson dos Santos tentou em vão convencer os moradores a liberarem o tráfego dos trens porque já estava havendo tumulto nas estações de Caxias e Gramacho. Consultado pelo presidente das associações de moradores, um grupo de cerca de 50 manifestantes decidiu não atender o pedido. Eles condicionaram a liberação do tráfego à chegada do secretário de Polícia Civil, Nilo Batista.

A Polícia Ferroviária reforçou a segurança da estação com 15 homens portando armas pesadas. Os trens só voltaram a circular às 13h.

## MAIORIA DAS 21 VÍTIMAS DEIXA EMPREGO E FILHOS PEQUENOS

● **Joacir Medeiros**, 60 anos. Aposentado há cinco anos, era o dono do bar onde foi morto com mais seis fregueses. Foi a primeira das vítimas. Morava na casa 12 da Rua Antônio Mendes. Deixa sete filhos.

● **Guaracy de Oliveira Rodrigues**, 33 anos. Trabalhava como auxiliar de enfermagem no PAM de Del Castilho. Era solteiro.

● **José dos Santos**, o Zé Vito, 47 anos. Era serralheiro.

● **Paulo Roberto dos Santos Ferreira**, 44 anos. Motorista de ônibus da Viação Ideal, estava de licença médica e voltaria ao trabalho ontem. Deixa mulher e uma filha de 13 anos.

● **Adalberto de Souza**, 40 anos. Trabalhava como agente de estação na RFFSA. Era filho de Naildo Ferreira, presidente da Associação de Moradores de Vigário Geral.

● **Luís Claudio Feliciano**, 28 anos. Metalúrgico, trabalhava na Metalúrgica Molderox.

● **Paulo Cesar Gomes**, 35 anos. Trabalhava com impermeabilização de móveis.

● **Luciano Silva Santos**, 24 anos. Gráfico, trabalhava na MW Barroso, na Praça Catolé da Rocha, onde os quatro PMs foram mortos sábado à noite.

● **Luzinete Silva Santos**, 26 anos. Metalúrgica, trabalhava na área de produção da Metalúrgica Molderox.

● **Gilberto Cardoso dos Santos**, 61 anos. Mesmo aposentado, trabalhava como vigia num posto de gasolina e era membro da Igreja da Assembléia de Deus. Estava se recuperando de uma cirurgia no abdôme.

● **Jane da Silva Santos**, 56 anos. Dona de casa, era mulher de Gilberto Cardoso. Morreu abraçada à nora e segurando uma Bíblia.

● **Rúbia Santos**, 18 anos. Mulher de Luciano Silva Santos, trabalhava, como o marido, na gráfica MW Barroso. Mãe de uma criança.

● **Lúcia Silva Santos**, 34 anos. Costureira, deixa uma filha de 10 anos que fugiu levando outras quatro crianças menores.

● **Luciene Silva dos Santos**, 16

anos completados ontem. Era estudante e estava noiva.

● **Lucinete Silva Santos**, 27 anos. Era atendente num consultório dentário, mas estava de licença-maternidade. Deixa órfãs, além do bebê de 1 mês, duas crianças de 3 e 5 anos.

● **Cleber Alves Marzo**, 23 anos. Trabalhava na gráfica Myara, em Vigário Geral.

● **Hélio de Souza Santos**, 38 anos, única vítima que não morava na favela. Era solteiro e estava desempregado. Na noite do crime, tinha trabalhado no bar do Clube União.

● **Amarildo Bahiense**, 31 anos. Gráfico desempregado, era casado.

● **Clodoaldo Pereira**, 21 anos. Era funcionário da Danone.

● **Edmilson José da Costa**, 23 anos. Era mecânico. Implorou para não ser morto por ser trabalhador.

● **Fábio Pinheiro Lau**, 18 anos. Trabalhava como "chapa" (carregador autônomo). Casado, tinha um filho.



# Mortos não tinham ligação com o tráfico

**SERGIO TORRES**

Da Sucursal do Rio

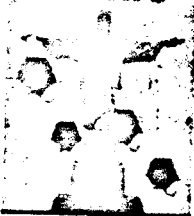
Todos os mortos na chacina de Vigário Geral trabalhavam ou estudavam e tinham endereço conhecido. Nenhum era acusado de integrar a quadrilha de traficantes da favela. Para a população local, o fato de "gente de bem" ter sido morta é um claro indício de que ação da PM foi ato de vingança.

Para cada PM morto, dez favelados mortos. Este recado, segundo os moradores, teria sido dado por PMs ao recolher os corpos dos quatro colegas mortos anteontem. Segundo com o relato, os matadores não procuraram separar trabalhador e "vagabundo". Executaram quem passou pela frente. Eles sequer procuraram os esconderijos dos homens liderados por Flávio Pires da Silva, o Flávio Negão.

A primeira vítima foi o estudante Flávio Pinheiro Lau, 17, que passava de motocicleta pela praça Dois, perto da favela. A seguir, já dentro dela, na rua da Prefeitura, foi morto o mecânico Edmilson Prazeres da Costa, 23, que levava uma marmita.

No bar que há no nº 12 da rua Antônio Mendes foram mortos sete trabalhadores, que jogavam cartas,

## CHACINA NO RIO



bebiam cerveja e comentavam a vitória da seleção sobre a Bolívia. Eles eram o comerciante Joacir Medeiros, 56, o auxiliar de enfermagem Guaraci Rodrigues, 93, o serralheiro José dos Santos, 47, o ferroviário Adalberto de Souza, 40, o pedreiro Paulo César Gomes, 35, o escriturário Luís Cláudio Feliciano, 28, e o motorista de ônibus chamado Paulo.

Na casa dos evangélicos, em frente ao bar, a dona-de-casa Jane dos Santos, 58, morta com uma Bíblia nas mãos. O pai, Gilberto dos Santos, 61, era vigia. A filha Lúcia, 33, costureira de fábrica. Lucinete, 23, secretária de um consultório de dentista, foi morta quando tentava fugir pelos fundos. Lucinéia, 27, trabalhava numa metalúrgica. Luciano, 22, e sua mulher, Rúbia, 18, trabalhavam numa gráfica. Luciene, que iria fazer 16 anos ontem, estudava na Escola Municipal República do Líbano.

Cinco crianças que estavam na casa tiveram a vida poupada por um dos líderes da matança. As crianças já estavam com cobertores nas cabeça quando foi dada uma contra-ordem. Núbia, 10, Vítor, 5, Ana Cristina, 4, Déric, 3, e Jaine, um mês, moravam com as mães, tios e avós, todos frequentadores da igreja evangélica Assembléia de Deus, no bairro.

Pastor da Assembléia de Deus, Guaraci Costa, 45, foi à casa onde morreram os fiéis. "É tudo muito triste. É o apocalipse", afirmou.

Colaborou **FERNANDO MOLICA**, da Sucursal do Rio.



# Sobreviventes ajudam identificação

Da Sucursal do Rio

Pelo menos dois sobreviventes da chacina de Vigário Geral poderão ajudar na identificação dos matadores. O electricista da Light (companhia de energia elétrica) Jadir Inácio, 38, que levou um tiro no peito, está internado no hospital Getúlio Vargas, na Penha (zona norte do Rio). Ubirajara Santos, 43, foi baleado na coxa esquerda e está internado no hospital Souza Aguiar (centro). Ele afirmou ter medo de novo ataque dos matadores caso fale sobre o caso.

Inácio disse que, pouco depois da meia-noite de domingo, estava com mais oito pessoas em um bar na entrada da favela de Vigário Geral quando pelo menos dez homens encapuzados entraram e perguntaram se todos "eram trabalhadores". Segundo ele, mesmo diante da resposta afirmativa das pessoas, os homens jogaram uma bomba de efeito moral e começaram a atirar.

O sobrevivente Inácio afirmou que acredita que os homens queriam matar todos que estavam no bar. Pouco antes de ser operado para extração da bala, por volta das 13h, Inácio disse que imaginava que um amigo seu, Bira, que também estava no bar, conseguira sobreviver.

Inácio se referia a Ubirajara Santos, 43, que foi levado para o PAM (Posto de Atendimento Médico) de Irajá (zona norte) e transferido para o hospital Souza Aguiar (centro), onde está internado. Ele foi baleado na coxa esquerda e sofreu fratura do fêmur. Foi feita uma cirurgia para limpeza do ferimento e ele passa bem.

## Medo

Segundo a diretora da divisão médica do Souza Aguiar, Luiza Nahmias, Santos está com muito medo e pediu para que ninguém estranho entrasse na enfermaria para falar com ele. Ele teme represálias dos matadores, caso

fale sobre o crime. Até as 15h, não havia sido providenciada proteção policial para o sobrevivente, que também não foi procurado por parentes.

Marlúcia Pereira da Silva, moradora da favela de Vigário Geral, disse não ter dúvidas de que a chacina foi cometida por policiais militares. "Foi vingança", disse, referindo-se ao assassinato, na madrugada de sábado, de quatro PMs. Entre os mortos estão Clodoaldo Pereira da Silva, 22, irmão de Marlúcia, e Amarildo Bahiense, 31, seu cunhado. Clodoaldo, segundo ela, trabalhava na Danone e Amarildo, em um posto de gasolina.

Marlúcia disse que os assassinos também roubaram os relógios que Amarildo e Clodoaldo usavam na noite de domingo. Ela afirmou que seu irmão, ao ouvir os tiros, pensou que havia uma batida policial na favela e chegou a pegar seus documentos antes de sair. Segundo ela, Clodoaldo ainda chegara a avisar a sua mãe que iria dormir na casa de Amarildo.



Moradores de Vigário Geral velam vítima do massacre

## No sepultamento, lembrança dos 15 anos

O vestido branco era a recordação da festa de debutante — ontem, Luciene Silva dos Santos completaria 16 anos. A ornamentação também foi feita com palmas brancas e uma única rosa vermelha junto ao coração. O choro dos amigos trazia a marca da revolta. Aguardado desde as 12h, o enterro da estudante — uma das vítimas da chacina de Vigário Geral, assassinada com outros sete membros de sua família — no Cemitério de Irajá, foi acompanhado por mais de 200 pessoas, que carregavam cartazes e flores brancas, cantando sem parar hinos da Assembléia de Deus, da qual a adolescente era adepta.

Algumas colegas de Luciene na 8ª série do Primeiro Grau da Escola Municipal República do Líbano, que compareceram uniformizadas, passaram mal e precisaram ser amparadas. Mesmo aos prantos fizeram questão de acompanhar todo o cortejo — o último dos oito membros da família, todos enterrados em gavetas próximas. Diante do caixão, o pastor Francisco José da Silva,

da Assembléia de Deus, leu um pequeno trecho da Bíblia e lembrou aos presentes que naquele momento Luciene já estava na companhia de Deus.

O corpo dela foi o último a chegar ao cemitério, por volta das 16h30m. Os outros sete caixões família já estavam numa das alamedas. Os oito enterros foram pagos pela gráfica M.W.Barroso, onde trabalhavam duas vítimas, Luciano Silva Santos e Rúbia Santos, respectivamente irmão e cunhada de Luciene. A empresa também conseguiu ônibus para os moradores da favela poderem chegar a Irajá. Os fiéis da Assembléia de Deus foram em peso. Um dos mais emocionados era o namorado da menina, Luiz Sebastião de Araújo. Os dois estavam juntos há pouco mais de um mês, embora fossem amigos de infância.

— Eu a deixei em casa às 23h25m. Meia hora depois, já estava morta. O sonho dela era casar e constituir família. Eu já estava pensando nisso também — contou Luiz.

## Brizola quer caixas de som para PMs ouvirem instruções

O governador Leonel Brizola adiantou ontem uma das providências que pretende adotar como parte do "choque disciplinar" que será imposto à PM: os policiais deverão, todas as manhãs, ficar perfilados nos pátios dos batalhões, ouvindo as instruções de seus comandantes.

— Vamos arrumar umas potentes caixas de som, de tal modo que as palavras entrem ouvido adentro (...) Se não puder reunir todos de manhã, então uma parte de manhã e outra à tarde — disse Brizola, ao explicar o que julga ser uma medida disciplinadora.

O governador reagiu às sugestões de intervenção federal e de extinção da PM:

— Esta é uma instituição de grande conteúdo histórico e de grande importância para a população. Quando ela apre-

senta problemas como este, devemos fazer tudo para ajudá-la a sanear-se.

Segundo ele, policiais civis e seguranças particulares, que também costumam integrar grupos de extermínio, podem ter participado da chacina. Sem detalhar outras medidas, o governador disse que cobrará mais rigor dos comandantes dos batalhões e admitiu que poderá haver troca no comando de algumas unidades. A situação do secretário de Polícia Militar não ficou esclarecida. Ao ser perguntado se o coronel Cerqueira seria exonerado, Brizola respondeu:

— Necessariamente não.

O governador criticou os que dão "conselhos irresponsáveis", citando o sociólogo Herbert de Souza, que defendeu a dissolução da PM.

## Cinco horas e meia de cortejos fúnebres

Durante cinco horas e meia, 20 cortejos fúnebres cruzaram na tarde de ontem as alamedas do Cemitério de Irajá, onde o choro e os gritos de desespero dos parentes e amigos dos mortos na chacina da Favela de Vigário Geral eram constantes em meio a uma multidão que esteve no local. Na véspera, também fora enterrada ali outra vítima do massacre: o carregador Flávio Pinheiro Lau, de 18 anos.

As crises de nervos, os desmaios e os gritos de protesto contra a "chacina" deram o tom dos enterros assistidos por pessoas humildes, na maioria moradores de Vigário Geral, que comandavam, revoltados, a noite de terror na favela. O garçom Laércio Alves, irmão do operário Clodoaldo Pereira, de 21 anos, e cunhado de Amarildo Bahiense, de 31, ambos assassinados no massacre, dizia como os moradores das comunidades carentes podem reagir às agressões da polícia:

— A única maneira de um pobre lidar com a polícia é correr quando ela chega. É preciso botar o Exército na rua. Se o Governo não acabar com a violência, o país vai acabar.

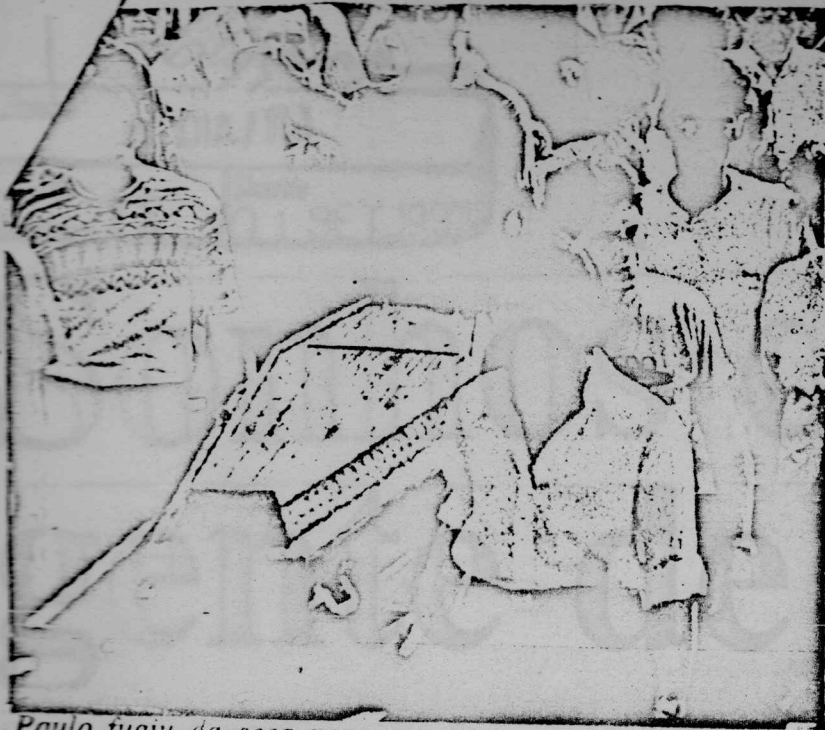
O coveiro Aurino Carmo da Cunha, de 59 anos, um dos 13 que trabalharam dobrado ontem para preparar as 20 sepulturas, se emocionou e fez um discurso contra a violência. Ele disse que, em 33 anos na profissão, nunca vira nada igual. A deputada Benedita da Silva (PT) chorou durante o sepultamento dos últimos corpos, às 17h30m. Eram oito pessoas de uma mesma família de evangélicos.

A menina Alessandra, de 7 anos, emocionou a todos quando leu um bilhete que escreveu para o pai, o auxiliar de enfermagem Guaracy de Oliveira Rodrigues, de 33 anos, uma das vítimas do massacre: "Pai, gosto muito de você. Um abraço. Eu te amo. Ave Maria". Um rapaz teve uma crise de nervos durante os enterros de Clodoaldo e Amarildo. O estado de alguns corpos, muito inchados, impediu o fechamento de caixões.

Poucos corpos foram velados nas capelas do cemitério. A maioria foi diretamente do Instituto Médico-Legal (IML) para Irajá. A dona de casa Maria Menezes Corrêa, de 66 anos, sofreu uma crise nervosa e passou a gritar pedindo ajuda de padre Cícero. Moradores de Vigário Geral comentavam que "assassinos da polícia" estavam presentes ao cemitério.

— Por favor, não tirem fotos de mim. Há seis meses um filho meu de 17 anos também foi assassinado na favela. Disse um





Paulo jogou da seca para a morte

## Da seca à favela, atrás da esperança

O deslumbramento com a "cidade grande" fez a família de Paulo Roberto dos Santos Ferreira, 43 anos, sair de Campina Grande, na Paraíba, há 24 anos, em busca de uma vida melhor que o sofrimento com a seca. Amarga ilusão do pai Elídio Miguel Ferreira, compartilhada com os colegas de trabalho de Paulo Roberto, motorista de ônibus da Viação Ideal S.A.. Trabalhando há dois anos na empresa de transportes coletivos, ele dirigia sempre na linha 696, que liga o Méier ao Dendê, na Ilha do Governador, sede da viação. Estava de licença médica por cinco dias, devido a um problema de estômago, e deveria voltar ao trabalho na segunda-feira.

Mais velho de cinco filhos, Paulo Roberto recebia como pagamento um piso salarial da categoria, cerca de CR\$ 20 mil. Um salário baixo mas que supria a vida humilde de quem gastava sua horas de folga no convívio terno com a mulher e dois filhos. Paulo Roberto só poderia ser bom empregado, motorista e companheiro de trabalho. Em seu enterro, vários amigos de trabalho compareceram uniformizados, já que a empresa também dispôs funcionários para acompanhar o sepultamento no Cemitério de Irajá, ontem.

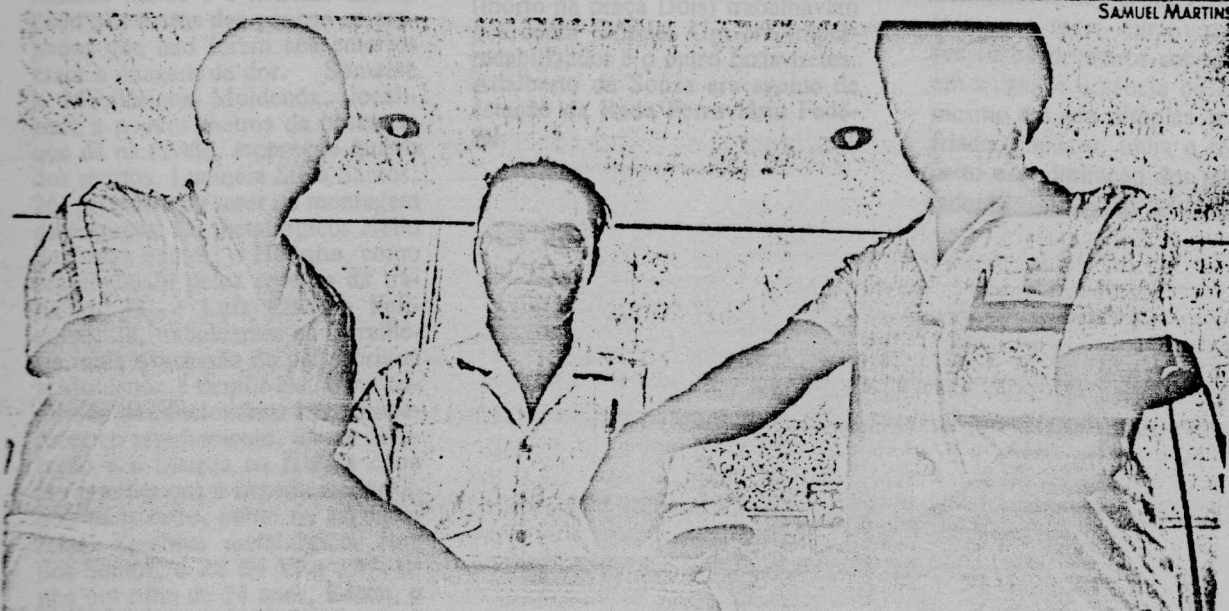
## A ilusão de um futuro melhor :

"Quando ouvi a notícia da chacina pelo rádio, tive medo de que um dos meus colegas estivesse entre as vítimas. Coração de amigo não se engana. Senti naquela hora que tinha perdido algum conhecido". Com os olhos cheios d'água, a frentista Maria José Medeiros de Oliveira, 22, falou de Amarindo Baiense, 31, colega de trabalho no Posto e Garage Cruzada, no Mercado São Sebastião.

"Me deu muita pena", lamentou a gerente do estabelecimento, Zuleide Fragoso, 45. Depois de trabalhar pouco mais de quatro anos no posto, Amarindo queria futuro melhor. "Ele pediu para ser demitido porque tinha conseguido oportunidade de trabalho melhor", contou Zuleide. "Como frentista, ninguém tem muito futuro", admitiu ela. "Ele queria ser gráfico", completou. Funcio-

nário "mais ativo" do posto, era Amarindo o responsável pelo estabelecimento na ausência dos patrões. "Ele sempre resolvia todos os problemas"; acrescentou Zuleide. Trabalhador, o ex-frentista fazia horas-extras com frequência. Hoje estaria ganhando CR\$ 18 mil, o piso da categoria. "Sempre fez tudo com boa vontade", lembrou a gerente.

Alegre, ajudava a todos que precisavam. "Era ótima pessoa", afirmou Maria José. Todos os funcionários do posto ficaram chocados com a notícia. "Somos como uma família. Aqui, o trabalho é o nosso segundo lar", comentou Maria José. Além de Amarindo, moram em Vigário Geral quatro funcionários do posto. O mais amigo de Amarindo era Jorge Lufs, que foi liberado mais cedo para ir ao enterro.



SAMUEL MARTINS

# Sonhos de gente de bem

ELAINE GAGLIANONE

Se ter uma carteira de trabalho assinada era até agora uma garantia de ser poupado da violência policial, na madrugada de domingo para segunda-feira não engrossar as estatísticas de desemprego nada significou para a maioria das vítimas do massacre no Parque Proletário, em Vigário Geral. Foi pouco depois de terem pedido as carteiras de suas vítimas que os assassinos jogaram uma bomba de efeito moral e metralharam nove pessoas dentro do bar de Joacir Medeiros, 60 anos. As únicas que não trabalhavam eram Lucilene Silva Santos, 15, e sua mãe Jane, 56.

Humildes, eles só queriam trabalhar e viver. Unanidades em seus empregos, eram considerados pessoas amigas e bons funcionários. A maioria trabalhava próximo ao local onde morava, o que agitou ainda mais o clima na segunda, nas proximidades da favela. Ontem o ritmo normal não havia sido retomado em nenhuma das empresas onde as vítimas trabalharam. Corredores vazios e o lamento estampado nos rostos dos poucos empregados que não foram aos enterros eram a imagem da dor. Somente a Metalúrgica Moldenox, localizada a poucos metros da passarela que dá na favela, empregou quatro dos mortos. Lucinéia Silva Santos, 26, pertencia ao setor de montagem da empresa. Os metalúrgicos Hélio de Souza Santos, o Helinho, como era chamado pelos colegas de trabalho, 38, e Luiz Cláudio Feliciano, 28, trabalharam na serralheira, mas a recessão do país obrigou a Moldenox a demiti-los. Uma comissão de funcionários iria comparecer ao sepultamento, mas a desolação e a tristeza na fábrica eram tão grandes que o expediente terminou mais cedo, como na segunda-feira. Também metalúrgico, José dos Santos, o Zé do Vito, 47, tinha um filho de 24 anos, Edson, o mesmo tempo em que trabalhava na Metalúrgica, em Duque de Caxias.

Da família do vigia de um posto de gasolina, Gilberto Cardoso dos Santos, 61, quase todos passaram pelo mesmo local de trabalho. A gráfica M.W.Barroso Silk Screen ficava na praça Catolé do Rocha, onde quatro policiais militares foram mortos na véspera da chacina. Além de Luciano Silva Santos, 24, e de sua mulher Rúbia, 18, também Lucineth Silva Santos, 28, já havia trabalhado lá, assim como Amarindo Baiense, 31, por dois anos. Depois de deixar a gráfica, Amarindo foi ser frentista.

Empregar-se em uma gráfica foi também a opção de Cléber Marzo Alves, 24. Há menos de um ano ele era servente da empresa Myra, próxima à praça. O salário mínimo que recebia como pagamento era pouco, mas o bastante para garantir sua honestidade. Clodoaldo Pereira, 23, era auxiliar de expedição da fábrica de laticínios Danone. Especialista em retífica de motores, Edmilson José Prazeres da Costa, 23, era funcionário da oficina Zundfolge, em Bonsucesso. Paulo César Soares e Fabio Pinheiro Lau (morto na praça Dois) trabalhavam por conta própria. Um era impermeabilizador e o outro fazia fretes. Adalberto de Souza era agente de estação da Rede Ferroviária Federal.

## Um 'médico' na comunidade

O auxiliar de enfermagem Guaraci de Oliveira Rodrigues, 33 anos, é a única das 21 vítimas do massacre de Vigário Geral a ter passagem na Polícia por ter se envolvido em um atropelamento, em 1988. O caso sequer foi para nos corredores da Justiça. Apenas foi instaurado inquérito por lesão corporal (artigo 129, parágrafo 6. do Código Penal) e a acusação foi arquivada. Todos os outros 20 nomes nunca estiveram envolvidos em uma ocorrência.

Funcionário do Posto de Atendimento Médico (PAM) de Duque de Caxias, do INAMBI, ele não trabalhava dentro da comunidade. Era considerado o "médico" da comunidade do Parque Proletário por fazer curativos e prestar os primeiros socorros em casos de urgência ou até mesmo em um simples resfriado. Por isso, tinha o respeito e a admiração dos moradores.



## Família de operário se desespera

"Milson, não vai embora não. Fica mais um pouquinho". O desespero e a revolta de amigos e parentes fizeram com que o enterro de Edmilson dos Prazeres da Costa, 23 anos, fosse o mais dramático. O operário, executado ao lado da marmitta, morreu para salvar a mulher Rose, 19, e a filha Juliete, 3 anos, abordadas pelos assassinos na noite do massacre.

O corpo de Edmilson havia sido levado para o cemitério de Inhaúma, junto com o de Cleber Marzo Alves, mas os moradores pressionaram a Santa Casa de Misericórdia para sepultá-los em Irajá, ao lado das outras vítimas do mas-

sacre. O primo dele, Osvaldo da Costa, reclamou da ornamentação: "Estão jogando flores para o alto, como se fosse um casamento".

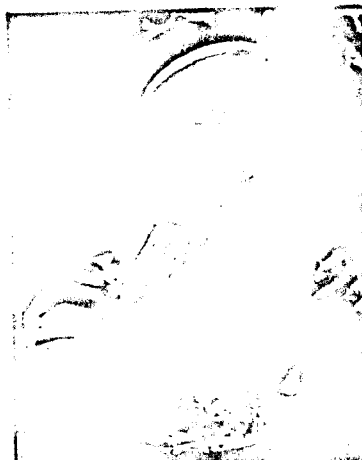
A pedidos de parentes e amigos inconformados, a tampa do caixão do operário foi levantada para um último adeus. A mãe de Edmilson, Aparecida dos Prazeres, não se conteve e desmaiou. O pai João Pires da Costa, 48 anos, era a imagem da desolação. "Ele estava juntando dinheiro para comprar uma casinha. Era uma jóia que eu tinha em casa". O enterro aconteceu às 17h10, 40 minutos após chegar ao cemitério, na catacumba 443.

## Um bilhete de amor no caixão

"Pai, eu gosto muito de você. Beijos. Abraços. Ave Maria. Alessandra". Com o bilhete nas mãos, a pequena Alessandra Lourenço Rodrigues, 6 anos, filha do auxiliar de enfermagem Guaraci Rodrigues, deu ontem, no Cemitério de Irajá, um depoimento comovente sobre o assassinato do pai, na Favela de Vigário Geral.

Aninhada nos braços do tio Daniel da Silva Lourenço, ela mostrou o bilhete para ser colocado no caixão do pai e, entre lágrimas, falou sobre a perda: "Foi uma noite que eu nunca vou esquecer. Eu estava em casa dormindo na hora que tudo aconteceu. Eu acho isso um terror. Eu gostava muito do meu pai", disse em prantos.

Em frente às câmeras de televisão, ela mostrou o bilhete e toda vez que repetia a mensagem escrita para o pai, caía em



Alessandra: noite inesquecível

prantos e buscava refúgio junto ao tio. "Nós não vimos nada, mas ouvi um tiro, assovios e eles passando. Eles rondaram minha casa por três vezes. Foi uma noite de terror", repetia Daniel da Silva Lourenço, também morador da Favela de Vigário Geral.

## Dez ônibus levam moradores

O medo e a indignação estavam no rosto dos moradores. Pelas ruas, becos, travessas e entradinhas que formam o corpo da favela, todos se preparavam para o sepultamento das vítimas da chacina. Homens, mulheres e crianças não escódiavam a revolta.

As 11 horas o posto de gasolina Marcial, na Rua Bulhões Marcial, virou pátio de estacionamento. Mais de dez ônibus de diversas empresas transportavam os moradores que iam para o sepultamento

era de um ônibus atrás do outro.

Um diretor da Associação de Moradores do Parque Proletário de Vigário Geral organizava a entrada nos coletivos. Várias faixas pedindo Justiça eram amarradas nos ônibus. Um dia depois a dor e a revolta eram as mesmas. E por pouco os ânimos não se exaltaram quando um carro - o de nº 520405 - do 9º Batalhão passou pela Rua Bulhões Marcial, as portas entreabertas e os soldados exigindo ostensivamente

amplo

Clipping

DIA/R:

08

OUT SET 1993

# O adeus com orações

**H**oje, no seu aniversário, o nosso adeus. Em vez de festa, a caçula da família evangélica do vigia Gilberto Cardoso dos Santos, Lucilene Silva Santos - que faria ontem 16 anos - recebeu homenagens póstumas no Cemitério de Irajá. Carregando palmas brancas e cartazes com mensagens cristãs, o grupo de jovens da igreja Assembléia de Deus de Vigário Geral, freqüentado por ela desde pequena, se uniu para rezar pela moça e seus sete parentes assassinados. Os corpos foram velados por meia hora ao ar livre.

A abertura de cada caixão provocava reações de desespero nas centenas de pessoas que foram ao cemitério, levadas por ônibus cedidos por pelo menos oito empresas. Os corpos dos pais Gilberto e Jane, 61 anos, foram colocados lado a lado. Os filhos Lúcia, 34, Lucinete, 27, Lucinéia, 26 e Luciano, 24, além

de Lucilene e da nora Rúbia, 18, foram enterrados ao mesmo tempo que o casal. Responsável pela disposição dos caixões, o coveiro Aurino Carneiro da Cunha, 55, se comoveu com a cena - vários corpos estavam deformados - e improvisou um discurso aplaudido por todos.

"Em 33 anos, nunca vi uma coisa assim. Isso revolta", disse Aurino, um dos 18 funcionários do cemitério mobilizados para os enterros, que passaram do horário de fechamento, às 17 horas. Comovidos com a leitura de um versículo da bíblia lido pelo pastor Francisco José durante o breve velório de Lucilene, os presentes se preocupavam com o destino das cinco crianças sobreviventes da chacina, entre elas o filho de Lucinete, J., de um mês de idade.



simplo

Clipp

0 DIA/R

16 SET 1966

# Lucilene

## eu te amo

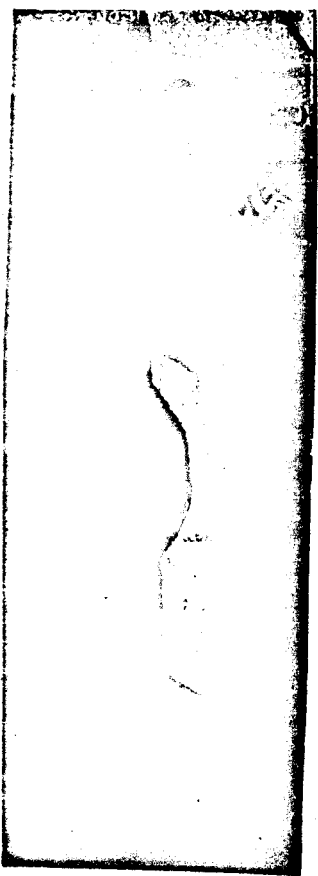
▼ TIM LOPES E  
CÍAUDIO VIEIRA

S emear o bem através de músicas evangélicas, casar e ter filhos. Se tivesse uma lâmpada maravilhosa como a de Aladin, seriam esses os três pedidos mágicos que Lucilene da Silva Santos faria ao gênio. Mas, enquanto dormia na noite de domingo, no sofá da sala de uma humilde residência da favela de Vigário Geral, três balas de grosso calibre atravessaram-lhe o corpo e os sonhos, levando-a para junto de Deus. Com ela também foram assassinados os pais, os quatro irmãos e uma cunhada, integrantes de uma família que dividia o seu tempo entre o trabalho e o respeito ao próximo, pelos caminhos da religião.

Se tudo estivesse correndo normalmente, em vez de seu corpo descer à terra, ontem, Lucilene comemoraria o seu aniversário. Morena bonita, recatada, dedicada nos estudos e nos afazeres da casa, ela completaria 16 anos. Certamente, não haveria mais do que um bolinho e um janta de refresco para dividir a alegria com os amigos do Grupo Lírios do Vale, da Igreja Nova Canaã, do qual ela se orgulhava em ser a solista. O primeiro pedido do bolo, não há quem duvide, seria para o guitarrista Luciano dos Santos, 16 anos, o seu namorado.

Foi em companhia de Luciano, um dos sete filhos do pastor Sebastião Elias e a quem conhece desde a infância, que Lucilene passou a maior parte do domingo, quando houve um dia inteiro de confraternização entre a comunidade evangélica da Igreja Nova Canaã. Cantaram, participaram do culto, de palestras voltadas à mocidade e só deixaram o templo por volta das 21 horas, quando o rapaz levou-a para casa. Uma hora depois, após as despedidas, Luciano já estava no meio da rua quando Lucilene o chamou: "Você não está se esquecendo de nada?"

Luciano sorriu, beijou-lhe a testa e, em seguida, a mão. Horas depois, de sua casa, a 800 metros de distância, o rapaz ouviu a fuzilaria que fazia lembrar as guerras que passam no noticiário da tevê. O barulho vinha do outro lado da favela, onde morava a namorada. Sentiu pavor, e ao mesmo tempo, muita vontade de estar ao lado dela. Quando o dia nasceu soube que Lucilene e a família estavam mortos.



Quando dormia,  
Lucilene  
qu  
igreja

ou-se o  
da dor

## Era a voz mais bela dos Lirios do Vale

Apesar do domingo amanhecer como um dia alegre de verão, havia um clima de expectativa entre os moradores da Favela de Vigário Geral. Na noite anterior, quatro policiais militares foram atraídos a uma emboscada e assassinados por traficantes. Esperava-se uma contra-ofensiva a qualquer momento e, nas biroscas vazias, nem o jogo do Brasil era motivo para atrair os frequentadores de sempre.

As atividades na Igreja Nova Canaã corriam à margem da violência. Encerrava-se a 21ª Confraternização daquela Assembléia de Deus, com a escola bíblica dominical. O Grupo Lirios do Vale apresentava canções evangélicas e, como sempre acontecia, a voz de Lucilene se destacava das demais. A música sempre foi a sua maior paixão. Ao contrário de outras jovens que sonham em brilhar nos palcos feéricos das casas noturnas, ela se contentaria apenas em gravar um disco de músicas evangélicas. Não escondia esse desejo de ninguém.

Lucilene sentia-se tão bem na igreja que nem foi almoçar em casa naquele dia. Comeu no anexo do templo, na residência

de Jorge Alves de Souza, 35 anos, casado com uma das irmãs de Luciano, seu namorado. "Ela era uma pessoa tão educada que queria tirar os sapatos para entrar na casa de minha irmã", conta o rapaz.

Depois do almoço, os jovens da Assembléia de Deus participaram de uma competição musical, a atração maior de todos os domingos. Os que melhor cantassem os hinos evangélicos ganhariam prêmios: o primeiro lugar receberia um elefê; o segundo, um chaveiro; o terceiro, uma bíblia.

Lucilene tirava sempre em primeiro lugar - conta Lúcia, regente do coral e uma das irmãs de Luciano. Só que no domingo, dando prova de grande humildade, Lucilene resolveu não competir para dar chance de outros ganharem.

Às 21 horas, a solenidade era encerrada. Lá fora, a goleada do Brasil arrefecera o clima criado pela morte dos quatro PMs e trazia de volta os torcedores aos bares. Na Nova Canaã, coincidentemente, coube a Lucilene a honra de segurar o Pavilhão Nacional na conclusão da jornada evangélica.

## Vingança se engana e bate em porta errada

A educação que Lucilene trouxe do berço se deve à vida criada de seus pais. O vigia Gilberto Cardoso dos Santos, 40 anos, passou noites a fio tomando conta de postos de gasolina para dar o conforto que podia à mulher, Jane da Silva Santos, 56, aos filhos e aos netos.

Anos atrás, a família era vizinha da do pastor Sebastião, e entre ambas havia uma coisa em comum além da fé em Deus. Os cinco filhos do pastor (o gráfico Luciano, a médica Lucinéia, a costureira Lucina, Lucineth e Lucilene) tinham as iniciais L, o mesmo acontecendo com os do pastor Sebastião, Lucília, Lucilene, Luceni, Luís, Luciano, Lucas e Luciene). Lucilene, filha do vigia, passou a frequentar a Assembléia de Deus levada pelas mãos do irmão Luciano, marido de seu namorado.

Os namorados Lucilene e Luciano eram amigos desde a infância, mas só resolveram unir

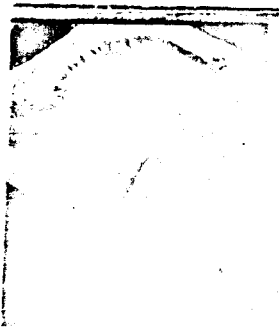
se após o casamento. Sim, eu a amava muito" - desabafa Luciano.

A religiosidade que estreitava os laços entre as duas famílias era reforçada pelas palavras do pastor. Dos filhos do vigia, a que se dedicava mais às atividades da igreja era Lucilene.

No ano passado, acabou a vizinhança mas permaneceu a amizade entre os dois grupos. Com muito esforço, Gilberto dos Santos conseguiu comprar uma casa melhor, na Rua Antônio Mendes, 13, principal da favela.

Na noite de domingo, dormiam na casa Gilberto, a mulher, os cinco filhos, a nora Rúbia e cinco netos. Quando os encapuzados invadiram o imóvel atirando com fuzis, pistolas e revólveres de grosso calibre, alguns nem tiveram a chance de acordar. As cinco crianças conseguiram pular o muro e escapar para a casa de uma vizinha.

Certamente, os invasores imaginavam estar levando as



Lucilene era uma aluna aplicada da Escola República de Liberdade. Ela nasceu em Vigário Geral, em 1958, e morreu em 1993, aos 35 anos, vítima de uma jointa matada por seus pais que buscavam a comemoração da igreja. Ela era filha do vigia e o irmão do gráfico do Vale.

Esquema



# Desespero e revolta em seis horas de enterros em Irajá

Revolta, desespero e ausência de autoridades marcaram ontem os enterros de 20 dos mortos de Vigário Geral. Nenhum representante dos governos federal, estadual ou municipal foi às seis horas ininterruptas de sepultamentos no Cemitério de Irajá, na Zona Oeste. Cerca de três mil moradores da favela revezaram-se nos cortejos. A primeira vítima, Fábio Pinheiro Lau, de 17 anos, também foi o primeiro enterrado, às 14h30 de anteontem, no mesmo local.

Os moradores voltaram a acusar a PM e vão pedir indenização ao estado. "A culpa é do *Russão*", desabafou um deles, referindo-se ao PM conhecido da área por suas investidas "terroristas". O presidente da Associação de Moradores, ~~Najido Ferreira~~, defendeu a intervenção federal, enquanto Lidio Ferreira, sargento do Exército e ir-

mão do motorista Paulo Roberto Santos Ferreira, 44, foi além: "O Brasil precisa de um Hitler".

A Associação de Moradores obteve junto à Fetranspor 14 ônibus. Também apareceram favelados dos morros Chapéu Mangueira, Dona Marta, Matinha, Cabritos, Pedreira e Grotão. A vereadora Jurema Batista e a deputada federal Benedita da Silva, ambas do PT, foram consolar as famílias.

Os enterros de ontem começaram às 11h45, com o de Clodoaldo Pereira da Silva, 22, e o de Amarildo Bahiense, 31, cujas famílias dispensaram a ajuda do governo estadual. Cada uma pagou CRS 18 mil por uma cova rasa.

Depois dos sepultamentos de José dos Santos, 47, e de Hélio de Souza Santos, 38, às 13h e às 14h, os dirigentes da Associação de Moradores souberam que os de Edmil-

son Prazeres da Costa, 23, e de Cléber Marzo Alves, 24, que seriam em Inhaúma, haviam sido transferidos para Irajá para todas as vítimas ficarem juntas. Os caixões de Edmilson, Paulo César Gomes Soares, 34, e dos oito evangélicos entraram abertos nas gavetas. Aparecida Prazeres da Costa, mãe de Edmilson, desmaiou.

"Agora dizem que eles vão voltar e que só faltam dez pessoas por cada PM morto", contou Elaine Maria, 20 anos, amiga de Clodoaldo, que foi perseguida pelos matadores. "Perdi um amigo, não só um filho", chorava Joselina Santos, 73, mãe de José dos Santos.

Hélio de Souza Santos, fazia biscates e morava na Rua Xavier Ribeiro, em Vigário Geral. "Ele era meu padrasto, mas não morava com a gente", contou Marcelo Pereira, 17.

## Evangélicos sepultados

Cerca de 300 pessoas participaram do sepultamento do casal de evangélicos — Gilberto Cardoso dos Santos, de 61 anos, e Jane da Silva dos Santos, 54 anos — e de seus filhos e nora, entre cânticos religiosos e pronunciamentos dos pastores da Assembléia de Deus. "Há uma esperança, que não é o governador ou as autoridades, para dar um basta a esta situação de hoje: Deus", proclamou o pastor Francisco José da Silva, da Assembléia de Deus de Cordovil, entre aplausos e gritos de Aleluia de seus fiéis.

O pastor Hermes Almeida Guimarães, da Assembléia de Deus de Madureira e que mora perto de Vigário Geral, contou que ouviu assovios no final da noite de domingo. "Pouco de-

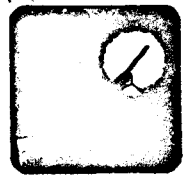
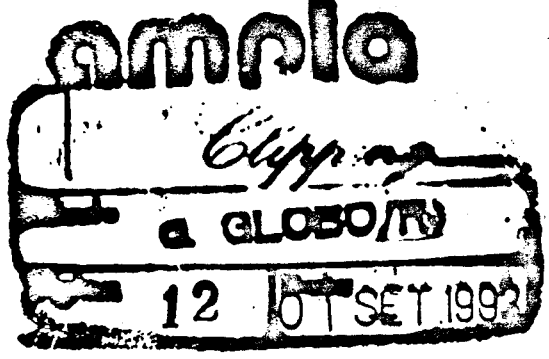
pois ouvi os tiros. Tirei meus quatro filhos do beliche e os coloquei no chão", relatou.

Um dos momentos mais comovedores foi o enterro de Lucienne da Silva Santos, que ontem estaria completando 16 anos. "Ela costumava brincar com minha filha e pertencia ao conjunto jovem *Lirio dos Vales*", lamentou Hermes Guimarães.

Rúbia Silva dos Santos — casada com o gráfico Luciano Silva dos Santos, 24 anos, e nora de Gilberto —, deixou uma filha, Taiane, de um ano e três meses, que ficou sua mãe, Lídia Moreira da Silva. Lídia não foi ao enterro porque estava passando mal. Toda a família foi enterrada no Cemitério de Irajá.

### Menina lê bilhete para o pai morto

Com apenas 6 anos, a menina Alessandra de Oliveira Rodrigues, filha do auxiliar de enfermagem Guaracy Rodrigues, 33 anos, morto na chacina, demonstrou ter noção das dimensões da tragédia da qual tomara parte. Chorando muito, no colo do tio Daniel da Silva Lourenço, irmão de Guaracy, Alessandra leu um bilhete de despedida para o pai e, apesar dos soluços e das lágrimas, não gaguejou. "Pai, gosto muito de você. Beijinhos, abraços e Ave Maria", leu Alessandra, que em seguida desabalou em novos soluços. "Gostava muito do meu pai, agora quero ficar com o meu tio", disse no colo de Daniel.



Brizola promete ajuda às famílias dos que foram assassinados na chacina de Vigário Geral

# Governo indenizará parentes das vítimas

Parentes das vítimas da chacina da Favela de Vigário Geral serão indenizados pelo estado, segundo afirmou ontem o governador Leonel Brizola. O procurador-geral da Defensoria Pública, José Carlos Tórtima, disse ontem que as pessoas poderão procurar a Defensoria Pública, na Rua Buenos Aires 68, 28º andar, no Centro, para se habilitarem à indenização. Ele acredita que o processo será rápido.

José Carlos Tórtima não quis antecipar valores, mas explicou que as indenizações têm sido calculadas com base no salário e na expectativa de vida das vítimas. Segundo ele, a Justiça tem considerado para efeito de indenização uma expectativa de vida de 65 anos.

Tórtima lembrou que a Defensoria Pública já atuou no acidente com a grade da arquibancada do Maracanã. Segundo o procurador-geral cerca de 80 pessoas, entre sobreviventes e parentes de vítimas da tragédia, receberam indenização por danos morais e danos materiais. Em casos

específicos, a indenização incluiu também verba para tratamento médico. No caso do Maracanã, as pessoas fizeram acordo com o estado. Elas receberam a indenização de uma só vez, cerca de dois meses depois do acidente.

O advogado João Tancredo, que atua no caso Bateau Mouche, disse ontem que os parentes de vítimas da chacina deveriam optar pelo acordo com o estado, por ser mais rápido. Segundo ele, uma ação de indenização na Justiça poderia durar até dez anos.

João Tancredo citou como exemplo o caso de uma chacina cometida por policiais militares no teleférico de Nova Friburgo, em setembro de 1989. Parentes das cinco vítimas da chacina que tinham entrado com ação de indenização contra o estado optaram recentemente pelo acordo. Segundo ele, cada parente de vítima receberá cem salários-mínimos a título de danos morais e passará a receber mensalmente uma pensão do estado.

## Parentes querem processar o estado

Parentes das vítimas que passaram a manhã de ontem tentando liberar os 20 corpos levados para o Instituto Médico-Legal (IML) afirmaram ontem que pretendem responsabilizar judicialmente o estado pela chacina. O Governo do estado, que custeou os enterros de 18 pessoas — orçados em cerca de CR\$ 550 mil — pretendia encaminhar 12 vítimas para o Cemitério de Irajá e as outras seis para o de Inhaúma. As famílias protestaram e todos os corpos acabaram sendo levados para Irajá.

Revoltadas com a tragédia, as famílias de Clodoaldo Pereira da Silva e Amarildo Bahiense não aceitaram que o estado pagasse os enterros, preferindo arcar com as despesas. O presidente da Associação de Moradores, Naldo Ferreira, de 65 anos, que perdeu na chacina o filho Adalberto, de 40, disse que vai processar o estado. Adalberto, morto em frente a uma birsca, deixou um casal de filhos, de 5 e 9 anos.

# Moradores fogem da favela com medo de morrer



Dezenas de moradores da Favela de Vigário Geral abandonaram ontem seus barracos em busca de novo endereço. Assustados com a violência do massacre e temendo que os assassinos possam voltar para eliminar possíveis testemunhas, famílias inteiras recolheram parte da mobília e deixaram suas casas. "Quando a coisa acalmar, volto para buscar o restante e vender meu barraco", disse uma mulher que não quis se identificar, acrescentando que ia para a casa da mãe, em Brás de Pina, de onde saiu há 17 anos, quando casou-se.

Ainda traumatizada com a morte

dos 21 moradores, a favela viveu um dia anormal. Parte do comércio, escolas e creches não funcionaram. As ruas ficaram praticamente vazias e varias casas exibiam panos pretos na fachada em sinal de luto. Técnicos da Telerj e funcionários da Light percorriam as vielas reparando orelhões e lâmpadas danificadas pelos matadores.

Nivaldo Ingrácio da Silva, alfaiate e dono de uma birosca, mora há sete anos na favela de Vigário Geral e há três tenta vender seu barraco: "Quero CR\$ 30 mil, mas acho que está muito caro. As pessoas olham, gostam, mas não compram." Na grade da janela ele mantém um cartaz em que, além do

anúncio de venda, está escrita a frase Paz meu Deus.

Ademilde Carlos Magalhães, 38 anos, também deixou sua casa, mas alegando problemas médicos. "Sofro de hipertensão e esta chacinha elevou minha pressão arterial para as alturas", disse, em tom de brincadeira. Ela voltou à casa na Rua Antônio Mendes, onde morava há 18 anos, para buscar o resto das roupas do marido, o carpinteiro Pedro Magalhães, e dos seis filhos. Acostumada com a vida dura da favela, a falta de saneamento e de esperança, Dona Ademilde reconheceu: "Nunca vi tamanha brutalidade neste lugar."

ESTEFAN RADOVICZ



Na passagem da Rua B. Inês Maurício, moradores saíram correndo e com medo de morrer.



# OAB dará parecer sobre indenização

Parentes de dez vítimas da chacina de Vigário Geral prestaram depoimento ontem no posto-volante da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-Rio) que está instalado na sede da Associação de Moradores da favela. A entidade vai entregar a cada família interessada em receber indenização pelo assassinato de seus parentes um parecer sobre o valor que o estado deverá pagar, se ficar comprovada a culpa de policiais militares. Os advogados de plantão no posto vão ficar na favela até amanhã.

O presidente da OAB-Rio, Sérgio Zveiter, que inaugurou o serviço ontem, disse que o parecer dará às famílias uma noção de quanto elas teriam direito a receber do estado, facilitando a negociação do valor da indenização com a procuradoria-geral da Defensoria Pública. Segundo Zveiter, as famílias poderão receber assistência jurídica da OAB-Rio para entrar na Justiça contra o estado, caso não haja acordo entre as partes.

Zveiter explicou que as indenizações variam de acordo com o grau de parentesco do beneficiário com a vítima, a atividade profissional e a expectativa de vida da vítima. O parecer — que também será submetido a um especialista em responsabilidade civil — deverá ser entregue aos parentes dia 13. As informações prestadas pelas famílias vão fazer parte de um relatório a ser entregue ao ministro da Justiça, Maurício Corrêa, e ao presidente do Conselho Federal da OAB, José Roberto Battochio.

## Governador critica pedido da OAB

O governador Leonel Brizola considerou uma ofensa a decisão do Conselho Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, seção Rio de Janeiro, que anteontem aprovou um pedido de afastamento dos secretários de Polícia Civil, Nilo Batista, e da Polícia Militar, coronel Nazareth Cerqueira. As críticas do governador foram dirigidas principalmente ao presidente da OAB-RJ, Sérgio Zveiter, chamado por Brizola de conservador.

— Já esperava uma mordida desse lado. Esse senhor Zveiter é uma expressão do conservado-

rismo local (...). Onde estão suas credenciais para achar que o governador deve demitir ou conservar um secretário? — afirmou Brizola.

A OAB-RJ é hoje uma instituição a serviço do conservadorismo, segundo o governador, que não pretende sequer analisar o pedido.

Onze conselheiros da OAB defenderam o pedido de afastamento dos secretários e outros dez tentaram aprovar um pedido de intervenção federal para a área de segurança do estado. O pedido não passou por um voto.

## Duas crianças estão sem proteção

Duas das cinco crianças que sobreviveram à chacina da Favela de Vigário Geral não estão recebendo proteção policial. No dia seguinte à matança, elas foram retiradas da favela por parentes e levadas para local desconhecido. Apenas as outras três, que saíram de Vigário Geral com ajuda de parlamentares, estão escondidas e têm sua segurança garantida por ordem do secretário Nilo Batista.

O destino desses sobreviventes é incerto: dois ficaram órfãos e deverão ser criados por uma tia, a única parente próxima que escapou da morte. A outra criança ainda tem pai, mas a família não sabe onde encontrá-lo, porque ele estava separado da mãe — vítima da chacina — há mais de cinco anos.

O bebê de um mês foi levado pelo pai, com quem deverá ficar definitivamente. Outra criança, M., também está sob a proteção do pai, da avó e de tias: ainda muito traumatizada, M., permanece escondido numa casa longe de Vigário Geral. Mesmo assim, tem procurado saber notícias do

resto de sua família.

— M. viu a foto da Luciener morta no jornal. Tentamos convencê-la de que ela estava apenas dormindo. Não adiantou: M. começou a chorar e disse que era mentira, que ela estava morta — contou o pai da criança.

O rapaz, que tem apenas esse filho, estava separado da mulher. Agora, o pai da criança sobrevivente pensa em ir embora: ele não acredita ter segurança para criá-la em Vigário Geral.

— Passar na porta da casa onde a família morava vai ser sempre uma lembrança horrível. E não temos garantias de que os assassinos não vão voltar — observou.

● EXÉRCITO — O chefe do Centro de Comunicação Social do Exército, general Gilberto Serra, disse ontem que o Exército está preparado para assumir, a qualquer momento, o comando da PM do Rio de Janeiro. O governador Leonel Brizola teria que solicitar o auxílio formalmente.

## Uma relação de amizade muito incômoda e perigosa

### Família do vigia conhecia Rambo desde pequeno

KIANE GONÇALVES E LETÍCIA HELENA

Até a madrugada da chacina, todas as vezes que policiais entravam na Favela de Vigário Geral, três lugares eram revistados: a birosca no número 12 da Rua Antônio Mendes, a casa de número 13 da mesma rua e um outro imóvel, próximo aos dois primeiros. Nesses endereços, policiais procuravam, respectivamente, uma boca-de-fumo, a casa de um traficante e um depósito de armas. Uma busca sem fundamento. Francisco Antônio da Silva, o Chiquinho Rambo, realmente morou no número 13, mas está preso em Bangu I há dois anos. O bar nunca foi ponto de venda de drogas. No suposto depósito de armas, vivem, há mais de dez anos, apenas dois irmãos. Na madrugada de segunda, sete homens foram assassinados na birosca e oito evangélicos na casa.

Quando comprou a casa da Antônio Mendes, o vigia Gilberto Cardoso dos Santos sabia da fama de maldito que acompanhava o imóvel. Mas não se incomodou: vivendo há mais de 30 anos na favela, ele considerava o traficante quase como um filho. Chiquinho Rambo era amigo de infância das filhas do vigia. As famílias Santos e Silva foram vizinhas por mais de duas décadas.

O irmão de Gilberto, Adalberto Cardoso dos Santos, de 42 anos, contou que, desde a mudança da família, há pouco mais de um ano, pelo menos quatro vezes a polícia invadiu a casa, buscando Chiquinho. O vigia não se cansava de explicar que o traficante não vivia mais ali.

— Meu irmão conhecia o Chiquinho desde criança. Todos foram criados juntos e o Chiquinho considerava minhas sobrinhas como irmãs. Mas era apenas uma velha amizade — observou Adalberto.

Antes de comprar a fortaleza do traficante — que tem um muro de mais de dois metros

e duas saídas por ruas diferentes — as 13 pessoas da família do vigia se espremiavam em um barraco de madeira de um único cômodo, na Rua José Paulino, em parte menos nobre da favela. Por isso, mudar para uma casa de alvenaria foi a realização de um sonho antigo da esposa de Gilberto, Jane, também assassinada. Agora, os sobreviventes não sabem o que farão com o imóvel. Ontem, foi feita uma faxina e foram retirados eletrodomésticos e roupas.

O morador do suposto depósito de armas ainda está apavorado com a chacina. Sua casa fica em posição estratégica em

relação à birosca e à residência dos evangélicos. Na madrugada de tragédia, os assassinos foram até esse imóvel e tentaram arrombar o portão. Uma única pessoa dormia na casa e não respondeu, levando os matadores a acreditar que o imóvel estava vazio. O morador, que também é evangélico, contou que por quatro vezes precisou mostrar documentos e permitir que policiais revistassem sua casa. A justificativa para a batida era a mesma: o imóvel seria o depósito de armas dos traficantes da favela.

— Não consigo vender a casa, mas vou embora de qualquer jeito. Estou com muito medo — disse o morador.

12 DIA/RJ

12

03 SET 1993

# Miedo esvazia a escola

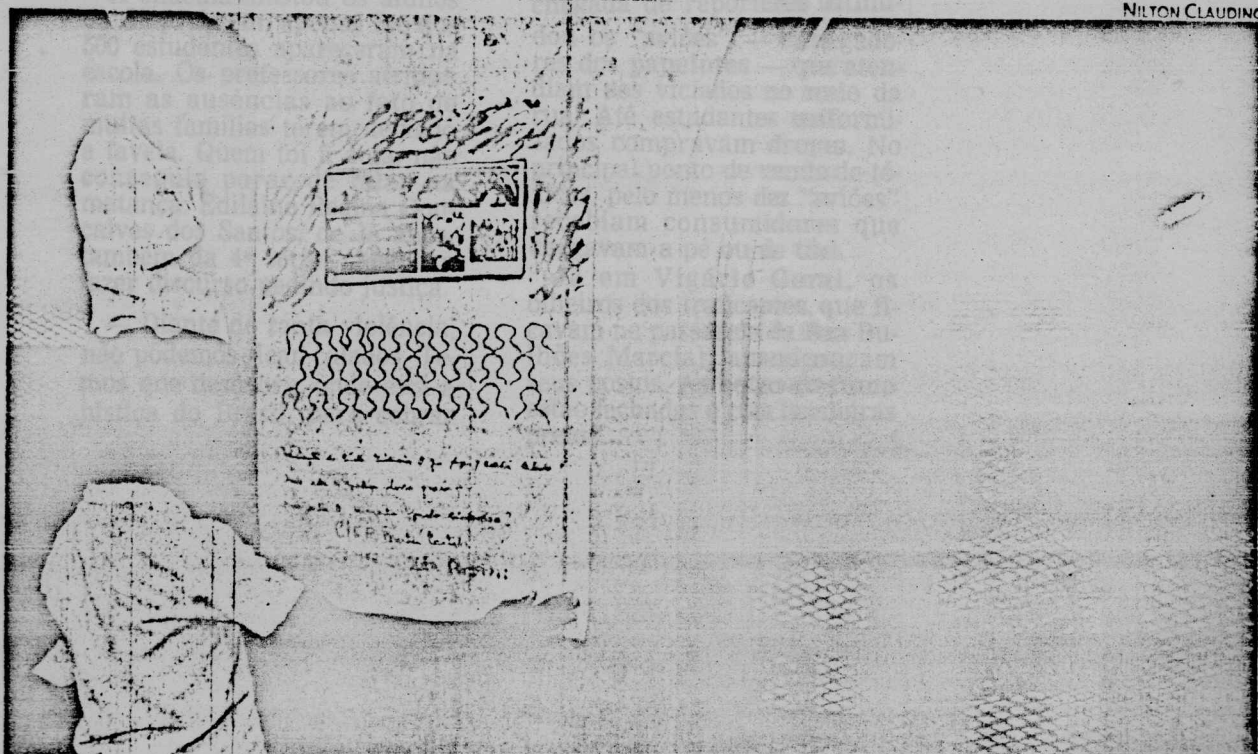
**M**esmo traumatizada com a morte dos amigos Cleber Marzo Alves, 24, e Lucilene Silva Santos, 15, vítimas da chacina, Edilane Regina Gonçalves, 15, foi uma das poucas crianças que tiveram ânimo ontem para assistir às aulas no Ciep Mestre Cartola. De luto há três dias, o Ciep reabriu as portas, mas apenas 30% dos 500 alunos foram estudar, segundo o diretor, Roberto da Silva. Edilane, como os outros, está amedrontada. Na hora do recreio, correu chorando para os braços da tia Marilene. "Eu tô com medo", dizia baixinho.

Edilane foi abandonada pelos pais e vive com os avós e dois irmãos menores em Vigário Geral. Alegre, integra o grupo de bailarinos da escola e, segundo os professores, é muito inteligente, mas desde a chacina está apática, triste. "Foi um choque para ela", disse a professora da turma 402, da quarta série, Rosana Salcidas, 27. O sonho de Edilane é ser enfermeira, mas no momento sonhar parece impossível. "Será que dá para so-

nhar? O Cleber também tinha sonhos, era inocente e morreu daquele jeito. Tenho medo de morrer também", choramingou.

Rosana Salcidas tentou desconversar, mas desde o início da aula o único assunto das crianças era a chacina. A solução foi criar exercício diferente: "Cada um de vocês pode fazer um cartaz sobre o que aconteceu. Vai ser o trabalho de hoje". De lápis de cor na mão, a garotada pintou seu protesto. O cartaz de Edilane foi feito de recortes de revista com fotografias da chacina e do massacre dos índios ianomâmis, além de pequeno texto, escrito por ela: Diante de tanta violência, o que fazer? Assistir calado? Onde está a Justiça deste país? Onde está o respeito pelo cidadão? O diretor negou que o Ciep esteja sendo vítima da guerra entre traficantes de Vigário Geral e Parada de Lucas e, por isso, estaria fechado há mais tempo. "Só fechamos pelo luto. As marcas de tiro na escola são da época da construção".

NILTON CLAUDINO



O cartaz que Edilane pregou no Ciep indaga onde estão a Justiça e o respeito ao cidadão no Brasil



# Cenas de guerra no Ciep Mestre Cartola

## Alunos fazem cartazes sobre crime e pedem paz

Imagens de guerra. Helicópteros sobrevoam casas bem pequenas, armas de todos os tipos, pessoas feridas, fogo, sangue. A chacina de Vigário Geral dificilmente será esquecida pelas crianças da favela: ontem, na volta às aulas no Ciep Mestre Cartola — que ficou três dias fechado em sinal de luto — os alunos fizeram cartazes e colagens sobre o massacre. Emocionados e ainda amedrontados, muitos choraram. A maioria, porém, preferiu pôr suas impressões no papel, fazendo pedidos de paz.

— Pedi paz, porque a gente não pode viver assim, com tanto medo — disse Angelo da Silva, de 12 anos, aluno da 4ª série.

A chacina afastou os alunos do Ciep: ontem, apenas 140 dos 500 estudantes apareceram na escola. Os professores atribuíram as ausências ao fato de muitas famílias terem deixado a favela. Quem foi à aula, não conseguia parar de falar na matança. Edilaine Regina Gonçalves dos Santos, de 15 anos, também da 4ª série, chegou a fazer discurso pedindo justiça.

— Diante de tanta violência, não podemos ficar calados. Temos que descobrir onde está a justiça do Brasil, para cobrar

uma punição — afirmou a estudante, que fez um cartaz com dizeres semelhantes.

Depois de prontos, os cartazes foram espalhados pelo Ciep. Na entrada, ficou uma colagem dos alunos da turma 402, com um pedido para que os criminosos deixem as pessoas viverem, com amor e união. Um pedido que todos rezam para se tornar realidade, como explicou um dos estudantes da turma, Edgar Ribeiro Monteiro, de 12 anos:

— Ninguém consegue mais dormir tranquilo. A gente não pode nem brincar, porque fica com medo de morrer também.

● **DROGAS** — A chacina em Vigário Geral, que praticamente interrompeu o tráfico de drogas na comunidade, não afetou a venda de tóxicos na favela vizinha, de Parada de Lucas. Ontem à tarde, maconha e cocaína eram compradas e consumidas livremente, em vários pontos da favela. Nem a chegada de repórteres intimidou os "aviões" — entregadores dos papalotes — que atendiam aos viciados no meio da rua. Até estudantes uniformizados compravam drogas. No principal ponto de venda de tóxicos, pelo menos dez "aviões" recebiam consumidoras que chegavam a pé ou de táxi.

Já em Vigário Geral, os olheiros dos traficantes, que ficavam na passarela da Rua Bulhões Marcial, abandonaram seus postos. As bocas-de-fumo estão fechadas e com bandeiras pretas.

## Defensores ajudam parentes de vítimas

Apesar de a chacina ter ocorrido há cinco dias, apenas ontem dois defensores públicos do estado foram à favela para orientar as famílias das vítimas sobre como obter indenizações do governo. Os defensores Roberto Butter e Augusto Alves Moreira Junior chegaram por volta das 16h em Vigário Geral e fizeram uma visita ao posto de atendimento da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Roberto e Augusto conversaram apenas com o presidente da associação de moradores, Naildo de Souza. Os defensores informaram que os parentes das vítimas devem procurar a Defensoria Pública, na Rua Buenos Aires, 68, 28º andar. Mas um deles adiantou que as indenizações não são imediatas. "No caso das vítimas do Maracanã, por exemplo, o dinheiro foi liberado em cinco meses", disse Butter.

Quanto vale uma vida? As famílias que perderam parentes no acidente do Maracanã foram indenizadas por danos morais e patrimoniais, o equivalente a 100 salários mínimos e uma pensão mensal correspondente a dois terços do salário. E as famílias de Vigário Geral? "Não temos a menor idéia. Estamos esperando uma proposta do estado", disseram. O governador Leonel Brizola adiantara na terça-feira que as famílias seriam indenizadas, mas até agora "nenhum contato por parte do estado com a defensoria em relação ao valor foi feito", disse Butter.

Ontem, mais três pessoas prestaram depoimentos no posto de atendimento da OAB. Os depoimentos serão levados ao Conselho Geral da entidade. De acordo com a Defensoria Pública, as ações por indenizações poderão ser efetuadas tão logo o estado se pronuncie ou a OAB apresente relatório, independente das investigações sobre a chacina.

## Bar do massacre vai ser reaberto

O bar do comerciante Joacir Medeiros, na Rua Antônio Mendes, 12, onde morreram sete das 21 vítimas da chacina, não será condenado ao abandono. Fechado desde o massacre, ele reabrirá depois da missa de sétimo dia dos mortos. Daniel Medeiros, 28, um dos filhos do comerciante, disse ontem que pretende retomar os negócios do pai. "Sei que as pessoas têm más lembranças, mas ali era um lugar especial. Nos reuníamos toda noite para tomar uma gelada. Meu Deus! Acabaram com a nossa turma", li-

Daniel escapou da morte por pouco. Ele estava no bar com José dos Santos, o Zé do Vito, e com o impermeabilizador Paulo César Soares, mas resolveu ir para casa mais cedo para ver televisão. "Eles pediram para eu ficar, mas estava muito cansado e fui embora", lembrou. Muito abalado, Daniel não conseguiu ainda retornar ao trabalho na metalúrgica Moldenox.

## A vida sem rumo de uma família

A pequena Juliete, filha do metalúrgico Edmilson Prazeres da Costa, não tem noção da tragédia enfrentada por sua família. Com apenas 3 anos, ela e a irmã Juliana (enteada do metalúrgico) estão confusas com o entra-e-sai na casa da avó, Aparecida, na Rua da Prefei-

## Sem esperança de justiça

"A tendência desse caso é ficar na impunidade". Cinco dias após o massacre de Vigário Geral, o presidente da associação de moradores, Naildo de Souza, que também perdeu o filho Adalberto de Souza, 40, não tem esperança de que a justiça seja feita. Para ele, a nova linha de investigações da polícia - a de que traficantes de Parada de Lucas seriam os autores da chacina - "é a forma que os PMs encontraram para tapar o sol com a peneira e tentar esconder a verdade". Naildo acha que o comandante da corporação, coronel Carlos Magno Nazareth Cerqueira, "é um homem honrado, mas não tem controle, nenhum poder sobre a tropa. Hoje quem lidera a maioria, na verdade, é o deputado Emir Larangeira", disse.

O líder comunitário denunciou ontem que vem tentando, sem sucesso, uma audiência desde 1990 com o governo do estado, para informar a participação de PMs em assassinatos na favela. "Desde 1988, cerca de 10 moradores morreram aqui por causa de PMs. Todos trabalhadores e

uma. "Mas nem sabem que o pai morreu. Minha casa está abandonada e eu fico dormindo por aí com as meninas", contou a viúva de Edmilson, Rose, 23 anos.

A rotina da família foi virada de cabeça para baixo. A mãe de Edmilson, Aparecida, passa noites em claro e engana o estômago com pequenos toques de café. As lembranças vão surgindo e as fotos do filho vão sendo retiradas das gavetas. "Outro dia fiquei aqui de madrugada e de repente vi meu filho sentado do outro lado da rua, comendo pão. Fui lá correndo e vi a pedra pura", lembra Aparecida, tentando inutilmente controlar as lágrimas.

A família sonha em deixar a favela. "Nós pagávamos Cr\$ 1.200 de aluguel. Agora sem o Edmilson, não sei como vou fazer. Eu não trabalho", desabafou Rose, defendendo apenas de morte para os matadores do marido.

ninguém deu atenção", reclamou. Ele citou o caso de José Evangelista de Souza, 25, funcionário do Aeroporto do Galeão, do biscateiro Severino Rozendo, 35, e do aposentado Maurício de Souza, 68, mortos durante incursões eficientes da polícia em Vigário Geral. "Esses são os que eu guardo de cabeça", conta. Ele, porém, não dispõe de dados exatos sobre os assassinatos.

Naildo admira o ex-diretor do Departamento Geral de Policiamento da Baixada (DGPB) e sugeriu sua participação na comissão que apura a chacina de Vigário Geral. "Ele é um homem íntegro e que ajudaria muito neste caso". O sociólogo Caio Ferraz, 25, ex-morador de Vigário Geral, também acusou ontem PMs de terem matado seu irmão Jorge Luís de Oliveira, 32, há quatro anos. "Agora que estão dando atenção para nós é hora de falar a verdade. Ele era electricista e foi assassinado por 10 homens encapuzados que se diziam policiais. Minha família ficou tão traumatizada, que saiu daqui há dois anos", contou.

## Luto no varal de roupas

Até o varal da família do metalúrgico Luiz Claudio Feliciano, uma das vítimas da chacina, amanheceu ontem de luto. As roupas pretas penduradas à porta da casa de sua cunhada, na Rua da Prefeitura, refletem o drama enfrentado da família. "Não consigo nem chegar perto da minha casa, na Rua do Souza. Não quero ficar lá, vendo as suas coisas", desabafou em prantos a viúva, Rita

rido para jantar. "Adormeci e acordei com o barulho de tiros. Em seguida, fui para a casa da minha mãe, aqui na Rua da Prefeitura, e ouvi um sobrinho dizer que meu marido estava morto. Ele costumava jogar cartas no bar do Joacir. Não quero mais ficar na minha casa, mas também não sei para onde vou", comentou, tentando controlar as lágrimas. Desde a chacina, ela está dormindo na casa da irmã, Lizete, e da mãe, e não tem ido





# Indenização por chacina

A Defensoria Pública é favorável a que os dependentes das vítimas da chacina de Vigário Geral recebam do governo estadual indenizações por danos morais e materiais de pelo menos 100 salários mínimos (R\$ 960,6 em setembro). A quantia é a mesma paga às famílias das vítimas do acidente na arquibancada do Maracanã em junho de 1992, equivalente a dois terços dos salários que a vítima receberia se trabalhasse até os 65 anos (o cálculo será a partir do último salário recebido).

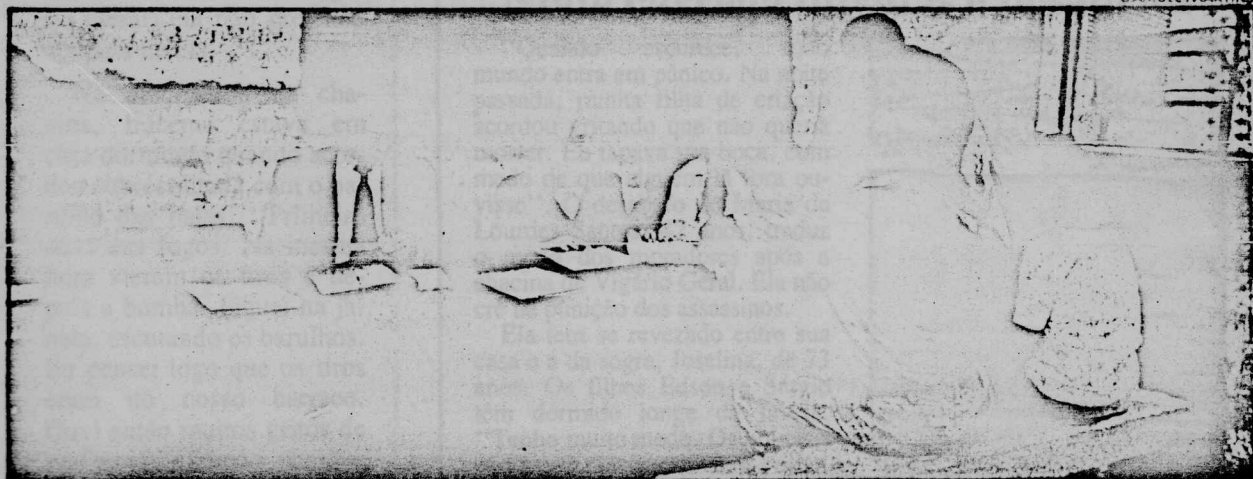
Para apurar quantos e quais são os dependentes foi instalado ontem na associação de moradores da favela um núcleo de recolhimento de

dados. O procurador geral em exercício da Defensoria Pública, Luiz Paulo Vieira de Carvalho, lembrou que o governador Leonel Brizola já demonstrou ter "vontade política" de resolver logo a questão, mesmo não tendo ainda nenhuma prova concreta da participação de policiais militares ou civis no crime.

A partir do recolhimento de dados, a defensoria analisará cada um dos casos e enviará as informações à Procuradoria-Geral do Estado, com a qual pretende um acordo antes de serem iniciadas as ações judiciais contra o governo estadual. Nesses contatos preliminares será esclarecido quem terá direito às indenizações - filhos e pais poderão

ter o mesmo direitos de companheiras, por exemplo. Deverão ser indenizados também donos de trailers que tenham sido incendiados ou atingidos pelos tiros disparados pelos assassinos na madrugada da chacina. Também será decidido se a indenização por danos materiais (que virá do cálculo da renda que a vítima teria) será paga integralmente ou se será transformada em pensão mensal.

Uma vez decidido o valor total da indenização, ele será dividido entre os dependentes. Luiz Paulo explicou, ainda, que a idéia é apressar tanto quanto possível a liberação das indenizações.



SAMUEL MARTINS

A Defensoria se instalou na associação de moradores da favela para identificar os beneficiários





*Iracema vai reabrir o bar*

### A volta sofrida à cena do crime

Apesar de ter a seu redor um dos palcos do massacre, a viúva do comerciante Joacir Medeiros, Iracema, 54 anos, pretende reabrir na próxima semana as portas do bar de seu marido, na rua Antônio Mendes. "Eu ainda não tive coragem de voltar lá, mas vou deixar passar a missa de Sétimo Dia e vou abrir a casa com meus filhos", prometeu na sexta-feira Iracema. Morando há 33 anos em Vigário Geral, ela não pretende deixar a favela.

Na madrugada da chacina, Iracema estava em casa dormindo quando acordou sobressaltada com o barulho das balas. "Primeiro ouvi uns fogos. Na mesma hora vieram os tiros e depois a bomba. Fiquei na janela, escutando os barulhos. Eu pensei logo que os tiros eram no nosso barraco. Ouvi então muitos gritos de mulheres. Quando cheguei na rua vi meu filho Francisco em desespero. O meu marido estava morto", recorda a capixaba Iracema, que estava casada há 33 anos e tem sete filhos e seis netos.



*Rita pode estar grávida de uma criança que nunca verá o pai*

### Longe de casa, vizinha da tristeza

A pernambucana Rita Inácio da Silva, 24 anos, mal consegue se manter de pé. Com a dor estampada no rosto, ela perambula cabisbaixa pelas ruas de chão batido da favela: "Não consigo nem chegar perto de casa e não vou no serviço desde aquela covardia".

Ela trancou seu barraco e se mudou com a roupa do corpo para a casa da mãe, também na favela. "Estou com suspeita de gravidez. Meu marido sabia e me pediu para ir ao médico. Mas

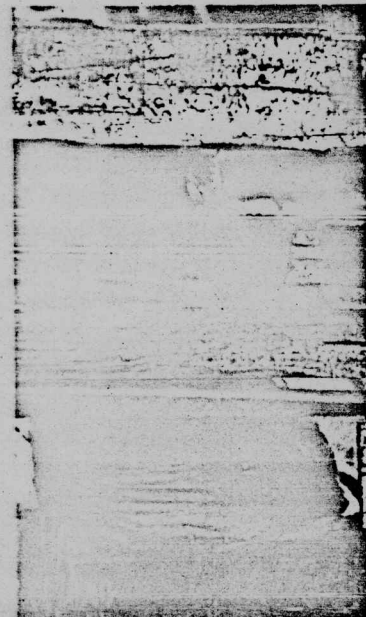
não deu tempo. No domingo, após os policiais serem mortos, ele me pediu para não ficar na rua. A noite, foi para o bar do Joacir e não o vi mais", lembra.

Rita namorou durante oito anos o metalúrgico Luiz Claudio Feliciano, 28 anos. Em 90, os dois resolveram juntar os trapos. O casal vivia com dois salários mínimos. "Ele ainda ajudava a mãe cega, a irmã muda e o irmão, paráltico", recorda ela, que pretende em breve se mudar.

### Noite carrega dúvidas e pesadelos

"Quando escurece, todo mundo entra em pânico. Na noite passada, minha filha de criação acordou gritando que não queria morrer. Eu tapava sua boca, com medo de que alguém lá fora ouvisse". O desabafo de Maria de Lourdes Santos, 42 anos, traduz o medo dos moradores após a chacina de Vigário Geral. Ela não crê na punição dos assassinos.

Ela tem se revezado entre sua casa e a da sogra, Joselina, de 73 anos. Os filhos Edson e Sérgio têm dormido longe da favela. "Tenho muito medo. Os policiais não estão presos e podem voltar. Ainda "anestesiada", a viúva do motorista de ônibus Paulo Roberto dos Santos Ferreira, Maria dos Anjos, não decidiu se volta para Minas. "Sempre espero meu marido abrir a porta e chegar em casa. Não gosto daqui, parece que o mundo desabou".



*Maria, imagem do pânico*

0 DIA/RJ

10 05 SET 1993

# Medo, miséria e saudade no luto

## das 9 viúvas de Vigário Geral

### ▼ ANA PAULA ARARIPE

A favela de Vigário Geral amanheceu na segunda-feira de luto. Uma semana após a chacina, as viúvas de Vigário tentam apagar da memória as marcas deixadas pelo massacre



da noite de domingo. A revolta cedeu lugar à dor e à tristeza. "As seis da tarde vai me dando uma dor no coração. Uma vontade de sumir, de morrer", desabafa Rose Maria dos Santos, 23 anos, mulher do mecânico Edmilson José Prazeres da Costa, assassinado na Rua da Prefeitura com a marmitta nas mãos. Acuadas e as-

sustadas, as mulheres das vítimas lutam para estancar as lágrimas que teimam em molhar seus rostos.

A tragédia em Vigário Geral deixou um triste saldo. Da noite para o dia, nove mulheres perderam seus maridos e dezenas de crianças se tornaram orfãs. "Estou desorientada, mas tenho que me conformar. Tenho medo de uma bala atravessar o portão", assinala a adolescente Elaine Ferreira, 13 anos, filha do motorista de ônibus Paulo Roberto dos Santos, assassinado ao lado de mais seis moradores, na Rua Antônio Mendes. As viúvas de Vigário ainda se defrontam com a perda ou a redução de sua já apertada renda familiar. "Agora vou ter que procurar emprego. Eu tenho três filhos para criar", lembra Virgínia Tereza Ferreira da Silva, 33 anos, viúva do

mestre de obras Paulo Cesar Gomes Soares.

O minguaço orçamento foi reduzido com a súbita morte de seus maridos. "Eu ajudava, mas a maioria da despesa quem segurava era meu marido. Eu ganho só um salário. Mas o pior não é isso. Eu durmo e acordo gritando. Não consigo apagar a imagem dele morto, ensanguentado, caído no chão", recorda Célia Maria Lourenço, 27 anos, esposa do auxiliar de enfermagem Guaraci de Oliveira Rodrigues. As nove viúvas dormem com auxílio de calmantes, muitas vezes espalhadas pelo chão com a família, com medo que uma bala atravessasse as janelas. O estômago é lubrificado com goles de café e boa parte pensa em comprar uma passagem sem volta para algum lugar bem distante de Vigário Geral.

### Realidade exposta em números cruéis

As viúvas de Vigário Geral são agora obrigadas a conviver com a perda. Após a morte de seus maridos, estão condenadas a apertar ainda mais o cinto de seus minguaços orçamentos familiares. Entre os números e a realidade, uma cruel diferença.

#### Viúva de Joacir Medeiros

Nome: Iracema Ferreira Medeiros  
Idade: 54 anos  
Tempo de Casada: 36 anos  
Nº de Filhos: 7  
Renda Mensal: CR\$ 20 mil

#### Viúva de Edmilson Prazeres da Costa

Nome: Rose Maria dos Santos  
Idade: 23 anos  
Tempo de Casada: 6 anos  
Nº de Filhos: 2  
Renda Mensal: CR\$ 9 mil

#### Viúva de Paulo Cesar Gomes Soares

Nome: Virgínia Tereza Ferreira da Silva  
Idade: 33 anos  
Tempo de Casada: 5 anos  
Nº de Filhos: 3  
Renda Mensal: -

#### Viúva de José Santo

Nome: Maria de Lourdes Santos  
Idade: 42  
Tempo de Casada: 23 anos  
Nº de Filhos: 2  
Renda Familiar: Cr\$ 7 mil 700

#### Viúva de Amarindo Bahiense

Nome: Marlene Pereira da Silva  
Idade: 16 anos  
Tempo de Casada: 2 meses  
Nº de Filhos: 0  
Renda Mensal: -

#### Viúva de Luiz Cláudio Feliciano

Nome: Rita Inácio da Silva  
Idade: 24 anos  
Tempo de Casada: 3 anos  
Nº de Filhos: 0  
Renda Mensal: Cr\$ 9 mil

#### Viúva de Paulo Roberto Ferreira

Nome: Maria dos Anjos Pereira Ferreira  
Idade: 41 anos  
Tempo de Casada: 16 anos  
Nº de Filhos: 1  
Renda Mensal: Cr\$ 3 mil

#### Viúva de Guaraci de Oliveira

Nome: Célia Maria Lourenço  
Idade: 27 anos  
Tempo de Casada: 8 anos  
Nº de Filhos: 1  
Renda Mensal: Salário Mínimo

#### Viúva de Adalberto de Souza

Nome: Iracilda Siqueira  
Idade: 35 anos  
Tempo de Casada: 13 anos  
Nº de Filhos: 3

## Sobrevivente tem medo de morrer

VERA ARAÚJO

Desde a chacina de Vigário Geral, o sobrevivente Jadir Inácio dos Santos, de 38 anos, está escondido — sem proteção policial — e anda sempre acompanhado. Os dois filhos do electricista tiveram que deixar a escola do bairro a pedido da diretora, que não quis se responsabilizar pela segurança deles. “Depois de ter sido sempre um trabalhador, com uma vida honesta, preciso viver fugindo de tudo. Estou vivendo pior do que vagabundo. Conto só com a família e os amigos para me protegerem”, disse Jadir, sem esperanças de que sua vida melhore. Até agora, ele não recebeu a indenização, nem a garantia de vida que as autoridades lhe prometeram.

Acreditando que só os amigos são capazes de reconhecê-lo, Jadir tem buscado o anonimato, como se essa fosse sua única garantia de vida. Ainda assustado, ele conta que no dia do massacre de Vigário Geral não conseguiu ver o rosto dos homens que atiraram nele e nos sete amigos que bebiam no bar de Joacir Medeiros. “Por volta das 23h40, chegou uma turma de uns 20 homens mascarados. Só vi que estavam de jeans, cada um com uma camisa diferente, por isso, não

posso afirmar que eram policiais militares ou traficantes”, disse o sobrevivente, que jura nunca ter citado o nome do traficante José Roberto da Silveira Filho, o *Robertinho* de Parada de Lucas, como um dos autores da chacina.

As dores provocadas pelos três tiros — um deles atravessou seu pulmão esquerdo — não são piores do que a tristeza de se considerar um homem marcado para morrer. “Estou vegetando. Não posso fazer as coisas que mais gosto, como tomar minha cervejinha com os amigos sem nada temer. Tenho medo de tudo. Quando voltar a trabalhar, serei alvo certo”, afirmou o electricista, lembrando que seu serviço “é ficar pendurado no poste consertando transformadores”. “Se acontecer algo comigo, quem vai chorar é a mulher e as crianças”, desabafou.

Embora garanta que não tenha condições de reconhecer os autores da matança, Jadir tem suas reservas quando fala do capitão Aguinaldo Pirassol Ruas que, segundo ele, ofereceu-se para levá-lo até a casa da tia quando estava internado no Hospital Getúlio Vargas, na Penha. “O capitão Monteiro, do 16º BPM (Olaria), me dava cobertura. Controlava até os remédios que me da-

vam. Já esse Pirassol apareceu no dia da minha alta, antes da chegada do capitão Monteiro, e ficou me perguntando se tinham sido Policiais Militares que fizeram a chacina. Depois, ele se propôs a me tirar do hospital”.

Tomando cuidado com o que fala, Jadir pede apenas justiça. “O culpado tem que pagar pelo que fez. Não se pode matar e ficar impune. Além disso, é preciso olhar por todos na favela, principalmente pelas crianças”, disse o electricista, que decidiu não revelar a ninguém onde está escondido.

□ A Divisão de Defesa da Vida (DDV) espera ouvir hoje o depoimento de Aldenora da Silva, mãe do traficante Francisco Antônio da Silva, o Chiquinho Rambo, que controlava o tráfico de drogas na Favela de Vigário Geral e hoje cumpre pena no presídio de segurança máxima Bangue 1. Na casa onde morou o traficante morreu a família de oito evangélicos no dia do massacre. O depoimento de Chiquinho Rambo foi tomado ontem mesmo no presídio por um delegado da DDV. O delegado Elias Barbosa, que preside o inquérito da matança de Vigário Geral, não quis revelar nada sobre o que disse o traficante.



0 Dia - 12/09/93.

## Órfãos não acreditam na morte dos pais

Sem entender bem o que é a morte, as crianças órfãs dos trabalhadores mortos na Favela de Vigário Geral ainda têm esperanças de reencontrar os pais. Quinze dias depois do massacre, Juliete, 3 anos, filha do mecânico Edmilson José Prazeres da Costa, ainda pede à mãe, Rose dos Santos, 24, para levá-la ao hospital porque está com saudades do pai. Rose, que foi abordada pelos matadores com Juliete no colo e só não foi morta porque Edmilson trocou de lugar com ela, disse que a menina viu o pai morto mas como havia manchas de sangue em suas costas, pensa que ele apenas se machucou.

Para aumentar o drama das viúvas, os filhos não querem acreditar na morte dos pais. "Quando a irmã mais velha (Juliana, 6) fala para Juliete que o papai morreu ela ri e co-

meça a debater". Virginia Teresa Ferreira da Silva, 33, mulher do impermeabilizador Paulo César Soares, enfrenta problema semelhante com a caçula Priscila, 4 anos. "Quando brigo com ela, a Priscila faz birra e diz que vai morar no céu com o papai". Segundo Virginia, a menina, às vezes, também pensa que o pai está no hospital e chora, pedindo para vê-lo.

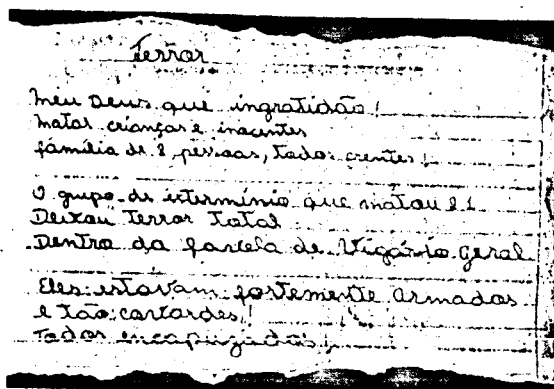
As crianças acordam de madrugada assustadas, procurando pelos pais. A rotina alterada de forma brusca prolonga o pesadelo das famílias. Acostumada a ganhar balas todos os dias, trazidas pelo pai na volta do trabalho, Priscila vive cobrando as balas à mãe. "Eu falo para ela que não tenho dinheiro, af ela diz que é para eu pedir ao papai", conta Virginia.

## Crianças dão versão sobre chacina

**Alunos do Ciep Mestre Cartola, em Vigário Geral, dão suas versões sobre a chacina, em desenhos e poemas de medo e revolta**

Enquanto alguns dos pequenos órfãos de Vigário Geral não entendem a dimensão da tragédia, a maioria das 500 crianças que estudam no Ciep Mestre Cartola, única escola da favela, identifica, com surpreendente lucidez, um dos motivos da chacina: a ausência do poder público.

Através de redações, poesias e desenhos, a maior parte dos alunos, culpa as autoridades pela chacina. "Se o governo fizesse alguma coisa, essa matança não teria acontecido na favela", escreveu Edgar, de 13 anos, que cursa a 4ª série. Outras crianças,



No poema infantil, a dor e o medo

como Eduardo Pires da Silva, que tem 7 anos e está na 1ª série, não duvidam dos autores da chacina. Num desenho onde aparecem três homens atirando em dois trabalhadores e num casal, o garoto fez uma legenda com uma rima impressionante para sua idade: "Paz e amor no coração. Polícia tem que ir pro valão".

Todas as crianças se dizem tristes e temerosas por novas ma-

tanças, mas não deixam de clamar por justiça. "Fico olhando as coisas ruins passando sem poder fazer nada. Então eu quero que as autoridades punam os responsáveis por esse massacre", escreveu Wellington, 13, da turma 402. Um dos trabalhos mais elo-

giados foi o da aluna Angela Barbosa Negro Monte, 11 anos, da turma 303. A menina descreveu o massacre em forma de poesia, resumindo os reflexos do crime: "Só sobrou uma dor que dói fundo, a chacina que matou 21 abalou o Brasil e o mundo". Segundo a diretora adjunta do Ciep, Marlene Ramos Pereira, os melhores trabalhos serão publicados em livro.



BR 2300 EL-05-07-F81

M 01.001.035880-5 (02-B) CMB 22/09/93 19:01  
OFÍCIO P. VARA CRIMINAL (C202)  
JUSTIÇA PÚBLICA (SORT.)  
WILLIAM ALVES E OUTROS

**17ª PROMOTORIA DE INVESTIGAÇÃO PENAL**

Exmo. Sr. Juiz de Direito da Vara Criminal da Comarca da Capital.

Subscrevo a distribuição, por sorteio, para do horário de expediente normal.

22.09.93, às 19.00 hs.

O MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, através dos Promotores de Justiça que esta subscrevem, no uso de suas atribuições legais, vem, diante de V. Exa., oferecer **DENÚNCIA** contra

1. WILLIAM ALVES, CBPM RG nº 29.055;
2. HÉLIO VILÁRIO GUEDES, SDPM RG nº 35.274;
3. JOSÉ FERNANDES NETO, SDPM RG nº 34.145;
4. ARLINDO MACINÁRIO FILHO, SDPM RG nº 40.443;
5. PAULO ROBERTO BORGES DA SILVA, SDPM RG nº 40.509;
6. ALENA FERREZ FIGEÇO FARINHA, SDPM RG nº 44.221;
7. CARLOS TEIXEIRA, SDPM RG nº 40.814;
8. JULIO CESAR BRAGA, SDPM RG nº 46.927;
9. LEANDRO DE ARAÚJO RQUES DA COSTA, SDPM RG nº 48.351;
10. VALDIR FERRESENDE DOS SANTOS, CBPM RG nº 26.091;
11. GILBERTO DUQUE DOS SANTOS, SDPM RG nº 44.272;
12. MARCELO DOS SANTOS LEMOS, SDPM RG nº 50.798;
13. ROBERTO CESAR DO AMARAL JUNIOR, SDPM RG nº 52.392;
14. WILLIAM MORENO DA CONCEIÇÃO, SDPM RG nº 52.422;
15. SIRLEI ALVES TEIXEIRA, SDPM RG nº 52.411;
16. EDMUNDO CAMPOS DIAS, CBPM RG nº 37.369;
17. SERGIO CERQUEIRA BORGES, SDPM RG nº 37.675;
18. AMAURI DO AMARAL BERNARDES, CBPM RG nº 38.758;
19. JOÃO RICARDO NASCIMENTO BATISTA, CBPM RG nº 42.087;
20. PAULO ROBERTO ALVARENGA, SDPM RG nº 35.850;
21. LUCIANO FRANCISCO SANTOS, SDPM RG nº 48.319;
22. ADILSON SARAIVA DA HORA, SDPM RG nº 34.526;
23. HÉLIO GOMES LOPES, CBPM RG nº 26.915;
24. DENERYAL LUIZ DA ROCHA, SDPM RG nº 47.032;
25. ADRIANO MACHIEL DE SOUZA, inscrito no I.F.P. sob o nº 07.393/880/5;
26. GILSON NICOLAU DE ARAÚJO, SDPM RG nº 51.718;

*Handwritten signature and initials*



27. LUIZ CARLOS PEREIRA MARQUES, SDPM RG nº 40.134
28. ADILSON DE JESUS RODRIGUES, SDPM RG nº 44.468;
29. MARCUS VINICIUS DE BARROS OLIVEIRA, policial civil matrícula nº 257.676/7;
30. JONAS LOURENÇO DA SILVA, policial civil matrícula nº 288.742/0;
31. LEANDRO DA SILVA COSTA, policial civil, matrícula nº 267.713/6;
32. JORGE EVANDRO SANTOS DE SOUZA, inscrito no I.F.P. sob o nº 02.378.472,
33. JAMIL JOSÉ FAIR NETO, SDPM RG nº 36.794,

todos qualificados às fls. 573/574 dos inclusos inquéritos policiais nº 51/93 e 53/93, pelos fatos delituosos apurados neste e que seguem adiante narrados:

I - No início da madrugada do dia trinta de agosto do ano mil novecentos e noventa e três, os trinta e dois primeiros denunciáveis e terceiros ainda não identificados, em comunhão de ações e desígnios, agindo em planejada e minudente operação de "extermínio", divididos em grupos, todos com adesão ideativa ao propósito coletivo, portando armas de diversos calibres, ingressaram na Favela de Vigário Geral, situada nesta cidade.

II - Assim, um dos grupos se dirigiu a uma "biroscia", localizada na rua Antonio Mendes, 12, onde exigiram a exibição de documentos das pessoas que lá se encontravam, oportunidade em que o denunciado ALEXANDRE BICEGO FARINHA jogou uma granada no interior do aludido estabelecimento comercial.

III - Com a explosão do artefato bélico, objetivando a concretização do *animus necandi*, os integrantes do grupo efetuaram disparos de arma de fogo contra LUIZ CLAUDIO FELICIANO, JOSÉ DOS SANTOS, JOACIR MEDEIROS, PAULO CESAR GOMES SOARES, ADALBERTO DE SOUZA, GUARACI OLIVEIRA RODRIGUES e PAULO ROBERTO DOS SANTOS FERREIRA, causando-lhes as lesões descritas, respectivamente, nos A.E.C. de fls. 51, 76, 97, 134, 33, 45 e 57, que foram as causas eficientes de suas mortes, bem como contra JADIR INACIO e UBIRAJARA SANTOS, produzindo-lhes as lesões descritas, respectivamente, nos B.A.M. de fls. 613 e 617, não logrando, entretanto, alcançar o resultado letal, por circunstâncias alheias às suas vontades, eis que as vítimas foram posteriormente socorridas por terceiras pessoas.

IV - Prosseguido na empreitada criminosa, um dos grupos, movido por idêntico propósito homicida, invadiu a residência sita na rua Antônio Mendes, 13.





## MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

efetuando disparos de armas de fogo contra **LUCIENE SILVA SANTOS, RÚBIA MOREIRA DA SILVA, LUCINETE SILVA DOS SANTOS, LUCIA SILVA DOS SANTOS, LUCIANO SILVA DOS SANTOS, LUCINÉIA SILVA DOS SANTOS, GILBERTO CARDOSO DOS SANTOS, JANE SILVA SANTOS**, causando-lhes lesões que, por natureza e sede, lhes determinaram a morte, conforme os autos de exame cadavérico de fls. 28, 40, 64, 71, 103, 121, 140 e 147.

V - Em seguida, próximo ao nº 14 da rua da Prefeitura, dois dos denunciados, com *animus necandi*, realizaram novos disparos de arma de fogo contra **EDMILSON JOSÉ PRAZERES DA COSTA**, produzindo os ferimentos letais descritos no auto de exame cadavérico de fls. 83, e contra **JUSSARA PRAZERES DA COSTA**, não logrando, contudo, quanto a esta, consumir o crime, visto que uma das armas utilizadas veio a falhar, sendo certo que os demais disparos não a atingiram por erro de pontaria, circunstância esta alheia às suas vontades.

VI - Dando continuidade à jornada delituosa, os denunciados, *occidendi animo*, passaram a efetuar disparos de arma de fogo contra as pessoas que encontravam pelo caminho. Sendo assim, vieram a atingir **AMARINDO BAIENSE** e **CLODOALDO PEREIRA DA SILVA** na confluência das ruas Pedro Amaro com Dona Ana; **CLEBER MARCIO ALVES**, no entroncamento das ruas Antonio Tenorio com Travessa da Prefeitura; **HÉLIO DE SOUZA SANTOS**, no cruzamento da rua da Prefeitura com a rua Antonio 39, causando-lhes lesões que, por sua natureza e sede, ensejaram-lhes a morte, conforme positivam, respectivamente, os autos de exame cadavérico de fls. 90, 128, 108 e 114.

VII - Por derradeiro, todos os denunciados rumaram para a Praça Córsega - antiga Praça 2 - e, com idêntico intuito homicida, efetuaram disparos contra **FÁBIO PINHEIRO LAU**, atingindo-o e causando-lhe as lesões letais descritas no A.E.C. de fls. 20.

VIII - Em decorrência da mesma ação, os denunciados, com *animus necandi*, também efetuaram disparos contra **SALVADORA DOS SANTOS**, que, atingida, sofreu as lesões descritas no BAM de fls. 616, não restando consumado o crime por circunstâncias alheias às vontades dos denunciados, vez que esta vítima foi socorrida por terceiros pessoas.



## MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

IX - O último denunciado, que se encontrava de serviço no posto de policiamento comunitário do bairro de Jardim América, previamente ajustado com os trinta e dois primeiros denunciados e os terceiros ainda não identificados, concorreu, consciente e voluntariamente, para os crimes praticados, aderindo integralmente aos fatos delituosos, pois, além de colaborar com a elaboração do plano da "chacina", prestando, assim, contribuição moral, entregou aos executores o automóvel marca GM, modelo Opala, cor bege, placa (RJ) NT 9296, de sua propriedade, utilizado na prática delituosa.

X - Assim, os denunciados, concentrados em um único escopo - operação de extermínio - praticaram os atos executórios anteriormente individualizados, dirigidos sempre num sentido comum, sendo certo que até então não se pode identificar os causadores diretos de cada evento delituoso.

XI - A motivação do crime foi torpe - vingança abjeta -, vez que os denunciados, unidos pelo mesmo designio criminoso, visaram o extermínio das vítimas em represália às mortes de 04 (quatro) policiais militares ocorridas no dia 28 de agosto de 1993, na Praça Catolé da Rocha, Vigário Geral, nesta cidade (IP nº 241/93 - 39ª DP).

XII - Os crimes foram praticados de inopino, impossibilitando qualquer tipo de defesa por parte das vítimas.

Estão, desse modo, os trinta e dois primeiros denunciados incurso nas sanções do artigo 121, § 2º, incisos I e IV (vinte e uma vezes), e artigo 121, § 2º, incisos I e IV c/c artigo 14, inciso II (quatro vezes), na forma do artigo 69, sendo que para o último denunciado também combinado com o artigo 29, *caput*, todos do Código Penal.

Posto isto, recebida a presente, requer sejam citados os denunciados, sob pena de revelia, para serem interrogados e apresentar as defesas que tiverem, prosseguindo-se nos demais termos desta ação penal até a conseqüente pronúncia, a fim de que, submetidos a julgamento perante o E. Tribunal do Júri, sejam condenados nas cominações retro-invocadas.

Para prestarem depoimento sobre os fatos narrados, pede a notificação das pessoas abaixo arroladas:



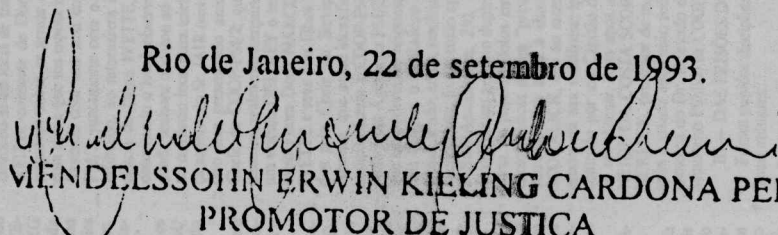
**Vítimas:**

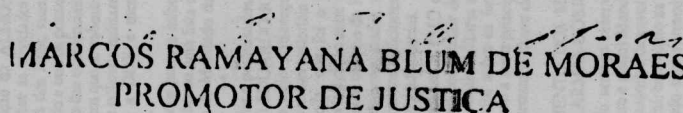
1. Jussara Prazeres da Costa, qualificada às fls. 24;
2. Salvadora dos Santos, qualificada às fls. 616;
3. Ubirajara Santos, qualificado às fls. 39;
4. Jadir Inácio, qualificado às fls. 40.

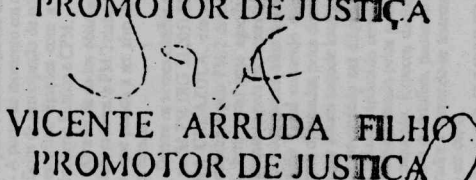
**Rol de testemunhas:**

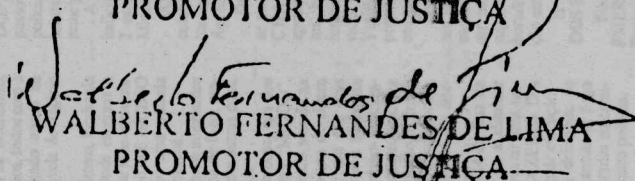
1. João Pires da Costa, qualificado às fls. 508;
2. Marcos Antonio Paes, qualificado às fls. 513;
3. Marco Antonio Inis Tabarez, qualificado às fls. 07;
4. Ivan Custódio Barbosa de Lima, qualificado às fls. 528;
5. Jair Moreira, qualificado às fls. 383;
6. Nahildo Ferreira de Souza, qualificado às fls. 402;
7. Núbia, citada no depoimento de fls. 22;
8. Luciane Silva dos Santos, qualificada às fls. 21.

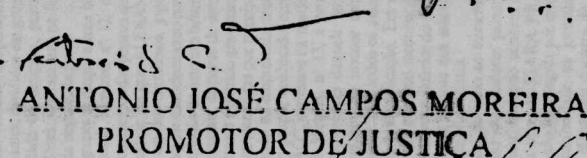
Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1993.

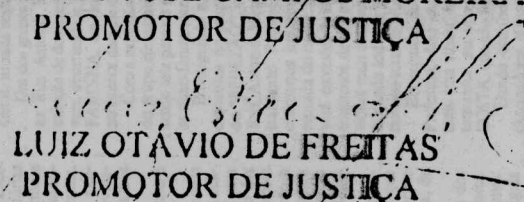
  
MENDELSSOHN ERWIN KIELING CARDONA PEREIRA  
PROMOTOR DE JUSTIÇA

  
MARCOS RAMAYANA BLUM DE MORAES  
PROMOTOR DE JUSTIÇA

  
VICENTE ARRUDA FILHO  
PROMOTOR DE JUSTIÇA

  
WALBERTO FERNANDES DE LIMA  
PROMOTOR DE JUSTIÇA

  
ANTONIO JOSÉ CAMPOS MOREIRA  
PROMOTOR DE JUSTIÇA

  
LUIZ OTÁVIO DE FREITAS  
PROMOTOR DE JUSTIÇA



# O relato das investigações

## Inquérito policial 61/93

O presente inquérito policial foi instaurado nesta Divisão, colmando apurar a prática e autoria dos múltiplos homicídios perpetrados na localidade de Vigário Geral, entre os dias 29 (vinte e nove) e 30 (trinta) de agosto de 1993.

Os fatos, de repercussão mundial, passaram a ser adjetivados por "CHACINA DE VIGÁRIO GERAL", dada a ignominiosa conduta dos agentes das infrações penais.

Ista acentuar, preambularmente, que a ocorrência policial restou inaugurada pela 3ª Delegacia Policial, dando ensejo à instauração do inquérito policial 243/93. Em seguida, por ato avocatório do Exmo. Sr. Secretário de Estado da Polícia Civil, foi o procedimento investigatório enviado a esta Divisão, para prosseguimento, onde foi tombado sob o nº 51/93.

A inquéria, dada a sua relevância e urgência de ser esclarecida, aliada ao complexo destino investigatório que já se previa, mereceu estreita colaboração do Alto Comando da Polícia Militar deste Estado, até porque os indícios davam conta da participação delituosa de integrantes e ex-integrantes daquela instituição.

O destaque promovido pelos meios de comunicação, outrossim, deu margem a que os órgãos do Ministério Público alijados na persecução criminal acompanhassem, passo a passo, todos os atos de polícia judiciária constantes do inquérito.

Assim é que desenvolveram-se inúmeras diligências domiciliares de busca e apreensão, autorizadas, no mais das vezes, pelo eminente Juízo Auxiliar da Corregedoria Geral da Justiça; oitivas de policiais militares em unidades da Polícia Militar deste Estado; averiguações sobre a procedência das multas e denúncias anônimas e exaustivos exames técnicos empreendidos pelo ICE, não só de confronto balístico com os projetos apreendidos no cenário do crime, bem como em função dos inúmeros informes existentes no inquérito, os quais, por estarem devidamente documentados no procedimento, achamos por bem não esmiuçar.

Neste passo, importa ressaltar a linha objetiva a motivar o relatório deste inquérito.

O dia-a-dia daqueles incumbidos na persecução criminal traduz, principalmente com relação aos delitos enormemente difundidos no seio social, uma gama de informações levadas ao conhecimento das Autoridades envolvidas no apuratório, informações essas tendentes, por assim dizer, em provocar o desvio do correto desfecho elucidatório, sendo esta a razão que nos leva a elucidar ao largo de muitas diligências documentadas no inquérito, e já citadas no parágrafo anterior.

Cumpre destacar, superadas as linhas preliminares já abordadas, os depoimentos das pessoas que reconheceram, no Instituto Médico Legal, os corpos das vítimas, depoimentos esses, em sua maioria, de moradores da comunidade de Vigário Geral.

O justificado receio em apontar os autores dos delitos impediram a identificação dos chacinadores. No entanto, restou espelhado o móvel dos crimes: vingança, por parte de policiais militares, dirigida aleatoriamente a moradores da favela, todos trabalhadores. Exsurgiram indícios, ainda, da autoria delituosa dos policiais civis, militares e algacéguas.

No momento em que se desdobravam os vetores investigatórios, restou identificada uma testemunha que, corroborando as suspeitas já esboçadas pelo Alto Comando da Polícia Militar, confirmou o envolvimento de 28 (vinte e oito) policiais militares, 03 (três) policiais civis e 02 (dois) algacéguas, devidamente nominados na peça acusatória oferecida ao Juízo de Direito do Ministério Público Estadual. A riqueza de detalhes de tal testemunho há de carrear posteriores procedimentos investigatórios, lo ser enfatizado, por importante, a credibilidade meio de provas.

efeito, agora os reconhecimentos dos auto-

corpos das vítimas da chacina de Aquiri, mortos no ano de 1990, teriam sido escondidos em São Gonçalo, onde estão sendo achadas ossadas humanas. II. O escritório de um suspeito, onde estavam guardadas as armas possivelmente utilizadas na Chacina de Vigário Geral, embora, objeto negativo de busca e apreensão, permitiu a verificação de ali existir o vestígio lembrado pela testemunha, o que deu ensejo a exame pericial de constatação já requisitado ao ICE. III. A testemunha ainda aborda o trecho da antiga Estrada Rio-São Paulo, à margem do Rio Guandu, do lado esquerdo, endereço onde vítimas de grupo de extermínio eram framente executadas, com requintes de crueldade. Para tanto, se fazia de "corte de execução", ou denominada "escritório", no dizer da testemunha, o veículo da marca Brasília, em cujo interior as vítimas eram alvo de repugnante inquisição. Pois bem, no mesmo local apontado pela testemunha, encontram-se os restos do questionado veículo, isto em local de difícil acesso, o que mereceu a necessária constatação pericial.

No bojo do inquérito constam as oitivas de mais de 83 (oitenta e três) pessoas, assim como a demonstração do cumprimento de quantidade superior a 65 (sessenta e cinco) mandados de busca e apreensão, logrando a apreensão de cerca de 100 (cem) armas, dos mais variados calibres.

A dinâmica do crime, segundo a mesma testemunha, teve início na madrugada do dia 30 de agosto de 1993, em uma verdadeira operação de extermínio, onde os meliantes, divididos em grupos, todos com a mesma unidade de designio, portando armas de variados calibres, ingressaram na favela de Vigário Geral, situada nesta Cidade.

Um dos grupos se dirigiu a uma botoca, localizada na Rua Antônio Mendes, nº 12, onde eugram a exibição de documentos das pessoas que lá se encontravam, oportunidade em que ALEXANDRE BICEGO FARINHA, um dos criminosos, jogou uma granada no interior daquele estabelecimento comercial.

Com a explosão do artefato bélico, os integrantes do grupo efetuaram disparos de arma de fogo, matando sete pessoas e ferindo gravemente outras duas, as quais foram socorridas por terceiros.

Proseguindo na empreitada criminosa, um dos integrantes do grupo, conhecido como "MIUDO", ou "BEBEZÃO", ingressou na residência situada na Rua Antônio Mendes, nº 13, à procura de algum traficante. Retornando daquele lar, um dos seus companheiros indagou ao invasor sobre a razão da retirada do capuz, pois todos os assassinos procuravam esconder a identificação. Em consequência e temerosos de um eventual reconhecimento, o grupo violou mais uma vez o interior do referido domicílio, matando todas as pessoas que estavam no seu interior, no total de oito vítimas.

Em seguida, próximo ao número 14 da Rua da Prefeitura, dois chacinadores passaram a eliminar mais uma vítima, tentando também matar uma testemunha, ou seja JUSSARA PRAZERES DA COSTA, que não foi atingida por erro de execução. Dando continuidade na jornada delituosa, os chacinadores efetuaram disparos de armas de fogo contra as pessoas casualmente encontradas no caminho, quando restaram feridas mais quatro pessoas.

Por ocasião da saída da favela, um dos grupos passou pela Praça Catole do Rocha, incendiando quatro trailers e efetuando outros disparos naquele local.

Em derradeiro, os grupos rumaram para a Praça da Cordeira, antiga Praça Dois, matando FABIO PINHEIRO LAU, ferido ainda SALVADORA DOS SANTOS. Ressalte-se que naquele momento estavam presentes muitas pessoas ao redor da praça, causando pânico em todas.

Tendo em vista a gravidade dos fatos, e objetivando a proteção das testemunhas, represente pela produção antecipada de provas, medida cautelar de natureza processual que se vislumbrava necessária.

Polícia Militar, representados pela 2ª Seção do Estado Maior — PM 2 e pela Chefa da Polícia Relatário sobre diligências

I — Introdução  
Ao tomar conhecimento do assassinato de quatro policiais militares ocorrido na data de 28 para 29 AGO 93, na Praça CATOLE DO ROCHA, a PM/2 encetou diligências, de imediato, buscando estabelecer os motivos, circunstâncias e possível autoria, para isso foram entrevistados policiais militares que se encontravam de serviço no DPO JARDIM AMÉRICA, no patrulhamento motorizado da área do 9º BPM e pessoas apontadas como possíveis testemunhas da ocorrência.

Tais diligências foram intensificadas a partir do momento em que a Seção foi identificada da Chacina ocorrida na Favela de Vigário Geral, na data de 29 para 30 AGO 93.

Com o surgimento de dados dando conta de que o ex-intim SGT PM AILTON prestava serviços à DRE em seus horários de folga e de que policiais militares, estavam envolvidos na chacina, sendo mencionados, inicialmente os nomes dos SD PM (RG 40.509) PAULO ROBERTO BORGES DA SILVA e (RG 35.274) HÉLIO VILÁRIO GUEDES, ambos do 12º BPM, bem como dos Sd PM (RG 42.810) Deveraldo Lima Barrera, (RG 44.221) ALEXANDRE BICEGO FARINHA, ambos do 9º BPM e do Sd PM (RG 34.526) ADILSON SARAIVA DA HORA, da DGP, servindo à disposição da ALERJ, a Seção passou a buscar dados sobre as atividades daqueles policiais militares nos dias dos fatos, suas ligações, locais de residência, domicílio e outros pontos de interesse para o esclarecimento das ocorrências.

A partir do momento em que se robusteceram os indícios de participação de policiais militares, a PM/2 estreitou ligações com a DDV e membros do Ministério Público e CPM.

Através de dados obtidos junto a informantes e colaboradores, a PM/2 elaborou uma lista de suspeitos, que passou a ser alvo de Mandado de Busca e Apreensão.

Dentre os nomes citados e pesquisados, chegou-se ao Sd PM (RG 33.205) EDUARDO JOSÉ ROCHA CREAZOLA, em cujo endereço foram apreendidos pela PM/2 diversos materiais irregulares, bem como uma agenda, que foi o principal instrumento para esclarecer a ligação entre os envolvidos no massacre, além de um troquês da Favela de Vigário Geral contendo diversos dados sobre os pontos dominados pelos diversos traficantes de tóxicos que atuam naquele local e adjacências.

Proseguindo nas diligências, a PM/2 chegou a um cidadão apontado como conhecedor de todo o esquema montado pelos policiais militares e que, ao ser inquirido, forneceu dados sobre os fatos, com riqueza de detalhes, passando a ser o principal colaborador e tornando-se testemunha-chave da apuração em curso.

II — DO CUMPRIMENTO DOS MANDADOS E APREENSÃO DE ARMAS E OBJETOS

Foram cumpridos pelo serviço reservado da PMERJ mais de 45 (quarenta e cinco) Mandados de Busca, nas residências dos suspeitos de envolvimento com chacina de Vigário Geral, bem como na residência de alguns parentes, tendo sido apreendidas em média 60 (sessenta) armas dentre outras, além do AR-18 apreendido pela Chefa de Polícia Militar, duas armas que foram utilizadas no crime, segundo depoimento prestado junto a PM/2 e a DDV pela "testemunha-chave", conforme fotos em anexo (uma pistola 9mm Pietro Beretta, pertencente ao Sd PM (RG 37.145) JOSÉ FERNANDES NETO, do 12º BPM e o revólver cal. 44 que seria de propriedade do Sd PM (RG 50.798) MARCELO DOS SANTOS LEMOS, do 23º BPM, registrando-se ainda a apreensão de 04 (quatro) veículos automotores, que, segundo o denunciante, teriam sido

No que concerne à apreensão das duas armas acima citadas utilizadas na chacina, segundo depoimento da testemunha-chave, necessário se torna esclarecer que o fato ocorreu da seguinte forma:

Inicialmente recebemos a informação da "testemunha-chave" de que parte do armamento utilizado na chacina estaria de posse da "Mãe de Santo" dona IVETTE TOMAZ DA SILVA do Sd PM NETO e MAGINÁRIO, que reside na Rua Taturana, 580, Apt. 102 — Vicente de Carvalho/RJ; que as armas teriam sido levadas à citada residência por "MIMINHA" (NARCISA FERNANDES MOREIRA), irmã do Sd PM NETO; que no dia 14 SET 93, cerca das 09:15h, um Agente da PM/2 conseguiu juntamente com um informante conhecido do Sd PM NETO infiltrar-se na residência da Senhora "Mãe de Santo", sendo-lhe indagado, sobre as armas, pois um dos integrantes do grupo solicitara para dar sumiço no armamento, tendo então a Dona IVETTE dito que em visita ao Sd PM NETO no BPChq dias antes, o mesmo lhe teria dito que o cerco estava apertando e que seria melhor que as armas fossem jogadas num rio. Que, então, ela disse que enrolou as armas num pano e entregou ao seu marido para que ele assim o fizesse. Que o informante com um Agente da PM/2 deslocou-se ao local de trabalho do Sr. JAIR MOREIRA, consorte de Dona IVETTE, que ao ser inquirido sobre as armas disse que ele não estava com elas e que sua esposa iria jogar as armas no rio, havendo com isso uma contradição. Que o Ch da PM/2, juntamente com o informante e o Agente infiltrado, ao retornarem às proximidades da residência de Dona IVETTE, onde já havia Agentes observando o local, observou o momento em que a citada senhora orientou ao seu filho, que se dirigisse ao comércio local para telefonar e solicitar a presença urgente do Sr. JAIR (seu marido) à sua residência, fato este presenciado num telefone público, pelo Chefe da COOP-PM/2, que, após cerca de alguns minutos, realmente compareceu a sua residência com um veículo DEL REY o seu esposo, que ao sair da mesma com Dona NARCISA (MIMINHA), Dona IVETTE e seus dois filhos menores, foram abordados pelo Chefe do Serviço Reservado, Oficial e Agentes, que ao se identificar, convidou a todos a comparecerem à COOP-PM/2. Entretanto, um Capitão e um Agente da PM/2 mostraram ao Sr. JAIR que ele poderia ser responsabilizado penalmente, se não dissesse o verdadeiro local onde estariam as armas, tendo, então, resolvido dirigir-se ao local. Em lá chegando, foram então apreendidas as armas, sito à Rua Amacatara, 230, Apt. 101 — Irajá/RJ, dentro de um armário duplex, acondicionadas numa caixa de papelão (fotos em anexo), com todas as características de um "presente", que tal caixa foi entregue dias após a chacina ao Sr. HERLICK SCORALICK, que ao momento da apreensão não estava em sua residência; que o "presente" foi encontrado por um Capitão da PM/2 em companhia de um Agente, logo após a indicação da Senhora NEIDE DA COSTA SCORALICK, esposa do Sr. HERLICK, professor de matemática da UGF, que após a citada apreensão todos foram conduzidos à presença do Dr. Delegado da DDV e Membros do Ministério Público na COOP-PM/2.

III — DAS PRISÕES DISCIPLINARES

Foram punidos disciplinarmente os seguintes policiais militares:

Do 3º BPM  
Sd PM (RG 52.392) ROBERTO CEZAR DO AMARAL JUNIOR

Do 4º BPM  
Sd PM (RG 40.814) CARLOS TEIXEIRA  
Cb PM (RG 42.087) JOÃO RICARDO DO NASCIMENTO BAPTISTA  
Sd PM (RG 40.134) LUIZ CARLOS PEREIRA MARQUES

Do 5º BPM

Do 6º BPM  
Cb PM (RG 38.758) AMAURI DO AMARAL BERNARDES

Do 9º BPM  
Sd PM (RG 42.810) DEVERALDO LIMA BARRERA

Sd PM (RG 44.221) ALEXANDRE BICEGO FARINHA  
Sd PM (RG 44.272) GIL AZAMBUIA DOS SANTOS

Sd PM (RG 52.411) SIRLEI ALVES TEIXEIRA  
Cb PM (RG 37.369) EDMILSON CAMPOS DIAS  
Sd PM (RG 35.850) PAULO ROBERTO ALVARENGA

Cb PM (RG 26.915) HÉLIO GOMES LOPES  
Sd PM (RG 36.794) JAMIL JOSÉ SFAIR NETO  
Sd PM (RG 47.032) DERMEVAL LUIZ DA ROCHA

Sd PM (RG 51.718) GILSON NICOLAU DE ARAUJO

Do 12º BPM  
Sd PM (RG 1-18.334) JONAS SILVA DOS SANTOS

Sd PM (RG 35.274) HÉLIO VILÁRIO GUEDES  
Sd PM (RG 36.794) JAMIL JOSÉ SFAIR NETO  
Sd PM (RG 48.331) LEANDRO MARQUES DA COSTA

Sd PM (RG 38.595) WILTON ELIAS DA CUNHA  
Sd PM (RG 40.509) PAULO ROBERTO BORGES DA SILVA

Do 14º BPM  
Sd PM (RG 37.145) JOSÉ FERNANDES NETO,  
Sd PM (RG 48.331) LEANDRO MARQUES DA COSTA  
Sd PM (RG 44.468) ADILSON DE JESUS RODRIGUES

Do 16º BPM  
Sd PM (RG 52.422) WILLIAN MORENO DA CONCEIÇÃO  
Cb PM (RG 29.055) WILLIAN ALVES  
Sd PM (RG 46.927) JULIO CESAR BRAGA

Do 17º BPM  
Sd PM (RG 45.107) NELSON SIQUEIRA GONCALVES FILHO

Do 18º BPM  
Sd PM (RG 37.675) SERGIO CERQUEIRA BORGES  
Sd PM (RG 48.319) LUCIANO FRANCISCO SANTOS

Do 23º BPM  
Sd PM (RG 50.798) MARCELO DOS SANTOS LEMOS  
Sd PM (RG 38.988) RENATO AFONSO FERNANDES

Do RCCEs  
Sd PM (RG 31.999) LUIZ CLAUDIO BATISTA  
Do BPChq  
Sd PM (RG 33.205) EDUARDO JOSÉ ROCHA CREAZOLA

Do DGP  
Sd PM (RG 40.443) ARLINDO MAGINÁRIO FILHO  
Sd PM (RG 34.526) ADILSON SARAIVA DA HORA (à disposição da ALERJ)

Todos os nominados foram punidos com 30 (trinta) dias de prisão e submetidos a conselho de disciplina/Comissão de Revisão Disciplinar/Comissão de Revisão Disciplinar, para julgar da conveniência de permanecerem ou não nas fileiras da Corporação.

IV — CONCLUSÃO

Com as diligências e decorrentes apreensões, especificadas acima, como também das prisões disciplinares dos PPMs provavelmente envolvidos chegou-se ao corolário de que um grupo supostamente atuante em ações de extermínio foi temporariamente desarticulado, estando seus integrantes, tendo em vista o depoimento da testemunha-chave, possivelmente implicados no trágico acontecimento da cha-

B2  
R1006  
EL.05.07.F86

## V - A REPERCUSSÃO NACIONAL E INTERNACIONAL

Depois do assassinato de Chico Mendes, da Chacina de Acari, da Chacina da Candelária, da Chacina de Carandiru, da Chacina dos Ianomamis e de tantas outras que não foram computadas, o Brasil ficou estremecido em suas pretensões diplomáticas de se auto-definir como uma sociedade democrática onde "todos são iguais perante a lei". Para os moradores de Vigário Geral a certeza que ficou foi que se há uma lei esta é a sumária. Sem retórica, aquele morticídio demonstrou o quanto este promissor país do futuro, não sabe respeitar nem seu presente. Seus filhos vêm sendo dizimados impiedosamente e, por incrível que pareça, pouco ou quase nada se faz na prática para se reverter este lamentável quadro. Governantes insensíveis e demagógicos alardeiam que irão ou estão tomando providências enérgicas para punir os culpados. Mesmo que se tenha prendido o grupo culpado pela Chacina de Vigário Geral, já se passaram oito meses e de concreto a comunidade não conseguiu nem a indenização pela perda de seus entes, muito menos melhorias na infraestrutura da mesma.

Para não sermos injustos é preciso destacar que a solidariedade de muitas entidades e de várias pessoas foi importante após a Chacina. Os diversos grupos políticos, religiosos, culturais, de Direitos Humanos, tiveram papel fundamental naquele momento. Mas isso não foi o bastante. Solidariedade momentânea não bastava para o que tinha ocorrido em Vigário Geral. Precisávamos de propostas concretas que pudessem, a partir daquela data, significar uma sensível mudança na vida dos que sobreviveram. E isso só ocorreu devido a articulação que conseguimos junto aos moradores para, a partir de suas vidas e de seus problemas, criarmos condições de reverter o quadro que aqui vivíamos.

# Caso ganha o horário nobre na TV dos EUA

De Washington

O massacre na favela do Vigário Geral chegou ao horário nobre das grandes redes de TV dos EUA ontem mesmo. O telejornal de maior audiência do país, "ABC World News Tonight", deu a notícia, com imagens de moradores da favela apedrejando carros da polícia, sem comentários.

O segundo jornal de maior audiência, "CBS Evening News", também deu a informação, com cenas de corpos das vítimas sendo colocados em caixões e parentes chorando. Os dois telejornais atribuíram a chacina a policiais e lembraram o recente incidente da morte de menores na Candelária.

A entidade de defesa dos direitos humanos "Americas Watch" enviou carta ao governador Brizola pedindo "investigação rápida e independente" para "determinar se policiais em folga foram responsáveis pelas mortes".

A Americas Watch também diz que o incidente aponta para a

"necessidade urgente de se realizar sérias reformas na Polícia Militar do Rio". A organização sugere que se constitua uma única divisão para apurar crimes cometidos por policiais militares no exercício de suas funções ou não.

Outras entidades de defesa dos direitos humanos americanas preferiram esperar notícias confirmadas antes de se manifestarem. Vários dirigentes dessas organizações demonstravam descontentamento com as informações descontraídas sobre os ianomâmis.

Os casos da Candelária, dos ianomâmis e do Vigário Geral em menos de dois meses repercutem muito mal nos EUA, inclusive na área governamental. A administração Clinton decidiu colocar como prioridade de sua política externa o apoio ao respeito aos direitos humanos.

Essa sucessão de chacinas pode provocar pressões para que o país seja alvo de sanções econômicas.

(Carlos Eduardo Lima da Silva)

# Corrêa pede para país rezar contra violência

DANIEL CASTRO

Da Reportagem Local

O ministro da Justiça, Maurício Corrêa, resolveu apelar para uma intervenção divina no país. Ontem, ele pediu para o cardeal arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, que reze pelo fim da violência no Brasil. "Rezemos todos", disse Corrêa ao encerrar encontro na casa de Arns, à noite.

Corrêa e Arns conversaram durante 40 minutos. Segundo o arcebispo de São Paulo, a discussão sobre violência e as chacinas da Candelária, dos ianomâmis e a de Vigário Geral dominaram o encontro. Depois da reunião com Arns, o ministro da Justiça foi homenageado pelo sindicato dos hotéis e bares de São Paulo.

Maurício Corrêa chegou às 18h no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, junto com o ministro Paulino Cicero (Minas e Energia). Foi direto para a casa do arcebispo Arns. No trajeto, um Tempira da escolta bateu na traseira do

Santana que conduzia o ministro.

Corrêa descartou intervenção federal no Estado do Rio apesar de entender que a Polícia Militar local vive um "problema crônico". Disse que o presidente Itamar "ficou muito preocupado e lamentou profundamente" a chacina. A pedido do presidente, vai hoje para o Rio para "acompanhar o caso de perto".

"É o momento oportuno para fazermos uma reavaliação das polícias militares", disse Corrêa sobre a hipótese de a chacina de Vigário Geral ser uma represália ao assassinato de quatro PMs. Corrêa afirmou que a crise econômica é a maior responsável pela "violência que grassa no país".

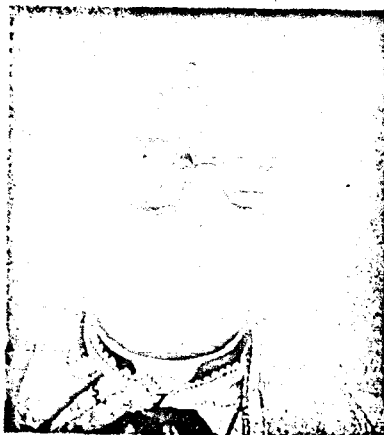
O ministro defendeu que o julgamento de crimes praticados por PMs seja feito pela Justiça Comum, e não pela Justiça Militar, como ocorre atualmente. Um projeto de lei, do deputado Hélio Bicudo (PT), em discussão na Câmara dos Deputados, propõe essa alteração.



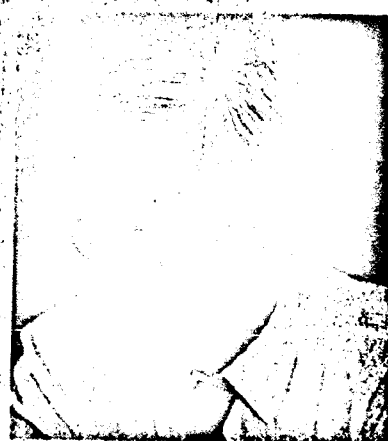
**REPERCUSSÃO**



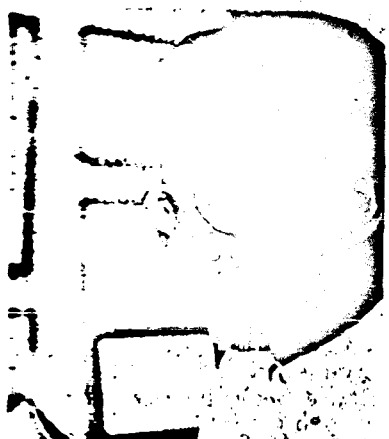
**Regina Gordilho** (deputada federal Prona-RJ) - "A maneira brutal com que essas pessoas foram mortas é indescritível. O mais grave é que a população não está aceitando mais a Polícia Militar. A PM no Rio é sinônimo de violência há muito tempo. Apóio a intervenção federal no Estado por causa desse clima todo. Num país que se diz democrático isso não pode acontecer. Vou amanhã (hoje) pessoalmente conversar com o presidente Itamar Franco para pedir a intervenção federal no Estado."



**Cardeal Eugênio Sales** (arcebispo do Rio) - "A chacina de Vigário Geral é uma aparente guerrilha urbana, tendo de um lado o crime organizado e de outro a polícia. Estou profundamente angustiado e preocupado. Foi mais um duro golpe contra a dignidade da cidade do Rio de Janeiro. Todas as forças vivas de nossa cidade devem se unir para encontrar uma solução rápida e urgente para esse grave problema, a começar pelo combate ao narcotráfico onde está uma das raízes desse mal."



**Wellington Moreira Franco** (ex-governador do Rio de Janeiro) - "Esse massacre nos humilha porque ele dá a dimensão da impotência. O cidadão fluminense está tão impotente diante da violência e da brutalidade quanto aos meninos de rua da Candelária. Tem que haver determinação política para enfrentar problemas como esse. O governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, é omissivo e fica jogando conversa fora enquanto a situação da violência vai se agravando."



**Paulo Sérgio Pinheiro** (Núcleo de Estudos da Violência da USP): "É inaceitável numa democracia que espaços do território sejam controlados pelo crime organizado. Enquanto as polícias militares contarem com o beneplácito do foro especial, e o crime organizado com a tolerância da sociedade, caminharemos a passos rápidos para uma colombização. Esta chacina é, simplesmente, mais uma etapa depois do massacre do Carandiru, da Candelária, dos ianomâmis, dessa fraqueza do Estado de direito no Brasil."



**Afanázio Jazadi** (deputado estadual, PFL): "É uma total insanidade. Mesmo a morte de quatro PMs não justifica uma revanche contra favelados que estavam dormindo. Revela a perda de controle por parte do Estado. É a falta de comando, uma polícia enfraquecida, enquanto comandos paralelos dominam os morros com armamentos sofisticados. As armas usadas nesta chacina são também empregadas por esses quadrilheiros. Pode até ser uma armação, bandidos tentando jogar a população contra a polícia."



**João Roberto Piza** (presidente da OAB-São Paulo): "O que aconteceu não pode ser analisado isoladamente. É um processo que começa no Carandiru, passa pela Candelária, pelos ianomâmis, e desemboca neste episódio. Faz parte de um processo de embrutecimento da sociedade. Revela a perda de capacidade de indignação das pessoas frente à violência. Em qualquer análise que se faça, tem que se levar em conta o problema da impunidade. Se não for dado um corte neste processo, estaremos caminhando a passos céleres para o imponderável."

## A gota d'água

HERBERT DE SOUZA

A polícia já é um caso de polícia há muito tempo. Com a ditadura militar tudo piorou. A impunidade, a violência, a arrogância. Chico Buarque matou a charada e cantou o rumo das coisas com o "Acorda Amor" (chame o ladrão, chame o ladrão...). Com o desenvolvimento espantoso do narcotráfico, chegamos ao limite extremo. O grau de envolvimento da polícia no crime desafia o governo a tomar medidas à altura de um abismo. O que se pode fazer com uma polícia que perdeu totalmente o sentido da lei e da ética? Que é assassina?

E como distinguir dentro da corporação quem é e quem não é assassino? Quem mata friamente e quem cumpre a lei? Em que proporção se divide? Seria possível submeter toda a corporação a um teste para verificar seu grau de criminalidade? Seriam suficientes os esforços realizados pelo governo estadual para equacionar o problema?

Os últimos massacres envolvendo a Polícia Militar demonstram que o Estado vive um momento grave de insegurança pública provocada pela polícia. A população está sendo agredida de forma criminosa, ousada e arrogante pela própria polícia. É claramente um caso de subversão da ordem pública que não pode mais esperar tratamentos graduais e de longo prazo.

Em Vigário Geral tudo transbordou e superou qualquer imaginação criminosa. O assassinato irio e indiscriminado de cidadãos dentro de suas casas supera qualquer análise, como um choque, um quadro de terror. Dessa vez o crime conseguiu se superar, a bestialidade conseguiu mostrar sua cara e a covardia atingiu as raízes da loucura.

Foi a gota d'água. Tudo agora transbordou e não existe mais tempo e condições para procedimentos habituais, burocráticos, tradicionais. Frente à absoluta anormalidade é crucial atuar com absoluta eficiência para proteger a população do crime, instalado de forma generalizada numa corporação que perdeu o rumo, o sentido, a consciência e a dignidade. Esta-

mos diante do dilema. Ou o Estado prende sua polícia ou ela acabará com o Estado e a sociedade, e estaremos mergulhados na barbárie sem retorno.

Por muito menos a polícia de um estado do Norte foi dissolvida e seus integrantes processados. O Governador Brizola não tem outro caminho pela frente senão o de apelar para a cooperação imediata e urgente das Forças Armadas para dissolver a Polícia Militar e começar imediatamente sua reorganização em bases novas, através de concurso público que dedique, inclusive, pelo menos 50% de suas vagas às mulheres. Com esse gesto, em poucos meses poderemos voltar a respirar aliviados, respeitando a polícia e temendo somente e tão somente a violência do crime.

Que esse sangue derramado de forma tão brutal sirva para mudar radicalmente uma realidade que nos mata a todos a cada dia. Com a palavra, o Governador.

(\*) Secretário executivo do Ibase e articulador nacional da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida.

## DEPOIMENTOS

■ "A situação é muito delicada e se caracteriza pela perda do controle das forças de segurança pública. Diante da gravidade dos fatos, que sinalizam com uma situação de descontrole da ordem pública, seria oportuno que o governo do Estado estudasse a possibilidade de solicitar ao presidente Itamar Franco a decretação, no Rio, do estado de defesa, previsto na Constituição Federal. (César Maia, prefeito do Rio de Janeiro)

■ "Mais um duro golpe contra a dignidade do Rio de Janeiro. Todas as forças vivas de nossa cidade devem se unir para encontrar uma solução rápida desse grave problema, a começar pelo combate ao narcotráfico, onde está uma das raízes deste mal. Estou em contato com as autori-

dades, com o pároco local, que me representa, e também pedi ao Bispo Auxiliar D. João d'Avila Moreira Lima que fosse levar uma palavra de conforto às famílias das vítimas". (Cardeal Dom Eugenio Sales)

■ "Não afasto a possibilidade de pedir a intervenção militar no Estado do Rio de Janeiro. O episódio foi tão drástico, que não descarto qualquer possibilidade. Vou convocar uma sessão extraordinária do Conselho Pleno, vou colocar a OAB à disposição da comunidade de Vigário Geral, vou convocar as lideranças comunitárias para que compareçam à ordem." (Sérgio Zveiter, presidente da OAB-RJ)

■ "Está caracterizado que não há comando neste Estado. Não

basta o Governo confessar que se trata de uma vingança. A verdade é que não se tem qualquer notícia de que o Governo está tomando providências para evitar o processo de degradação das instituições responsáveis pela segurança da população. (ex-prefeito Marcello Alencar)

"É lamentável este momento de tensão que vive a população favelada do Rio de Janeiro. O responsável por esta situação é o poder público, tanto a nível estadual, quanto municipal e federal. Vamos denunciar o que aconteceu a entidades internacionais de direitos humanos. Não acreditamos nas autoridades brasileiras, estas não fazem nada" (Pedro Mendonça, presidente da Federação de Favelas do Estado do Rio — Faferj)

# Grupo americano pede fim da impunidade

JOSÉ MEIRELLES PASSOS  
 • EDUARDO TESSLER  
 Correspondentes

Indignada com a matança na Favela de Vigário Geral, a diretoria do Americas Watch (AW), um dos mais importantes grupos de defesa dos direitos humanos dos Estados Unidos, enviou uma carta ao governador Leonel Briozola ontem, dizendo esperar, pelo menos, que "esses trágicos assassinatos sirvam para que se redobre a luta contra a impunidade". O AW também pediu "sérias reformas na Polícia Militar do Estado do Rio", além da criação de uma divisão de assuntos internos para investigar crimes cometidos por policiais.

"Tal divisão teria de ser bem equipada e também poderia contar com a ajuda de outras forças, como a Polícia Civil e também a Federal", diz um trecho do documento. No Congresso americano,

auxiliares de vários senadores e deputados tratavam de obter mais detalhes sobre o crime, noticiado repetidas vezes pela rede de televisão CNN, que transmite para o mundo todo.

— Crimes bárbaros têm acontecido no Rio e ninguém paga por eles — comentou um porta-voz do Congresso.

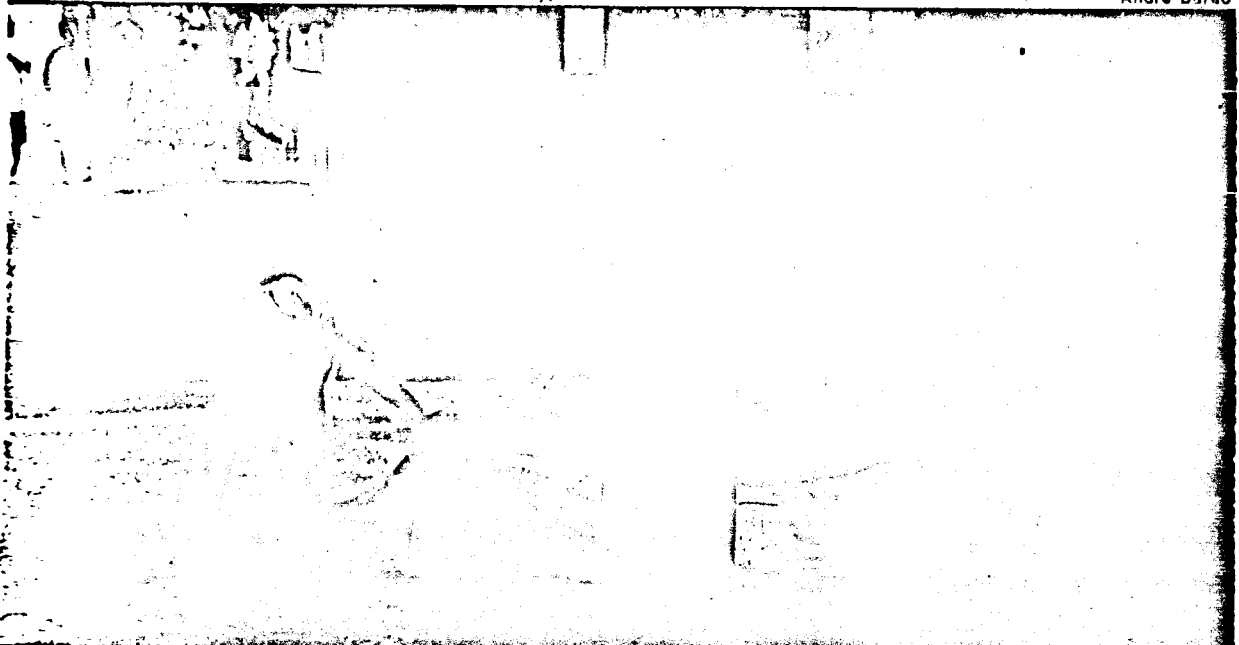
Como aconteceu nas últimas semanas, após o massacre da Candelária e a chacina dos lanomâmis, ontem americanos ligaram de várias partes do país para a embaixada do Brasil em Washington, para protestar pessoalmente contra a matança. Alguns pediam ampla investigação e castigo para os culpados. Outros disseram que vêm aconselhando amigos a não viajarem ao Brasil.

— Do jeito que a coisa está não há Embratur que dê jeito —

comentou um diplomata. Na Itália, a imprensa classificou a chacina de Vigário Geral como "o maior massacre da história recente do Rio de Janeiro". A notícia ganhou tanto destaque quanto a morte dos meninos de rua da Candelária, porém com análises muito mais aprofundadas, uma vez que se tratou de vingança e de um número maior de vítimas.

"O clima no Rio depois disso ficou insustentável, com a interrupção da Avenida Brasil e uma série de carros incendiados. O Rio vive momentos de guerra civil", exagerou o telejornal TG3, da Rai Três. As agências de notícias italianas deram muita atenção ao massacre. A Ansa, por exemplo, contou passo a passo o que classificou como carnificina.

André Durão



Uma moradora observa o corpo de uma das vítimas: trabalhadores foram mortos quando se dirigiam ao emprego

*“Não afasto a possibilidade de pedir a intervenção militar no Estado. Vou colocar a OAB à disposição da comunidade de Vigário Geral”*



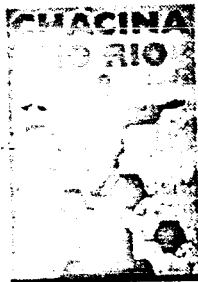
# Governo admite

## a participação de PMs

FERNANDO MOLICA

Da Sucursal do Rio

O vice-governador e secretário de Polícia Civil do Rio, Nilo Batista, disse não ter dúvidas de que a chacina na favela de Vigário Geral foi cometida



por policiais militares. Em nota, o governador Leonel Brizola disse que a PM precisará de um "choque disciplinar", caso seja confirmado o envolvimento de integrantes da corporação na chacina.

Batista e Brizola vincularam a chacina ao assassinato, na véspera, em Vigário Geral, de quatro PMs. Brizola disse não haver dúvidas de que a chacina tem características "de uma inadmissível operação de vingança". Na nota, o governador classifica a chacina de "deprimente e chocante" e afirma ter determinado "a mais severa e rigorosa apuração dos fatos".

Em entrevista, após uma visita à favela, no início da tarde de ontem, Batista atribuiu a chacina "aos subterrâneos da polícia". O secretário de Polícia Militar, coronel Carlos Magno Nazareth Cerqueira, foi menos enfático. Para ele, a participação de PMs no episódio é "viável". Batista afirmou não ver razão para uma intervenção federal no Estado.

Batista chegou a discutir com um morador da favela que ironizou sua disposição de esclarecer o caso. "É ruim", disse o morador quando Batista afirmou que tudo seria apurado. "Se você vai falar, companheiro, você fala. Deixa de ser bobo, estou do seu lado, se enxergue, rapaz", retrucou Batista, aos gritos.

O secretário disse que a polícia quer saber se os quatro PMs mortos na véspera eram "heróis ou bandidos". "Precisamos saber se ali está uma história limpa", afirmou, ao questionar o comportamento dos PMs, que foram ao local onde viriam a ser assassinados sem avisar o comando de operações da corporação.

### Presidente do TJ pede pena capital

Da Sucursal do Rio

O presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, Antônio Carlos Amorim, 73, defendeu ontem a pena de morte para punir os autores da chacina de Vigário Geral. Amorim classificou a chacina como uma "guerra social".

"Estamos vivendo uma guerra social: uma camada de marginais que integra até a polícia e outra que pratica toda a sorte de crimes", disse o desembargador em nota divulgada pela assessoria de imprensa do Tribunal. "Temos que tomar medidas drásticas, como até a pena de morte", disse Amorim.

A pena de morte, segundo o desembargador, "é permitida pela Constituição em estado de guerra". A Constituição, em seu artigo 5º, inciso 47, item "a", diz: "não haverá penas: a) de morte, salvo em caso de guerra declarada, nos termos do artigo 84, 19".

Batista disse que a "cultura do extermínio" está viva e que os responsáveis por este tipo de crime adotaram uma "nova metodologia". Segundo ele, foi abandonada a "morte banalizada de duas ou três pessoas": "A fiera do extermínio agora reúne suas forças e sai unida dos porões".

Batista afirmou que o governo está envolvido em uma luta "contra a estupidez policial". Segundo ele, a grande maioria dos policiais não quer ser confundida com "mineiradores ou achacadores".

Acompanhado do coronel Cerqueira, de delegados e seguido por deputados e vereadores do PT, Batista percorreu os locais da favela onde havia cadáveres. Em todos os pontos, ele recebia pedidos para que o crime seja apurado.

# Uma epidemia de violência

■ Americas Watch sugere reformas na Polícia Militar

ANA MARIA MANDIM  
Correspondente

WASHINGTON — Em carta dirigida ao governador Leonel Brizola, a Americas Watch, organização de defesa dos direitos humanos, expressa seu "choque" pela matança na Favela de Vigário Geral, aponta "a necessidade urgente de empreender sérias reformas na Polícia Militar do estado do Rio e, especialmente, estabelecer um sistema em que os criminosos e violadores dos direitos humanos sejam identificados e afastados o mais rápido possível". A Americas Watch afirma que fatos como esse e o

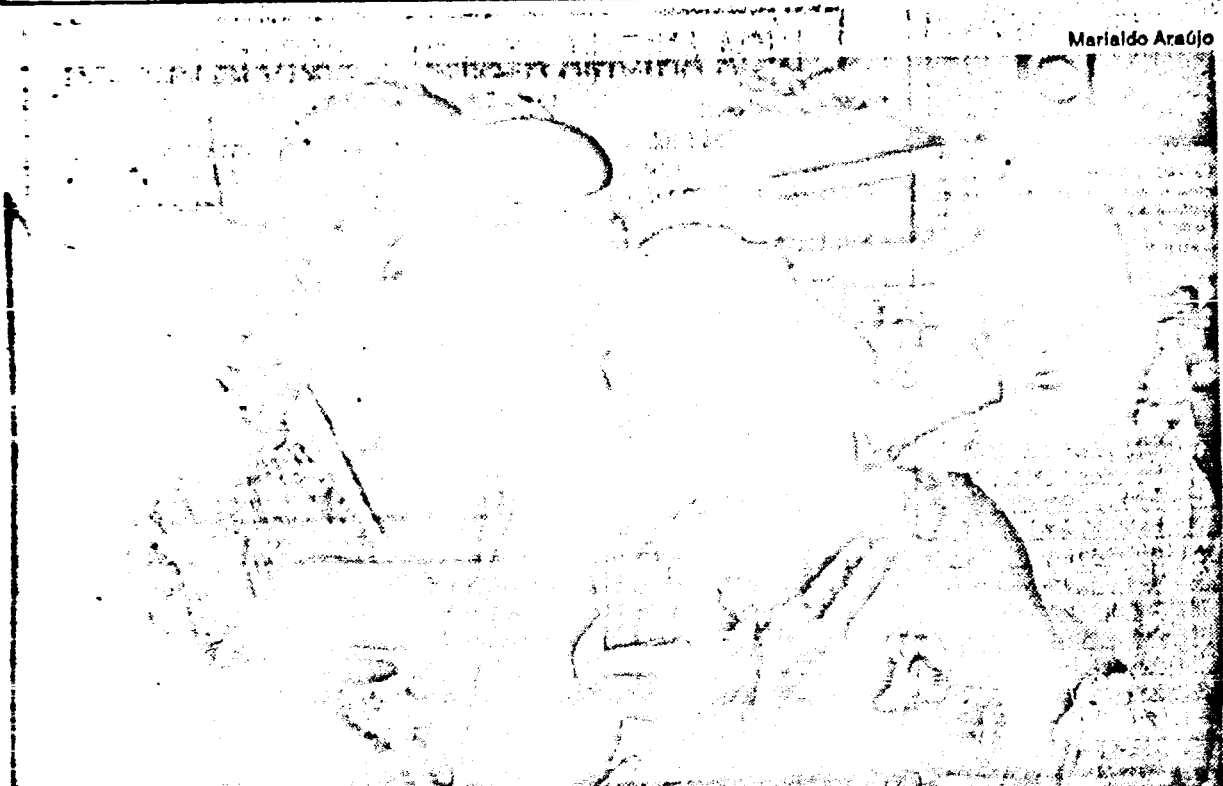
assassinato de oito crianças na Candelária "são exemplos da epidemia de violência cometida por policiais de folga que está devastando o Rio de Janeiro".

A entidade sugere a criação de uma única divisão de assuntos internos da Polícia Militar para investigar os crimes de policiais "que estejam ou não de folga". "Entendemos que as averiguações estão sendo feitas pela divisão comandada pelo tenente-coronel Valmir Alves Brum", diz a carta, "mas elas estão limitadas aos casos que não são solucionáveis ao nível do batalhão. Uma única divisão de assuntos internos centralizaria e aceleraria a investigação dos crimes".

A Americas Watch também observa que essa divisão deveria

ser bem equipada e autorizada a solicitar o auxílio da Polícia Civil e da Polícia Federal quando fosse necessário. "Para dar credibilidade e transparência, as queixas e processos administrativos contra policiais deveriam ser colocadas à disposição do público interessado", aconselha a entidade, que conclui a carta lamentando "a declaração do coronel Francisco Durães, da Polícia Militar, de que, "quando há um massacre, todo mundo culpa a polícia".

"Esperamos", diz a Americas Watch, "que essa afirmação não reflita um desejo do governo do Rio de Janeiro de minimizar esse sério problema que urge a prisão e o julgamento exemplares dos Policiais Militares responsáveis".



Marialdo Araújo

Ao lado da mãe, Maria, Ivo Pereira da Silva manifestava revolta com a morte de seu irmão, Clodoaldo

## Banhos de Sangue

Em 1987, o *Le Monde*, com o subtítulo de "Justiça muito lenta, polícia corrupta", publicou reportagem afirmando que o linchamento é o "esporte da moda no Brasil". Passaram-se seis anos, sem que, no front da violência pública, autoridades brasileiras tenham tomado qualquer providência para garantir a ordem pública. Hoje, o *Le Monde*, ou qualquer outro jornal de influência internacional, pode dizer que o "esporte da moda" foi superado por outro esporte, o massacre.

Notícias não faltam, e cada vez mais graves, para excitar a opinião pública internacional: Carandiru, Candelária, Ianomâmis, Vigário Geral. Sucedem-se as matanças, sempre com muita violência e desfaçatez. Os nomes-símbolos têm algo em comum: os assassinos atacam com a mesma certeza de impunidade, como se soubessem que por trás deles existe uma espécie de "justiça paralela" suficientemente forte para garanti-los, não importa o tamanho da reação suscitada nos meios oficiais ou a indignação pública.

O tráfico de droga é hoje o motor da criminalidade no eixo Rio-São Paulo. O crime organizado tem estrutura, caixa, relações internacionais e conexões com o narcotráfico. O crime sobrevive e cresce até mesmo dentro dos presídios.

A chacina de Vigário Geral, sucedendo-se à eliminação de quatro PMs, como vingança, contém elementos de barbarismo que, por falta de relação legítima entre uma a outra, relembra expedições punitivas dos tempos do nazismo. Por quatro policiais assassinados, foram mortos aleatoriamente 22 moradores da favela. Em Lidice não se fazia melhor. O primeiro dos episódios não foi bem apurado, já que havia suspeita de *mineira* (coleta de dinheiro pela polícia para permitir ação de traficantes), e já o

segundo, pela dimensão do crime, abafa-o, lançando cortina de fumaça a respeito das causas do mais novo "esporte da moda" policial.

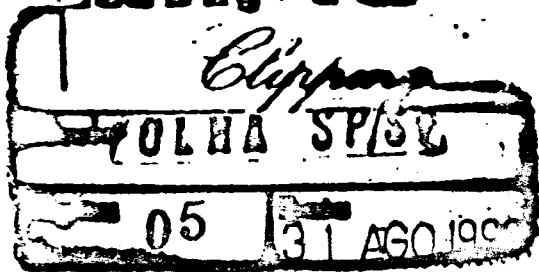
É um episódio tão grave, somado aos episódios anteriores, da Candelária e de Carandiru, que a sociedade teme que a Polícia Militar escapou ao controle dos governos estaduais. Os policiais que invadiram a favela de Vigário Geral e mataram indiscriminadamente trabalhadores, mulheres e crianças, com o intuito de "dar um recado" aos traficantes que liquidaram seus colegas, não são ingênuos. Eles sabiam exatamente o que faziam.

Encapuzados, sanguinolentos, desafiaram a autoridade de forma inequívoca. O governo estadual declarou que os dois fatos se relacionam. Logo, existe confronto direto entre policiais e a corporação a que pertencem, contra o governo, isto é, contra a sociedade. Em nome da sociedade, portanto, o governo deve reagir com rapidez, eliminando da polícia o cancro que cresce incontrolavelmente, antes que seja tarde demais. Ou o governo estadual intervém, demite os comandos da PM e procede a uma investigação profunda para localizar os grupos de extermínio, ou os grupos de extermínio tomarão conta do governo.

O desafio lançado pelos matadores deve ser respondido com rapidez em nome da segurança pública, antes que se constate que não existe mais poder algum. Investigações sobre massacres mais longínquos, como Carandiru e Candelária, deram em nada. O massacre dos Ianomâmis continua envolto em fumaça. Terá o mesmo destino o massacre de Vigário Geral?

Longe de garantir a ordem nas ruas, as PMs, com sua omissão, corrupção e envolvimento com o crime organizado, destacam-se como negação da polícia. O país, entregue aos marginais e aos grupos de extermínio, está à beira de uma





# Brasil cria 'seção

# permanente' de massacres

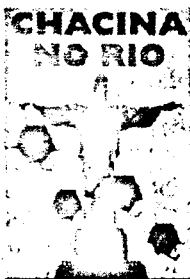
**MARCO CHIARETTI**

Da Reportagem Local

O Brasil já tem espaço garantido em uma seção permanente da grande imprensa internacional: "Massacres e/ou genocídios vários". E não há embaixador

capaz de mudar isso. Somos, aos olhos do mundo, uma Bósnia sem guerra civil e sem argumentos, uma experiência que não deu certo. O Brasil não era somente o exótico lugar das bananeiras e dos balançandês. Agora é a terra dos caixões em fila. Onde os mortos são todos negros, mulatos, pobres.

A morte das crianças na Candelária mostrou aos poucos desavisados fora de nossas fronteiras que a vida no ex-país do Futuro, com "impeachment" e tudo, era muito mais difícil do que a simples análise de números e inflações poderia deixar ver. Aqui corre sangue e muito. Com os cadáveres do Vigário, não haverá acionista de grandes bancos que não pense dez vezes em ajudar nossa complicada economia. Massacres não são bons para os negócios. Ainda mais quando saem no jornal.



A rede norte-americana (ou melhor, transnacional com sede nos EUA) CNN dedicou vários minutos de sua programação mundial ao mais recente morticínio da madrugada carioca. A rede fala e mostra nosso país a bilhões ou ao menos centenas de milhões de espectadores: "Massacre brutal", "alvo do horror", "este é um entre a série de massacres brutais que vêm ocorrendo no Rio", "justiça com as próprias mãos" etc. etc. etc. Quando os pivetés foram mortos na Candelária, a ex-Cidade Maravilhosa não saiu das TVs. Do primeiro mundo. Não há Itamaraty que salve nossa cara.

O jornal espanhol "El País", um dos mais sérios do mundo, registra na capa de sua edição do dia 20 de agosto que "a horrível matança" dos ianomâmis foi "gerada, ao que parece, pelos planos do governo em expulsar os garimpeiros da região". A reportagem começava dizendo que se a vida humana "vale pouco no Rio, uma cidade convertida em campo de batalha", "o que não dizer da selva amazônica, terra sem lei...?". O que não dirá "El País" amanhã?

O Brasil não precisa de embaixadores. O Brasil precisa é sumir do mapa. De vergonha. Antes que o mundo ache que nem vale a pena registrar nossos mortos.

O GLOBO - 3/09/93

## Violência na favela será tema de tese de sociólogo

A violência na favela é o tema da tese que o sociólogo Caio Ferraz, de 25 anos, está desenvolvendo em Vigário Geral. Nascido e criado na comunidade, Caio sabe exatamente o que pretende pesquisar: há cerca de três anos, sua família precisou sair de Vigário Geral, porque um de seus irmãos, Jorge Luiz de Oliveira, foi assassinado. Agora, ele quer descobrir o que leva os moradores a aceitar as condições de violência impostas pelos dois poderes da favela — o oficial, representado pela polícia, e o paralelo, dos traficantes.

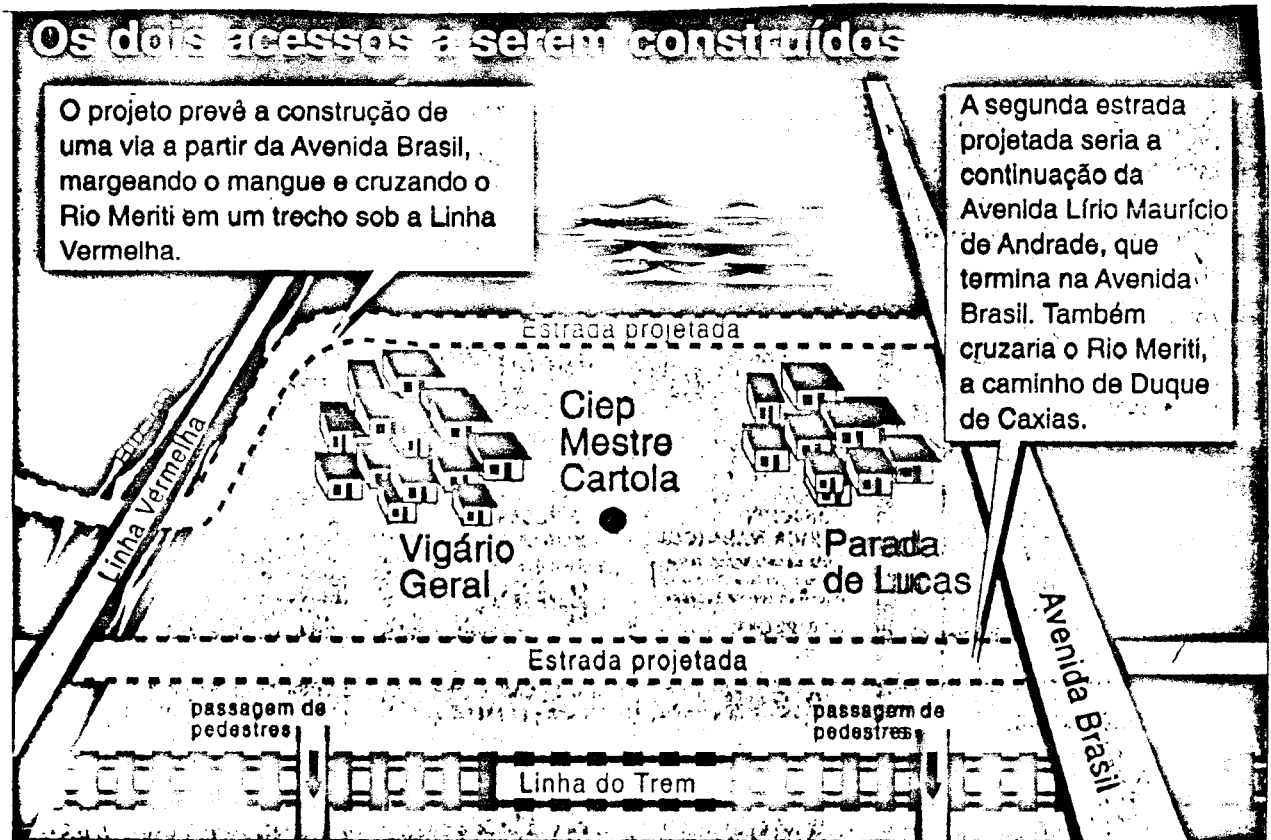
— Essa população desconhece o que seja justiça. Para eles, existe apenas a justiça sumária, feita através de atos como uma chacina — observou Caio.

A idéia de estudar a violência da favela surgiu após o su-

miço de Jorge. Mas antes disso, outro irmão de Caio havia desaparecido em circunstâncias misteriosas, em 1986. Já o caso de Jorge aconteceu durante o dia, dentro da favela. O rapaz havia saído de casa quando foi abordado por um grupo de encapuzados, que se identificaram como policiais e diziam procurar assaltantes de bancos. Ele mostrou os documentos, mas mesmo assim, foi levado com outros três rapazes pelos encapuzados. Os quatro foram assassinados.

Cerca de seis meses depois do crime, a casa da família, uma das maiores da favela, foi invadida por policiais, que diziam procurar "bandidos e armas". Diante disso, o chefe da família, José Pires Ferraz — um dos primeiros moradores de Vigário Geral — decidiu ir embora.

O GLOBO - 08/09/93



## Urbanização criará bairro popular

Foi preciso que 21 pessoas morressem para que o governo do Estado resolvesse atender a uma antiga reivindicação das comunidades de Vigário Geral e Parada de Lucas: facilitar o acesso às duas favelas, através de um projeto de urbanização que inclui a construção de duas estradas. Localizadas dentro de um quadrilátero — formado pela Avenida Brasil, a linha do trem, um mangue e o Rio Meriti — e ligadas às ruas de asfalto apenas por passarelas de pedestres, as favelas, durante anos, foram pontos estratégicos para as ações dos traficantes. A tal ponto que o próprio projeto de urba-

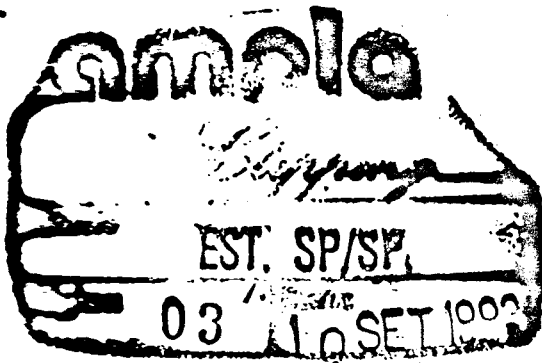
nização prevê que um dos benefícios da criação do bairro popular será "eliminar drasticamente a criminalidade".

O projeto, batizado como Proposta de Transformação das Favelas de Vigário Geral e Parada de Lucas em Bairro Popular — Extinção de um Gueto, foi entregue ao presidente da Associação de Moradores de Vigário Geral, Nahildo Ferreira de Souza, na semana passada. Na reurbanização, seria aterrado o antigo leito do Rio Meriti, as ruas e calçadas seriam alargadas e calçadas e as comunidades ganhariam galerias de esgotos.

— Vamos marcar uma audiência com o governador para dizer que concordamos com o projeto — disse Nahildo.

Em novembro de 1992, os moradores de Vigário Geral enviaram um abaixo-assinado ao governador, pedindo a construção de uma estrada paralela ao Ciep Mestre Cartola, que fica na divisa das duas favelas. Não obtiveram resposta. O atual projeto prevê a construção de duas estradas: a primeira iria da Avenida Brasil ao trecho dois da Linha Vermelha — que ainda está em construção. A segunda, ficaria paralela à linha do trem.





# Relatório acusa polícia por mortes

**GABRIEL NOGUEIRA**

RIO — A polícia brasileira, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, está entre as que mais matam em todo o mundo. Em São Paulo, o número de mortos civis em confrontos com a Polícia Militar chegou a 1.350 no ano passado (3,7 ao dia), contra 876 (2,4 ao dia) em 1991. No Rio, haviam sido identificados 180 grupos de extermínio, antes das chacinas da Candelária e de Vigário Geral.

Os dados fazem parte do relatório Urban Police Violence in Brazil entregue ontem pelo vice-presidente da Americas Watch, Stephen Kass, ao vice-governador e secretário de Justiça e Polícia Civil do Rio, Nilo Batista. Stephen Kass veio ao Brasil para acompanhar as investigações das chacinas da Candelária e Vigário Geral e denunciar as violações dos direitos humanos no País. Hoje ele vai à favela conversar com sobreviventes.

Segundo Kass, a violência policial é um dos problemas mais graves do Brasil, atingindo pessoas de todas as faixas etárias e sociais. No encontro com ele, Nilo Batista

relatou as providências que estão sendo tomadas para a identificação e prisão dos integrantes dos grupos de extermínio. "Confiamos que Nilo Batista vá tratar esse problema com toda a sua capacidade", disse Kass.

O relatório da Americas Watch destaca que, embora o Rio de Janeiro e São Paulo tenham polícias violentas, a corporação fluminense tem orientação para respeitar os direitos humanos com mais ênfase que a paulista. O relatório aponta como uma das causas da violência a continuidade da ideologia da época da ditadura militar nas polícias dos estados.

A Constituição preserva, ainda, o julgamento dos policiais militares que matam na Justiça Militar, uma herança da ditadura, destaca o documento. Duas denúncias mais graves pesam sobre a PM brasileira: a eliminação de criminosos tornou-se uma prática de medida de eficiência e adivés de entregar os presos à Polícia Civil, os mantém muitas vezes em seu poder, sob alegação que a organização civil é "incompetente".

# Violência assusta no exterior

**Imprensa estrangeira destaca a chacina e jornal americano pergunta: 'O que está acontecendo com este país?'**

O massacre da favela de Vigário Geral repercutiu com força na imprensa internacional e, ontem, a correspondente da emissora norte-americana CNN, Marina Mirabella, participou com equipe da cobertura no interior da favela.

Os principais jornais parisienses, *Le Monde* e *Libération* deram destaque à chacina, enfatizando a suspeita de participação de policiais. A matéria do correspondente Jean-Jacques Sévilla, do *Libération*, tem o título de "Comando-massacre numa favela do Rio". No *Le Monde* a manchete estampa a indignação europeia: "Cerca de vinte pessoas foram assassinadas numa favela do Rio".

Os dois diários mencionam estatísticas da violência no Rio e em São Paulo e atribuem o controle do tráfico de drogas, a grande quantidade de crianças abandonadas na rua e a "ausência - ou cumplicidade - das forças da



*Correspondente da CNN, Marina Mirabella, em Vigário Geral*

ordem", as principais causas de criminalidade. O jornal *New York Times*, o mais lido nos Estados Unidos, comparou a carnificina a uma guerra urbana e indagou: "O que está acontecendo com este país?". O massacre de Vigário Geral foi a manchete da página internacional do *NYT* com o título "21 assassinados em favela do Rio; policiais são suspeitos".

O correspondente James Brooke recordou massacres anteriores ocorridos no Brasil, como o da Candelária, no Rio e o dos 111 presos da Ca-

sa de Detenção, em São Paulo, em outubro passado: "A própria polícia militar está cada vez mais desrespeitando a lei", ressaltou o correspondente. De acordo com o jornal, até 1989, as expulsões de militares da PM eram causadas por condutas inadequadas. A partir de 89, a causa mudou para crimes. O *NYT* sinalou ainda que no Rio 16% da população aprovou a matança da Candelária, enquanto em São Paulo, 41% apoiou a matança de presos.

*Original*

GLOBO/R3

17 SET 1963



Informe do governo dos Estados Unidos  
critica desrespeito aos direitos humanos no Brasil

# Americanos: Matança virou rotina

JOSÉ MEIRELLES PASSOS  
Correspondente

WASHINGTON — Um informe sobre direitos humanos no mundo inteiro, preparado pelo Departamento de Estado e que circulava ontem no Congresso americano, dá um retrato preciso do Brasil nessa área. "Exterminios extra-judiciais se tornaram um lugar comum e são um dos mais sérios problemas de direitos humanos no Brasil", diz o documento, cujo capítulo brasileiro ocupa nove páginas. Nele também está registrado que existe no país "um arraigado clima de impunidade". Esse relatório, que é preparado anualmente para parlamentares e a Casa Branca, tinha sido entregue ao Congresso no primeiro semestre deste ano, mas ontem foi retirado das prateleiras e tornou-se o centro das discussões entre senadores, deputados e diplomatas americanos indignados com a chacina de Vigário Geral.

— Vemos a repetição de uma tragédia que parece estar se

transformando numa dolorosa rotina no Brasil — disse um alto funcionário americano.

Outro funcionário do governo lembrou que o Brasil figura no "Guinness Book of Records" como recordista em assassinatos. Ao noticiar a chacina, o "New York Times" disse que "a carnificina urbana brasileira se parece cada dia mais com uma guerra de guerrilhas".

— A repetição de crimes como os de Vigário Geral demonstra que o governo está perdendo o controle — comentou Susan Kauffman Purcell, diretora da America's Society, uma entidade dedicada ao intercâmbio comercial e político entre os Estados Unidos e a América Latina.

● FOTOS — O jornalista Mac Margolis, correspondente da revista americana "Newsweek", acompanhado por um fotógrafo, ficou detido ontem por mais de uma hora na Secretaria de Polícia Civil, por ter sido flagrado tentando fotografar os corpos das vítimas da chacina no necrotério do Instituto Médico-Legal.



## Na fronteira dos bairros, o 'Vietnã'

O Vietnã fica no Rio. Mais precisamente na fronteira entre as favelas de Parada de Lucas e Vigário Geral. É um trecho desabitado, de pouco mais de 200 metros, onde restou apenas uma escola. O Ciep Mestre Cartola tem, por isto, um ritmo diferente: aula só em dias de paz entre os traficantes das duas favelas, comandadas por facções diferentes. Há mais de três meses foi dada uma trégua, após a prisão de Adlas Ferreira, o Adão, chefe do tráfico em Vigário Geral.

As dez casas ao longo da rua de barro que separa as duas favelas estão em ruínas. As marcas de tiros são vistas por todos os lados. O Ciep mais parece um alvo, mas os moradores explicam que ele é usado, na verdade, como barricada pelos traficantes. A primeira casa habitada, um pouco à frente, do lado de Vigário Geral, tem dois quartos, sala, cozinha, banheiro e varanda. O imóvel, que fica ao lado da linha de trem e em frente ao

Ciep, foi comprado há quatro meses pelo evangélico Marcelo dos Reis Pereira, de 24 anos, por CR\$ 3 mil, pagos a prestação. A mulher de Marcelo está grávida. A família garante que é tempo de paz:

— A gente ouve uns tiros lá longe. Mas aqui perto está tudo calmo — diz Marcelo.

O clima está aparentemente amistoso entre os dois grupos. O chefe de Parada de Lucas, Robertinho, ligado ao Terceiro Comando, está permitindo que caminhões de entrega de bebidas e comida entrem em Vigário Geral por Lucas. Os únicos acessos para Vigário são pela passarela de pedestres sobre a linha férrea ou pela favela vizinha.

Os traficantes estão em paz, mas os professores continuam apavorados. Para se chegar ao Ciep, o caminho mais seguro é cruzar a pé a favela de Vigário Geral. Com a execução das 21 pessoas, as aulas foram suspensas por três dias.

## Na Inglaterra, papel da PM é questionado

LONDRES — A chacina de Vigário Geral foi notícia ontem em todos os canais de televisão e jornais britânicos, que deram ênfase ao envolvimento da polícia. A BBC deu a notícia em seus programas noturnos em mais de 30 línguas. Segundo a BBC, o envolvimento de PMs em crimes põe em questão a própria instituição, uma criação do regime militar que não teria mais lugar no Brasil moderno.

## Na França, Anistia promete protestos

PARIS — A televisão e os jornais franceses noticiaram o massacre de Vigário Geral com fotos e imagens dos mortos em caixões no meio da rua. Entidades de defesa dos direitos humanos reagiram com indignação e a Anistia Internacional anunciou que vai organizar protestos. Segundo o "Le Monde", a violência torna cada vez mais difícil aos diplomatas brasileiros a tarefa de defender seu país.

## SOS Tortura pede o fim da impunidade no Brasil

DEBORAH BERLINCK  
Correspondente

O conflito social no Brasil está estourando e só há uma forma de evitar o pior: acabar com a impunidade, sobretudo da Polícia, disseram ontem em Genebra membros da SOS Tortura, a maior entidade internacional contra tortura, que representa 170 organizações de direitos humanos no mundo inteiro. Pela terceira vez em 30 dias, o Brasil entrou na "central de alarme" da SOS Tortura por violação grave dos direitos humanos: chacina sistemática e organizada de pessoas. A primeira foi após o assassinato de oito meninos de rua na Candelária; a segunda, o massacre dos ianomânis.

O caso da chacina de 21 pessoas na Favela de Vigário Geral foi divulgado ontem pela organização, através de fax, a cerca de mil organizações de defesa dos direitos humanos, representantes de governos e comissões parlamentares do mundo inteiro. A SOS Tortura denunciou a impunidade e pediu que seus membros enviem cartas às autoridades brasileiras reivindicando mudança da legislação, para que policiais brasileiros passem a ser julgados por tribunais comuns, e não por cortes militares.

— É uma coisa louca o que está acontecendo no Brasil. A Polícia está totalmente fora do controle das autoridades — disse uma representante da organização.

## Americas Watch cobra Brizola

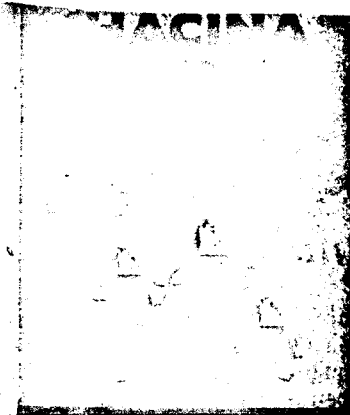
Da Sucursal do Rio

A organização não-governamental de proteção aos direitos humanos Americas Watch envia dia 8 o seu vice-presidente Stephen Kass para investigar a chacina de Vigário Geral. Ele deverá passar quatro dias no Brasil e pretende se encontrar com autoridades estaduais e federais a fim de cobrar a rigorosa apuração do crime.

A organização enviou carta ao governador Leonel Brizola no mesmo dia em que ocorreu a chacina exortando-o a garantir uma investigação rápida e independente para se saber se policiais fora de serviço foram os responsáveis pelos assassinatos. Se isso

for confirmado, "a chacina de Vigário Geral seria mais um exemplo de uma epidemia de violência cometida por policiais que está devastando o Rio", diz a carta, lembrando do assassinato dos meninos de rua na Candelária.

A Anistia Internacional, outra organização ativista de direitos humanos, divulgou uma nota pedindo as autoridades brasileiras para fazer uma profunda revisão da operação das polícias Civil e Militar. De acordo com a entidade, é necessária uma mudança radical na estrutura da força policial no Brasil por causa dos sucessivos atentados aos direitos humanos praticados por policiais.



TESTEMUNHA

## Crianças que sobreviveram têm proteção

Da Sucursal do Rio

Poupadas pelos assassinos, as cinco crianças da família de protestantes chacinada em Vigário Geral estão protegidas pelo governo estadual. A testemunha J.P.C., 25, irmã de uma das vítimas também deixou a favela.

J.P.C. forneceu à polícia o único retratofalado de um dos envolvidos na chacina. Ela disse ter visto o assassino porque o capuz com que ele escondia o rosto durante a chacina caiu.

J.P.C. está sendo mantida sob proteção de policiais de confiança do secretário de Polícia Civil, Nilo Baista.

A deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ) esteve ontem na favela. Foi ela quem avisou à família de J.P.C. sobre a proteção do governo. "Quero ver minha filha. É minha única menina", disse aos prantos, A.P.C., mãe da testemunha, antes de saber onde a filha estava.

Há dois dias que os parentes de J.P.C. estavam sem notícias.

A tia das crianças, Núbia, 10, Ytor, 9, Luciana, 5, Dereck, 4, e Jaima, um mês, Dulce, 26, disse que elas estão fortemente traumatizadas. "Elas viram os pais, tios e avós serem mortos um a um. Ninguém sabe nem como não morream também. Esta é uma mara que levarão pelo resto da vida", disse ela.

A deputada disse que as crianças estão sendo assistidas por psicólogos. "Elas estão bem protegidas", disse Benedita, encarregada de levar ao abrigo as roupas recolhidas pelos parentes das crianças.

# Anistia Internacional faz protesto enérgico

MÁRIO ANDRADA E SILVA  
Correspondente

LONDRES — A Anistia Internacional enviou uma carta ao presidente Itamar Franco protestando contra a chacina de Vigário Geral. No dia em que a tragédia da favela carioca ganhou o espaço merecido nos meios de comunicação britânicos, com manchete no jornal *The Independent* e fotos em todos os grandes veículos da Inglaterra, a entidade-símbolo da defesa dos direitos humanos no mundo inteiro convocou através de uma nota oficial "uma revisão fundamental das forças policiais civis e militares do Brasil".

«Segundo a Anistia Internacional, a polícia brasileira é responsável por pelo menos três massacres nos últimos 11 meses. A nota de protesto cita as chacinas da Candelária, no Rio de Janeiro, e do presídio do Carandirú em São Paulo, além do caso da Favela de Vigário Geral. "Sérias considerações devem ser feitas a cerca de uma mudança radical em toda a estrutura da polícia brasileira. Os recentes massacres indicam uma perigosa prática de violação dos

direitos humanos por parte da Polícia Militar. Uma atividade que as autoridades parecem incapazes ou sem disposição para evitar", diz a nota da Anistia.

A entidade denuncia ainda a prática de execuções extrajudiciais, duvidando da vontade das autoridades do país no controle dos crimes e também da eficiência do comando da Polícia Militar brasileira. A anistia continua o seu protesto, lembrando que tais desvios precisam ser corrigidos com urgência e citando a próxima revisão constitucional brasileira "como uma excelente oportunidade para que a questão seja debatida e solucionada".

Diz também a Anistia Internacional que as violações frequentes aos direitos humanos acontecem na maioria dos estados brasileiros. A nota de protesto da entidade assume, no final, um tom mais agressivo quando se refere à violação dos direitos humanos no Brasil como uma série de "ofensas criminais que não serão toleradas" pela comunidade internacional.

## Suíça lembra Vietnã

MARLISE ILHESCA  
Correspondente

GENEVA — Para a imprensa suíça, a chacina de Vigário Geral é mais uma prova da impotência do governo diante do retorno dos esquadrões da morte no país. Com a manchete "Assassinatos no Brasil: a infernal espiral da miséria", o jornal *La Suisse* dedicou ontem metade da segunda página à matança. "Com um número que chega a 7.653 assassinatos em 1992, a violência do Rio é proporcionalmente mais mortífera do que a Guerra do Vietnã para os americanos", observou o jornal, que destacou o envolvimento de policiais nos massacres. "Nesta anarquia sangrenta, as crianças são alvo privilegiado de assassinos que frequentemente usam uniforme da polícia".

Sarcástico, o matutino *Tribune de Genève* começou seu artigo lembrando que um mês após o massacre de oito crianças na Candelária, um grupo de homens armados e mascarados matou, "aparentemente por acaso", passantes e famílias que dormiam. "Ao longo dos anos a violência está transformando o Rio num palco de guerra civil", concluiu o jornal.

Para o *Blick*, o mais popular diário suíço, uma sentença de morte paira sobre o Rio. "Quando a noite chega, os pobres do Rio tremem de medo", alertou, sobre duas grandes fotos mostrando os caixões abertos com os cadáveres e o desespero dos parentes das vítimas.



**ENTREVISTA/ CORONEL NAZARETH CERQUEIRA****'Ideologia da morte'  
fez a chacina**

■ Com sua exoneração tida como certa nos corredores do Palácio Guanabara, o secretário de Polícia Militar, coronel Carlos Magno Nazareth Cerqueira — que já colocou o cargo à disposição do governador Leonel Brizola — alterna momentos de vontade explícita de sair do cargo com a intenção de não abandonar o governo. "Fico com o maior prazer", disse. Ele chegou a confidenciar, já no final da entrevista, que sua pretensão inicial, antes de assumir o comando da PM, era ser diretor da Feem (Fundação Estadual de Educação do Menor). Cerqueira acha que o envolvimento de PMs em crimes bárbaros não é problema da corporação, mas tem origem no que classifica de "ideologia da morte". O secretário declara ainda que a participação de PMs no massacre de Vigário Geral é a linha de investigação mais forte: "Tudo leva a este tipo de conclusão", afirma.

**MARCELO AHMED**

— Como está realmente sua situação na Secretaria?

— O que está valendo é aquela nota oficial que o governador Leonel Brizola divulgou (a nota confirma o secretário no cargo).

— Mas o senhor chegou a dizer que o governador aceitou sua demissão.

— Eu disse na TV que eu tinha ~~pedido~~ o cargo e que o governador aceitara. Mas eu respondi também que não sabia quando ia ser clonado e que isto ficava a cargo do governador. Houve um equívoco da minha parte.

— Se o governador lhe pedir para ficar, o senhor continua?

— Eu não queria sair. Eu coloquei o cargo à disposição do governador numa situação difícil por que o Estado estava passando. Quer dizer, o problema da chacina (em Vigário Geral), com implicações políticas internacionais. Algumas pessoas achavam que a solução era a retirada do comandante da PM. Mas eu fico com o maior prazer.

— O senhor chegou a dizer que sofreu pressão para sair...

— A pressão foi a de setores como a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), por exemplo, que pediam minha substituição. Eu li depoimentos e reportagens, de muita gente achando que a solução para resolver este problema era a minha saída.

— O senhor chegou a sofrer pressão dentro do governo?

— Não, eu não recebi pressão de ninguém. Até pelo contrário. Mas, através dos jornais e televisão, eu vi o Márcio Moreira Alves (ex-deputado) dizendo que achava que o comandante deveria sair. O dr. Marcello Alencar (ex-prefeito do Rio) também, a OAB... Se as pessoas acham que a solução é essa, não sou eu que vou me aborrecer por causa disso.

— O senhor sempre foi considerado um defensor dos direitos humanos. Como o senhor analisa as acusações contra a PM, de envolvimento em crimes bárbaros?

— A minha maior tristeza é justamente esta. Teve um fato que me deixou anocionado. Eu vi muitas pessoas dizendo que eu era o chefe dos matadores. Aquilo me aborrecia muito. Ainda disse ao Nilo Batista (vice-governador e secretário de Justiça e Polícia Civil): "Roxa, a gente batalha, diz que bandido deve ser preso e não ser morto e, por ironia do destino, a gente vive isto".

— Mas o que está acontecendo afinal na corporação?

— Já não é mais um problema da corporação. A grande confusão é que as pessoas estão entendendo que este é um problema da corporação. Ontem mesmo (quarta-fei-

# The Men in Black Hoods

## Brazil: Military police are linked to a massacre

**T**HE GUNMEN MADE EVERY EFFORT TO hide their identities. On the night of Aug. 29, they swarmed into Vigário Geral, a slum on the flatlands outside Rio, under cover of darkness and cloaked in black hoods. They shot out street lamps and slashed telephone lines. Moving in two bands, the 30 to 40 attackers executed a stealthy pincer movement. Armed with 9-millimeter pistols, Uzi machine guns, 12-gauge shotguns and an AR-15 assault rifle, they stalked the darkened alleyways as residents scrambled for safety. When it was over, 21 people lay dead or dying, many shot at point-blank range. An entire family of eight were slaughtered in their single-story brick house. At a local bar, the proprietor and seven of his friends were shot dead as they toasted the Brazilian soccer team's rout of Bolivia. The attackers managed to melt away into the night, but ranking Brazilian authorities and the grief-torn people of Vigário Geral have few doubts as to where the culprits came from: the ranks of the military police.

The motive, Rio state investigators say, was revenge. Less than 24 hours earlier, four police patrolmen were murdered in Vigário Geral in an ambush the police blamed on local drug gangs. "It is foolish to believe that the two incidents are unrelated," the Rio state governor, Leonel Brizola,

that target street kids. Eighty other military police are serving time for homicide. Last month four patrolmen were arrested for the murder of eight street kids who were shot as they slept outside the Candelaria Church in downtown Rio. In October 1992, military police stormed the Carandiru prison in São Paulo to break up a riot—and killed 111 inmates in the process. In all, the military police killed a total of 1,470 civilians in São Paulo last year, up from 1,140 in 1991. By comparison, New York City police killed 27 civilians in 1991, according to the Nucleus for Studies on Violence at the University of São Paulo. The Brazilian police also tend to kill, not wound, their civilian targets. Sociologist Paulo Sérgio Pinheiro says, "No major industrialized country has a more violent police force." Americas Watch, the human-rights group, has called the rise in killings by police a "social catastrophe."

What made the Vigário Geral attack different was that the victims must have been



A 'culture of violence': The victims on display in open coffins

said. Late in the week, investigators arrested five military police as suspects in the massacre and seized 17 black hoods and high-caliber weapons. A spokesman for the military police denied police involvement but said the corps was investigating the incident. Brizola blamed a national "culture of violence" for the attack and promised a "renewal" of his state's military police. In Brasília, federal Justice Minister Mauricio Corrêa announced the formation of the Nucleus to Combat Extermination Groups and Death Squads, an investigative unit that will start its work by probing the Vigário Geral massacre.

Throughout Brazil, military police are responding to rising lawlessness with brutal violence. In Vigário Geral, the police had been battling for months with aggressive new drug gangs, like the Red Command, before the attack last week. In Rio, 38 military police officers are now in jail, awaiting trial for involvement in the death squads

chosen at random. As is often the story in Brazilian slums, or *favelas*, many local residents loathe the police and look up to criminal bosses with respect. But the state investigators say that none of the 21 dead had a criminal record. They were working folk, students or retirees. "Never, ever," muttered an elderly man, who watched as mourning relatives spread flowers and pine boughs over the bullet-riddled body of 61-year-old Juacyr Medeiros, the bar proprietor in Vigário Geral. "Never have I seen anything like this."

Popularly known as the PM, the military police were created during the 1960s when generals took over in Brazil. Their culture is brutal and violent. Classified police videos recently obtained by a Rio television station show military-police trainers forcing recruits at gunpoint to grovel and grunt, "I am an animal" while drinking blood from a live chicken. Scholars say Brazilian law encourages these violent tendencies. By giving far greater weight to confessions than to forensic evidence, the law virtually invites police to torture suspects. And with rare exceptions, military police are judged by their peers in military court, a system that critics say guarantees light sentences or mere reprimands.

**Disbanded force:** The aftermath of the Carandiru prison riot is a case in point. Two officers involved in the crackdown were relieved of command duties; 10 others have since received promotions. Nearly a hundred officers still face criminal charges—in military court. "I'll bet a fortune no one goes to jail," says Pinheiro. Elsewhere, politicians are pressing for tougher measures. Earlier this year the federal government dispatched army troops to assume police responsibilities in Alagoas state, where police were blamed for 80 percent of the 600 homicides last year. In Amazonas the governor, fed up with repeated acts of violence by officers, simply disbanded the state's PM force.

Some congressional representatives are now calling for equally drastic measures in Rio. Several propose intervention by federal troops, while others want the PM disbanded nationwide. The government of President Itamar Franco has made it clear that it intends to reform, not eradicate, the police. That is not likely to placate residents of Vigário Geral. The day after the attack they blockaded the slum entrance, cursing the police and pelting patrol cars with stones, sticks and chunks of cement torn up from the sidewalk. Newly hung FOR SALE signs fluttered over doors pocked with bullet holes, suggesting that those who could afford a move were trying to get out. As for those who will stay, they wonder when the

# VI - MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE VIGÁRIO GERAL

*"Na lei dos mais fortes, os mais fracos têm que se unir."*  
(Lema do Movimento)

Os moradores da favela, percebendo a importância de se unir para resistir e discutir seus problemas, assim o fizeram. Um dia após a chacina começaram a se reunir para debater seus problemas e buscar possíveis soluções para os mesmos. Criou-se então o Movimento Comunitário de Vigário Geral (MOCOVIAGE). Um movimento apartidário, que buscava firmar, junto a Associação de Moradores, um compromisso entre os mesmos, no sentido de estabelecer um fórum permanente de discussões acerca das necessidades mais urgentes da comunidade.

É importante salientar que a idéia inicial era de conseguirmos a casa dos evangélicos assassinados para ser a sede do Movimento, no sentido de que esta representasse os anseios de resistência, justiça e dignidade dos moradores da favela. Na época a idéia não surtiu efeito devido a questão financeira. Começamos com o MOCOVIAGE numa sede de um antigo e pequeno clube local, próximo ao CIEP. As reuniões, que aconteciam aos domingos, foram bastante produtivas, com a presença de, em média, 100 pessoas. Dessas reuniões foram desenvolvidas importantes ações de impacto que fortaleceram a mobilização da comunidade, tais como:

- 1 - Um ato político na Praça Catolé do Rocha — praça onde morreram os 4, policiais, uma semana antes da chacina na favela (03/09/93);
- 2 - Ato Ecumênico na praça de esportes da favela (05/09/93);
- 3 - Ato político na Cinelândia (10/09/93);
- 4 - "Caminhada pela Vida, pela Paz, assassinatos nunca mais" — da Candelária a Vigário Geral (28/09/93);
- 5 - Início do Projeto "Viva com arte, não com violência", que no dia 02/10/93, promoveu várias atividades concomitantes nas favelas de Vigário Geral e de Parada de Lucas, tais como: teatro, dança, capoeira, percussão, etc. Neste mesmo dia iniciou-se o trabalho de pintura e música com as crianças;
- 6 - Debate na UERJ, a convite do DCE, com o tema: "Vigário Geral: Quem viveu falará", onde os moradores da favela foram relatar para universitários seu dia a dia na favela (07/10/93);



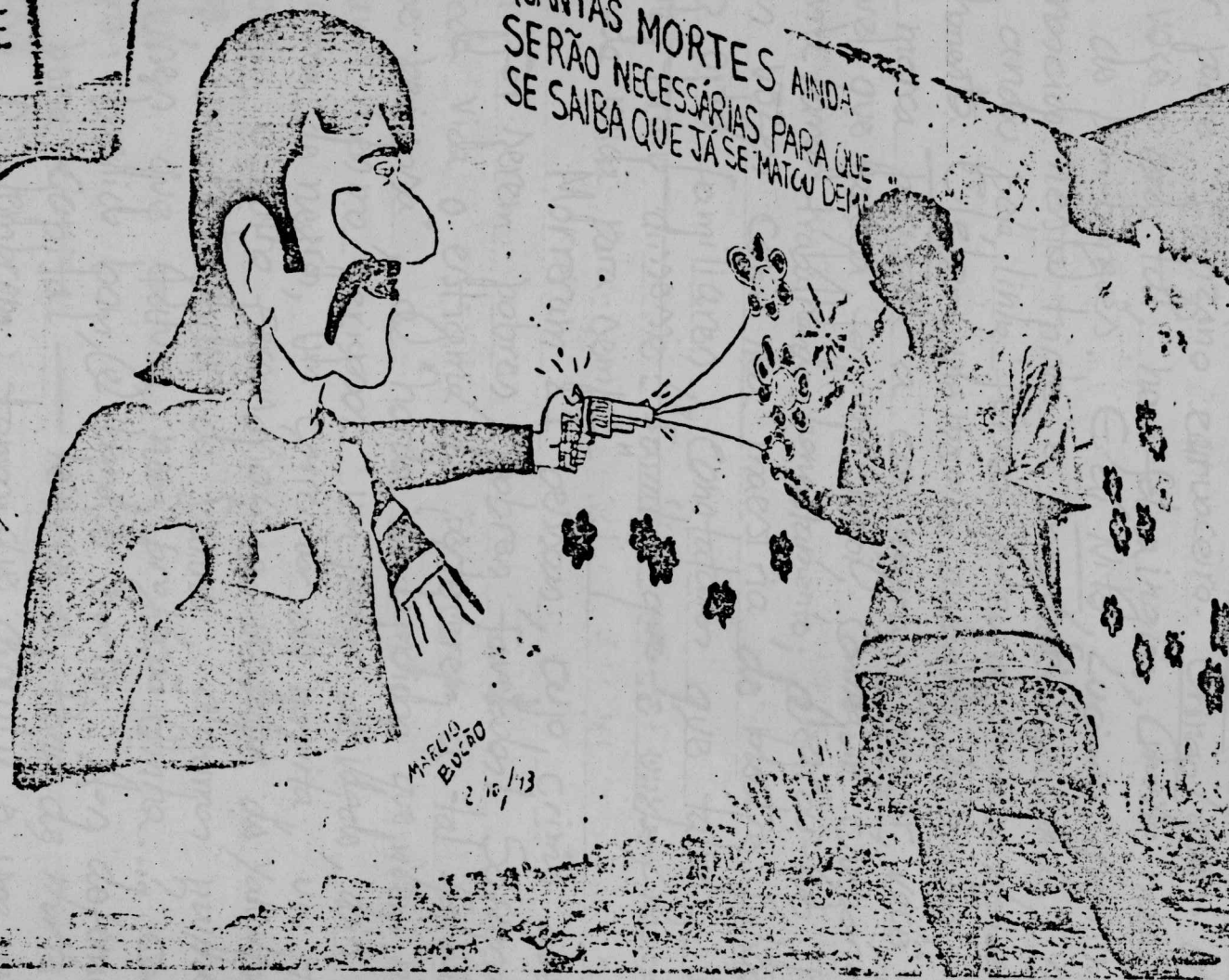
- 7- Continuação do Projeto "Viva com arte, não com violência", envolvendo moradores da favela num grande "Arrastão de Pintura nos Muros" das duas favelas e trabalhos de desenhos com as crianças (12/10/93);
- 8- Apoio e assessoria ao Baile Funk, realizado pela equipe de som Furacão 2000, com o intuito de pacificar e unir as "galeras" de Vigário Geral e de Parada de Lucas (15/10/93);
- 9- "Vigário In Concert Geral", ato-show pelos dois meses da chacina na favela (29/10/93).

Obs.: Apesar de outras atividades terem sido previstas, esta foi a última grande atividade de rua realizada pelo MOCOVIGE, devido a falta de infraestrutura que impediu a realização das mesmas. Seriam elas: "Caminhada Justiça e Paz" — de Vigário Geral ao Cemitério de Irajá (02/11/93) e "Noite da Insônia: 120 dias mal dormidos", pelos quatro meses da chacina (30/11/93)

Se hoje olharmos para trás e tentarmos fazer um balanço do MOCOVIGE, podemos afirmar que ele foi o elo que conseguiu unir, apesar da dor, moradores para discutir seus problemas e buscar soluções para os mesmos. Foi através das atividades acima mencionadas, que aos poucos os membros do MOCOVIGE foram tendo respaldo frente a opinião pública e entidades que travavam a mesma luta ou aquelas que compreendiam que era necessário fazer alguma coisa com urgência para acabar com a onda de chacinas no Brasil. Neste sentido, o Coordenador do MOCOVIGE foi convidado para participar da cerimônia de lançamento do MOVIMENTO VIVA RIO, de onde surgiu a possibilidade concreta de se criar a CASA DA PAZ.

ALTO  
REGGAE

QUANTAS MORTES AINDA  
SERÃO NECESSÁRIAS PARA QUE  
SE SAIBA QUE JÁ SE MATOU DE



MOVIMENTO  
COMUNITÁRIO  
DE  
VIGÁRIO GERAL

MASSACRE DE VIGIÃO GERAL: QUEM SÃO OS CULPADOS?  
 (CAIO FERRAZ - SOCIOLOGO - EX-MANADOR DE VIG. GERAL)

Clodobaldo teve maior pecado foi ser um humilde trabalhador. Amarildo tua gíngua jogando bola não reduziu estes cruéis assassinos. Pedalao quem mandou matar pobre, franzino esruaceiro. Gringo quem disse que você era tal, nem falava inglês, muito menos tinha pinta de pom-burguês. E aí Nito, Luciano, quem mandou ter noção nesta triste e sangrenta sociedade. E você, Beto, andou pela linha férrea, deu a camisa demonstrando ser honesto. Eleber, um menino andorlho brincalhão, teve como marca perigosa a cor negra. Joacir, você por incrível que pareça foi um herói. Conseguiu chegar aos 15 meses de idade trabalhando honestamente, chegou às paradas muitas vezes com sua maestria de mestre felião. E aos oito familiares, constatamos que talvez um ridículo tirado disse: "família que se uniu ficará unida para sempre".

Morreram 21 pessoas, cujo crime que como foram foi serem pobres, pobres favelados! Sofreram por toda vida o estigma de pertencerem a tal falada: "Classe perigosa", a "horda de bandidos que vivem nas favelas". Seriam mesmo perigosos: um penhor de idade, dois brancos com alma de negro, um carregador de marmitta, um trabalhador do INSS, o outro ferroviário, um vendedor de yakults, dois gráficos, um entregador da Danone, algumas mulheres, um cozinheiro que talvez nem profissão tinha? Como diziam sempre: bandido bom é bandido morto. Aos defensores de tal pena capital — leia-se a Pena de morte — é bom que não lembrem: temer que discutir o uma pena de vida para esta parcela da população que está sendo exterminada nos ruelas das favelas brasileiras. Assim como esto exterminando a última raça indígena, os meninos de rua, os presidiários, os líderes sindicais, os presidentes



das associações de moradores, às testemunhas de todos  
esses crimes, os chicos mendos de vida e tantos  
irmãos nossos como é o caso agora do "Massacre  
do Vigário Geral", temos que seguir uma linha  
de investigação para saber quem são os verdadeiros  
culpados de tal monta: a sociedade brasileira.

Já se fez a lista de juramentos para refletir  
tal momento crítico que vivemos. Somos todos culpados;  
Governos, Sindicatos, Partidos políticos, Igreja, Empre-  
sários, Mídia, Escola, Saúde, Zé parati... Quem  
tem maior ou menor culpa não vem ao caso.

Como queremos viver tranquilos de os culpados  
para não ser os outros ou "eles". Todos somos culpados.  
Faz-se preciso urgentísimamente criarmos condições para  
enfrentarmos uma praga prazimentosa. Chega de Chacinos, Mura-  
cros, Araximatos, Roubo, e o que quer que seja.

Sejam's Utopias por algum tempo: é pre-  
ciso desarmar esta sociedade. Todos têm que dar um  
voto de fé na vida. Sempre digo que a violência é  
simplesmente o fim do diálogo. Precisamos conversar, reu-  
nir, fazer assembleias. Enfim, participar de todos  
os momentos de criação e recriação de um Brasil manchado  
de sangue. Será que o leme da nossa bandeira ampliou  
seu sentido para: "Ordem é matar e Progresso é extermi-  
nar".

Repitamos sempre esta data: 29 de Agosto  
de 1993. Um dia trágico, mas cuja tragicidade não está  
ligada ao destino da morte. As únicas mortes naturais  
cientificamente são por idade ou doença. Esta morte  
do dia de hoje de 21 pessoas, é uma morte social,  
morte de tabaco pós. Provavelmente são as mortes que emunciam  
a pedida de democracia brasileira: Todos são iguais perante  
a lei, diz a Constituição de 1988. Talvez as digníssimas  
congressistas esqueceram de completar com a ministria afir-  
mando Pai do Genocídio em terra, Adolf Hitler; que disse

Certa vez: "Todos são iguais perante a lei, mas existem alguns mais iguais do que os outros".

Não é preciso dizer que os "mais iguais", jamais terão sua casa invadida, que eles nunca serão importunados quando tiverem jogando ou se divertindo. Há no Brasil este Apartheid Social dos: "Mais iguais", os que ~~se~~ moram no "asfalto" e os "menos iguais", os que moram nos barracos, nas favelas, nos merros.

Morreram 21 pessoas de uma vez!

Às vezes dói forte em meu coração quando ouço dizer: "a vida não vale nada, não é aquela euforia que pensamos ser; ela é o apocalipse de um mundo doente, descontínuo. Um mundo desumano! Estou assustadíssimo... Reflito, penso à maneira mais simples de dar uma resposta a esta posição dilotante e aterradora para todos nós mortais humanos. Não receio ser rebuscado, nem intelectualóide ao extremo. Preciso afirmar que há uma certa visão opéptica do mundo. Apatia, no sentido filosófico do termo denota o estado em que a alma se torna insensível à dor e ao sofrimento. Dentro desta perspectiva, repito: Há demasiada apatia em nós brasileiros. Somos responsáveis por tudo isso, somos e devemos assumir a paternidade desse momento sino que nos encontrei.

Nenhum país se constituiu sem que os atores sociais em jogo tivessem posições críticas perante os fatos ocorridos. Não há como fugirmos do caos, certo seremos se não quisermos reconhecer que as mudanças se fazem necessárias aqui e agora.

Por fim, devemos lembrar o ensinamento e a profecia de um dos maiores filósofos modernos, Nietzsche, que disse em seu magistral "Assim Falou Zaratustra":

"Que vosso espírito e vossa virtude.  
Dirram ao sentido da terra, meus irmãos: que o valor de todas as coisas



Seja renovado por nós! Para isso  
deveis ser combatentes! Para isso  
deveis ser criadores!"

Sejamos combatentes, sejamos criadores.  
Nós, sobreviventes de uma guerra insana, desagregadora.  
Tomemos estas mortes como um trágico exemplo para  
resistirmos ao fim de todos nós, ao genocídio de  
nossos irmãos mortos. Basta de violência, chega de  
canibalismo. Queremos viver e não sobreviver!

Caio Túni

Sociólogo - COORDENADOR DO MOVIMENTO COMUNITÁRIO  
DE VIGÂNCIA GERAL.

Rio, 30/08/93.



QUANTAS MORTES AINDA  
SERÃO NECESSÁRIAS PARA QUE  
SE SAIBA QUE JÁ SE 'MATOU' DEMAIS?



# Contra a Violência e Pela Vida. Extermínio Nunca Mais!

A noite de terror vivida pelos moradores do Parque Proletário de Vigário Geral, que deixou 21 mortos por policiais, mostrou de modo cruel a situação a que estamos submetidos no nosso dia-a-dia.

O trabalhador além de enfrentar todas as formas de discriminação a que está submetido e de ter que se virar para sobreviver com o magro salário que recebe, fruto da exploração capitalista implementada pelos governantes em todos os níveis e poderes, é obrigado a fugir das balas de todos aqueles que produzem o clima de violência em que vivemos e dos que, ao invés de garantirem a segurança, declaram guerra a população.

Exigimos dos poderes constituídos do Estado, o julgamento e a prisão dos assassinos de Vigário Geral e a devassa nas polícias, apurando toda a violência e corrupções praticadas por componentes destas instituições.

A intervenção do exército e do governo federal, não resolverá o problema. Fizemos nosso primeiro ato público, com cerca de 500 pessoas da comunidade e entidades presentes, debaixo de chuva, garantindo a união dos moradores das favelas de Vigário Geral e Parada de Lucas.

Agora, chamamos os moradores de Vigário Geral e a população a comparecer a mais um ato contra a violência e pela vida, na próxima sexta, 10/09, às 16 horas na Cinelândia.

Vamos mostrar aos poderes públicos que não aceitaremos a continuidade desses extermínios. Não permitiremos que chacinas como a de Acari, Nova Jerusalem, Carandiru, Candelária, Yanomamis e Vigário Geral aumentem as estatísticas da impunidade.

Nossa solidariedade ao povo de Vigário Geral.

**ATO 10/09 - Sexta-feira  
na Cinelândia - 16 horas.**

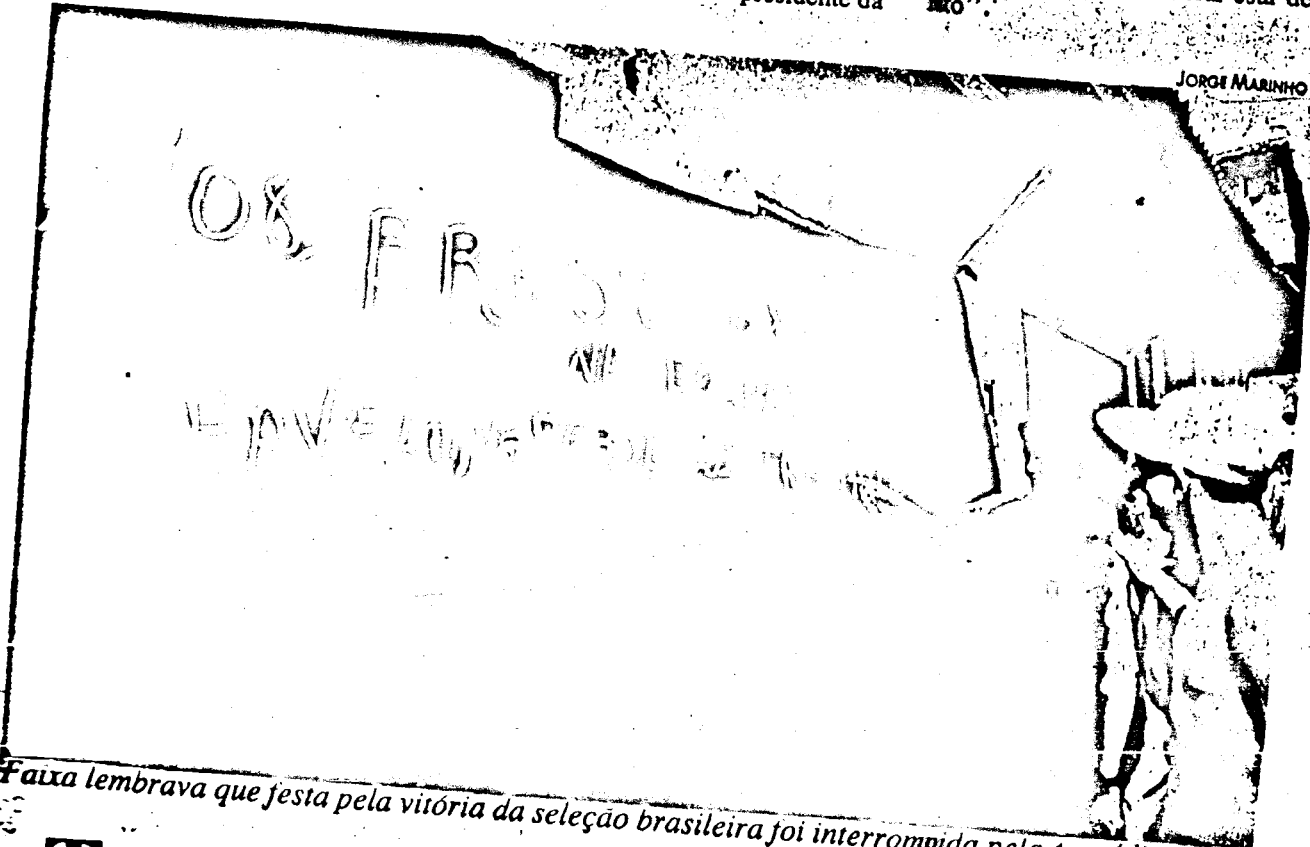
Fórum Permanente Contra a Violência e Pela Vida/ Extermínio Nunca Mais.  
CEAP, OAB, CUT, NEPI, FAMRIO, IBIS, IPCN, EVANGELICOS, PT, PST-U,  
PCdoB, PDT, PSB, PCB, Fórum Estadual de Mulheres Negras, Centro de Defesa  
da Vida Bento Rubião, M.N.U.-RJ

# Crianças de luto fazem passeata

Cerca de 20 crianças passaram ontem por várias ruas da Favela de Vigário Geral carregando faixas em sinal de luto e protesto contra o massacre de 21 moradores. Preparada pela associação de moradores, a manifestação teve início por volta das 8h e foi acompanhada pelo presidente da entidade, Naildo Ferreira de Souza, 65 anos, que perdeu na chacina o filho mais velho, Adalberto, e pelo senador Eduardo Suplicy (PT-SP).  
Gritando palavras de ordem e exigindo "justiça" e "respeito à população favelada", as crianças, na maioria alunas do Ciep Mestre Cartola e da Escola Municipal Re-

pública do Libano, participavam pela primeira vez de uma manifestação como aquela, como revelou Lúcia Oliveira, 12 anos. "Me chamaram para segurar a faixa e eu vim porque não aceito a violência", explicou.  
Enquanto os manifestantes caminhavam pela favela, os moradores se espremiavam entre os barracos, nas estreitas vielas, vendo o grupo passar. Embora a passeata tenha sido estimulada pela associação de moradores, as palavras de ordem e o percurso foram escolhidos pelas crianças que, com disposição, pareciam não se cansar. O presidente da

associação, Naildo, disse que a passeata é a prova de que a luta pela sobrevivência da população favelada começa desde a infância.  
Os meninos e meninas, com idade entre 6 e 14 anos, ainda tentaram fechar mais uma vez o trânsito da Rua Bulhões Marcial, mas foram impedidos pelos adultos. Persistentes porém, conseguiram fixar as faixas na mureta da passarela, para que chamassem a atenção das pessoas que passavam pela rua. No início da tarde, foi pendurada mais uma faixa, com o texto: "Briçola e Nilo, Vigário Geral está de luto".



JORGE MARINHO

Faixa lembrava que festa pela vitória da seleção brasileira foi interrompida pela tragédia

# Tensão e silêncio ao anoitecer

A primeira noite na Favela de Vigário Geral depois da chacina foi silenciosa e tensa. Os moradores foram guardados por 40 homens do Batalhão de Choque e do Batalhão de Operações Especiais (Bope) da PM, que patrulharam o trecho das passarelas da Rua Bulhões Marcial. Todos se recolheram cedo. Dentro de cada casa havia o receio de ver recommear a violência do dia anterior. Andréia da Silva, 16 anos, mãe de uma menina de

porta, que depois percebeu ser apenas o cachorro se coçando.  
Nem mesmo a televisão foi um bom programa. Saturados de tanta violência, a tevê também não foi uma boa pedida: na Rede Globo era exibido o filme "Matador de aluguel". No domingo, enquanto a tela da Globo exibia o violento filme "Cobra", com Sylvester Stallone, imagens idênticas eram

(PT/SP) esteve na Favela de Vigário Geral logo no início da manhã e, em conversa com moradores, falou sobre a importância de o Congresso Nacional aprovar o projeto de lei do deputado Hélio Bicudo (PT/SP) que pretende acabar com a Justiça Militar e levar os crimes cometidos por PMs para julgamento na Justiça Civil. Suplicy revelou



# Contra a violência e pela vida. Extermínio Nunca mais!

A noite de terror vivida pelos moradores do Parque Proletário de Vigário Geral, que deixou 21 mortos por policiais, mostrou de modo cruel a situação que estamos submetidos no nosso dia-a-dia.

O trabalhador além de enfrentar todas as formas de discriminação a que está submetido e de ter que se virar para sobreviver com o magro salário que recebe, fruto da exploração capitalista implementada pelos governantes em todos os níveis e poderes, é obrigado a fugir das balas de todos aqueles que produzem o clima de violência em que vivemos e que ao invés de garantir segurança, declaram guerra a população.

Exigimos dos poderes constituídos do Estado, o julgamento e a prisão dos assassinos de Vigário Geral e a devassa nas polícias, apurando toda a violência e corrupção praticadas por componentes destas instituições.

A intervenção do exército e do governo federal, não resolverá o problema.

Por isso, chamamos o conjunto dos moradores de Vigário Geral e da população a comparecer ao ato contra a violência e pela vida, nesta 6ª feira às 17 horas na Praça Catolé do Rocha.

Vamos mostrar aos poderes públicos que não aceitaremos a continuidade desses extermínio. Não permitiremos que chacinas como a de Acari, Nova Jerusalém, Carandiru, Candelária, Yanomamis e Vigário Geral aumentem as estatísticas da impunidade.

*Nossa solidariedade ao povo de Vigário Geral*

## Fórum permanente contra a violência e pela vida

CEAP, OAB, CUT, SINDIPETRO-RJ, SINDIPETRO-CAXIAS, NEPI, FAMRIO, IBIS, IPCN, EVANGÉLICOS, PT, PC do B, PDT, PSB, PST-U, PCB, Fórum Estadual de Mulheres Negras, Centro de Defesa da Vida Bento Rubião, M.N.U.-RJ.

DIAGRAMADO E IMPRESSO NO SINDIPETRO-RJ

# Pavor faz favela dormir cedo

O terror da noite de domingo para segunda-feira passada quando, um bando de encapuzados invadiu a Favela de Vigário Geral e matou 21 pessoas, transformou-se em pesadelo na noite de quarta-feira. A notícia de que existia uma carta anunciando nova invasão dos matadores espalhou pânico e medo. Homens, mulheres e crianças, aos gritos e choros, abandonavam as casas e se dirigiam à Rua Antônio Mendes, a porta de entrada da favela.

Desde da noite da chacina praticamente ninguém dorme na favela. A presença de qualquer estranho, o estouro de uma bombinha ou o estampido de alguns tiros que ainda são ouvidos do fundo da favela são motivos de temor. "Estou doído, nervoso, não consigo entender essa matança. Eu chego do trabalho, me fecho em casa com a mulher e os

meus dois filhos e fico quietinho", diz um bombeiro hidráulico que não quis se identificar.

Os bares, bioscas e tendinhas fecham as portas antes das 21h. Outros, ao anoitecer. O dono do primeiro barzinho ao lado da associação, na Rua Antônio Mendes, falava de destino. "Eu ainda bebi um copo de cerveja af do lado onde mataram todo mundo. Fechei o bar mais cedo e fui embora. Moro do outro lado da passarela. Escapei por pouco", disse o comerciante, que teve a sensação de nascer de novo.

A passarela que corta a linha férrea fica quase intransitável na primeiras horas da manhã e ao entardecer, quando os moradores chegam do trabalho. "Quando o bicho tá pegando eu me agarro com meu filho pequeno e fico embaixo da janela, ou deitada no chão. Tenho medo que sobre al-

gum pipoco em cima de mim ou da criança. Se eu pudesse, safa daqui, isso virou um inferno", diz uma senhora gorda, de aproximadamente 50 anos, que trabalha como diarista na Zona Sul.

A imagem que se tem à noite, do alto da passarela, daquele aglomerado de casas e barracos divididos entre vielas e becos, é um painel de luzes e cores. A luminosidade não dá idéia do terror que alimenta o pesadelo dos que ficaram. Pelas esquinas dos becos, sentados em grupos, rapazes e moças de bermudas e bonés olham e conversam disfarçadamente. A comércio mais rentável da favela, o tráfico de drogas, praticamente desapareceu desde a matança. "Oh, choque (camarada), aqui não entra ninguém, a barra ficou pesada", diz um aviador (entregador de droga). São os que se recolhem mais tarde.

# Ato de repúdio une favelas

A Terra de Ninguém, nome dado à divisa entre as favelas de Vigário Geral e Parada de Lucas, antigas rivais, será daqui por diante Terra da Paz. É o que garantem o presidente da Associação de Moradores do Parque Proletário de Vigário Geral, Naildo de Souza, o presidente da escola de samba Balanço de Lucas, Ari Pimentel, e outras lideranças comunitárias das favelas. Na tarde de ontem foi selado o acordo de paz, durante visita de Naildo aos moradores de Lucas. "Essa desconfiança de que o pessoal daqui encomendou o massacre quase pôs a gente de birra, mas agora está tudo bem", garantiu Ari. Para provar que a rivalidade é coisa do passado, moradores de Parada de Lucas e de Vigário Geral participam hoje, às 17h, de um ato público contra a chacina, na Praça Catolé do Rocha.

Nem mesmo a guerra entre traficantes parece ser impedimento para a paz. "Cada macaco no seu galho. O pessoal do Robertinho não quer confusão com a gente e, muito menos, o pessoal do Flávio Negão com eles", garantiu Naildo. Os líderes comunitários não têm dúvida de que a chacina foi obra de policiais militares. "Com certeza fo-



Cartazes convocam moradores para a manifestação de hoje

ram os PMs. Estive agora em Lucas e o Robertinho garantiu que não tem nada a ver com isso", contou. Desconfiados e ariscos, os traficantes passaram todo o dia escondidos na Favela de Vigário Geral. Num muro próximo a uma das bocas-de-fumo, as iniciais do Comando Vermelho e um pedaço de pano

preto indicavam o luto. Segundo alguns moradores, o movimento (tráfico) no local foi praticamente paralisado.

Apesar de amedrontados, os moradores saíram ontem às ruas com cartazes para mobilizar as pessoas para o ato público de hoje à tarde.

O GLOBO - 13/09/93

## CAIO FERRAZ Um líder de Vigário Geral na campanha

Um inspirador do movimento *Viva Rio* desde de seus primeiros momentos é o líder comunitário de Vigário Geral Caio Ferraz, de 25 anos, há 23 na favela. Formado em Sociologia pela UFRJ — "fui um dos poucos que conseguiram chegar ao nível superior em Vigário Geral" —, Caio viu sua família mudar-se da favela onde um de seus 11 irmãos foi assassinado e outro desapareceu.

"Eu sempre fiquei indignado quando a polícia lavava minha casa e achava estranho eu ter mui-

tos livros no quarto. Eles achavam que eu escondia alguma coisa atrás dos livros", conta. Membro da Comissão de Cidadãos do *Viva Rio*, Caio vai ter muito a acrescentar aos debates que vão até o dia 16 no Hotel Everest, já que realiza um pesquisa sobre a violência em Vigário Geral, com bolsas do CNPq e UFRJ.

Uma das suas citações favoritas, que atribui à socióloga Hanna Arendt, é: "cidadania é o direito de ter direito". Logo depois do massacre de 30 de agosto em Vigário Geral, Caio sugeriu que a casa dos oito evangélicos chacinados fosse transformada em espaço cultural. "Não temas que seja. Esta casa vai ser transformada num símbolo de resistência contra a violência", disse na época. Hoje, ele vê seu sonho realizado. A resistência tornou-se a *Casa da Paz*.



## Depoimentos são contraditórios

Da Sucursal do Rio

O delegado da 39ª DP (Pavuna, zona norte), Otávio Seiller, disse que encontrou "divergências" nos depoimentos tomados na quinta-feira à noite de 12 pessoas, entre testemunhas e cinco policiais militares suspeitos de participação na chacina. Seiller não quis divulgar quais são as contradições, argumentando que ainda iria confrontar horários e narrativas.

Segundo Seiller, prestaram depoimento o cabo Edmilson Campos Dias e outros quatro policiais militares do PPC (Posto de Policiamento Comunitário) do Jardim América (zona norte), ligado ao 9º BPM (Batalhão de Polícia Militar). Eles afirmaram que permaneceram na unidade enquanto ocorria o crime. Os nomes dos outros quatro PMs não foram divulgados.

O cabo Dias afirmou que foi procurado, no PPC, por uma testemunha da chacina que funcionava como seu álibi, uma vez que ele estava no posto para recebê-la. Segundo o delegado, a testemunha disse que viu parte da chacina por volta das 00h30m e só procurou o PPC por volta das 2h15m. Segundo o delegado, apesar de a testemunha ter procurado o PPC por volta das 2h15m, somente meia hora depois chegou à favela um carro de polícia. (Carla Zacconi)



Maurício Corrêa, em reunião com membros do Conselho

## Comissão vai apurar massacre

Da Sucursal de Brasília

O CDDPH (Conselho de Direitos de Defesa da Pessoa Humana) decidiu ontem criar uma comissão de inquérito que trabalhará com apoio da PF (Polícia Federal) para apurar a chacina. A comissão, que terá 30 dias para concluir as investigações, tem caráter de "intervenção branca", já que seus trabalhos são independentes dos desenvolvidos pelo Estado.

As conclusões dessa comissão de inquérito serão encaminhadas para o Ministério Público Federal e devem indicar os responsáveis pelo episódio. Essa comissão pode ainda apontar responsabilidade ou omissão de autoridades do Rio e

mesmo sugerir que o CDDPH peça intervenção do Exército na PM, se for constatado que há falta de controle na instituição.

O conselho não chegou a discutir ontem a possibilidade de intervenção imediata. Também foi descartada a sugestão do OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) de que se decretasse o Estado de Defesa no Rio. O Estado de Defesa permitiria a quebra do sigilo telefônico e de correspondência durante as investigações. A medida foi considerada "exagerada". O ministro da Justiça, Maurício Corrêa, disse que somente através de ações como as determinadas ontem é que será possível uma contenção da violência.

## Passeata reúne comunidades rivais

Da Sucursal do Rio

Cerca de 200 moradores das favelas de Vigário Geral e Parada de Lucas fizeram ontem à tarde uma manifestação em protesto contra o assassinato de 21 pessoas na chacina do último dia 29. O protesto reuniu pela primeira vez duas comunidades rivais afastadas por brigas entre traficantes.

Vários moradores de Parada de Lucas visitaram a favela vizinha pela primeira vez. "Estou tremendo, morrendo de medo", disse Leandra Melo de Oliveira, 18, ao cruzar o limite entre as duas comunidades, junto a um grupo de cerca de cem pessoas,

que seguiu em passeata e se uniu aos manifestantes de Vigário Geral.

Em uma das faixas estava escrita a seguinte frase: "Comunicamos à imprensa inscrita (sic), falada e televisada, que não existe guerra entre Parada de Lucas e Vigário Geral, existe Paz e Amizade". "Queremos paz, violência não", gritavam em coro os manifestantes, que seguiram até a praça Catolé do Rocha, onde foram feitos discursos do alto de um carro de som.

O presidente da Associação de Moradores de Vigário Geral, Naildo Ferreira de Souza, 65, disse que durante o dia a preocupação das pessoas era saber se a polícia estaria ou não na manifes-

Pelo alto-falante, Naildo convocou os moradores para o protesto.

Em Vigário Geral, o tráfico é controlado pelo grupo Comando Vermelho e em Parada de Lucas, pelo Ilarceiro Comando (os dois grupos são rivais). Traficantes não interferiram na manifestação, que funcionou como uma confraternização entre comunidades rivais, mas pouco representativa: Vigário tem 30 mil moradores e Parada de Lucas, cerca de 80 mil.

## Major diz que tropa quer expurgo

O movimento dos coronéis da PM — que não aceitam o expurgo dos oficiais proposto pelo governador Leonel Brizola — não encontra respaldo na tropa, segundo afirmou ontem o major Paulo Cardoso, chefe do centro de operações do Comando de Polícia da Capital. O major alertou que o não encaminhamento do projeto de reforma dos coronéis pode gerar “uma manifestação muito grande” por parte dos policiais militares que, em sua avaliação, estariam aplaudindo a ideia do governador de rejuvenescimento da corporação: “Os coronéis estão cozinhos, isolados plenamente da tropa. Eles têm que dizer o que têm de bom para oferecer, para justificar porque eles querem ficar no poder”, afirmou o major.

A reunião de 36 dos 54 coronéis da ativa, realizada no Quartel Central durante seis horas e meia, foi encerrada de sigilo. Ao final, um co-

ronel, que não quis se identificar, disse que eles haviam obtido a informação do Palácio Guanabara de que o governador não enviaria mais o projeto à Assembléia Legislativa. Segundo o oficial, chegou a se cogitar na reunião a elaboração de uma lista triplíce com nomes de coronéis para substituir o coronel Carlos Magno Nazereth Cerqueira do comando da PM. Mas no encontro com o governador — previsto para segunda-feira — devem ser discutidas apenas as melhorias salarial e de condições da corporação.

**Renovação** — A julgar pelo comportamento dos PMs de menor patente, a afirmação do major Paulo Cardoso — que fez as declarações fardado dentro do Quartel Central — encontra sustentação. Vários policiais consultados, inclusive dentro do Quartel Central, se diziam contra a permanência dos coronéis antigos. “Eles estão no co-

mando, mas não estão comandando”, disse um policial. Para o major Paulo Cardoso, o problema do atual comando é a falta de preparo: “Ninguém morre de amores pelo governador mas a decisão dele é uma reivindicação da tropa e da oficialidade nova. Esses coronéis devem ir para a reserva e, de lá, fazer algo para a gente, porque na ativa eles não fizeram nada até agora”, afirmou Paulo Cardoso.

O major, de 44 anos, tem 25 de corporação e já poderia ser coronel há muito tempo. Ele ressalta que a promoção dos mais novos é uma forma de melhorar o salário. Cardoso já foi punido com um ano de afastamento, em 1988, por reivindicar melhoria salarial para a categoria. A Relações Públicas da PM informou que o comando da corporação mandou prender o major por insubordinação.

## Protesto pacífico na favela

### ■ Manifestação na Praça Catolé do Rocha reúne 300

Cerca de 300 pessoas participaram ontem de uma pacífica manifestação na Praça Catolé do Rocha — onde foram chacinados quatro policiais no último domingo — contra a matança de Vigário Geral. Das 17h às 18h30, a única ameaça de tumulto aconteceu às 18h20. Um boato de um tiro levou algumas pessoas a correr para a Rua Valentin Magalhães, que dá acesso à praça.

Segundo o presidente da associação de moradores de Vigário Geral, Naildo Ferreira de Souza, a Polícia Militar e os traficantes não participaram do ato, que acabou se transformando em manifestação política de crítica às ins-

tituições. O deputado federal Cyro Garcia (PSTU) propôs a extinção da PM e a unificação das polícias, com servidores admitidos por concurso público.

**Omissão** — O carro de som não chegou a animar os participantes, que se abrigavam da chuva fina nas marquises dos estabelecimentos comerciais — apenas a Panificação Avancanese e o Café Pindorama mantiveram suas portas abertas. Representantes dos sindicatos dos ferroviários, bancários, metalúrgicos, portuários, urbanitários, da Famerj e Faferj criticaram a omissão das autoridades. “A impunidade nos obriga a chorar nossos mortos”, disse a vereadora Jurema Batista (PT).

Os vereadores Francisco Alencar (PT), Guilherme Haeser (PS-TU) e Edson Santos (PC do B)

assistiram ao protesto. O coreto da Praça Catolé do Rocha estava cheio de faixas de protesto. “As comunidades de Parada de Lucas e Vigário Geral estão indignadas com a covardia e pede punição aos culpados”, dizia uma delas, ao lado de cartazes com fotografias publicadas na imprensa sobre a chacina.

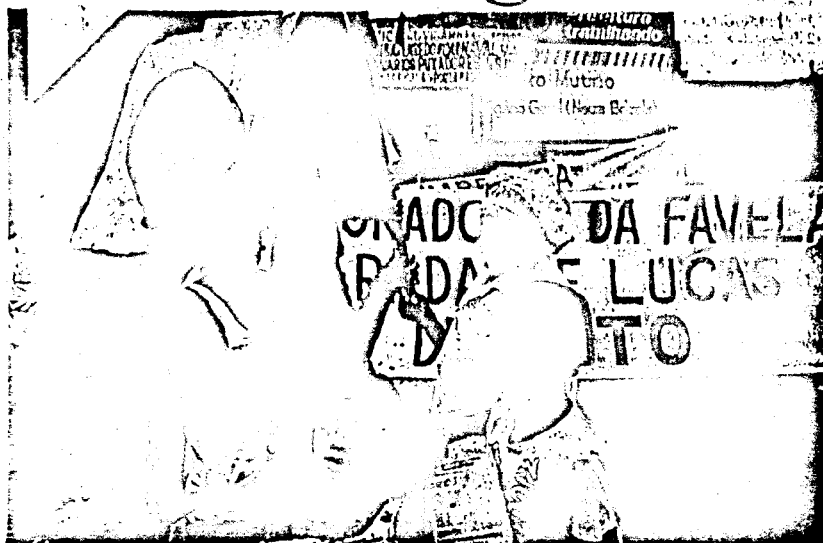
Segundo David Furtado, presidente da Escola de Samba Acadêmicos de Vigário Geral, foi solicitado ao Quartel General da PM que os policiais não comparecessem à manifestação. Ari Pimentel Filho, presidente da Escola de Samba de Parada de Lucas, frisou que os moradores de sua favela e de Vigário Geral não estão em guerra — como anunciava uma faixa do coreto — e chamou a Polícia Militar de comando azul.

# Paz na terra de ninguém

"Eu sou do Comando Vermelho, ela é do Terceiro Comando". Com ironia, Edison da Rocha Braga, 33 anos, morador da favela de Vigário Geral, justificou assim o fato de ter ficado quinze anos sem ver a amiga de infância Cristiane Assunção, 30, que vive ao lado, em Parada de Lucas. Ontem, os dois puderam se reencontrar graças à quebra de uma regra imposta há mais de dez anos pelos traficantes rivais: a de que moradores de uma comunidade não podem entrar na outra.

Para prestar solidariedade às famílias das vítimas da chacina e provar que o ódio entre traficantes inimigos não é compartilhado pelos trabalhadores, cerca de cem habitantes de Lucas cruzaram em passeata a Terra de Ninguém - área de fronteira entre as duas favelas, onde mais de oitenta barracos estão abandonados devido aos freqüentes tiroteios da guerra entre quadrilhas - e foram até a Associação de Moradores de Vigário.

"Quando eu e Edison nascemos, as duas comunidades eram uma só



As mães levaram seus filhos para o reencontro das comunidades

e a gente brincava no Clube Duquilha, que não existe mais", lembra Cristiane. "Pena que foi preciso acontecer aquele massacre para que voltássemos a nos ver", observou Edison, para quem a passeata demonstrou que a chacina não teve relação com a guerra travada entre

Flávio Negão, do CV e chefe do tráfico em Vigário Geral, e Roberzinho de Lucas, do Terceiro Comando e líder na favela vizinha. "A rivalidade entre os dois ainda existe, mas a matança foi responsabilidade da polícia, tanto que eles permitiram a travessia", acredita.

## Protesto contra a violência

Moradores de Vigário Geral e Parada de Lucas se juntaram, no fim da tarde de ontem, à manifestação contra a violência praticada por policiais, na Praça Catolé do Rocha, em Vigário Geral. O que seria um ato de todas as comunidades faveladas do Rio limitou-se ao protesto de cerca de 200 pessoas das duas favelas vizinhas, a maioria crianças e mulheres. Comerciantes das ruas de acesso à praça deixaram as portas semicerradas, temendo tumulto. Uma moradora de Vigário Geral, iden-

tificada apenas como Marta, que tem problemas cardíacos, passou mal e foi socorrida.

Pedindo justiça e carregando cartazes em defesa da paz, os manifestantes fizeram coro contra a polícia. A chuva que começou antes do horário marcado para o ato, 17h, esfriou o protesto. O palanque do carro de som foi ocupado exclusivamente por sindicalistas e políticos que repetiram discursos contra o governo, a imprensa e o desemprego.

Entre os manifestantes, o me-

nino Ubiratan Noberto da Silva, o Bira, 4 anos, chamava atenção. Morador de Parada de Lucas, o garoto carregava um cartaz ao lado da mãe, a faxineira Maria Conceição Maciel e o irmão caçula de 2 anos. "Quando os bichinhos vêem policiais, correm para debaixo da cama", disse Maria, que não trabalhou esta semana para cuidar dos filhos. Aparentemente, as crianças não se afastam dos pais. "O Bira diz que a polícia vai matar a gente", contou a mãe, preocupada.

## Anistia pede reforma radical nas polícias

A chacina de Vigário Geral foi definida pela Anistia Internacional como "crime que envolve padrões perturbantes de violação grosseira dos direitos humanos." Em cartas ao presidente Itamar Franco, ao ministro da Justiça, Maurício Corrêa, e ao secretário de Polícia Civil, Nilo Batista, os dirigentes da Anistia pedem que eles "examinem as ações policiais considerando a possibilidade de reforma radical nas polícias, em todo o Brasil."

A seus associados, a Anistia enviou carta com o título Ação Ur-

vestiguem o massacre que envolveu policiais, para que os responsáveis sejam levados à Justiça."

Segundo a americana Linda Rabben, 45, da Anistia, que está em visita ao Brasil, "Ação Urgente foi enviada a cerca de um milhão de sócios da Anistia, em todo o mundo. Na carta, o massacre de Vigário Geral foi relatado destacando, ainda, os envolvimento de policiais militares e civis em grupos de extermínio, situação do narcotráfico no Rio e influência dos traficantes nas favelas, fazendo com



# Vigário Geral reza pelos seus mortos

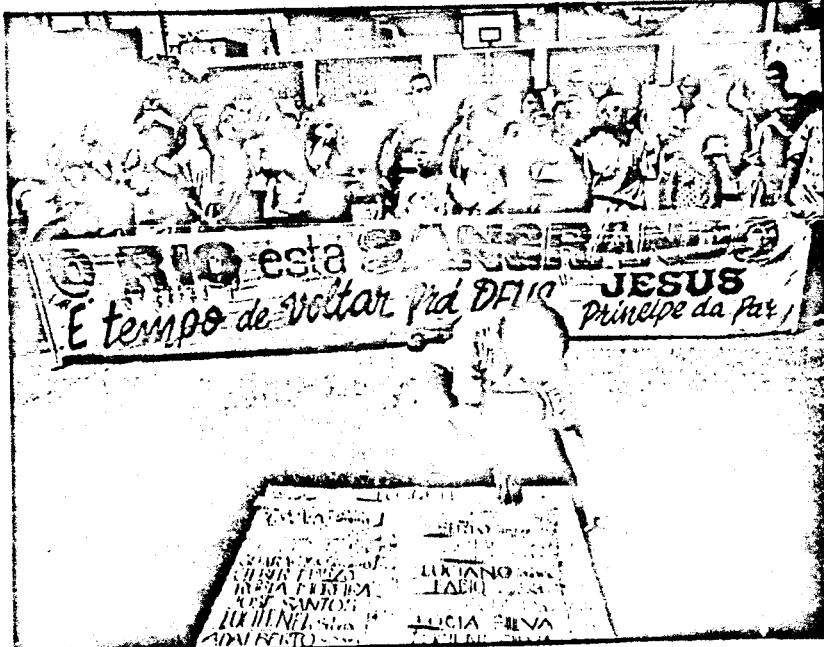
Márcia Foletto

Padres e pastores evangélicos celebraram na manhã de ontem um culto ecumênico em memória das vítimas da chacina de Vigário Geral. A cerimônia na favela, que durou pouco menos de duas horas, contou com a presença de cerca de 200 pessoas, entre moradores, parentes das vítimas, políticos e representantes de organizações não-governamentais. Também participaram do culto moradores da favela vizinha de Parada de Lucas.

Durante a cerimônia, Ângela Ferreira, mulher de Paulo Roberto dos Santos Ferreira, uma das vítimas, passou mal e por pouco não desmaiou. Amparada pela filha de 13 anos, ela ficou o resto do culto com as mãos unidas em frente ao peito em sinal de oração. Já a filha de 8 anos de outra vítima, Paulo César Gomes, se encarregou de distribuir os folhetos com as músicas da cerimônia.

— Tenho muita saudade do pai. Estou rezando para ele estar com a proteção de Deus — disse.

Os moradores fizeram cartazes com os nomes das 21 vítimas, que foram lidos um a um e aplaudidos. Numa faixa, eles



No cartaz, os nomes das vítimas; na faixa estendida por moradores, o protesto

lembravam que o "Rio está sangrando" e pediam justiça e paz. No fim da cerimônia, distribuíram o "pão da vida" e deram as mãos para rezar o Pai-Nosso.

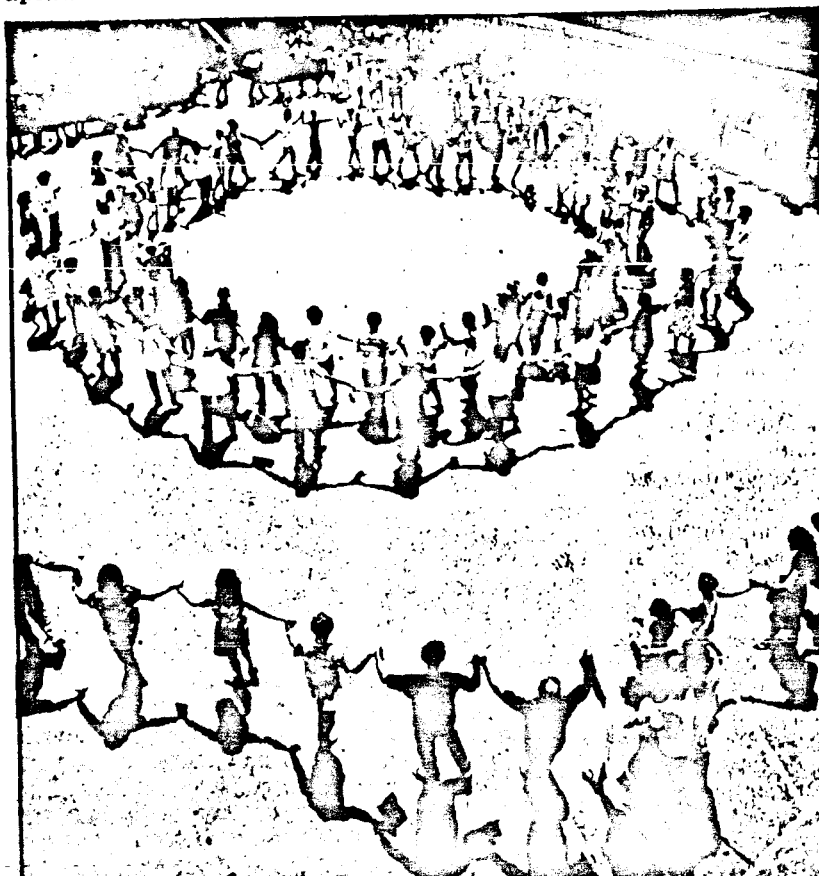
Hoje, estão programadas mais duas missas. A primeira acontecerá às 10h, na Igreja de Santa

Bárbara e Santa Cecília, e será celebrada pelo cardeal-arcebispo do Rio, dom Eugenio Sales. Às 18h, a cerimônia acontecerá na quadra da escola de samba Balanço de Lucas. Na sexta, às 17h, os moradores farão um protesto contra a chacina na Cinelândia.

## Favelas agora se unem até samba

A harmonia nota dez entre as favelas de Parada de Lucas e Vigário Geral chegou ao samba: no carnaval, a Balanço de Lucas; do Grupo 3, terá uma ala vestida de luto em memória das vítimas da chacina. O presidente da agremiação, Ary Pimentel Filho, disse ainda que, possivelmente, a Balanço de Lucas incluirá outras referências à tragédia em seu enredo "Vida, arte e glória de Mário Lago". Também ficou decidido que moradores das duas comunidades desfilarão tanto no Balanço de Lucas quanto na Acadêmicos de Vigário Geral, que vai desenvolver o tema "Ai que saudade que eu tenho", sobre o Rio antigo.

Além de samba, a reconciliação entre as favelas já se estendeu aos esportes, com a realização de amistosos entre times de futebol de salão. E, na noite de sábado, os DJs do baile funk da quadra do Balanço prestaram uma homenagem às vítimas, com um minuto de silêncio. Hoje, na mesma quadra, será reali-



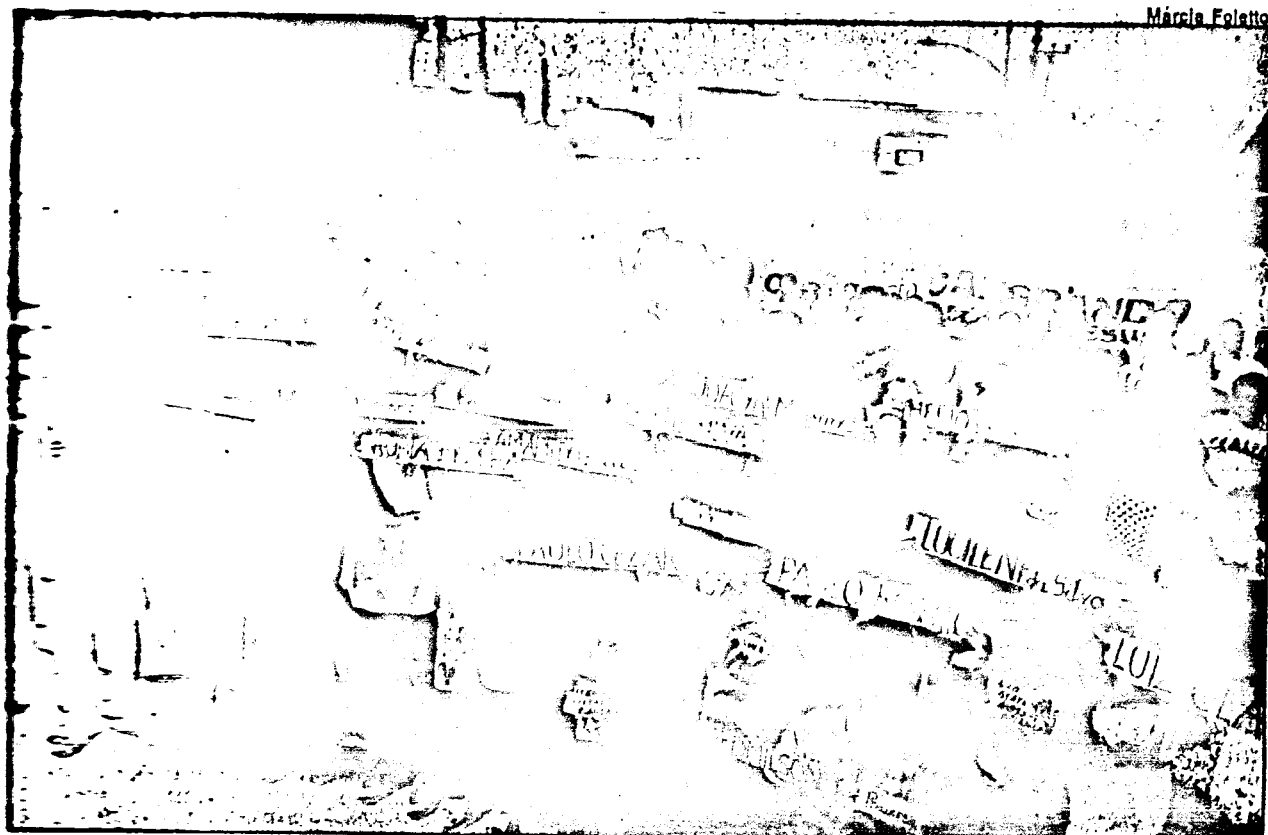
# Inquérito investigará policiais que dificultam apuração da chacina

O secretário de Polícia Civil, Nilo Batista, determinou ontem que a polícia instaure um inquérito para investigar PMs e policiais civis que estariam obstruindo as investigações sobre a chacina de Vigário Geral. Também será apurada a conexão entre outros crimes ocorridos no Estado do Rio com a matança na favela.

Mais seis PMs foram presos ontem como suspeitos de terem participado da chacina, e agora

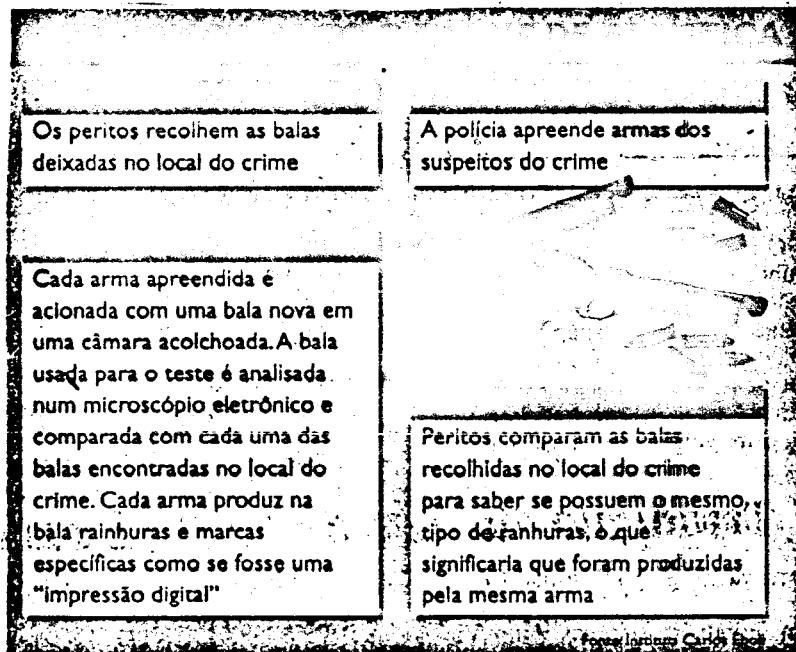
já são 13 os policiais detidos. Um deles, o soldado Creazola, oficialmente estava preso no Batalhão de Choque, mas a polícia apurou que ele tinha facilidade para sair do quartel.

Retirado do Hospital Getúlio Vargas e levado para o 16º BPM pelo capitão Aguinaldo Pirassol Ruas — que a polícia aponta como o principal suspeito da chacina — o sobrevivente E. deixou o quartel e se refugiou numa área da favela controlada por traficantes. Páginas 7 e 9



Márcia Foletto

No culto ecumênico pelas vítimas, oficiado por padres e pastores, moradores da favela lembram seus mortos



## Mais 2 armas são periciadas

Da Sucursal do Rio

Doze dias após a chacina da favela de Vigário Geral, não há qualquer prova pericial que incrimine algum dos 17 policiais militares presos como suspeitos de terem atuado na matança. A afirmação foi feita ontem pelo diretor do Departamento de Polícia Técnica e Científica, Talvane de Moraes.

Deram negativo os testes do ICE (Instituto Carlos Éboli), em mais dois revólveres calibre 38 apreendidos em casas de policiais suspeitos. O ICE concluiu que 24 das 26 armas apreendidas até anteontem não foram usadas na chacina. Às 17h, não estavam con-

cluídos os testes em um revólver 38 e em uma pistola 765. O ICE aguardava a chegada de novas armas.

Talvane de Moraes negou a informação de que uma mesma arma teria sido usada nas chacinas de Vigário Geral e da Candelária, quando oito meninos foram assassinados. Segundo ele, as balas encontradas na Candelária não estão sendo comparadas com as de Vigário Geral.

"Cabe à Justiça, que está com o caso da Candelária, solicitar a comparação", disse o diretor.

## Cinelândia abriga manifestação

Da Sucursal do Rio

Cerca de 300 pessoas, segundo os organizadores, participaram no início da noite de ontem, na Cinelândia (centro do Rio), de uma manifestação contra a chacina de Vigário Geral, na qual 21 pessoas foram assassinadas. Moradores de Vigário Geral e da favela vizinha, Parada de Lucas, alugaram seis ônibus para o transporte até o centro da cidade.

O preto foi a cor do protesto. As faixas, espalhadas pela tradicional Cinelândia, pediam Justiça.

ato tão brutal da violência que vem dominando o mundo, meu Deus. Queremos Justiça e paz em todas as comunidades carentes", estampava uma das faixas.

### Apoio

O presidente da Associação dos Moradores de Vigário Geral, Nahildo Ferreira de Souza, pediu o apoio da comunidade às investigações lideradas pelo coronel Valmir Brum, chefe de Polícia Militar. "Ele precisa de apoio para chegar até o fim do inquérito", afirmou Souza, que perdeu



O DIA - 13/09/93

# Futebol sela paz entre favelas rivais

**Há dez anos, após uma partida, Parada de Lucas e Vigário Geral se separaram com ódio. Ontem, a bola da alegria voltou a rolar**

▼ SALETE LISBOA

Desde cedo havia festa nos arredores do campo do Esporte Clube Lucas, onde, na manhã de ontem, foi disputada partida entre o Setembro Negro, de Lucas, e o Madrugada, de Vigário Geral. E não podia ser diferente. Depois de 10 anos, os times voltavam a se enfrentar. O reencontro uniu de uma vez por todas os moradores das duas favelas. Para eles, embora o Setembro Negro tenha vencido por 1 a 0, a vitória foi das comunidades.

Não faltou emoção entre os jogadores e o público. Muitos se lembravam dos momentos difíceis em que parentes e amigos eram separados pela fronteira imaginária entre Lucas e Vigário Geral. Norberto Virgínio de Souza, o Da Pé, 75 anos, contou que há 38 anos mora em Vigário Geral e, mesmo com a filha Ivete morando em Lucas com o marido Renato e o filho João, 7, era a primeira vez que atravessava "por dentro das duas favelas para vir visitá-los". "A alegria é completa", disse, "porque estou aqui, em Lucas, assistindo ao jogo do Setembro e do Madrugada".

Para Elmarino César Pereira, 53, presidente do Esporte Clube Lucas, o jogo era muito especial. Ele fora o juiz da partida que deu início à rivalidade entre as comunidades das favelas de Lucas e Vigário Geral. "Aqui mesmo neste campo, há

cerca de 10 anos, jogavam o Botafoguinho, de Vigário, e o Mutirão, de Lucas. Quando o Botafoguinho ganhava de 1 a 0, marquei falta a favor do Mutirão. No lance do gol, saiu um tiro. Eu estava no meio do campo e só vi o goleiro do Botafoguinho cair. Na hora não entendi nada, pensei que fossem fogos." Elmarino disse ter ficado sozinho no campo: "Não vi nada. Os policiais chegaram e o goleiro estava morto. A partir desse dia começou a rivalidade entre Lucas e Vigário e os times, que passaram a ser Setembro e Madrugada, nunca mais se encontraram."

## Agora tudo vai ser como antes

Nem os passes errados, as faltas e as tentativas frustradas de gol do Setembro Negro e do Madrugada fizeram com que as torcidas dessem os gritos de guerra, comuns nos jogos de futebol. As jogadas eram acompanhadas com atenção pelos moradores que, misturados, incentivavam os dois times. Cenas de confraternização eram vistas em toda a volta do campo. Wanderlei de Oliveira, de Lucas, e Arildo Martins, de Vigário Geral, amigos desde a infância, aproveitaram, entre um lance e outro, para tomar uma cervejinha e lembrar os tempos em que viviam se visitando. "Agora tudo vai recomeçar. Poderemos nos rever sempre que sentirmos saudade", desabafou Arildo.

Segundo Eduardo Andre dos Santos, 23 anos, juiz da partida, o jogo foi tranquilo. Apesar do campo pesado, por causa da chuva fina de toda a noite e manhã de ontem, os jogadores estavam felizes. "O único gol da partida foi feito por Piao, do Setembro Negro, aos 22 minutos do primeiro tempo. No segundo tempo tive que expulsar Romildo, do Madrugada, e Piao, do Setembro", contou Eduardo.

Na opinião dos jogadores, o goleiro Ibaio Raimundo, 59, do Setembro Negro, foi o melhor em campo. Todos disseram que ele garantiu o resultado.

João Raimundo, além de elogiado, era um dos mais emocionados e não conseguiu controlar as lágrimas quando o jogo acabou. "Fui o goleiro do time de Lucas, há 10 anos, quando o outro companheiro, goleiro de Vigário Geral, foi morto", contou, sem lembrar o nome da vítima. E murmurou: "Em toda a minha carreira de futebol, nunca vivi um dia tão emocionante como hoje."

Discursos não faltaram na entrega da taça ao Setembro Negro. O prêmio foi dado pelos presidentes Ary da Ilha, da escola de samba Balanço de Lucas, e David Furtado, da Acadêmicos de Vigário Geral, ao capitão do time, Walter, que há 11 anos joga no time de Lucas. Walter recebeu a taça e transferiu a homenagem a Julio, capitão do Madrugada. "Resolvemos entregar a taça aos jogadores do Madrugada para que eles guardem uma lembrança de nós, neste dia especial para todos".

Será que a PAZ é realmente possível? Será que é possível vivermos em um mundo mais harmônico?

Claro que é. Quem faz a história são os homens e só depende de nós para mudarmos esse atual quadro. É a mão que mata; e é também a mão que salva. A diferença é que ambas são guiadas por pensamentos diferentes. (antagônicos)

Mente quem diz que a vida é assim mesmo. Mente quem diz que é impossível mudar. Como exemplo das coisas "ditas" impossíveis, hoje o mundo inteiro está assistindo o Acordo de Paz entre Israel e a OLP (Organização para Libertação da Palestina).

Não vamos mais esperar para darmos o nosso grande berro, de que MUDAR É POSSÍVEL. É mais do que isso; é fundamental para a existência de todos.

Como Bob Dylan diz: "Quantas mortes ainda serão necessárias para que se saiba que já se matou demais?"

Não vamos ser os carrascos de hoje para não sermos as vítimas de amanhã.

Vamos nos lembrar que o inventor da guilhotina foi morto mais tarde pelo seu próprio invento.

Devemos reconhecer que estamos vivendo em meio à barbárie e que todos nós somos vítimas em potencial. Não vamos bater palmas e nem com pactuar com os verdugos "donos do mundo". Lembre-se: o silêncio é uma das faces da impunidade.

Qual de nós ainda não ouviu ou leu frases do tipo: "...É menos um...". "...tem que matar mesmo..." e outras muitas.

Um fato assustador ocorreu semanas atrás quando o Secretário de Segurança Pública de Minas Gerais falou pro mundo inteiro ouvir que "a ordem dele era matar, e que só mataram um de amostra porque os outros sequestradores estavam fora do Estado..."

Não foi para isso que saímos das cavernas, foi? Não foi para isso que fizeram leis, foi?

"Tá lá o corpo estendido no chão,

Invés do rosto uma foto de um gol

Invés de reza uma praga de alguém

E um silêncio servindo de amém"

(João Bosco e Aldir Blanc)

Dia 28 de setembro fará 30 dias do massacre de Vigário Geral. Já terão se passado dois meses da chacina da Candelária. Faltarão alguns dias para completar um ano para o massacre do Carandirú. Será que já nos esquecemos dos rapazes que foram linchados em Olaria? E o massacre dos índios Yanomani na Amazônia?

Não vamos nos calar. Não vamos ficar sentados no "trono de um apartamento com a boca escancarada e cheia de dentes esperando a morte chegar..." (Não é Raul?)

"Um dia chega o dia que o dia tem que ser o dia".

Se por algum fato nos sentirmos impotentes, vamos nos lembrar da estória do pequenino pássaro tentando apagar o fogo da floresta:

"A floresta onde morava um pequeno pássaro estava pegando fogo e ele imediatamente voou várias vezes até um lago próximo onde molhava as suas penas, voltava, e quando estava sobre a floresta em chamas batia suas asas e os pingos caíam sobre o fogo.

Um pássaro maior, que estava observando o trabalho do pequeno pássaro, indagou-o: - Você tem a pretensão de apagar esse fogo com estes pinguinhos? E ele respondeu: - Eu só estou fazendo a minha parte.

E terminamos com esse momento de reflexão:

"O maior aliado desse sistema 'lei do cão' não é o alienado; este, pode tornar-se o seu maior inimigo. Agora, o consciente calado pode não ser um aliado, mas está longe de ser seu inimigo.

Fique insatisfeito com a farinha da luta, mas não se alimente do pão da vergonha."

A COMISSÃO PELA VIDA, PELA PAZ, ASSASSINATOS NUNCA MAIS e o MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE VIGÁRIO GERAL convidam aqueles que não se acomodam, se incomodam e incomodam para a CAMINHADA PELA PAZ, PELA VIDA, ASSASSINATOS NUNCA MAIS a ser realizada no dia 28 de setembro quando completam 30 dias do massacre de Vigário Geral. A caminhada sairá da CANDELÁRIA e seguirá até Vigário Geral (via Av. Brasil) CONCENTRAÇÃO: 8:00h.

AMINHADO

VELA VIVA

Candelaria → Vigário Geral

28/03

Terça-Feira às 8:00 h

Concentração na Candelaria

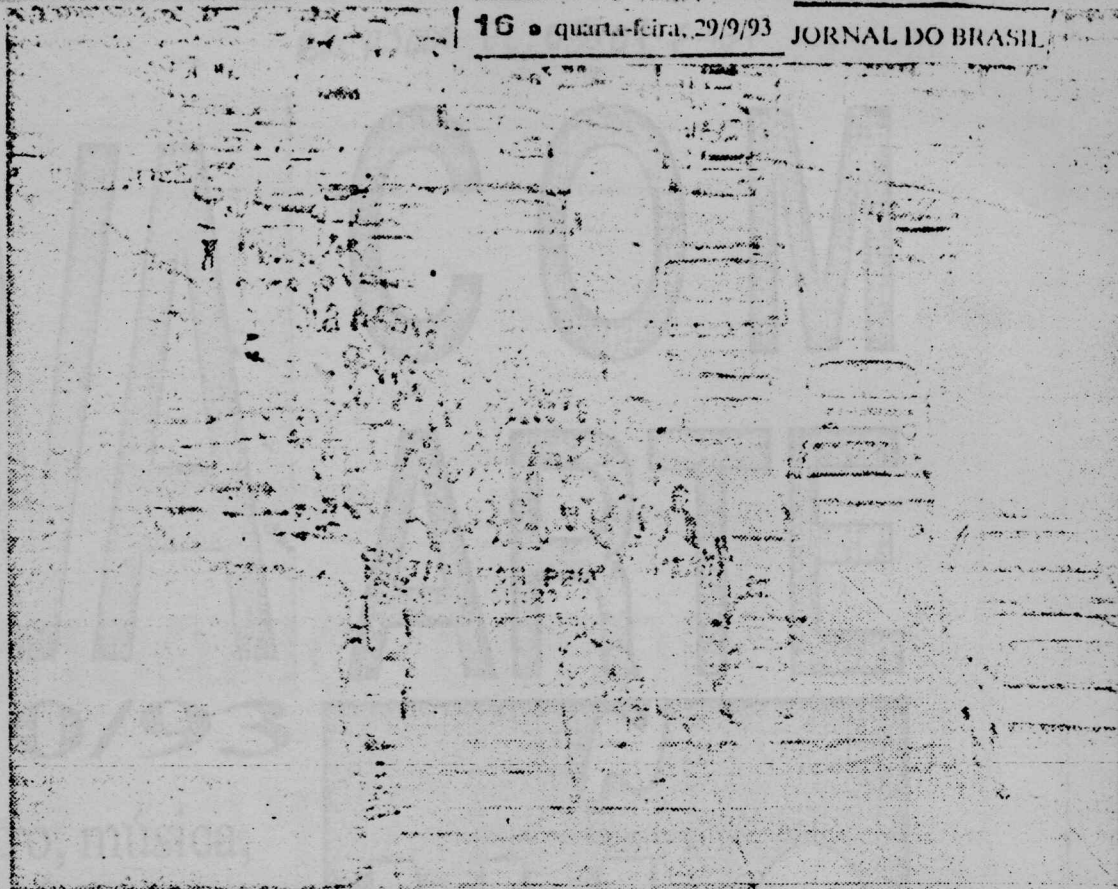
\*Leve Flores Brancas\*



# Passeata pede o fim da violência

Cerca de cem pessoas seguiram ontem a pé — num percurso de 20 quilômetros —, da Candelária, no Centro, até a favela de Vigário Geral, na Zona Norte. Os manifestantes, em sua maioria de Vigário Geral e professores e alunos da Uerj e UFF, usavam faixas com os dizeres: *Pela vida e pela paz, assassinato nunca mais*. Além de protestarem contra as chacinas da Candelária e de Vigário, os manifestantes lembraram o massacre ocorrido no presídio de Carandiru, em São Paulo, quando 111 presos foram mortos pela polícia.

Segundo o professor de Biologia Henrique Melo Rosa, que mora em Vigário Geral, o ato foi realizado para chamar a atenção das autoridades para os atos de violência cometidos por policiais. A passeata saiu às 10h da Candelária e chegou a Vigário Geral, às 16h. \* IRAJA



Cerca de 100 manifestantes percorreram a pé o percurso de 20 quilômetros entre o Centro e Vi

Ao contrário do que possa parecer, esse percurso não foi realizado por nenhum atleta, caminharam colegas de idade entre 13 e 66 anos. Além dos moradores de Vigário Geral, juntaram-se à caminhada alunos e profissionais recém formados da Uerj, UFRJ e UFF; secundaristas e representantes dos vereadores Guilherme (PSTU), Pitanga (PT), Boal (PT), do DCE/UERJ, da Pastoral da Juventude de São João de Meriti e dois menores que moram nas ruas do Centro, sem contar com as adesões que ocorreram durante o caminho que não foram registradas.

A caminhada ocorreu 30 dias após o massacre de Vigário Geral. O protesto teve como objetivo não só alertar a forma arbitrária como vem agindo os policiais (que não conduzem com o Estado dito democrático) mas também se posicionar contra um modelo sócio-econômico que não mata só com chumbo, como também de fome; de doenças, de vergonha e outros...

Como vimos alertando, não se pode institucionalizar a barbárie e muito menos transferir para as classes mais oprimidas a culpa de algo produzido por esse sistema perverso. A questão da violência não está só nos campos citados acima, a sua "cotidianização" está começando a tomar conta de cada um nós, o que está nos levando a achar natural os assassinatos, as brigas, os acidentes no trânsito e muitos outros fatos que infelizmente fazem parte das nossas vidas.

Vamos tomar essa discussão em nossas mãos, para que possamos achar repostas menos simplistas e menos sofridas para as populações que estão diretamente no meio desse fogo cruzado.

Momento de reflexão:

"Não é comigo."

Esta é uma história sobre quatro pessoas: **TODO MUNDO, ALGUÉM, QUALQUER UM e NINGUÉM:**

Havia um importante trabalho a ser feito e **TODO MUNDO** tinha certeza de que **ALGUÉM** o faria.

**QUALQUER UM** podia ter feito, mas **NINGUÉM** o fez. **ALGUÉM** zangou-se porque era um trabalho de **TODO MUNDO**.

**TODO MUNDO** pensou que **QUALQUER UM** podia fazê-lo.

Ao final **TODO MUNDO** culpou **ALGUÉM**, quando **NINGUÉM** fez o que **QUALQUER UM** poderia ter feito.

**POPULAR**

....É sempre mais fácil falar que a culpa é do outro, evita um aperto de mão de um possível aliado....

**RAUL**

O Movimento Comunitário de Vigário Geral e a Comissão Pela Vida, Pela Paz, Assassinato Nunca Mais estão promovendo uma série de atividades, dentre elas estão:

Quinta-feira, dia 07 de outubro às 19:00 hs no aud. 13, 1º andar da UERJ. Debate: Vigário Geral:

# VIVA COM ARTE

**02/10/93**

Participe teatro, música,  
capoeira e você ...

**15 horas**

Locais: Vigário Geral,  
Parada de Lucas  
(Comunidade Parque  
Proletário)

*Forum Permanente contra a  
Violência e para Vida*

**EXTERMINIO NUNCA MAIS**

# NÃO

# COM

# VIOLENCIA!

DEBATE:

**"VIGARIO GERAL:  
QUEM VIVEU FALARA"**

**( A UNIVERSIDADE DISCUTINDO A VIOLENCIA )**

**DIA 07 DE OUTUBRO AS 19 HORAS**

**AUD. 13**

**PAV. JOAO LYRA FILHO**

**COMISSAO PELA VIDA, PELA PAZ,  
ASSASSINATOS NUNCA MAIS**



# Cariocas se unem contra a violência

## Campanha quer 'alto astral' de volta

Da Sucursal do Rio

Empresários, lideranças comunitárias, sindicalistas e personalidades cariocas lançaram ontem a campanha "Viva Rio". O objetivo é promover manifestações e debates sobre como diminuir a violência.

O primeiro ato da campanha será paralisar a cidade por dois minutos no dia 17 de dezembro para refletir, começar de novo, reconquistar sua auto-estima e seu alto astral", segundo o manifesto da campanha.

Para o dia 18, estão previstas celebrações de diversas tradições religiosas, da Cinelândia (centro) ao Aterro do Flamengo. À noite, haverá um show de música popular no Aterro.

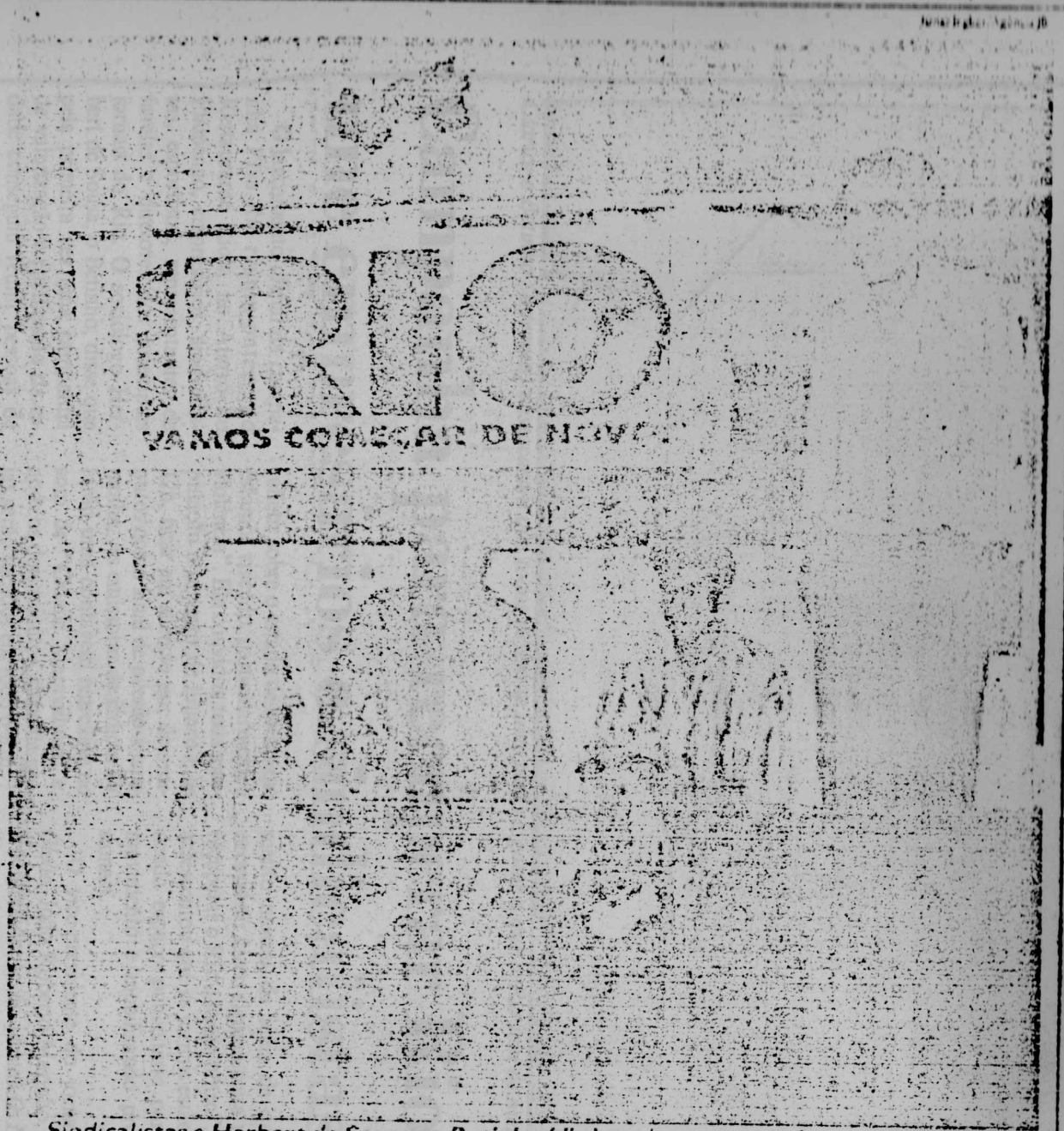
"Queremos criar um clima de que é possível mudar. É uma idéia ousada porque nenhum de nós acredita muito nisso", disse o coordenador cultural do Iser (Instituto de Estudos da Religião), Rubem César Fernandez.

Segundo o vice-presidente do jornal "O Globo", João Roberto Marinho, "a campanha corre o risco de cair no vazio, mas, por contar com pessoas tão diferentes e representativas, pode ter um resultado melhor".

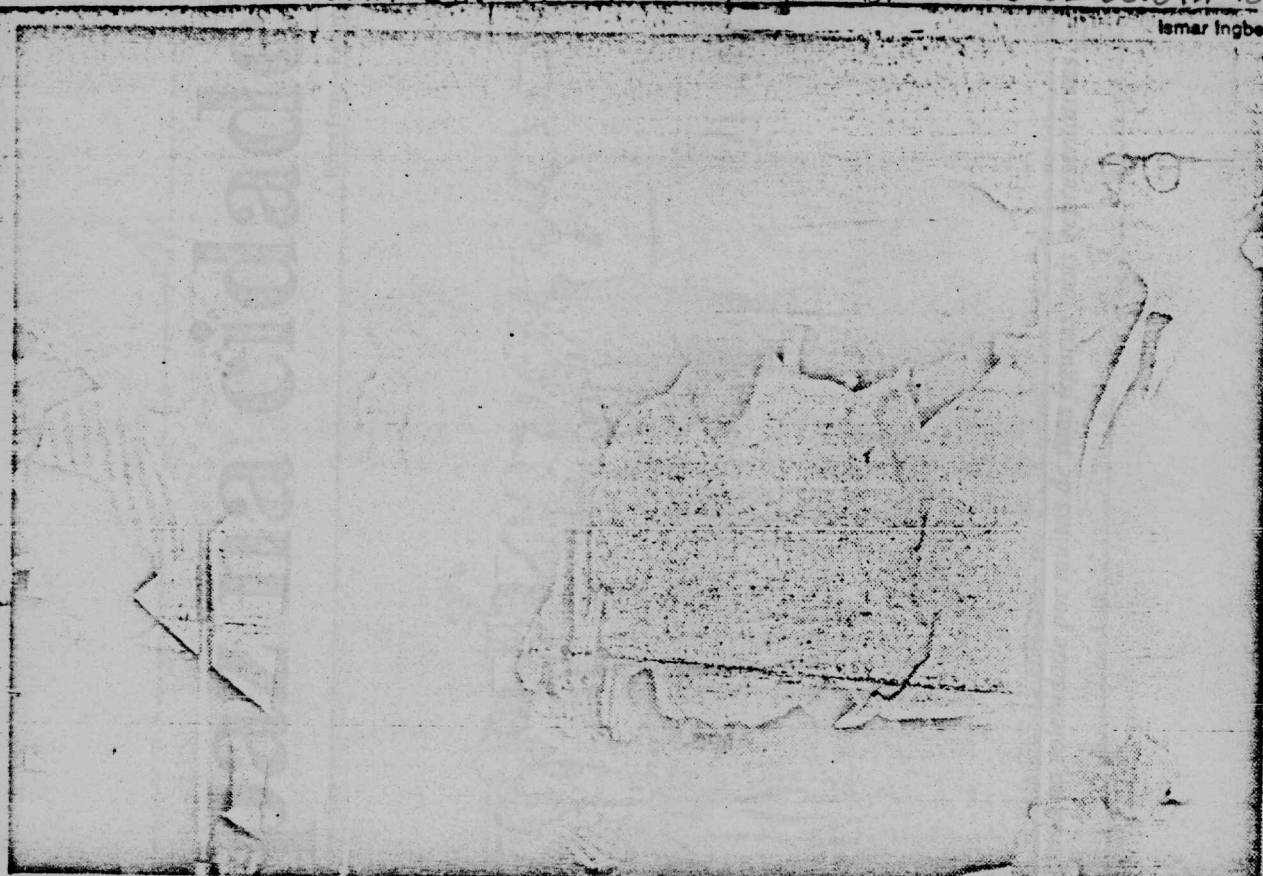
O coordenador da Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e Pela Vida, Herbert de Souza, o Betinho, disse que a Prefeitura e o governo estadual não foram convidados para o lançamento para que a campanha se caracterize como uma iniciativa da sociedade.

O sociólogo Caio Ferraz, da Associação de Moradores de Vigário Geral (zona norte), propôs que os empresários criem bancos de empregos nas favelas. "A ação cultural é importante, mas cultura nós temos de sobra, com samba e funk. Tem gente lá passando fome de verdade", disse.

Representantes dos jornais "O Globo", "Jornal do Brasil" e "O Dia" disseram que, apesar de integrarem a campanha "Viva Rio", não haverá mudança editorial nesses jornais para minimizar notícias sobre a violência. "Não faria sentido", disse o vice-presidente de "O Globo", João Roberto Marinho. Para o diretor-presidente do "Jornal do Brasil", Manoel Francisco Brito, a reação positiva à prisão dos tricheiros "mostrou que o Rio começa a mudar".



Sindicalistas e Herbert de Souza, o Betinho (dir.), no lançamento da campanha no Rio



Clarice e Betinho (à frente) destacaram que todos devem se unir para resgatar o que o Rio tem de melhor

## Campanha para recuperar Rio une empresários e sindicalistas

O lançamento oficial da campanha *Viva Rio* reuniu ontem, no Restaurante Rio's, no Aterro do Flamengo, empresários, sindicalistas, esportistas, representantes de favelas e diretores dos principais jornais do Rio. O sociólogo Herbert de Sousa, o Betinho, disse que pela primeira vez uma campanha de valorização e pacificação da cidade conseguiu reunir pessoas de segmentos tão diferentes e representativos: "Temos um fato inédito em que trabalhadores, empregados e a mídia se juntam para assumir a sua cidade", afirmou Betinho.

A economista Clarice Pechman, coordenadora do movimento, disse que o Rio vai parar por dois minutos no dia 17 de dezembro "para

refletir sobre o estado de coisas que estamos vivendo, particularmente a violência". Ela convidou toda a população a se vestir de branco e, às 12h, ficar em silêncio por dois minutos como sinal de adesão à campanha. As emissoras de rádio e TV farão uma contagem regressiva ao som de "Cidade Maravilhosa" e, após os dois minutos, sinos de igrejas serão tocados em todo o Rio.

A jogadora de vôlei Isabel, carioca de 33 anos, afirmou que é preciso "acabar com a corrente negativa e o *baixo astral* da cidade, senão vira tudo um grande *botê*".

O diretor presidente do JORNAL DO BRASIL, Manoel Francisco Brito, destacou que "o movi-

mento nasceu da idéia de que é necessário fazer alguma coisa para recuperar o Rio a longo prazo". Ele acrescentou que os jornais estão cedendo espaço publicitário para o movimento e mobilizando profissionais.

O vice-presidente do jornal *O Globo*, João Roberto Marinho, e o vice-presidente do jornal *O Dia*, Walter de Mattos Júnior, disseram que a partir das primeiras manifestações surgirão propostas objetivas para melhorar o Rio. Além do silêncio no dia 17, estão programadas para o dia 18, a partir das 14h, cerimônias religiosas na Cinelândia e Aterro. Haverá show ao lado do Museu de Arte Moderna.

## Indústrias param por 2 minutos

A paralisação de atividades por dois minutos no próximo dia 17 terá a adesão dos principais representantes do empresariado fluminense. O presidente da Firjan (Federação das Indústrias do Rio), Arthur João Donato, afirmou que os empresários vão liberar seus empregados e acrescentou que a entidade vai apoiar o movimento no

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio, Carlos Manoel Costa Lima, disse que a entidade está convocando 53 sindicatos, incluindo os dos bancários e urbanitários, para uma reunião no próximo dia 30, quando será discutida a melhor forma de participar

120 mil metalúrgicos do Rio e Baixada Fluminense vão parar por dois minutos em suas fábricas. Também estiveram presentes ao lançamento da campanha o empresário Ricardo Amaral; o presidente da Associação Comercial do Rio, Humberto Motta; e José Domingos Cardoso, o *Ferreirinha*, da Executi-



# Começa a corrida pela paz na cidade

**Solenidade no Rio's  
lança movimento que  
une a sociedade para  
combater a violência  
e trazer de volta o  
desenvolvimento**

Foi dada a largada. De hoje até o dia 18 de dezembro, a corrida dos cidadãos cariocas é em direção à paz. Todos os ajustes foram feitos ontem à tarde, no Restaurante Rio's, por quem mais entende da modalidade. No mesmo barco estão o sociólogo Betinho, a presidente do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE), Clarissa Pechman; o presidente da CUT, Ferreirinha; o presidente da Federação das Indústrias do Rio, Arthur João Donato; a jogadora de vôlei Isabel, o empresário

**VIVA RIO**

Ricardo Amaral, o presidente da Associação Comercial, Humberto Motta e outras figuras que pagam para ver o Rio voltar a ser a Cidade Maravilhosa. Essa equipe entra na pista para o movimento Viva Rio com o objetivo de diminuir e, se possível, liquidar a violência, em todos os níveis.

- É a primeira vez que todos os meios de comunicação do Rio de Janeiro se reúnem em favor de uma causa como esta. A imprensa fará sua parte mostrando não só as tragédias da cidade, mas seus pontos positivos - disse o vice-presidente de O DIA, Walter Mattos Júnior.

O pitstop está marcado para o dia 17 de dezembro, uma sexta-feira, quando, ao meio-dia, toda a população do Rio vai parar por dois minutos e mudar de atitude em relação à cidade.

- Se você tem dinheiro, não adianta se fechar dentro do condomínio ou do seu carro importado. É preciso acabar com o

ranço que existe quando se fala do Rio - deu o recado a jogadora de vôlei Isabel, moradora da Gávea, que já foi assaltada dentro de seu carro parado numa rua de Botafogo. Isabel soube do Viva Rio através de um telefonema do jornalista Zuenir Ventura e foi ao almoço de abertura do movimento, ontem, cheia de disposição para mudar a cabeça de quem pensa e fala mal da cidade.

- O mais importante desta campanha é a pluralidade. Estão aqui representantes de todos os segmentos da sociedade, unidos para prazo. Não é uma mobilização política, mas se eu fosse o governador, ficaria muito feliz com o Viva Rio - comentou Herbe de Souza, acrescentando que se sente perfeitamente integrado ao movimento.

- Vamos acabar com a fome e a miséria para acabar com a violência - finalizou o mineiro Betinho, que aprendeu a ser cidadão carioca.



A cidade esteve representada na solenidade por muitas de suas figuras mais representativas



# Casa da Paz

*Um projeto pela dignidade dos moradores da favela  
de vigário geral*

Rio de Janeiro  
Brasil

## VII - CASA DA PAZ

A Casa da Paz fica situada na rua Antônio Mendes, nº 13, no Parque Proletário de Vigário Geral, no mesmo lugar onde foram chacinados oito evangélicos e em frente no bar foram chacinados sete amigos.

Após contatos do Coordenador do MOCOVIAGE com a Comissão de Cidadãos do MOVIMENTO VIVA RIO e a continuidade das discussões com a comunidade começou-se a se desenhar o perfil da Casa.

Nesse processo foi de grande importância o apoio recebido do jornalista e escritor Zuenir Ventura, do Coordenador do Núcleo de Pesquisa do Instituto de Estudos da Religião - ISER, Rubem César Fernandes, do Pastor Caio Fábio D'araújo Filho, presidente da Visão Nacional de Evangelização - VINDE, que comprou a casa dos evangélicos e os dois bares em frente e tem contribuído financeiramente com a reforma do imóvel.

O INSTITUTO C&A DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL, acreditou na proposta e ajudou a concretizar o Natal da comunidade, através da doação de US\$ 12.000,00 (doze mil dólares). O próprio INSTITUTO tem acreditado no projeto e manifestou o interesse efetivo de financiá-lo. Outro parceiro importante foi a CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, que, através do arquiteto e urbanista Manoel Ribeiro, Consultor do Forum de Ciência e Cultura da UFRJ, gentilmente reformou a casa e tem demonstrado interesse de firmar um convênio com a CASA DA PAZ para que essa preste serviços àquela e/ou prepare mão-de-obra da comunidade para ser contratada pela mesma. O FUNDO INTER-RELIGIOSO CONTRA A FOME E A MISÉRIA também deverá contribuir financeiramente para que comecemos o projeto no início de maio. Neste interim, conseguimos também o apoio de Maria Bourgeois, presidente do Comitê Internacional pour la Vie com sede em Genebra, Suíça, que vem desempenhando o papel de "Embaixatriz da Casa da Paz" junto a entidades nacionais e internacionais.

A CASA DA PAZ não é só uma promessa, mas sim uma realidade extremamente saudável e que, acreditamos, será a possibilidade de efetivamente a população de Vigário Geral e adjacências possa ter acesso a serviços tão necessários quanto indispensáveis. Neste sentido, o projeto Casa da Paz contempla, de imediato, um anseio antigo da comunidade: a necessidade de implantação de propostas concretas para a solução dos problemas detectados a partir de discussões com a própria comunidade. Se a situação de

abandono por parte dos poderes públicos é uma realidade, o projeto Casa da Paz, num primeiro momento, funcionará como um empreendedor de serviços básicos, assessoria, pesquisas e levantamentos e centro cultural; no intuito de, através de ações exemplares, mostrar aos poderes públicos a viabilidade de se implantar um projeto conjunto com a comunidade. Uma comunidade sexagenária não pode viver isolada, e não o é, do resto da sociedade, pois muito da violência que se pratica aqui, não vem só da arma de fogo, mas surge principalmente a partir do descaso da sociedade civil e do governo, com relação ao cumprimento e/ou atendimento dos serviços públicos básicos na comunidade. Costumamos dizer que: "se o emprego não existe, a marginalidade insiste". E mais: "se a escola não cola, a marginalidade decola". Um número enorme de crianças e adolescentes que perambulam pelas vielas da favela, sem ter o que fazer, está fadada a ser presa fácil do crime organizado. E o que é ainda pior, estes jovens fatalmente entram num circuito de violência, os quais, em sua maioria, chegam a morte por homicídios dolosos<sup>3</sup>. Já num segundo momento, como objetivo a ser alcançado a médio ou longo prazo, o projeto Casa da Paz servirá como um instrumento para o redirecionamento ou resgate de valores imprescindíveis à conquista do mínimo de condições necessárias para uma vida digna e honrosa. Através da participação democrática, onde os próprios moradores possam tomar suas próprias decisões, de acordo com suas necessidades reais de vida, o exercício da cidadania servirá como "mola propulsora" para o alcance da cultura e do saber acumulado durante anos pela humanidade, e que foi e está sendo negado à maioria dessas populações que vivem nas periferias. O querer conhecer, as artes, o lazer instrutivo, o estabelecimento de metas a partir da vivência esclarecedora e/ou conscientizadora, trará a esta comunidade os anseios e contatos necessários — com outras comunidades, visões de profissionais ou

---

<sup>3</sup> Conforme dados da pesquisa "Homicídios dolosos praticados contra menores no Estado do Rio de Janeiro (1991 a julho de 1993)": "...as idéias correntes, particularmente na mídia, não se sustentam. Pelo menos quando contrastadas com o que já é possível saber a respeito do Estado do Rio de Janeiro: o personagem típico, que sintetizaria as ocorrências mais frequentes dos homicídios dolosos vitimando menores, não é a criança de rua; [...] o alvo típico e crescentemente atingido é o menino de dezessete anos, habitante de bairro pobre, sua identidade étnica é indiferente (isto é, não morre pela cor ou a cor não modifica o grau de risco a que está submetido), não é o "menino de rua", morre principalmente em razão de sua vulnerabilidade ante o circuito da violência, que hipoteticamente parece pertinente supor que seja, direta, ou indiretamente, acionado pela dinâmica selvagem do tráfico de drogas. Esta modalidade de comportamento delituoso detém impressionante capacidade de recrutamento de força de trabalho jovem, e grande poder de envolvimento indireto da juventude, não só pela atração do consumo, como também pela natureza de violência a que se associa, a qual tende a atingir mesmo aquelas que simplesmente se vinculam aos responsáveis pelo tráfico através de redes muito débeis de socialabilidade informal e comunitária, por vezes restrita ao convívio ditado por circunstâncias territoriais ou pela inevitável vizinhança". (cf. Soares, L.E. et alii. R.J., 1993, p.6)



grupos organizados — para o repensar da cidadania como uma conquista diária, uma busca constante dos serviços e benfeitorias que lhes devem pertencer de direito e de fato; assim como o estabelecimento de critérios e normas de convivência, com base na solidariedade, honestidade e no ideal do bem comum, não só a serem difundidos entre os membros da comunidade, mas estendendo-se aos demais membros da comunidade carioca.

O desafio está lançado e se chama Casa da Paz; cabe agora a todos os homens que acreditam num país soberano, numa democracia estável e na criatividade humana investirem nesta proposta. A responsabilidade é minha, sua, nossa. O fruto quem colherá não será somente os moradores desta sofrida comunidade, mas toda a sociedade. Transformar o palco da chacina em cenário de esperança é a maior missão da sociedade atual.

### a) Objetivos

A partir do conhecimento das necessidades mais urgentes da comunidade e com base nas discussões travadas entre os participantes do MOCOVIGE, juntamente com a Associação de Moradores do Parque Proletário de Vigário Geral, a Casa da Paz propõe-se a:

- 1- Proporcionar à comunidade de Vigário Geral um espaço onde a população possa se sentir agradavelmente encorajada a aprender, questionar, avaliar e construir seus conhecimentos, com criatividade e autonomia.
- 2- Buscar meios para se trabalhar as aptidões das crianças e dos adolescentes da comunidade, onde as artes serão o canal principal, com o subprojeto: "Viva com arte, não com violência", sendo assim um recurso que servirá como um reforço escolar.
- 3- Acompanhar passo a passo a vida cotidiana do menino atendido, estimulando sua ida ou retorno a escola (ou ao trabalho) e gerando todo o apoio necessário para sua permanência. Este apoio se dará através de um trabalho realizado por psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, no subprojeto "Cidadania na Prática".
- 4- Fortalecer o exercício da cidadania dos moradores de Vigário Geral, tornando acessível serviços básicos, tais como: atendimento jurídico, médico, odontológico, social, psicológico, etc.
- 5- Mobilizar a sociedade civil e o poder público através de ações exemplares, visando a integração social entre ambos.
- 6- Conscientizar a comunidade de que seus objetivos só serão atingidos a partir da sua

interferência nas decisões a serem tomadas pelo poder público em relação a vida da própria comunidade.

7- Formar mão-de-obra da comunidade a ser aproveitada pelo próprio projeto. Para tanto será criada na Casa uma Oficina de Informática onde os adolescentes poderão fazer cursos/ prestar serviços de informática para empresas com a supervisão de um especialista.

## **b) Metodologia**

A metodologia do projeto será pautada, num primeiro momento, na recuperação da história da comunidade. Dessa forma, acreditamos valorizar a própria história do grupo e de cada um individualmente. Sendo assim, um morador da favela tenderá sentir-se co-participe da construção social do espaço em que vive. Investir na auto-estima dos moradores é uma das prioridades do projeto.

O trabalho com artes será utilizado para que, através da livre-expressão, os participantes tenham acesso a comunicação de idéias entre os mesmos e entre grupos diversos.

Todos os trabalhos desenvolvidos neste projeto — "Pesquisa da Comunidade", "Viva com Arte, não com Violência" e "Cidadania na Prática" — serão feitos de forma integrada, visando a interdisciplinariedade dos trabalhos e buscando a conscientização do grupo de que a cidadania se dá através do entrosamento dos diversos setores da vida humana: arte, lazer, cultura, saúde, educação, profissionalização, direitos/deveres, etc.

## **c) Frentes de Trabalho**

### **Pesquisa da Comunidade.**

1-A "Casa da Paz" buscará parceria com outras instituições para que, no 1º trimestre de 1994, possa ser realizado um censo interno na comunidade com a participação dos próprios moradores;

2-Incentivar rodas de conversas (de preferência gravadas) dos primeiros moradores da comunidade;

3-Fazer um levantamento sistemático, arquivando os dados para que estes possam compor a história da comunidade;

4-Incentivar os participantes do projeto a conhecerem a comunidade: todas as ruas, becos, palafitas, grupos religiosos, etc.

5-Estudo de casos.

## **Viva com Arte, não com Violência**

- 1-Música e Percussão
- 2-Teatro
- 3-Pintura
- 4-Círculo de Leitura
- 5-Jogos
- 6-Filmes
- 7-Exposições
- 8-Poesia
- 9-Menu Cultural — envolvendo todas as atividades

**Obs.:** As oficinas supracitadas, que serão realizadas por profissionais ligados às respectivas áreas, estão explicitadas nos subprojetos em anexo.

### **Cidadania na Prática**

- 1-Atendimento Jurídico
- 2-Atendimento Odontológico
- 3-Atendimento Psicológico
- 4-Assistência Social
- 5-Oficina de Informática

**Obs.:** Estes atendimentos terão um caráter muito mais preventivo, envolvendo o trabalho de conscientização das famílias sobre os diversos aspectos da Cidadania na Prática — com relação à saúde física e mental, às questões jurídicas diversas; aos aspectos da vida social de um modo geral. A Oficina de Informática terá como meta capacitar jovens a exercerem com competência esta profissão.

### **d) Mobilização**

- 1-Buscaremos divulgar internamente o trabalho desenvolvido pela "Casa da Paz" através de informativos mensais e/ou bimensais e de reuniões.
- 2-Criação de encontros com artistas, intelectuais e personalidades, para a discussão sobre temas de interesse comum à comunidade e à sociedade.
- 3-Encaminhamento de cópias do projeto para as seguintes entidades: prefeitura, administração regional, grupos religiosos, ONGs, mídia, escolas, postos de saúde e



hospitais, polícia, universidade e empresários; como forma de divulgação externa.

Vale ressaltar que a Casa da Paz já vem realizando atividades nas comunidades de Vigário Geral e Parada de Lucas afim de firmar-se como entidade prestadora de serviços. Entre tantas, as principais foram:

- 1-Distribuição de 5000 cestas de Natal e de 5000 saquinhos de doce doados pelo Movimento Viva Rio para a comunidade (23 e 24/11/93);
- 2-Festa de Natal com a inauguração simbólica da Casa da Paz (25/12/93).
- 3-Distribuição de cerca de 1000 brinquedos, doados pelo Movimento Viva Rio, aos alunos regularmente matriculados nas escolas do bairro. (28/02/94)
- 4-Realização do "Baile da Paz" no CIEP de Vigário de Geral, com a presença de funkeiros das duas comunidades. (21/01/94)

# Casa de chacina de Vigário Geral vira Centro da Paz

**VIVA RIO**  
VAMOS COMEÇAR DE NOVO.

A partir de hoje, a casa de cinco cômodos da Rua Antônio Mendes, 13, em Vigário Geral, onde foram assassinadas oito das 21 pessoas mortas no massacre ocorrido na favela em agosto, é a Casa da Paz. Será transformada num Centro Cultural para atender aos 100 mil moradores das favelas de Lucas e Vigário Geral, como símbolo da Campanha Viva Rio - Vamos Começar de Novo. O imóvel, avaliado em 1500 dólares (R\$ 375 mil, no câmbio paralelo), foi comprado pela Associação Evangélica Brasileira (AÉVB) e o Centro deverá ser inaugurado no Natal, com uma festa para as crianças do lugar.

Para Nairdo Ferreira de Souza, presidente da Associação dos Moradores de Vigário Geral, a Casa da Paz "servirá para chamar a atenção dos governantes às reivindicações dos



A Associação Evangélica Brasileira comprou a casa

moradores das favelas de Vigário Geral e Lucas, que sempre foram desprotegidas, no atendimento às suas necessidades básicas". A opinião de Nairdo é reforçada pela de Ari da Ilha, presidente da escola de samba Balanço de Lucas e um dos líderes do lugar: "Há anos eu, Nairdo e David Furtado, presidente da escola de samba Acadêmicos de Vigário Geral, ob-

servamos que somente com a união das comunidades poderíamos reivindicar melhorias fundamentais para nossa sobrevivência. Esperamos que a Casa da Paz sensibilize as autoridades e elas atendam as solicitações que temos feito aos órgãos do município, estado e governo federal, principalmente no referente à urbanização e saneamento."

a 17.  
Rio pede  
re as igrejas  
quem os sinos  
a não violência.

o pede:  
17 de dezembro, durante 10 minutos,  
es do meio-dia, todas as igrejas cevem  
ar os seus sinos, em badaladas com-  
sadas, pela não violência, convidando  
ariocas a uma reflexão.  
meio-dia a meio-dia e dois minutos,  
am silêncio. Porque toda a cidade vai  
ar.  
lepois, que toquem alegremente,  
ndo toda a cidade num movimento de  
omeçar.  
começar de novo.  
a a volta do alto-astral da cidade.  
a não violência.  
o Rio.

**VIVA RIO**  
VAMOS COMEÇAR DE NOVO.

Projeto 'Viva Rio' tem adesão dos evangélicos

JB. 28/11/93

A fé contra a violência. Foi esta a tônica do show de evangélicos que reuniu, no final da tarde de sábado, cerca de 500 pessoas no Parque de Recreação Ana de Barros Câmara, em Acari, em mais uma etapa do projeto *Viva Rio*: Os organizadores esperavam atrair 10 mil pessoas para o local mas a forte chuva que caiu no final da tarde atrapalhou o evento, que começou às 18h45 — uma hora e quarenta e cinco minutos depois do horário marcado. Alguns cantores de músicas evangélicas, como J. Neto, Lilia Franco, Shirlei Carvalhaes e Wanderly Macedo, entre outros, avisaram aos fiéis sobre os perigos das drogas e sua ligação com a propagação da Aids.

Ligado à campanha contra a Fome e ao *Viva Rio*, o reverendo Caio Fábio D'Araújo Filho, presidente da Associação Evangélica Brasileira, citou um trecho da Bíblia, que fala da "reconciliação

das feras", o que corresponde ao espírito de "desarmamento mental do Rio", proposta do movimento *Viva Rio*. "De fato, a violência é uma decorrência da miséria em que vivemos mas não podemos deixar de considerar que ela passa também por um processo de falta de consciência das pessoas. Quando a fé penetra no coração da sociedade, nasce um espírito de conciliação entre as pessoas. Não há dúvidas de que a causa mais profunda é a espiritual", avaliou Caio.

O ministro presbiteriano aproveitou o show para convidar todos a participarem do próximo evento evangélico ligado ao *Viva Rio*: será uma vigília de orações pela paz na cidade, que vai atravessar toda a madrugada do próximo dia 4 de dezembro, na Praça Manágua, 106, em Bento Ribeiro. A concentração começa às 22h do dia 3. Caio Fábio espera reunir pelo menos oito mil pessoas.

'Viva Rio'

Os 42 vereadores do Rio participarão da campanha *Viva Rio*, lançada oficialmente há três dias, com objetivo de mobilizar a cidade contra a violência. Convocados por Chico Alencar (PT), eles farão no dia 17 de dezembro, nas escadarias da Câmara, dois minutos de silêncio e formarão com seus corpos a palavra *paz*.

Viva Rio na favela da chacina

O GLOBO - 28/11/93

LETICIA HELENA

Três meses após a tragédia, a casa em Vigarão Geral onde foram mortas oito pessoas de uma mesma família vai virar um centro de paz: a entidade cristã Visão Nacional de Evangelização (Vinde) está comprando a residência, no centro da favela, para doa-la à comunidade. O presente devera ser entregue no dia 25 de dezembro, com a realização de um culto. A transformação do

"Viva Rio — vamos começar de novo" e marca uma das primeiras ações concretas em favor do fim da violência na cidade.

A casa, de quatro quartos e dois andares, está vazia desde o início de setembro, e foi avaliada em cerca de US\$ 1.500. Segundo o presidente da Vinde, pastor Caio Fábio D'Araújo Filho, o imóvel passará por uma reforma e, em seguida, será entregue ao grupo jovem, que, há dois meses, promove atividades culturais na

— Queremos que a lembrança do massacre sirva como exemplo de um sacrifício que foi útil para devolver a paz à favela.

Os evangélicos não pretendem encerrar sua participação na campanha com a compra da casa. Ontem eles promoveram uma manifestação na Favela de Acari e, no dia 18 de dezembro, esperam reunir mais de cem mil crentes na Cinelândia, orando pela paz. Os representantes de outras religiões ficarão espalha-

SEER NA IMPRENSA 29/11/93 \* MOVIMENTO "VIVA

ISFER

RIO"

SEER NA IMPRENSA 29/11/93 \* MOVIMENTO "VIVA

SEER NA IMPRENSA 29/11/93 \* MOVIMENTO "VIVA

SEER NA IMPRENSA 29/11/93 \* MOVIMENTO "VIVA



O DIA - 25/12/93

# Famílias das vítimas oram por justiça durante Missa do Galo

▼ RUIANE MONTEIRO

Quatro meses após a tragédia que transformou a vida de 21 famílias em um inferno, os moradores da Favela de Vigário Geral conseguiram tirar o horror e o desespero pela calma e planos para o futuro. Na noite de Natal, O DIA visitou cinco famílias das que morreram na chacina de 30 de agosto. As outras ou não moram mais na favela ou instruem os amigos a não informarem onde moram. Hoje, eles esperam que os responsáveis pelo massacre sejam punidos.

« Natal foi, para essas pessoas, um momento de reflexão, dor e lembranças de outras festas, mais felizes. A lancha foi feita uma semana pegando: o que pediam a Deus como presente de Natal? A resposta foi uma só e dita sempre em poucos segundos: que nunca mais vejamos uma chacina como a de agosto. Os votos de felicidades foram ouvidos todos o tempo das missas e mesmo nas bocas-de-fumo, onde

alheios e soldados do tráfico não deixaram de cumprimentar os moradores. A Missa do Galo foi às 20 horas na capela de Nossa Senhora Aparecida, celebrada pelo padre José Jonilton e assistida por cerca de 60 pessoas. Entre elas, estavam Naildo de Souza, 66 anos, presidente da associação de moradores, e a mulher, Jocelinda Lemos de Souza, 55, pais de Adalberto de Souza, morto na chacina.

Depois de assistir a missa, Naildo foi direto para casa. Amargurado, mas tranquilo, ele não pensa em se mudar da favela, mas parece ter ficado ainda mais indignado com as injustiças. Naildo passou toda a cerimônia sentado e foi um dos poucos que não se empolgou com os hinos religiosos. Recebem então de uma crise renal - ele faz hemodiálise diariamente - e dizendo-se "cansado", só quer duas coisas na vida: "Paz e justiça. Não preciso de mais nada."



Júlia fez questão de arrumar a mesa para a ceia de Natal

## Deixar a favela é um sonho constante

Na casa de Alida Rangel Bahiense, 57 anos, mãe de Amantino Bahiense, morto aos 31 anos, não teve festa, nem jantar. Na noite de Natal, Alida preferiu ficar em casa assistindo à televisão enquanto a família, marido e dois dos sete filhos, saiu para a casa de parentes e amigos.

Alida não quis ir ao culto de Natal da Igreja Universal do Reino de Deus. Por um único motivo: "Não

estou me sentindo bem para ficar ouvindo Feliz Natal". Ela relembrou que o clima na favela tem sido tranquilo, mas isso não faz muita diferença para o seu coração de mãe: "Para a gente, que perdeu um filho, não está nada bom. A gente não se acostuma". Alida e a família pensam em mudar da favela assim que puderem. Para isso, eles venderão a casa onde vivem hoje.

## Dor do massacre dividiu familiares

Apregão Pereira da Silva, 62 anos, pai de Claudelinda Pereira da Silva, hoje mora com dois dos seis filhos. Sua mulher, Maria de Lourdes da Costa, 45, e os outros três filhos saíram de Vigário Geral há uma semana. Entre esses filhos há uma semana. Entre esses filhos há uma semana. Entre esses filhos há uma semana.

Na noite de Natal, Apregão foi para a casa da filha Mariúcia Pereira da Silva, 26, casada com Claudionor Antônio Damiano, 30, que mora em Vigário Geral. 14, Apregão esqueceu um pouco a tristeza e fez planos para o futuro. Ele é candidato à presidência da associação de moradores da favela e se recusou a sair de lá com a família para, segundo ele, lutar pelo lugar onde mora desde 1952.

## Mãe teme pela vida dos outros filhos

Júlia Riucha Alves, 48 anos, mãe de Céber Mariza Alves, morta aos 24 anos, não foi ao culto da Igreja Nova União na noite de Natal. Ela também não teve coragem de ser mãe a árvore de Natal, tarefa que os outros quatro filhos cumpriram. Mas fez questão de fazer uma bela mesa de jantar, que mostrou, espalhada, as vestes.

Júlia diz que sua vida hoje está voltada para os filhos e que reza to-

dos os dias "para Deus tomar conta deles". Ela pensa em se mudar da favela um dia, mas, por enquanto, não tem para para onde ir. Júlia passou parte da noite assistindo, chorando e rindo um calimante. E fez questão de mostrar os presentes que Céber lhe deu pouco antes de morrer: um enorme vaso de pedrinha, uma flor artificial e um vaso de lixão, também artificiais.

## Viúva luta para combater depressão

Depois da morte do marido, Cláudio de Oliveira Rodrigues, que tinha 34 anos em agosto, Célio Maria Lourenço, 78 anos, passou um mês e meio numa crise de depressão. Hoje, refeita, ela só quer criar a filha, Alessandra, seis anos. Foi Alessandra quem escreveu um bilhete ao pai, após a sua morte, dizendo que o amava. As duas passaram o Natal em casa com o irmão de Célio, Daniel da Silva

Lourenço, 26, seu cunhado, Martha Aparecida Marques, 25, e o sobrinho, Jonathan, de nove meses. Na noite de Natal, mãe e filha pediram paz e sossego, mas em se possível disseram quase juntas o que queriam mesmo de presente: "Eu quero meu marido aqui de volta". Célio disse: "Eu quero pedir para o Papai do Céu para ter meu pai de volta perto de mim", disse a menina.

O DIA - 25/12/83

## Noite de paz em Vigário Geral

Os meninos que viram a chacina ganharam presentes. Em Vigário Geral, parentes dos mortos rezaram por justiça.

PAGINA 6



As crianças recolhem seus presentes na árvore de Natal

# Nilo manda PMs armados se afastarem da Casa da Paz

A presença de um grupo de elite de policiais militares do Batalhão de Operações Especiais da PM (Bope) provocou constrangimento entre moradores e convidados durante a inauguração simbólica da Casa da Paz, um centro cultural que funcionará no ano que vem no lugar onde, em 29 de agosto, foram assassinados oito evangélicos na chacina de 21 pessoas — justamente por PMs — na Favela de Vigário Geral. A criação da Casa da Paz é parte do Movimento Viva Rio, contra a violência e pela valorização da cidade.

A festa contou com a presença do vice-governador e secretário de Polícia Civil, Nilo Batista, que, a pedido dos moradores e de representantes de associações civis e religiosas, mandou que os policiais se afastassem.

Nilo Batista e sua mulher, Vera Malagutti, se emocionaram ao reencontrarem a sobrevivente Vera Lúcia Silva dos Santos. Vera e o marido, Paulo Roberto de Oliveira, venderam a casa para o pastor evangélico Caio Fábio por US\$ 1.500, dinheiro que está sendo aplicado para a educação de Vítor, de 8 anos, e Luciana,



Nilo Batista chega na favela ainda tomada por policiais do Bope que acabaram saindo por ordem do secretário

de 6, duas crianças que sobreviveram ao massacre. O pastor doou a casa para a comunidade. Lá funcionará um centro cultural, com teatro, música, capoeira, biblioteca, videoteca e núcleo de estudos, além de um centro de cidadania, com assistência jurídica, médica e psicológica para a comunidade de Vigário Geral.

A festa também teve a participação de grupos funks de Parada de Lucas e Vigário Geral — comunidades que viviam em guerra —, que cantaram o "Rap da Paz". De acordo com o superintendente da Caixa Econômica, Ayrton Xerez, as obras estão sendo feitas com recursos dos clientes do banco, que estão dan-

do material de construção. A CEF pôs 12 funcionários para concluir as obras: entre bombeiros, eletricitistas, engenheiros e arquitetos. A Casa da Paz será coordenada pelo sociólogo Caio Ferraz, com o apoio do Instituto de Estudos da Religião (Iser) e do Movimento Viva Rio.

Marcelo Carnaval

0 61080 - 26/12/93

BR P500 EL. 05.04. F143



# Vigário Geral inaugura Casa da Paz

■ Presença de policiais assustou os moradores, criando clima tenso durante a festa

Com show, fogos de artifício e um culto religioso, foi inaugurada ontem de manhã a Casa da Paz, na Favela de Vigário Geral. Apesar de as obras ainda não terem sido concluídas, a festa marcou o lançamento de dois projetos, que irão funcionar no local onde foi executada uma família de evangélicos. A casa estava coberta por uma enorme bandeira branca e decorada com cartazes feitos pelas crianças da favela.

A inauguração começou às 10h com queima de fogos, cânticos, orações e shows de grupos evangélicos, como o da cantora Wanda Sá. O vice-governador Nilo Batista chegou acompanhado da mulher, Vera Malaguti, do presidente da Visão Nacional Evangélica, pastor Caio Fábio, e de cinco policiais do Batalhão de Operações Especiais (Bope). Nilo e a mulher estavam emocionados. "Estamos retornando ao local de piedade muito emocionados, porque estivemos aqui no dia da chacina", disse o vice-governador.

O número de policiais do Bope — 16 e um carro de resgate e salvamento na corporação — criou um clima de tensão. Nilo pediu aos policiais que ficassem do outro lado da favela. "Foi um equívoco, um erro de planejamento. Não precisávamos de tantos homens", explicou o vice-governador.



Depois de uma queima de fogos, houve um culto religioso e apresentações de grupos musicais evangélicos.

Um dos projetos inaugurados ontem, *Viva com arte e não com violência*, vai oferecer à população biblioteca, vidoteca, aulas de teatro, capocirã, música e um ateliê, além de realizar o primeiro censo comunitário. O outro projeto, *Cidadania na prática*, vai prestar serviços jurídicos à população.

Vera Lúcia da Silva, uma das filhas dos evangelistas obtidos...

esteve na inauguração. Apesar de sentir falta da família, ela gostou da iniciativa. "É bom pelo objetivo, muita gente aqui precisa de ajuda", disse. Ela também contou que o sonho da família era ter uma casa, já que antes moravam em barracos. Aquela era a primeira casa da família. A Visão Nacional Evangélica comprou o imóvel por US\$ 1,5 milhão e ficará responsável pelo depósito de poupança das cinco crianças sobreviventes da família. "As obras da Casa da Paz foram feitas por funcionários cedidos pela Caixa Econômica Federal (CEF). O custo das obras é de R\$ 3 milhões, segundo o superintendente da CEF no Rio, Airton Xerez. De acordo com o arquiteto Manoel Ribeiro, a meta é acabar as obras, que começaram há 15 dias, até 6 de...

O DIA - 26/12/93



Nos postos de distribuição, todos aguardaram a vez de receber 15 quilos de alimentos

## Vigário Geral tem ceia com 5 mil cestas básicas

Vigário Geral teve um feliz Natal antecipado. Paleio da chacina que chocou o mundo em agosto passado, a comunidade viveu ontem momentos de união e de solidariedade. Cinco mil cestas básicas, doadas pela Comissão de Cidadãos do Viva Rio, garantiram a ceia improvisada de milhares de famílias carentes. Desde cedo, a multidão se apinhava em frente aos quatro postos de distribuição, mas não houve tumulto. Todos respeitaram a vez e saíram satisfeitos, com seus 15 quilos de alimentos, entre eles arroz, feijão, doces, macarrão, leite em pó, sardinha em lata, Nescau e goiabada.

A doação das cestas se transformou num presente especial para os moradores mais humildes. Al-

**VIVA RIO**  
VAMOS COMEÇAR DE NOVO.

guns, como a dona-de-casa Angelina da Silva Cardoso, 71, estavam há dias sem comer. "Moro sozinha e esse foi o melhor presente de Natal que eu poderia ganhar", disse a velhinha, que tem problemas de coração e na coluna. Maria Francisca da Conceição, 81, que também mora sozinha, comemorou. "É muito bom saber que tem gente que se importa. Mais do que os alimentos, a solidariedade é um grande presente", disse.

Na véspera da entrega das cestas,

senhas foram distribuídas para evitar qualquer tipo de confusão. Com moradores se uniram para entregá-las em todas as casas da favela. Durante todo o dia de ontem, o espírito de luta e união contagiou Vigário Geral. Para garantir uma linda festa hoje, com a inauguração da Casa da Paz, cerca de 10 operários trabalharam na obra na véspera de Natal. O artista plástico Vilmar Madruga, que coordenará um atelier na Casa da Paz, levou seu presente de Natal: uma tela, pintada por ele mesmo, chamada *Zezinho no país dos Mauricinhos*. A pintura, que mostra um menino carente sobre a bandeira do Brasil, foi elogiada pelas crianças do lugar. Ela ficará na Casa da Paz.

O DIA - 27/12/93

POLÍCIA

RIO DE JANEIRO, segunda-feira, 27 de dezembro de 1993

# Paz marca o Natal de crianças sobreviventes de Vigário Geral

VALETE LISBOA

Vitor, de 9 anos e Luciana, 6, duas das quatro crianças da família dos exapêlicos, sobreviventes da chovina de Vigário Geral, e o primo Leandro passaram a noite de Natal no bairro de Moura da Graça. As crianças ficaram na casa da assistente social Neilda Labiano dos Santos, que desde a tragédia, no final do mês de agosto, acompanha as crianças a pedido da deputada federal Benedita da Silva (PFL). "Eles já fazem parte da minha família", comentou Neilda ao lado de Vera Lúcia e Paulo, duas das crianças. Vera Lúcia contou que, "a lembrança de Vigário Geral está presente nos sons apitados dos solteiros". E, acrescentou: "Principalmente Vitor, ainda recorda cho-

tando, como se vivesse momentos de pânico".

Durante toda a noite Aninha, como Luciana é carinhosamente chamada pela família, Vitor e o primo Leandro não pararam de correr de um lado para o outro da casa. Ora cantando, dançando, brincando ou confidando a favor de Natal de pipas e bombons, especialmente preparada para a festa, eles nem pareciam ter vivido o drama de ver assassinados a mãe, avós, um tio e quatro tias. Vera comentou que "aparentemente eles estão superando a crise emocional, sendo acompanhados por seis psicólogos. Felizmente foram aprovados na escola e costumam brincar normalmente com os coleguinhas", complementou.



As crianças brincaram com a árvore de Natal improvisada

## Parentes rejeitam sentimento de vingança

Apesar da solidão que sente pela morte de quase toda a família, Vera Lúcia assegurou que, nos poucos, sua vida está voltando ao normal. "Estamos morando fora da favela, porque o lugar nos traz más recordações. Meu marido está sempre gado como motorista e eu já consigo muitos frequentes em minha profissão de cabeleireira", disse ela.

Vera contou que, mesmo sofrendo com a saudade dos pais e irmãos, não sente ódio nem qual quer desejo de vingança contra os assassinos de sua família. "Acredito que um dia eles vão se arrepender do que fizeram. Tenho pena e tozo por eles. Em minhas orações peço a Deus para acabar com a violência do mundo. Sinto muito por

estes criminosos. Sei que um dia eles pedirão perdão a Jesus pelo que fizeram", acredita Vera Lúcia.

Segundo ela, foi muito importante a idéia de transformar a casa de Vigário Geral, onde morou a família, em Casa da Paz, um símbolo da Campanha Viva Rio. "Espero que a Casa da Paz sirva para ajudar as pessoas a refletirem sobre a paz que deveria existir entre os homens. Tenho certeza que onde minha mãe estiver, deve estar feliz como projeto", disse Vera, que revelou seu pedido de Natal: "O que mais desejo é que cada um reflita sobre as palavras de Jesus, que pediu para os homens amarem o próximo como a si mesmos".

## Presentes preferidos eram roupas e brinquedos

Brinquedos, material escolar e roupas estavam entre os muitos presentes que Vitor, Aninha e Leandro ganharam. As irmãs Nélia e Jalcé comemoraram junto a outros familiares. Neilda, a anfitriã da festa, contou que muita gente a procurou querendo mandar lembranças

para as crianças. Vitor recebeu a ele um presente muito especial: um brinquedo. Aninha também recebeu um presente muito especial: um brinquedo. Neilda também recebeu um presente muito especial: um brinquedo. Ela dava um jeito de cantar, fazer uma coreografia e cantar.

preferida era a dos versos de Happy Day, música usada na televisão, num comercial de margarina. "O que Aninha mais deseja é conversar sobre a morte de seus familiares", afirmou Neilda. "Quando alguém pergunta sobre o assunto, ela não muda o assunto e se

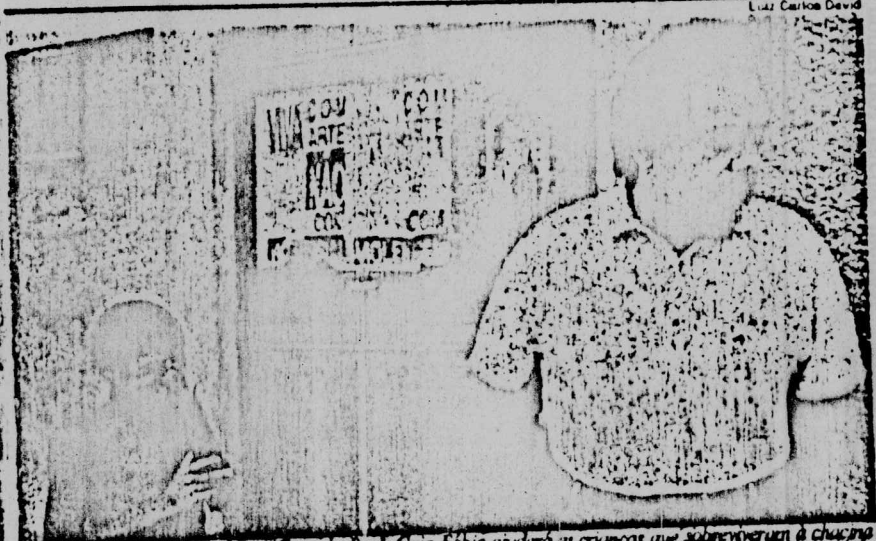
pode que não quer mais falar sobre isto." Vitor e o primo Leandro insistiam que o homzinho, a qualquer momento, iria chegar com a bicicleta que eles pediram. "O dia de dezembro e andar de bicicleta", garantiu Vitor na esperança de ver seu sonho realizado.



BR. RSC06 EL. 05.07.1997

# Evangélicos se organizam para o 'Viva Rio'

Casa onde morreu família de 8 pessoas na chacina de Vigário Geral será transformada em espaço cultural para crianças e jovens.



Com o dinheiro conseguido na 'Casa da Paz', Caio Fábio ajudará as crianças que sobrevivem à chacina.

## PASTOR CAIO FÁBIO Em busca da aproximação com a mídia

Se nos últimos seis meses os evangélicos deixaram o tradicional recolhimento e passaram a usufruir da mídia, o ministro presbiteriano Caio Fábio D'Araújo Filho, presidente da *Vida*, tem muito a ver com isso. "Não sei bem o

... sido quebrados dos dois lados e nós estamos interessados numa parceria adulta e saudável com a mídia", avisa o reverendo, para quem a imprensa julgava a comunidade evangélica "a partir do estereótipo maçaciano".

Considerado a "maior voz" da evangelização no Brasil, ele já reuniu, em estádios de futebol de todo o país, 1,7 milhão de fiéis, só em 93. Ligado à campanha contra a fome — é membro, junto com Betinho, do Conselho Nacional de Segurança Alimentar — e agora ao *Viva Rio*, ele pretende do-

... ar os US\$ 1,5 mil que valem a futura *Casa da Paz* na poupança das três crianças que sobram da família dizimada. Além disso, elas vão receber US\$ 100 mensais da *Vida* no ano de 94. Teólogo formado pela Igreja Presbiteriana, o reverendo Caio Fábio D'Araújo Filho já publicou 40 títulos, sempre com temas ligados à teologia e à psicologia aplicada à vida cristã. Nasceu no Amazonas, é casado, tem 37 anos, quatro filhos e é membro da Fraternidade Teológica Latino-americana.

... De pedaço de teologia a espaço cultural. A casa número 13 da Rua Antônio Mendes, em Vigário Geral, terá outra destinação a partir de segunda-feira. Depois da chacina que vitimou 21 moradores da favela — entre os quais uma família de oito evangélicos que morava no endereço —, o grupo *Visão Nacional de Evangelização (VNE)* prepara-se para entregar a casa à família, transformada em lugar de atividades culturais para crianças e jovens. As reformas começaram no início da próxima semana para a inauguração da já batizada *Casa da Paz*, às 10h do dia 25 de dezembro — dia de Natal.

... Como contribuição para as reformas, o reverendo Caio Fábio lançou a campanha *Viva Rio* — já conta com o apoio da CKA, que se comprometeu a doar mais mil cartões de Natal que serão confeccionados pelas crianças de Vigário Geral, a US\$ 3 (CR\$ 726) cada. "Já temos aí US\$ 6 mil para investir na casa", relata o reverendo Caio Fábio D'Araújo Filho, presidente da Associação Evangélica Brasileira (AEBV) e porte desta vertente do cristianismo — ao todo são 40 milhões de evangélicos em todo o Brasil — em o *Viva Rio*.

... A inauguração — a casa será administrada por um grupo de cerca de 20 jovens de 18 a 25 anos, moradores da favela. "Depois da chacina, eles se partiram e começaram a escrever cartazes e frases contra a violência nos muros da favela. Não são todos os evangélicos e terão

## RIO

... toda a liberdade para administrar a casa", diz Caio. O novo espaço oferecerá animação cultural, televisão e videocassete. O reverendo pretende decorá-la com motivos infantis. O artista cristão Volmar Madruga vai ao local já nesta segunda, para estudar as reformas e como será o design da *Casa da Paz*.

... Vigília — "Acredito no desarmamento das mentes desta nova geração. Esta é uma oportunidade de aprenderem a reconstruir seu futuro de forma diferente", prega o reverendo. Mas o trabalho árduo de mudar as combatidas mentes carípticas — objetivo do movimento — não termina aí. A partir das 22h de hoje, mais de oito mil evangélicos vão se reunir em vigília de orações na Praça Mauá, 106, em Bento Ribeiro, até as 11h de sábado. No dia 17, os evangélicos aderem aos dois minutos de silêncio — das 12h às 12h02 — que vão calar o Rio contra a violência.

... Além disso, todas as forças estão concentradas na convocação de fiéis para o show *A guerra da paz*, que pretende reunir milhares de pessoas às 15h do dia 18, na Cinelândia. "Vamos rezar pela PM, pelos meninos de rua, contra as guerras nas favelas e contra a cultura da contravenção e da ilegalidade", acrescenta o reverendo.

## Médicos param tráfego

... Os profissionais da saúde vão fazer uma paralisação no próximo dia 17, mas só por dois minutos. Não se trata de greve, mas da participação no movimento *Viva Rio*. Naquela data, médicos e enfermeiros irão parar o trânsito ao meio-dia, em frente aos hospitais e, em silêncio, chamar a atenção da população para o problema da violência no Rio.

... "O maior agressor da Saúde é o governo que não faz nada", disse ontem Nelson Koifman, diretor do Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, na reunião do Sindicato dos Médicos que definiu a atuação da classe no movimento. Segundo o presidente do sindicato, Luiz Tenório, os profissionais de Saúde são violentados com a falta de equipamentos, recursos humanos e baixos salários. "Eles atendem as vítimas da violência e muitas vezes são agredidos fisicamente pelos pacientes quando não tem médico ou material no hospital", disse. "E a vítima sofre uma segunda violência que é a falta de socorro", concluiu Paulo Pinheiro, diretor do Hospital Miguel Couto, no Leblon.

... Sem condições — Segundo Pinheiro, devido à falta de atendimento hospitalar o número de mortes no hospital aumentou 50% em relação ao ano passado. "São de 120 a 150 mortes por mês", afirmou. Em dias de plantão a situação piora. No Hospital Souza Auiar, no Centro, não há

... um ortopedista nos fins de semana. "Há médicos dispostos a abandonar o trabalho por condições plantões", disse o presidente do sindicato, que aponta uma grande maior com a saída de 20 profissionais de saúde da rede pública por mês. "Não admitem profissionais desde 86 e os que são chamados recusam por causa das precárias condições de trabalho", explicou.

... Prevenção — De acordo com Lauro Monteiro, diretor de emergência pediátrica do Hospital Auiar, a prevenção pode diminuir este quadro. No Centro de Tratamento de Queimados do hospital, a maioria dos casos de queimadura tem como origem o uso indevido do álcool. "Basta uma política de prevenção para mostrar que quando o álcool mata, lesa o indivíduo para o resto da vida", alertou Monteiro, que também é diretor da Associação Brasileira de Médicos e Especialistas em Medicina Profissional de Proteção à Infância e Adolescência. De acordo com Monteiro, acima dos quatro anos de idade, violências estressantes como acidente, homicídio e suicídio são a primeira causa de morte no mundo inteiro.

... Segundo o diretor do Sindicato dos Médicos, Jairo Coutinho, a partir de segunda-feira todos os problemas serão discutidos pela Comissão de Cidadania do Movimento Viva Rio.

O DIA - 04/12/93

## Casa da chacina será espaço cultural na favela

Os moradores da Favela de Vigário Geral vão ganhar um belo presente de natal. Depois da chacina que vitimou 21 pessoas, o grupo Visão Nacional de Evangelização (Virde), integrante do movimento Viva Rio, vai entregar à comunidade um espaço cultural que funcionará na casa que pertencia à família dos evangélicos assassinados, na Rua Antônio Mendes, 13.

Na manhã de ontem, o arquiteto Manoel Ribeiro, acompanhado do escritor Zuenir Ventura e do sociólogo Caio Ferraz, fez medições na casa, a fim de adequar a construção, avaliada em US\$ 1 mil 500, ao projeto. O centro cultural, já batizado de Casa da Paz, vai ser inaugurado no dia 25 de dezembro.

No novo espaço vai funcionar uma biblioteca, galeria de arte e sala de vídeo. Além disso, haverá serviços de assistência jurídica, social e médica. Segundo o sociólogo Caio Ferraz, idealizador do projeto, "Casa da Paz representa um 'símbolo de resistência e justiça para a comunidade'" e por isso será administrada por um grupo de 20 jovens da própria favela. A única exigência feita pela família das vítimas é que um lugar na casa seja reservado para os nomes dos parentes mortos. O lugar ainda está sendo estudado,



O arquiteto Manoel Ribeiro é o responsável pelas obras

mas, de acordo com o artista plástico Vilmar Madruga, responsável pelo design da casa, a homenagem talvez seja feita no jardim. Depois de avaliar a casa, o arquiteto afirmou que as obras devem ser feitas por etapas por causa do pouco tempo disponível.

# 'Casa da Paz' dará assistência médica e social

Arquiteto que integra movimento 'Viva Rio' vai reformar o espaço de acordo com expectativas dos moradores de Vigário Geral

A casa de uma família de toito evangélicos durante o massacre de 21 pessoas, na madrugada de 30 agosto, em Vigário Geral, já começou a ser transformada na Casa da Paz — um local de atividades culturais, artísticas e de assistência para crianças e jovens. Ontem, o movimento Viva Rio levou até a casa, na Rua Antônio Mendes, 13, o arquiteto Manoel Ribeiro que, junto com o artista plástico Vilmar Madrugada, ouviu de líderes locais, como Caio Ferraz, 25 anos, explicações sobre como os moradores pretendem utilizar o espaço.

A partir destas expectativas, o Viva Rio vai realizar as reformas na casa. "Vamos fazer aqui o projeto Viva com arte, não com violência para crianças, e Cidadania na prática, no qual advogados e psicólogos orientarão os moradores sobre como evitar outra chacina em Vigário Geral. Vamos ter assistência social e médica, um centro cultural, um ateliê de pintura e uma sala de vídeo", explica.

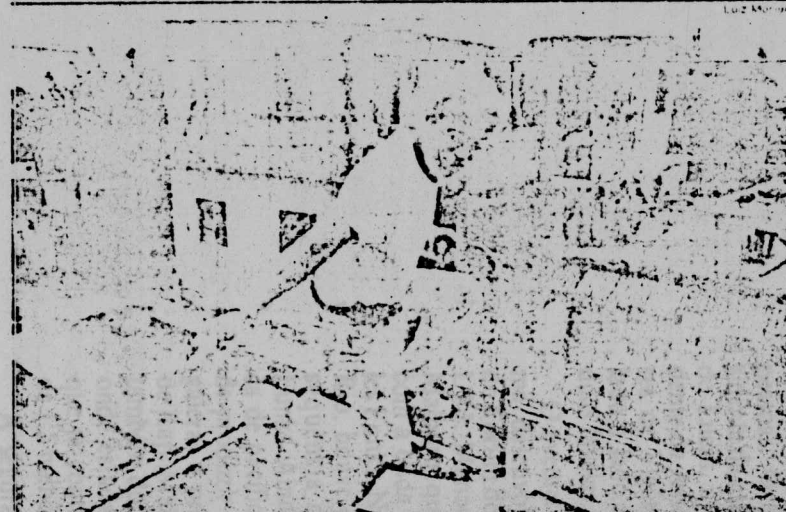
Natal — Entre livros jogados no chão, brinquedos quebrados e buracos de bala nas paredes — que ainda lembravam o massacre —, o arquiteto Manoel Ribeiro mediu os aposentos, o terraço e o jardim para dar início à reforma da casa. Ainda não se sabe se as obras serão feitas em mutirão por moradores ou por uma empresa. A Casa da Paz será inaugurada no dia 25 de dezembro, dia de Natal, com uma



Vilmar vai abrir um ateliê na casa

para as crianças de Vigário Geral.

O artista plástico Vilmar Madrugada que montou uma oficina de artes plásticas no Instituto Geral Vieira Ferreira Netto, em Niterói, vai fazer um trabalho semelhante na casa. "Vamos procurar conhecer a estença da favela, ver como os moradores se expressam", diz Caio Ferraz que quer que a casa se transforme "num símbolo de resistência". Segundo ele, o bar em frente a casa — onde foram mortos sete pessoas — pode mais tarde integrar o projeto da Casa da Paz.



Manoel começa a fazer as mudanças necessárias para as reformas na Casa da Paz, em Vigário Geral

**MANOEL RIBEIRO**  
**Arquiteto é**  
**um estúdio**  
**da sociedade**

O arquiteto urbanista Manoel Ribeiro, que vai planejar a reforma da Casa da Paz de Vigário Geral, anda com a agenda apertada. Além dos afazeres profissionais, de participar de

de Cidadania contra a Fome, de trabalhar num estudo sobre bairros e grupos funk — fenômeno pelo qual se interessou há algum tempo —, precisa de aderir à Comissão de Cidadão do movimento Viva Rio.

"O interesse pela questão social veio através do estudo de fenômenos urbanos como o funk, os camêes e a população de rua", conta. Atualmente, Manoel Ribeiro estuda o funk carioca e o funk de rua. No dia 9, um workshop sobre o assunto na UFRJ, com

participação do Viva Rio. O arquiteto, formado pela UFRJ e pela Escola de Altos Estudos de Dauphiné, na França, quando abraça uma questão, costuma participar das discussões. Ele tem, ele estava com os moradores de Vigário Geral preparando a reforma da Casa da Paz. "Às vezes tenho que me encontrar com DJs funkeros em horários estranhos como 2h30 ou 4h, para dar prosseguimento ao nosso trabalho de valorização do funk", conta.

## Campanha pede ajuda para show

O movimento Viva Rio realizará no próximo dia 18 um grand show e uma celebração religiosa no Aterro do Flamengo e na Canelândia. A coordenadora Clarice Pechman disse que o espetáculo está orçado em US\$ 118 mil (C\$ 29,5 milhões), mesmo contando com o patrocínio de inúmeras companhias cariocas e, por isso, o movimento está pedindo a ajuda de empresários.

A Associação Comercial do Rio de Janeiro abriu uma conta bancária para os empresários e laborarem. Também poderão ser enviados pelo correio cheques nominais à Associação Comercial - Campanha Viva Rio.

Clarice Pechman anunciou ontem a criação de uma comissão, com a participação de lideranças funk, ex-secretários de polícia, além da socióloga Alba Zaluar, para discutir o combate à violência no Rio. O grupo, denominado Comissão de Cidadão, é presidido por Rubens Cesar Fernandes, do Instituto Superior de Estudos Religiosos (Isere). O resultado dos debates da comissão será apresentado durante o show de 18 de dezembro.

O presidente da Bolsa de Valores do Rio, Carlos Reis, anunciou ontem que no próximo dia 17 a paralisação programada pela campanha também atingirá o pregão.

JORNAL DO BRASIL - 04/12/93

BR 15000 EL.05.04.F449



## Baile funk sela a paz entre favelas

Aconteceu na sexta-feira o "Baile da Paz" entre as galeras funks de Vigário Geral e de Parada de Lucas. O encontro entre os grupos, tradicionalmente rivais, foi no Ciep Mestre Cartão de Vigário Geral, onde das 2h até as quatro da manhã os funkceiros se confundiram com as tribos do samba e do pagode e com as comunidades das duas favelas, formando uma só galera de 3000 pessoas. O Sr. Ari da Ilha, presidente da escola de samba Balada de Lucas, e o Sr. Naildo, presidente da Associação dos moradores de Vigário Geral festejaram, lado a lado na festa, a união das duas favelas.

O evento faz parte do programa desenvolvido pelo consultor do Forum de Ciência e Cultura da URJ, Manoel Ribeiro e pelo DJ Malboro que pretendem acabar com a onda de violência nos bailes Funks. Na semana passada, no Rio, houve duas mortes em consequência de brigas em bailes Funks. Ainda dentro desse projeto de pacificação existe o projeto de produzir um vídeo com as galeras e promover um concurso de Rap. Manoel Ribeiro participa também do movimento Viva Rio onde estuda o movimento Funk que já conta com a participação de 1.5 milhões de jovens.

A segurança do baile foi garantida por seis meninas da Casa da Paz - entidade criada no local onde ocorreu a chacina de Vigário Geral. A Casa da Paz tem como objetivo oferecer a comunidade da favela assistência médica e jurídica e ainda proporcionar uma formação artística através de aulas de DJ, dança e teatro aos jovens talentos do morro. Na coordenação do projeto da Casa está Caio Ferraz, sociólogo e primeiro morador do morro com curso superior. Caio recebeu o apoio do movimento VINDE (Movimento Nacional de Evangelização) e da Caixa Econômica Nacional, que financiou as obras de renovação da Casa.

O DIA - 13/12/93

O cardeal d. Eugenio Sales anuncia hoje, no Palácio São Joaquim, como será a adesão da Igreja Católica ao movimento *Viva Rio*, para o fim da violência e resgate do que a cidade tem de melhor. Ele dará os detalhes sobre o Auto de Natal que será encenado nos Arcos da Lapa, às 18h da próxima sexta-feira, com uma temática diferente da abordada nos anos anteriores: a violência. A missa a ser celebrada às 18h de sábado, dia 18, no Corcovado, também faz parte da programação. D. Eugenio abençoará a cidade do alto da montanha e pedirá paz em suas orações.

A partir de hoje, extratos e saldos bancários chegarão aos correntistas com mensagens do *Viva Rio*. O presidente do Sindicato dos Bancos, Teófilo de Azeredo Santos, autorizou os bancos a divulgar a paralisação

da próxima sexta-feira, dia 17, quando toda a cidade ficará em silêncio por dois minutos, a partir das 12h. A mensagem diz: "No dia 17, sexta-feira, vista branco e pare por dois minutos ao meio-dia. Viva Rio".

Um passeio ciclístico organizado pelo *Rio Bikers* lembrará o ato de reflexão de sexta-feira. Amanhã, os seis mil ciclistas que passeiam do Leblon ao MAM, no Centro, todas as terças-feiras, vestirão branco. Durante o trajeto serão soltos balões com a inscrição *Viva Rio*. Os ciclistas convidarão os cariocas a aderir ao movimento e pedirão presentes para as crianças da Favela de Vigário Geral, onde 21 pessoas morreram na madrugada de 30 de agosto.

**Casa da Paz** — Os brindes deverão ser entregues ao grupo na outra terça-feira, dia 21, e seguirão para a favela no sábado, quando será inaugurada a *Casa da Paz*, um centro cultural na

mesma casa onde foi chacinada uma família inteira de evangélicos. Haverá uma festa para as 10 mil crianças da favela.

A Comissão de Cidadãos, fórum de debates que integra a programação da Campanha *Viva Rio*, prossegue esta semana no Hotel Everest, na Rua Maria Quitéria, 19, em Ipanema. A partir de hoje, das 15h às 18h, serão discutidas a violência no cotidiano das favelas e medidas para reduzir a violência no trânsito.

Amanhã, das 15h às 18h, o economista Carlos Lessa e o jornalista Marcos Sá Corrêa abordarão a violência urbana e o apoio da mídia para reverter o processo. Dia 15, o arquiteto Manoel Ribeiro vai falar sobre as perspectivas de interação positiva com as galeras de baile Funk. O encerramento dos trabalhos está previsto para o dia 16, das 9h às 12h, quando será definida a pauta com as providências a tomar em 1994.

## Tela de Romanelli colore movimento

Pinceladas solidárias do artista Armando Romanelli darão um toque impressionista ao movimento *Viva Rio*. A mais recente das telas do carioca, o retrato em cores acrílicas de um Arpoador imaginário, será leiloada ainda esta semana em benefício do movimento. Para adquirir a obra, cujo lance inicial foi definido em US\$ 4 mil, ninguém vai precisar sair de casa. Os lances serão disputados por telefone e todo mundo poderá acompanhar o leilão através de um programa de rádio, a ser divulgado.

No espaço de 75 x 75 centímetros, o mercado de flores em pri-

meiro plano é a marca pessoal do autor de raiz popular, que no início da carreira vendia seus quadros em feiras *hippies*. Já a paisagem vista de alguma janela hipotética — de frente para o mar, com a Pedra da Gávea e os Dois Irmãos ao fundo —, diz de uma criação que foge às características habituais de Romanelli. "A peça é única e especial, concebida para o *Viva Rio*", explicou o artista.

"Se todos fizerem uma doação, por mínima que seja, a vida de muitas pessoas vai melhorar", acredita. "Mas doar sem participar não adianta. Eu por exemplo,

quero acompanhar até o fim o destino dos recursos obtidos com o leilão da tela, para que sejam realmente repassados para quem precisa, no caso, os moradores de Vigário Geral."

"A parte da sociedade que ama a arte deve se sensibilizar com a outra parte que sofre", refletiu o senador Nei Suassuna, organizador do leilão. Realizado na quarta e quinta-feira, o martelo filantrópico deverá atrair a atenção de inúmeros *marchands*. Suassuna, conhecedor de arte, lembra que Romanelli está entre os pintores mais respeitados de sua geração.

PREFEITURA  
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO  
Prefeito Marcello Alencar  
Secretaria Municipal de Educação  
Departamento Geral de Ensino

Ilma Sra Secretária Municipal de Desenvolvimento Social  
Coordenador Geral do Centro Cultural Casa da Paz



DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins  
que nesta data foram distribuídos

Eu, Antônio Carlos Ferraz, abaixo assinado, brasileiro, coordenador do Centro Cultural Casa da Paz, situado na Rua Antônio Mendes - nº 13, Vigário Geral, requeiro, ~~em~~ <sup>com</sup> respeito, a conclusão das obras da Creche Comunitária Neuza Brizola, localizada na Rua Antônio Mendes s/nº, Vigário Geral e também a pavimentação dos becos e vielas desta comunidade, conforme conversa tida na ocasião de vossa visita ao "Projeto Rio Funk", que está sendo realizado nesta comunidade.

Rio de Janeiro, 28/02/1994.

*[Faint signature and stamp]*

Nestes termos,  
pede deferimento.

Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1994.

*[Handwritten signature: Antônio Carlos Ferraz]*

*[Handwritten mark]*





PREFEITURA  
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO  
Prefeito Marcello Alencar

Secretaria Municipal de Educação  
Departamento Geral de Ensino

Número	Data
--------	------

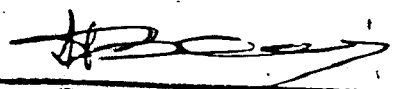


Memorando

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que nesta data foram distribuídos 495 brinquedos para os alunos deste Centro Integrado de Educação Pública 07.11.101 Mestre Cartola pela Casa da Paz, sob a supervisão do Sociólogo ~~Caio~~ Ferraz.

Rio de Janeiro, 28/02/1994.

  
 \_\_\_\_\_  
 PROF. ALBERTO DA SILVA  
 Diretor  
 Matr. 22/004.482-7

Nº 3837

**VIVA RIO**  
**VAMOS COMEÇAR DE NOVO.**

Rio de Janeiro, 07 de abril de 1994.



Prezado(a) Senhor(a) .,

Temos acompanhado, enquanto organizações que centram seus esforços na preservação dos direitos humanos e da justiça, o desenrolar do processo de indenização às famílias das vítimas por conta do injustificado episódio de violência ocorrido nesta comunidade.

Vimos mantendo contato com o Sr. Defensor Público Rogério Rabbe, que tem nos informado sobre a postura adotada pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, a respeito da indenização.

Soubemos, através do Dr. Rogério que o Governo do Estado não pretende pagar tal indenização, antes do solucionamento do processo criminal. Gostaríamos, assim, de conversar com os senhores a esse respeito.

Ainda, procuramos verificar a quantas anda o processo criminal, mas para que possamos ter acesso a este, e de fato e de direito interferir nos termos desta demanda judicial, precisamos que o (a) senhor(a) nos outorgue poderes para tanto.

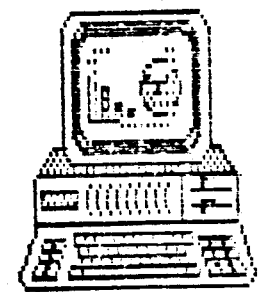
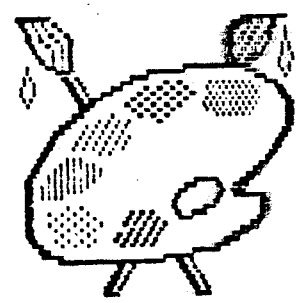
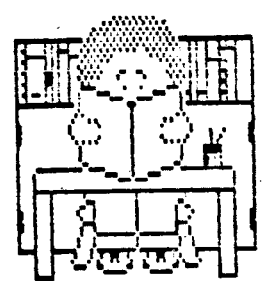
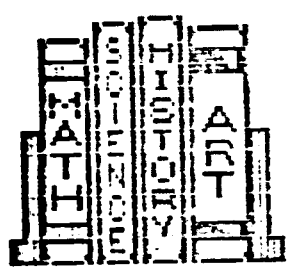
Sendo assim, afim de que possamos conversar sobre esse assunto, gostaríamos de encontrá-lo(a) no dia 30/04/94, às 10:00 hs na Casa da Paz.

  
Assessoria Jurídica do  
CEAP/IBISS

**CEAP - Centro de Articulação de Populações Marginalizadas**

Rua da Lapa, Nº 200, Sala 809 - Centro - Rio de Janeiro - Brasil - CEP 20021

Telefones (021) 224-6771, 252-2302 - Fax (021) 232-6249



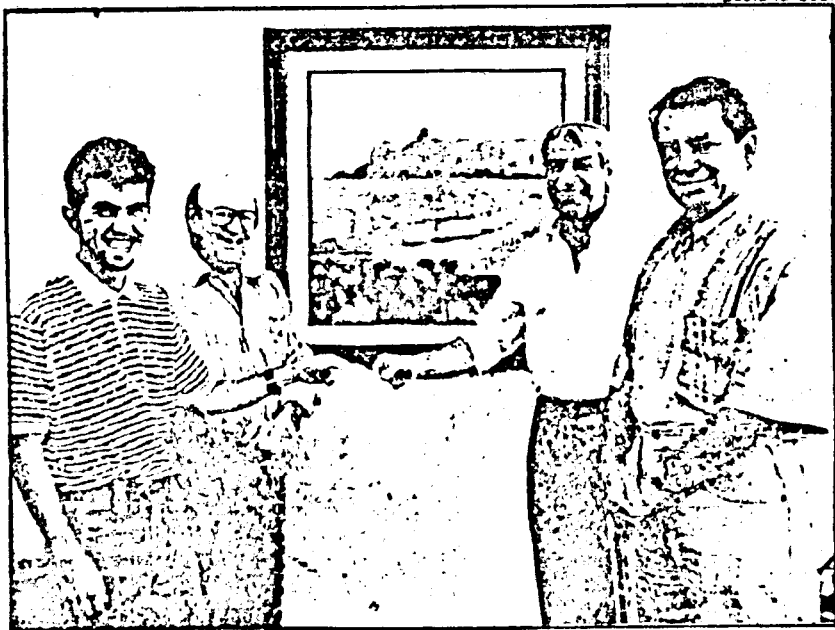
# CASA DA PAZ



O GLOBO - 29/03/94

## Quadro leiloado ajuda favela

Para ajudar a mudar a imagem da Favela de Vigário Geral, o sociólogo Caio Ferraz, coordenador da Casa da Paz, que presta assistência médica e jurídica aos moradores, recebeu ontem um cheque de CR\$ 5.576.000 do presidente da Carvalho Hosken Engenharia, Carlos de Carvalho. O dinheiro — valor de um quadro do pintor Armando Romanelli, feito especialmente para o Movimento Viva Rio e leiloado ano passado — será empregado na compra de equipamentos para a Casa da Paz. A entrega do dinheiro foi feita na presença também de Ney Suassuna, membro da entidade Amigos do Rio.



Ferraz (à esquerda), Suassuna, Carvalho e Romanelli: cheque de CR\$ 5,5 milhões

Luciana Leal

**COMITÉ INTERNATIONAL POUR LA VIE**  
Gênève-Rio de Janeiro

**Comité Pour La Vie**  
Maria Bourgeois

**Movimento VIVA RIO**

Rubem Cesar Fernandes, Clarice Pechmann, Ricardo Amaral, Itamar da Silva e  
Zuenir Ventura

convidam

---

para o lançamento do Comitê International Pour La Vie do Rio de  
Janeiro  
em benefício do projeto Casa da Paz e da comunidade de Vigário  
Geral

16:30 horas  
10 de maio de 1994  
**Rio Othon Palace Hotel**  
Av. Atlântica, 3264

**Comité Génève-** 63, Route de Chêne -1208 -Gênève-Suíça  
tel./fax: (022) 700.23.31  
**VIVA RIO-** Rua Ipiranga, 107- Rio de Janeiro-Brasil  
tel.: (55) 21-2655923 fax-205-8075

MENSAGEM DO MINISTRO DA FAZENDA, EMBAIXADOR RUBENS RICUPERO

Impossibilitado de comparecer à cerimônia de lançamento do Comitê Internacional pour la Vie do Rio de Janeiro, pedi à minha amiga Maria Bourgeois que transmitisse aos presentes todo o meu apoio aos esforços em prol da Casa da Paz da comunidade de Vigário Geral.

A Casa da Paz é um projeto amplo. Seu objetivo principal é o de contribuir para restaurar a dignidade de uma comunidade sofrida, para devolver a esperança àquelles que, numa noite de horror em agosto de 93, perderam muitos de seus entes queridos, pela violência sem qualquer justificativa.

Como cidadão, solidarizo-me não apenas com o sofrimento humano, mas também com aqueles que se dedicam a atenuá-lo. É o caso do Comitê pour la Vie e de todas as pessoas que estão contribuindo para tornar a Casa da Paz uma realidade para os habitantes de Vigário Geral.

Como servidor público agora na condição de Ministro de Fazenda, a melhor contribuição que posso dar é a de estabilizar a economia. Esta é a pré-condição para a retomada do desenvolvimento e do emprego. A finalidade última do Programa de Estabilização está portanto em melhorar as condições de vida de todos os brasileiros, especialmente dos mais simples, dos mais humildes, como os membros da comunidade de Vigário Geral, aos quais, neste momento importante, transmito meus mais sinceros votos de um futuro melhor, mais digno, e de paz.

*Com os melhores votos para o êxito  
do Comitê Internacional e do projeto da Casa  
da Paz, envio a todas as muitas saudações  
mais cordais;*

*Rubens Ricupero*



94 05 11 18:42

Z 0852292666

GAB. GOV. CEARÁ

01



GOVERNO DO ESTADO CEARÁ  
Gabinete do Governador

Centro Administrativo - Cambé - CEP.: 60.839-900 - FORTALEZA - CEARÁ - BRASIL

TELEFONE  
(085) 274.1011

TELEX  
(85) 1143

F A X  
(085) 229.2666 / 229.6177

DE (16)

LÚCIO FERREIRA GOMES

Chefe do Gabinete do Governador do Estado do Ceará

DE (16)

RUBEM CESAR FERNANDES  
Movimento Viva Rio  
Rua Ipanema, 107  
RIO DE JANEIRO - RJ

NUMBER OF PAGES (INCLUDING THIS)

NUMBER OF PAGES) (THIS INCLUDED)

NR  
(NUMBER)

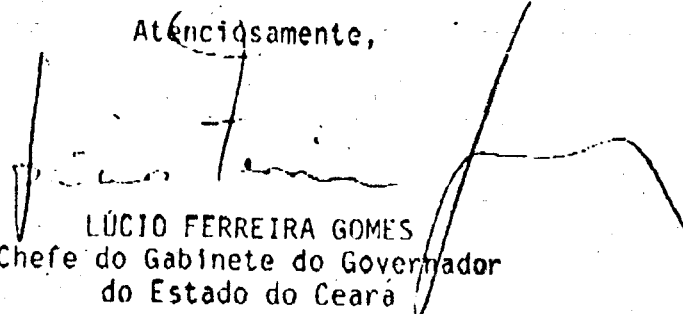
DATA  
(DATE)

ASSUNTO:

REFERÊNCIA:

Comprimetando-o e, por seu intermédio, a todos os signatários do honroso convite dirigido ao Senhor Governador Ciro Ferreira Gomes para o lançamento do Comitê Internacional Pour La Vie do Rio de Janeiro, venho, por solicitação de Sua Excelência, formular-lhes agradecimentos e suas desculpas por não ter podido comparecer ao significativo evento, formulando votos de que a sua implantação possa contribuir para o resgate da paz e felicidade da grande metrópole.

Atenciosamente,

  
LÚCIO FERREIRA GOMES  
Chefe do Gabinete do Governador  
do Estado do Ceará



*Renata*

*fax enviado  
05/05/94*

United Nations Children's Fund  
Fundo das Nações Unidas para a Infância  
Escritório do Representante do UNICEF no Brasil

SBS - Ed. Secretarias 13º andar  
70072 Brasília - DF (Brasil)  
Caixa Postal 040084  
Tel.: (061) 224-7145  
Telex (61) 1181  
Fax: (061) 224-5035

File: .wpf  
Dkt: Sandra  
Date: 5/5/94

Ref: [BRZ- 063 /ENA]  
iniciais: smf

Brasília, 5 de maio de 1994

### FAX

DE : Felcio Pontes Jr.  
Oficial de Projetos - Promoção de Direitos

PARA : Sr. Rubem Cesar Fernandes  
Movimento VIVA RIO / Fax: (021) 205-8075

REF : Comité International pour la Vie

Prezado Senhor,

Recebemos o convite para o lançamento do "Comité International pour la Vie" e, gostaríamos de informar que, em virtude de outros compromissos anteriormente agendados, não poderemos participar do evento.

Na ocasião, queira aceitar nossos protestos de elevada estima e consideração.

Atenciosamente,



*fax recebido  
12/05/94  
(P)*

C-1284

Rio de Janeiro (RJ),  
12 de maio de 1994.

Ilmos. Srs.  
Coordenadores do Movimento  
**VIVA RIO**  
AC: Dr. JAIRO COUTINHO

FAX: 205-8075

Caro Amigo:

Lamentavelmente, não me foi possível participar da cerimônia de lançamento do Comitê Internacional Pour La Vie do Rio de Janeiro, em benefício do projeto Casa da Paz e da comunidade de Vigário Geral, um evento da maior importância dentro dos objetivos do movimento VIVA RIO.

Com as minhas escusas, felicito a Maria Bourgeois pelo seu extraordinário espírito comunitário e congratulo-me com os Companheiros Coordenadores pelo expressivo apoio conseguido.

Cordialmente,

*Arthur João Donato*  
Arthur João Donato  
Presidente





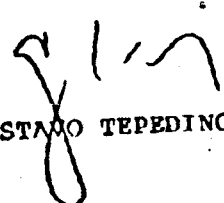
MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL  
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

DE: Dr. GUSTAVO TEPEDINO  
PARA: COMITÉ INTERNATIONAL POUR LA VIE  
AT. Dr. RUBEM CESAR FERNANDES  
FAX. (022) 700.2331  
DATA: 09/05/94

Prezado Dr. Rubem Cesar,

Impossibilitado de comparecer ao lançamento do Comitê International Pour La Vie do Rio de Janeiro, em razão de compromisso profissional junto à Procuradoria Geral da República em Brasília, envio votos de pleno êxito nas novas atividades.

Cordialmente,

  
GUSTAVO TEPEDINO

---

**Folha de rosto para Facsímile**

**Para: Ana Barras**  
**(Pour Madame Maria Bourgeois)**

**Empresa:**  
**Telefone:** 0041-22 700-2331  
**Fax:** 0041-22 312-0119

**De: Renata Bernardes**  
**Empresa:** Assessoria de Imprensa do Viva Rio  
**Telefone:** 265-5923  
**Fax:** 205-8035

**Data:**  
**Nº de págs. incluindo**  
**esta folha de rosto:**

**Comentários:**

O Movimento VIVA RIO , nascido com o objetivo de articular iniciativas em prol da recuperação social e econômica do Rio de Janeiro, tem como área símbolo de sua atuação a favela de Vigário Geral, onde o assassinato de 21 trabalhadores, ocorrido no ano passado , foi um fato marcante para a criação do VIVA RIO.

Um dos problemas mais graves que atinge a cidade é a questão da segurança. O VIVA RIO entende que qualquer projeto que busque soluções para o problema terá que não propor medidas práticas, que possam neutralizar a violência e suas consequências, mas trabalhar também as causas do problema, entre as quais está a marginalidade a que está condenada grande parte da população . É fundamental para isto que se promova a aproximação das "duas cidades"- uma rica e outra marginal- que existem no Rio de Janeiro.

O apoio do VIVA RIO ao projeto CASA DA PAZ, um centro comunitário inaugurado no último dia 5 de junho em Vigário Geral, atende a este objetivo. Lá serão implantadas várias atividades em benefício da população local, tais como creche, oficinas profissionalizantes, horta comunitária, centro de nutrição e outras atividades que permitam a auto-sustentabilidade dos projetos.

## NEW CLIPPING

Veículo	DATA	PÁG.	Seção.
Journal O Globo	11/5/94		

## Suíços estudam investimento em projeto de Vigário Geral

Grandes empresas suíças estudam a possibilidade de investir em projetos sociais nas áreas mais carentes do Rio. Representantes da Nestlé, da companhia de aviação Swissair, do laboratório Ciba-Geigy e da União dos Bancos Suíços se reuniram ontem com os coordenadores do Movimento Viva Rio e receberam explicações detalhadas sobre dois dos projetos mais importantes: a Casa da Paz, em Vigário Geral, e a Fábrica de Esperança, em Acari.

As empresas foram convidadas a participar dos projetos pela presidente do Comité pour la Vie, Maria Bourgeois, uma brasileira que vive há 20 anos em Genebra e há cinco recolhe fundos naquele país para programas sociais no Nordeste brasileiro. Maria foi procurada pelo Movimento Viva Rio, que pediu sua ajuda para levar adiante os projetos. Representantes das comunidades de Vigário Geral e Acari, a ginasta Luíza Parente — que pretende ajudar no projeto esportivo — e o cônsul-geral da Suíça, Rudolf Hilbert, também compareceram ao encontro de ontem.

O ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, convidado a participar, não apareceu mas enviou uma mensagem de apoio, em que destacou a importância da criação da Casa da Paz, um dos palcos da chácara de Vigário Geral. A Casa da Paz será instalada numa residência onde moravam oito pessoas inocentes, de uma mesma família, em 28 de agosto do ano passado.



## NEW CLIPPING

Veículo	Data	Pag.	Seção.
Journal O Dia	11/5/94		

## Viva Rio lança projeto para população da Avenida Brasil

O Movimento Viva Rio, que reúne empresários, artistas e representantes de toda a sociedade fluminense em defesa do Rio de Janeiro, apresentou ontem o programa Corredor da Avenida Brasil, o programa prevê uma série de projetos para atender às comunidades de baixa renda ao longo da Avenida Brasil. A apresentação do projeto foi feita no Othon Palace Othel, em Copacabana, durante o lançamento no Rio, do Comité pour la Vie (Comité pela vida), organização suíça liderada pela brasileira Maria Bourgeois, que há alguns anos vem articulando ajuda da Suíça para obras de cunho social no Brasil, particularmente em Vigário Geral.

Durante a reunião, foi apresentada a maquete da Fábrica de Esperanças, formada das antigas instalações da Formiplac, com 45 mil metros quadrados, doada à VINDE - Visão Nacional de Evangelização, para instalação de um centro de resgate da cidadania. Ali estão sendo instalados teatro, oficinas, quadras esportivas e serviços de saúde, que

funcionarão em parcerias já acertadas com a Xerox, ACM, Senai, Faculdade de Odontologia de Caxias e outros interessados. Lá também funcionará, a partir de julho, um novo Centro de Defesa do Cidadão, oferecendo serviços jurídicos, médicos e de segurança, para as populações marginalizadas.

Presente à reunião, a Mãe de Acaí Vera Lúcia Flores Leite, deu uma explicação simples e clara sobre a importância do projeto: "Só assim, com a oportunidade de profissionalização e prática de esportes, o jovem carente tem a oportunidade de sobreviver sem envolver-se com o proibido". Também na reunião, o coordenador do Viva Rio, Rubem Cesar Fernandes, falou sobre a importância da doação dos dólares, ali prometida pelo cônsul da Suíça, Rudolf Hilbert, conseguida com a intermediação de Maria Bourgeois, para a construção de uma creche na Casa da Paz (outro projeto social), em Vigário Geral.

## NEW CLIPPING

Veículo	DATA	PAG.	Seção.
Jornal Folha de S. Paulo	11/5/94		

## Avenida Brasil vira um 'laboratório social'

Da Sucursal do Rio

Um trecho da avenida Brasil, a maior do Rio de Janeiro, está se transformando em uma espécie de laboratório de projetos de resgate da cidadania e de recuperação social.

A avenida mede cerca de 60 km e liga o centro à zona oeste, através de parte da zona norte. Os dois lados da avenida são acompanhados por favelas em quase todo o trajeto.

Quatro destes aglomerados de favelas têm sido alvo de iniciativas de entidades como o Movimento Viva Rio, criado no ano passado com o objetivo de trabalhar por melhores condições de vida na cidade.

As favelas de Vigário Geral, Acari, Fazenda Botafogo e Barros Filho cresceram às margens da avenida Brasil. As entidades engajadas na campanha pró-Rio chamam a área de "corredor da cida-

dania".

Ontem, no hotel Othon (zona sul), ocorreu o lançamento do Comitê Pela Vida, organização suíça que já atende pessoas pobres em Fortaleza (CE).

O comitê vai participar de trabalhos assistenciais na favela de Vigário Geral, famosa pela chacina de 21 de seus moradores em agosto passado.

Em Acari, foi criada a Fábrica da Esperança, em um prédio doado pela firma Formiplac à Vinde (Visão Nacional de Evangelização). O projeto prevê a instalação de oficinas, quadras esportivas, teatro e centro de saúde.

O PNBE (Pensamento Nacional de Bases Empresariais) desenvolve em Fazenda Botafogo o projeto SER-Rio, para a profissionalização de crianças e adolescentes. (Sergio Torres)

## NEW CLIPPING

Veículo	DATA	PAG.	Seção.
Journal do Brasil	11/5/94		

## 'Viva Rio' ganha adesão de organização da Suíça

O movimento *Viva Rio* ganhou ontem a adesão da organização suíça *Comité Pour La Vie*, que pretende financiar projetos em benefício de uma favela marcada pela tragédia: Vigário Geral. Além deste projeto, foi apresentado um outro para as regiões de Acari, Barros Filho e Fazenda Botafogo. O antropólogo Rubem César Fernandes, coordenador do *Viva Rio*, não divulgou o montante da doação, mas adiantou que a quantia não vai ser suficiente para a realização dos projetos.

Ele destacou também que a iniciativa não envolve nenhum órgão do governo. Parentes das vítimas da chacina de Vigário Geral e uma das mães de Acari participaram da reunião em que foi anunciada a adesão da organização suíça. Além deles, vários empresários e membros da sociedade civil compareceram.

Em Vigário Geral, a casa da família evangélica assassinada na chacina ocorrida no ano passado, se transformou na Casa da Paz, que tem várias linhas de ação na favela. Já em Acari, um outro projeto está em fase final, com início das atividades previsto para o segundo semestre. É a Fábrica da Esperança, antiga instalação da Formiplac, que foi doada para a Vinde (Visão Nacional de Evangelização) para ser transformada em um centro comunitário.

Para a Fábrica da Esperança, já estão sendo estudados convênios com várias entidades como a Faculdade de Odontologia de Caxias, a ACM (Associação Cristã de Moços); a Xerox — responsável por três oficinas de profissionalização — e o Senai.



## NEW CLIPPING

Veículo	Data	Pág.	Seção
Journal O Dia	10/5/94		

DIA 10/5

**Viva Rio**

Os suíços vão ajudar o Movimento Viva Rio. Hoje, no Rio Othon palace Hotel, será lançado o Comitê pour la Vie, organização suíça liderada pela brasileira Maria Burgeols, que há alguns anos vem articulando ajuda da Suíça para obras sociais no Brasil.

Além do lançamento, o comitê Viva Rio apresentará um conjunto de projetos sociais que está sendo implantado na Avenida Brasil. Em Acari, está surgindo a Fábrica da Esperança, nas antigas instalações da Formiplac, com 45 mil metros quadrados, onde estão sendo organizadas oficinas, quadras esportivas, teatro e serviço de saúde, com a ajuda da iniciativa privada. Em Vigário Geral, o local onde aconteceu a chacina está sendo transformado num centro de formação profissional em informática para os jovens da favela.

## NEW CLIPPING

Veículo	Data	Pág.	Seção.
Journal do Brasil	9/5/94		

**Divulgador:** o lançamento do Comitê Internacional pela Vida, em apoio à Casa da Paz e à comunidade de Vigário Geral, amanhã, às 16h30, no Rio Othon Palace Hotel, em Copacabana. Articulado por Maria Bourgeois, o comitê já prestou serviços a comunidades pobres de Fortaleza, onde distribuiu 300 quilos de medicamentos. Um dos projetos em Vigário Geral é a criação de uma biblioteca e de um curso para formação de agentes comunitários de saúde. Estarão presentes integrantes do Movimento Viva Rio, da União de Bancos Suíços e o consul-geral da Suíça Rudolf Hilber.

# Casa da Paz é inaugurada para dar assistência a Vigário Geral

A paz tem endereço em Vigário Geral. Na casa onde oito pessoas da mesma família foram assassinadas na chacina do ano passado funciona agora um centro de atividades culturais e assistenciais. Três das cinco crianças que estavam na casa e conseguiram escapar do fuzilamento na noite de 30 de agosto assistiram ontem à inauguração da Casa da Paz. O projeto, uma iniciativa do Movimento Viva Rio, é coordenado pelo sociólogo Caio Ferraz, que morou na favela até meados de 1992.

Além das atividades culturais, a Casa da Paz presta assistência social, jurídica e psicológica, especialmente aos parentes de vítimas e sobreviventes da chacina. Segundo Caio Ferraz, as famílias ainda não entraram com pedido de indenização contra o Estado. A Casa da Paz pretende instalar em breve um laboratório de informática no local, além de realizar pesquisas na comunidade. Há ainda o projeto, orçado em US\$ 40 mil, de construir uma creche e criar uma cooperativa de cozinheiras na favela, segundo contou o coordenador de eventos do Movimento Viva Rio, o arquiteto Manoel Ribeiro:

— A creche poderia abrigar até cem crianças, enquanto as mães trabalhariam na cozinha. A idéia é servir quentinhas para as indústrias instaladas na região. O cônsul da Suíça, Rudolf Hilber, já garantiu a doação de US\$ 10 mil.

O grupo de teatro Tá Na Rua fez uma apresentação em frente à casa, reformada nos últimos seis meses. Na rua estreita e enlameada, os atores representaram um texto de Sérgio Porto, sobre um mendigo seresteiro assassinado. Morto por policiais encapuzados — como os que agiram na favela no ano passado —, o mendigo foi coberto por uma bandeira nacional. Bandeira igual cobria a placa com os nomes dos 21 mortos no massacre, afixada na entrada da casa. Segundo Manoel Ribeiro, com a Fábrica de Esperança, que vai ser instalada na Favela de Acari para dar formação profissional e assistência aos favelados, será criado um corredor que ligará "as duas partes da cidade que estão separadas":

— Ao longo da Avenida Brasil estão comunidades que são marginalizadas. Precisamos buscar a parceria dos empresários e dos órgãos públicos.



Em frente à casa da chacina, o grupo teatral Tá Na Rua encena texto de Sérgio Porto sobre a morte de um mendigo

## Descrente da justiça dos homens

*Evangélica acha que criminosos ficarão impunes*

Vera Lúcia Silva dos Santos, de 31 anos, voltará a frequentar a casa onde seus pais, uma cunhada e cinco sobrinhos foram massacrados. Vera — que deixou a favela com o marido, o filho e dois sobrinhos sobreviventes da chacina — será a secretária da Casa da Paz. Evangélica, como era toda a família, ela disse que não acredita na justiça dos homens e acha que os criminosos ficarão impunes.

— Ainda sinto um frio na espinha e tremedeira nas pernas quando entro na casa, mas procuro pensar que estou vindo visitar meus pais — disse Vera, ao lado dos sobrinhos Luciane e Vitor, que estão com ela, e de Derek, o único que ainda mora em Vigário Geral.



Vera Lúcia: 'Ainda sinto um frio na espinha e tremedeira nas pernas'

Cabelereira, Vera não perdeu sua clientela na favela, que continuou atendendo aos sábados, mas o dinheiro não dava para manter a família: — Agora, com salário, será possível comprar o material escolar das crianças. Talvez

até consiga levá-los ao circo, o grande sonho deles.

Nahildo Ferreira, ex-presidente da Associação de Moradores, que perdeu o filho no massacre, chorou quando a placa com os nomes dos mortos foi descerrada.

## Vigário Geral

A comunidade de Vigário Geral não merece ver suas tentativas de alterar uma imagem relacionada à violência transformadas em reportagem de interpretação duvidosa na imprensa. Particularmente, na notícia do JB de 6/6, referente à inauguração oficial da Casa da Paz, que transcorreu em clima de confraternização e reverência — ao contrário do “clima tenso”, noticiado.

Além do mais, a notícia silencia diante da presença de autoridades, como os representantes da Comlurb, do diretor do plano estratégico da cidade do Rio de Janeiro, da Superintendência da CEF e de outras pessoas com legitimidade para expressar opinião acerca do evento. (...) Caio Ferraz, coordenador da Casa da Paz — Rio.



# Favelas e candidatos se divorciam

LETICIA HELENA



O casamento, ao que tudo indica, chegou ao fim: candidatos e favelados não compartilham mais a mesma relação regada a promessas e votos. A menos de quatro meses do primeiro turno das eleições, nem

vale a pena tentar a reconciliação. Desiludidos por reivindicações nunca atendidas, os mais de um milhão de moradores das favelas do Rio tratam com indiferença a campanha eleitoral. E os políticos justificam o desinteresse pelos parceiros de outros pleitos usando a Copa do Mundo como desculpa ou alegando apenas um atraso na programação. No fundo, temem a violência sabida e retratada, traficantes do Conjunto Residencial João XXIII, na

Zona Oeste, tentaram barrar o candidato do PSDB, Marcello Alencar. Marcello acabou conseguindo fazer a visita, mas o clima de tensão refletiu-se nas organizações das outras campanhas. Todo cuidado é pouco.

Até agora, nenhuma das grandes favelas da cidade foi visitada pelos candidatos ao Governo do estado — e entre os postulantes ao Congresso e à Assembleia Legislativa a situação não é muito diferente. Para complicar o rela-

cionamento, as associações de moradores perderam, na maioria das 394 favelas da capital, o posto de primeiro canal de comunicação do asfalto com o morro. E a pulverização das lideranças deu importância política aos pastores evangélicos, diretores das escolas de samba e até os militantes das organizações não-governamentais que trabalham nos morros. Na opinião de Ivan Teodoro dos Santos, um dos diretores da Federa-

ção das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro (Faferj), os candidatos vão ter muito trabalho para conquistar votos nas favelas.

— Cada grupo tem sua própria liderança e segue uma orientação diferente. Mas o descrédito é geral — observa Ivan.

Além disso, sem a autorização dos chefes do narcotráfico é praticamente impossível entrar em algumas favelas. No Cantagalo, por exemplo, os chefes do tráfico

explicam que os políticos poderão fazer campanha à vontade e que ninguém será barrado, para não chamar atenção da polícia.

— O que não pode é o candidato querer entrar sem avisar. Se estiver com alguém da comunidade, faz campanha sem problemas. Mas, aqui, às vezes, os estranhos são recebidos a bala — disse um dos "gerentes" da principal boca-de-fumo do Cantagalo, que se identificou apenas como Flávio.

## Na Rocinha, força da comunidade vem da dispersão

A dispersão faz a força. Pelo menos na Rocinha, as entidades organizadas — associações de mulheres e de moradores, escola de samba, igrejas evangélicas — trabalham cada qual por um candidato diferente. Dessa maneira, o vitorioso não poderá negar o apoio recebido pela comunidade. A estratégia deu tão certo nas últimas eleições, que o presidente da União Pró-Melhoramentos da Rocinha, Jorge Luiz Nascimento da Silva, o Jorge Mamão, chegou a ser convidado para descer a rampa do Palácio do Planalto com o então presidente da República Fernando Collor de Mello.

Em 1989, a Rocinha teve uma febre de Collor. A decepção foi tão grande que, desta vez, a maioria dos moradores ainda não tem candidato — observa Jorge, que também é administrador regional da Rocinha.

Com mais de 200 mil moradores, a Rocinha é a maior favela do Rio. Já foi o xodó dos políticos em campanha, mas, até agora, não recebeu candidatos, não tem comitês instalados e sequer propaganda eleitoral — os que existem por lá são da campanha para prefeito do Rio. Um eleito em marcha lenta espera os interessados: na família do gari e maratonista Francisco de Assis, de 38 anos, por exemplo, são 11 indecisos, entre irmãos, sobrinhos e cunhados.

Para ser sincero, nem sei quem são os candidatos — confessa Francisco.

Dona de uma casa de doze quadras na parte nobre da Rocinha, a rua Dona, a transeunte bem-humorada da Costa, de 29 anos, afirma ter uma certa simpatia pelo candidato do PSDB ao Governo do estado, Marcello Alencar — aliás, um dos nomes mais usados pelos moradores da comunidade. Mas ainda não decidiu se vai votar nele.

— Eleição é sempre a mesma coisa: prometem e não cumprem. Espero que os candidatos tenham vergonha na cara e não apareçam por aqui — diz ela.

## Vigário Geral é exceção por causa da recente chacina

Marcada por um dos crimes mais bárbaros da história recente do Rio, a chacina de 21 pessoas ocorrida em 30 de agosto de 1993, Vigário Geral é uma exceção no rol da indiferença dos políticos para com as favelas na atual campanha: ainda que timidamente, alguns candidatos já procuraram lideranças locais para tentar capitalizar os votos da tragédia. Mas escaldados pelo festival de promessas não cumpridas que se seguiu à chacina, os 25 mil moradores se mostram relutantes a receber candidatos. Ainda mais os que tentam conquistar votos oferecendo ajuda ao centro comunitário Casa da Paz, criado após a tragédia.

— Alguns candidatos nos ofereceram câmaras de vídeo e cadeiras de dentista. Mas só fizemos contrato com pessoas jurídicas. Com firma reconhecida — diz o coordenador da Casa da Paz, o sociólogo Calo Ferraz.

Ao que tudo indica, Vigário Geral não será a única favela a promover, nas próximas eleições, o sepultamento da charada política da bica d'água. Herança dos tempos do chaguinho — quando os políticos subiam o morro prometendo saneamento básico, desciam com apoio garantido e, depois da posse, sumiam. No Morro Dona Maria, em Botafogo, a situação se repete: Hamar Silva, coordenador de uma das entidades organizadas da comunidade, o grupo F.O., lembra que os favelados são mais exigentes.

— As pessoas estão vacilando contra essa relação de trocar pequenas coisas em troca de

JORNAL D BRASIL - 23/06/94

### Sem vacinação

Em 11/6, data da Campanha Nacional de Vacinação, a favela de Vigário Geral viu-se excluída de tal campanha por ter sido considerada "área de alta periculosidade" conforme informação dada pela médica-chefe do Posto de Saúde de Jardim América quando a questionei sobre a ausência de um posto de vacinação numa comunidade onde residem milhares de crianças. Diante desse ato de omissão e discriminação, algumas questões se colocam: o que têm a ver essas crianças com a "alta periculosidade" de alguns e em nome disso deixarem de ser vacinadas? Quem se responsabilizará quando ocorrer algum caso de doença na favela? Quem pode determinar quais são as áreas perigosas ou não — será um médico de plantão? (...)

Peço providências às autoridades para combater essa grave discriminação para com nossas crianças.  
(...) Caio Ferraz, coordenador da Casa da Paz — Rio de Janeiro.

## Editorial

# A Casa da Paz é uma realidade em Vigário Geral

O muro que já representou a fronteira entre as comunidades de Vigário Geral e Paradas de Lucas, atualmente simboliza a paz. Na foto, o Secretário Executivo da Casa da Paz, Caio Ferraz.

O movimento negro está de luto pelo assassinato do historiador e poeta Hermógenes da Silva de Almeida Filho e do advogado Reinaldo Guedes Miranda, ambos assessores da vereadora Jurema Batista. Esperamos que fatos como este não fiquem impunes. Era normal encontrar, à noite, no "Beco da Cinelândia", atual reduto da negrada, onde os dois costumavam relatar para os amigos as exaustivas horas de trabalho, a "eterna militância". Ultimamente, eles estavam acompanhando as investigações sobre as chacinas da Candelária e de Vigário Geral, através da Comissão de Di-

reitos; Humanos da Câmara Municipal do Rio, da qual o próprio Reinaldo era coordenador.

Por uma coincidência do destino, Hermógenes foi visto pela última vez recitando suas poesias na festa do IPCN, em homenagem a Nelson Mandela, que é capa deste jornal e matéria principal. O Afro Reggae Notícias dedica esta edição à memória dos eternos militantes Hermógenes e Reinaldo que, com certeza, vão deixar saudades.

Mas também temos ótimas notícias. A paz já tem endereço certo em Vigário Geral. É que no início de junho foi inau-

gurada a Casa da Paz, no mesmo local onde oito pessoas da mesma família foram assassinadas na chacina do dia 30 de agosto do ano passado. Nós, do Grupo Cultural Afro Reggae (GCAR), acompanhamos todas as fases do projeto bem de perto. Projeto que chegou a ser visto por muitos como utopia de favelados. Assim foi com a Caminhada da Candelária a Vigário Geral, as reuniões de domingo realizadas no espaço "Onze Unidos" e o Vigário In Concert Geral - evento organizado pelos mentores da Casa da Paz, CEAP, CTO e GCAR.

Enfim, agora a Casa da Paz é mais do que uma realidade. Além de funcionar como centro de atividades culturais, também presta assistência social, jurídica e psicológica, especialmente aos parentes de vítimas e sobreviventes da chacina. Tudo isso sob a coordenação do sociólogo Caio Ferraz, que já está pensando em várias outras atividades para o local, sempre abrindo espaço para novas parcerias.

Parabéns aos amigos Caio, Gordo, Zé da UERJ, Nem e todá a comunidade de Vigário Geral por essa brilhante vitória.

Mulheres de Acan

Olá, pessoal. Soube através do Rio Fan-zine da existência de Ghetto e também do ARN.

Este rap/poema e para as mães, irmãs, amigas e filhas da matandragem de Acan - se



## AXÉ MANDELA!

### EXPEDIENTE

Coordenador: José Júnior  
Vice Coordenadora: Angela Fagundes  
Tesoureiro: Plácido Pascoal  
Diretora Cultural: Jupiciara da Conceição (Jupi's)  
Diretor Social: Luís Lopes (Teko Rastafari)  
Diretor de Promoção e Eventos: Augusto Lima

Secretário de Planejamento: Arcélio Faria  
Secretário de Articulação: Rafael dos Santos  
Editora: Mônica Cavalcanti (Mtb. 17889)  
Redator-chefe: José Renato (Mtb. 17663)  
Conselho Editorial: Frei David, Ivanir dos Santos, João Batista, Jorge Barros, José Marmo, Lúcia Xavier e Waly Salomão.

Publicidade e Diagramação: Diagrama Comunicações Ltda. (Av. Presidente Vargas, 583, sala 916/Tel: 252-3328)  
Jurídico: Jorge Omir  
Destaques: Rê  
Foto capa: José Renato

Colaboradores: Adriana Baptista, Albino Apolinário (BA), Amaury Silva, Ana Paula Macedo, Angelica Bastha, Angelise Ruchiga, Antônio Carlos Teixeira (Cacá), Ari Lima, Big Richard (SP), Carlos Augusto Pereira, Clon Ferreira, Claudio Silva, Cristina Fernandes (RS), Caio Ferraz, Delei

BR 15006 EL. 05.04. F115



# JUVENTUDE

## O caminho se faz ao andar

**A**o contrário do que garante a Carta Magna, quase dois milhões de crianças trabalham (a idade mínima permitida é 14 anos) e as estatísticas demonstram que os jovens - principalmente os pobres - são as maiores vítimas da violência urbana.

Entretanto, dados oficiais de 1990 do IBGE atestam que 42,3% dos meninos entre 10 e 17 anos são empregados e trabalhadores não remunerados na agropecuária e têm remuneração média de apenas 0,3 salário mínimo (o equivalente a CR\$ 38 mil). Meninas trabalhadoras, na mesma faixa etária, são predominantemente empregadas domésticas (34,8%) e só recebem, em média, 0,6 salário mínimo (CR\$ 65 mil). No Brasil, o total de jovens trabalhadores é de 7,3 milhões, um contingente igual ao da população da Suíça e duas vezes a do Uruguai.

Ao analisar o perfil destes jovens profissionais, reparamos que 65% deles trabalham mais de 40 horas por semana, apenas 25,6% dos empregados têm carteira de trabalho assinada e 86,2% ganham até um

salário mínimo. Se na infância-adolescência eles se encarregam de tarefas monótonas e pesadas, na fase adulta, provavelmente, terão uma inserção subalterna no mercado de trabalho. Assim, pela via do trabalho, podem riscar do seu léxico, desde já, a expressão "ascensão social".

Qual o papel da educação, por excelência democratizadora do saber, neste processo? Apesar das famílias -todas elas, das pobres às ricas - reconhecerem a importância da educação, os números do desempenho escolar no Brasil apontam para uma situação extremamente desfavorável em qualquer comparação internacional.

Em 1990, ainda de acordo com o IBGE, aproximadamente 3,4 milhões de jovens entre 10 e 17 anos permanecem analfabetos, quando, pela legislação em vigor, deveriam ter completado, no mínimo, três anos de estudos. Entre crianças de 10 a 14 anos, a taxa de escolarização é de 84,3% e despensa para 56,8% entre os adolescentes de 15 a 17 anos. Ao mesmo tempo, enquanto 17% dos integrantes da primeira faixa etária já

trabalham, na segunda esta proporção se eleva para 56,4%. Quando não largam a escola, são submetidos a uma dupla, desgastante e desestimulante jornada.

Um outro tipo de ensino, o técnico-profissionalizante, também apresenta falhas. "O Sesc, Sesi e Senai prestam serviços educacionais excelentes. Só que recebem recursos monstruosos e atendem a uma parcela insignificante do alunato".

O PNBE já prepara um plano alternativo de educação profissionalizante, a partir da descentralização e setorialização da arrecadação de 2% sobre a folha de pagamento, que hoje se concentra nas confederações nacionais.

Proposta: as chamadas câmaras setoriais da educação, onde cada setor da economia, através de parceria entre patrões e sindicatos de trabalhadores, definiria a melhor forma de aplicação do dinheiro, levando em conta as necessidades e o perfil da mão-de-obra.

Enquanto propostas como estas ainda engatinham, algumas experiências em comunidades pobres dão exemplo de integração de crianças e jovens à vida social, através da educação profissionalizante, do trabalho e da incorporação de elementos próprios da cultura, como a música, a dança e o esporte.

Se é verdade que estas são experiências culturais, não é menos verdade que, em conjunto, elas revelam um mesmo e decisivo propósito: o de romper os muros do *apartheid* que até fisicamente começam a mudar a geografia da cidade, tornando seus habitantes prisioneiros de seus próprios espaços de segurança.

Demonstram, também, uma estratégia de ação que combina os esforços da sociedade civil e do Estado em propostas criativas e sensíveis de integração dos jovens à vida social.

Apostam, em síntese, não na razão cínica e imobilizante de que "este é um país que não tem jeito" ou na lógica individualista do "salve-se quem puder", mas na tecitura de uma rede ampliada de solidariedade social e política. Certamente, estes são pequenos e primeiros passos. Mas o caminho, como lembra o poeta, se faz ao andar.

**Coordenadora:** Jane Souto (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE).

**Participantes:** Alba Zaluar (Pesquisadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), Alfredo Laufer (Pensamento Nacional das Bases Empresariais - PNBE), Antônio Oliveira (Líder comunitário da favela Marçílio Dias), Caio Ferraz (Coordenador da Casa da Paz), Cláudio Frichstag (Plano Estratégico/Rio), Eliane Serrão Alves Mey (Pró-reitora de graduação da Universidade do Rio de Janeiro - Uni-Rio), Guaraciara Rodrigues Diniz (Presidente da Associação Pró-Melhoramentos do Morro do Sossego), Iara Sydenstricker Cordeiro (Arquiteta), Isabel Maria Moraes da Costa (Educadora), Itamar Silva (Líder co-

munitário e pesquisador do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Bento Rubião), José Augusto Rodrigues (Instituto de Estudos da Religião - ISER), José Matias de Lima (Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE - e IBGE), Luiz Aguiar Caruso (Diretor da Xerox do Brasil), Luiza Parente (Ginasta), Lígia Costa Leite (Coordenadora do Projeto Flor do Amanhã), Manoel Ribeiro (Arquiteto), Maria da Penha Bastos Mendes (Unirio), Rosa Maria Ribeiro (Coordenadora do projeto UNICEF/IBGE: Perfil de Crianças e Adolescentes do Brasil), Sandra Damasceno (Xerox do Brasil), Sandra Miguel Nogueiras (Assessora da Associação de Moradores da Serrinha) e Vanda Cordeiro (Presidente da Associação de Moradores do Leme)

## Mangueira

Há sete anos a Xerox do Brasil financia um projeto de atividade esportiva e educacional na Escola de Samba Mangueira, por onde já passaram aproximadamente seis mil jovens de 8 a 18 anos. Para integrá-lo, é necessário que os jovens estejam matriculados e frequentem a escola. Quando o projeto começou, as sete escolas da região da Mangueira tinham taxa de ocupação de 60%. Hoje, elas alcançam 100%. Carta do Juiz de Menores do Rio, Siro Darlan, dá conta de que há três anos nenhum jovem do programa, que já produziu pentacampeões nacionais de atletismo juvenil, foi autuado por qualquer tipo de infração.

## Marcílio Dias

Durante dois anos, a Cooperativa de Costureiras do Conjunto Marcílio Dias "alimentou uma idéia de barriga vazia", organizando bingos, festas, rifas e uma série de atividades para levantar o capital necessário ao início das atividades da cooperativa, que começou com apenas três máquinas de costura caseiras. A cooperativa é formada por 28 pessoas, dispõe de 11 máquinas de costura industrial, oferece a seus trabalhadores melhor remuneração e aos clientes, menores preços que os praticados pelo mercado. Os comerciantes do Mercado São Sebastião (na Avenida Brasil), por exemplo, apoiam a iniciativa e já uniformizaram muitos de seus funcionários com a produção da cooperativa.

## Flor do Amanhã

O projeto Flor do Amanhã se volta basicamente para meninas e meninos de rua, privilegiando o lado educacional e valorizando manifestações artísticas e culturais, através de oficinas de música e de desenho, entre outras. O projeto também prevê a profissionalização e o encaminhamento desses jovens para um emprego. Os programas se dão através de parcerias com o Senai, Senac e sindicatos patronais, que mantêm oficinas profissionalizantes no galpão onde funciona o Flor do Amanhã, na Praça Mauá. Entre as oficinas, está a de produção de papel a partir de folhas de bambu e bananeira e a mecânica, montada pelo sindicato das empresas de ônibus.

## Santa Marta

No Morro Santa Marta, em Botafogo, há várias experiências comunitárias voltadas para a juventude. A mais antiga funciona desde 1980, a colônia de férias, que tem como proposta tornar o lazer e o esporte "grandes mobilizadores das crianças e da juventude". Duas experiências profissionalizantes estão em andamento: oficina de *silk screen*, que objetiva gerar renda imediatamente e a iniciação à informática, "que tem um simbolismo mágico da entrada na era da modernidade".

## Casa da Paz

Surgiu no local em que a Polícia assassinou, no ano passado, uma família de evangélicos durante a chacina de Vigário Geral. Agora, a Casa, que é mantida por contribuições de empresas e organizações não-governamentais do Brasil e do exterior, coloca à disposição dos jovens da favela: biblioteca, teatro e iniciação à informática. O objetivo é evitar que os jovens sejam atraídos pelo crime.

Está em fase de organização uma cooperativa de trabalhadores para servir mil quentinhas por dia aos funcionários de quase 200 empresas que circundam Vigário Geral.

Para isso, a comunidade está criando uma horta, um centro de tecnologia alimentar e uma creche para os filhos dos trabalhadores do centro.

## O morro e o asfalto

Alternativas integradoras estão sendo seguidas também pela Associação dos Moradores do Leme (Amaleme), que se desdobra em duas vertentes: a primeira, pela via do trabalho, busca obter, junto aos comerciantes do bairro, bolsas de empregos para os moradores do Morro Chapéu Mangueira. A outra procura integrar as juventudes do morro e do asfalto, por meio dos bailes funk, realizados semanalmente no largo do morro. O objetivo é também desestigmatizar e valorizar a manifestação cultural dos jovens.

## Uni-Rio

A proposta da Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio) surgiu da análise dos altos índices de reprovação entre os inscritos que pediram isenção da taxa do vestibular. Das 986 pessoas que requisitaram isenção e compareceram às provas, apenas 5% foram aprovadas. Os reprovados, em sua maioria, pessoas que moravam longe do campus da Urca, o maior da Uni-Rio, tinham baixa renda e pouco dinheiro para custear três ou quatro passagens diárias. A pesquisa, então, determinou a área geográfica de moradia e de interesse das pessoas. Agora, a universidade tenta viabilizar cursos profissionalizantes, com duração de aproximadamente um ano, nas comunidades que apresentam maior demanda.

## Morro do Sossego

*Overdose* de amor e carinho é a receita que a Associação dos Moradores do Morro do Sossego dá para quem pretende tirar jovens do caminho do tráfico de drogas.

Além de trocar armas de brinquedo por lápis e cadernos, a Associação organiza oficinas de DJ, dança e teatro, "sem um tostão da prefeitura". Os comerciantes do local contribuem com doações para as oficinas.

## Fontes Consultadas

Centro de Documentação (CEDOM), do CEAP.

Denúncia da 17ª promotoria de investigação penal - Ministério Público do Rio de Janeiro.

Diversos jornais de âmbito nacional.

Revista Newsweek, September 13, 1993 - pp. 19-20.

Revista Veja, Editora Abril, 8-9-93 - pp. 26-29.

Soares, L. E., *et alli*. Homicídios dolosos praticados contra menores no Estado do Rio de Janeiro (1991 a julho de 1993), Iser, Rio de Janeiro, 1993 - p. 6.

## **Casa da Paz**

R. Antonio Mendes, 13 - Vigário Geral  
Rio de Janeiro - RJ - Cep: 21.040-630  
Tel.: 719-8770 (VINDE) 265-5923 (ISER)  
Telemensagem: 532-0779 - código: 4013723  
A/C: Antonio Carlos (Caio) Ferraz

FAX: 205-8035